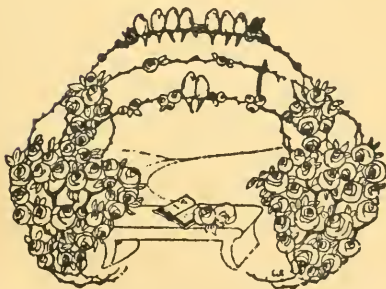
EDMUNDO DE AMICIS
Coração

CORAÇÃO

EDMUNDO DE AMÍCIS

CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE V. DE MAGALHÃES

Coração *é um livro que faz chorar sem entristecer. Os olhos enchem-se de lágrimas, ao passo que a alma se sente cheia de fôrça e de alegria.*

EMPRÊSA LITERÁRIA UNIVERSAL
15 — RUA DA ERA — 17
LISBOA

PREFÁCIO

Êste livro é particularmente dedicado aos rapazes das escolas elementares, que contam entre nove a treze anos, e podia intitular-se: **História de um ano escolar, escrita por um aluno da terceira classe, de uma escola municipal de Itália** — *dizendo escrita por um aluno da* **terceira**, *não quere dizer que êle próprio a tenha escrito tal e qual ela é agora impressa. Êle anotava sucessivamente num caderno, como sabia, tudo o que via, sentia e pensava na escola e fóra dela; e seu pai no fim do ano corrigia aquelas notas, forcejando por não alterar o pensamento, e conservando, quanto possível, as palavras do filho. Êste, quatro anos mais tarde, freqüentava já o Liceu, releu o caderno, acrescentou-lhe alguma coisa da sua lavra, valendo-se para isso da memória ainda fresca das pessoas e das coisas. — Recomendo-vos êste livro, rapazes, esperando que a sua leitura vos seja agradável e profícua.*

O TRADUTOR

CORAÇÃO

OUTUBRO

O primeiro dia de escola

Segunda-feira, 17

É hoje o primeiro dia de escola. Passaram como um sonho aqueles três meses de férias no campo! Minha mãi foi comigo esta manhã para me inscrever na *terceira classe*. Eu ia-me lembrando do campo, e seguia-a de má vontade. Tôdas as ruas estavam cheias de rapazes; e as lojas de livros apinhadas de pais e mãis, que compravam bôlsas, carteiras e cadernos. Diante da escola era tal a multidão, que o contínuo, a muito custo, conseguia abrir caminho. Junto à porta, senti que me tocavam no ombro. Era o meu mestre da *segunda,* sempre alegre, com os cabelos ruivos, desgrenhados, que me dizia: — Com que então, Henrique, vamo-nos separar para sempre? — Já o sa-

bia, e, apesar disso, aquelas palavras fizeram-me pena. Entrámos com dificuldade. Homens, senhoras, mulheres do povo, operários, militares, criados, todos levando pela mão os seus rapazes, que seguravam os seus certificados de exame, aglomeravam-se na sala da entrada e nas escadas, fazendo um borborinho que parecia uma sala de espectáculo. Tornei a ver com prazer aquele salão, com as suas sete portas, dando entrada para as diversas classes, onde passei durante três anos quasi todos os dias! A multidão era imensa, e os professores andavam numa roda viva. A minha mestra da *primeira superior* saüdou-me da porta da sala, dizendo-me — Henrique, já sei que vais êste ano lá para cima, e nem ao menos te verei passar! — E olhava para mim com ar melancólico. O director estava rodeado de mulheres, contrariadas por não arranjarem lugar para seus filhos, e pareceu-me que êle tinha a barba mais embranquecida do que no ano anterior. Achei os rapazes gordos e crescidos. Na sala de entrada onde se tinham já feito distribuïções, havia alunos da *primeira classe* que não queriam entrar na aula, e apertavam-se uns contra os outros como carneirinhos. Era necessário empurrá-los para os obrigar a entrar. Alguns escapavam-se dos bancos, outros, ao verem afastar os parentes começavam a chorar, até que estes voltassem a consolá-los ou a levá-los consigo. As mestras impacientavam-se. Meu irmão mais novo foi para a aula da professora Delcati e eu, para a do professor Perboni, em cima, no primeiro andar. Às dez horas estávamos todos na aula: cincoenta e quatro. Apenas lá vi quinze ou dezasseis dos meus companheiros da segunda, e entre estes o Derossi, aquêle que ganha sempre o primeiro prémio. Como me pareceu mesquinha e triste a escola ao lembrar-me dos bosques e das montanhas onde passei o verão! Também me recordava do meu mestre *da segunda,* tão bom, rindo connosco, quási do nosso tamanho, que mais parecia um companheiro; e tinha pena de já não o ver ali, com os seus cabelos ruivos, desgrenhados. O nosso mestre é alto, cara rapada, e cabelos compridos e grisalhos; tem uma ruga horizontal na testa, e a voz grossa; fita-nos a todos, um por um, como quem quer ler nas nossas cons-

ciências; e não se ri nunca. Eu disse comigo: é o primeiro dia, e faltam ainda nove meses! quantos trabalhos, quantos exames mensais, quantas fadigas! Que vontade não tinha de ver a minha mãi! Logo que saí, corri a beijar-lhe a mão. Ela disse-me: — Então, Herique, o que é isso? ânimo! Estudaremos juntos. — E voltei para casa, contente. — Mas lembro-me tanto do meu antigo mestre e do seu sorriso bom e alegre, que até a escola me parece menos bonita que dantes!

O nosso mestre

Têrça-feira, 28

Desde esta manhã que também gosto do meu novo mestre. Quando êle estava já sentado no seu lugar apareciam à porta, de vez em quando, alguns dos seus alunos do ano anterior, para saüdá-lo. Metiam a cabeça e diziam: — Bom dia, senhor professor. — Bom dia, senhor Perboni. — Alguns entravam, apertavam-lhe a mão e saíam logo. Bem se via que o estimavam muito, e que a sua vontade seria continuar com êle. O mestre respondia: — Bom dia! — e apertava a mão que lhe estendiam; mas não olhava para ninguém. A cada nova saüdação tornava-se mais grave e sério, com a sua ruga horizontal na testa, olhando através da janela e fixando o tecto da casa fronteira, e em vez de regosijar-se com estas demonstrações de afecto, parecia incomodar-se com elas. Depois encarou-nos um por um, atentamente.

Ditando, desceu a passear por entre os bancos, e, notando que um rapazinho tinha a cara muito vermelha e algumas vesículas na face, parou de ditar, tomou-lhe o rosto entre as mãos, observou-o, e, preguntando-lhe se lhe doía alguma coisa, pôs-lhe a mão sôbre a testa para ver se tinha febre. Nisto um rapaz que estava por detrás dêle, ergueu-se no banco e pôs-se a fazer gaifonas. O mestre voltou-se de repente, e o rapaz tornou a sentar-se, ficando de cabeça baixa como se esperasse o castigo. O mestre correu-lhe então a mão pela cabeça e apenas lhe disse: — não torne a fazer isso. — E, voltando para a cadeira, continuou a ditar. Findo o ditado, olhou para nós um momento silencioso, e disse em seguida, vagarosamente, com a sua voz grossa, mas suave: — Atendei: Temos de passar juntos um ano! Procuraremos passá-lo em boa paz. Estudai e sêde bons. Eu não tenho família, a minha família sois vós. O ano passado tinha ainda minha mãi, mas morreu. Fiquei só. Não tenho mais que os discípulos no mundo, não tenho outro afecto, não tenho outro pensamento. Serão êles os meus filhos. Sejam todos meus amigos, como eu sou amigo de todos. Desejo não ter que castigar nenhum. Mostrai-me que tendes coração e a nossa escola será uma família, e vós sereis a minha consolação e o meu orgulho. Não peço que me façam promessas porque estou certo que o vosso coração assentiu já ao meu pedido, e agradeço-vos. — Neste ponto entrou o contínuo a dizer que tinha dado a hora. Levantámo-nos todos, dos bancos, em silêncio. O rapaz que tinha feito as momices chegou-se ao pé do professor, e disse-lhe com voz trémula: — Senhor mestre, perdõe-me. — O mestre beijou-o na fronte, dizendo-lhe: — Ora vá, vá, meu filho!

Uma desgraça

Sexta-feira, 21

O ano principiou por uma desgraça. Indo eu para a escola esta manhã, repetia o meu pai aquelas palavras do mestre, quando vimos a rua coberta de povo que

se aglomerava diante da porta da secção. Meu pai disse logo: — Temos desgraça. O ano principia mal. — Entrámos a custo. O grande salão estava repleto de rapazes, a quem os mestres não conseguiam fazer entrar nas aulas, e todos estavam voltados para o gabinete do director, donde saíam estas palavras: — Pobre moço! pobre Robetti! Por cima de tantas cabeças, destacavam-se o boné do polícia e a calva do director. Depois entrou um sujeito, de chapéu alto, que disseram ser o médico. Meu pai preguntou a um professor:

— Que foi isto?

— Passou-lhe uma roda sôbre um pé.

— Fracturou-lhe o pé, disse outro.

Era um aluno da *segunda*, que vindo para a escola pela rua «Dora Grossa» viu um pequeno da *primeira classe* fugir da sua mãi e caír no meio da rua, a poucos passos dum ónibus que vinha atrás, e, correndo ousadamente, agarrou e salvou o camarada; mas, não tendo retirado ràpidamente o pé, a roda do carro passou-lhe por cima. É filho de um capitão de artilharia.

Enquanto nos contavam o sucedido, entrava na sala uma senhora, como louca, rompendo a multidão. Era a mãi de Robetti que tinham mandado chamar. Ao encontro desta, correu outra senhora, que a abraça estreitamente, soluçando. Era a mãi da criança salva. Entram ambas, precipitadamente, no gabinete, e ouvem-se dentro gritos aflitivos:

— Oh! meu Júlio! meu querido filho!

Neste momento pára à porta uma carruagem, e, pouco depois, apareceu o director dando o braço ao estudante, palido com os olhos cerrados, e que apoiava a cabeça sôbre o ombro dêle. O silêncio era completo, só se ouviam os lamentos da desolada mãi. O director parou um instante e levantou o ferido nos braços para mostrá-lo aos assistentes. E então os professores, as mestras, os parentes, os rapazes gritaram todos à uma: — Bravo, Robetti! Bravo, Robetti. — E atiravam-lhe beijos. As mestras e os rapazes que dêle estavam próximos, beijavam-lhe as mãos e os braços. Êle gesticulando, preguntou:

— A minha mala?

A mãi da criança salva mostrou-lha chorando, e disse: — Eu levo-ta, meu anjo, eu levo-ta. E amparava ao mesmo tempo a mãi do ferido, que cobria o rosto com as mãos. Saíram e acomodaram o doente na carruagem.

O trem partiu... Em seguida entrámos todos na *aula*, em silêncio.

O pequeno calabrês

Sábado, 22

Ontem à tarde, quando o mestre nos dava notícias entrou o director com um novo inscrito.

É um rapaz de rosto muito trigueiro; tem os cabelos negros, os olhos da côr dos cabelos, as sobrancelhas cerradas e unidas; veste de escuro, e trás uma correia de marroquim negro, em volta da cinta.

O director, depois de ter falado ao ouvido do mestre, saíu, deixando ao pé dêste o rapaz que nos olhava com aqueles grandes olhos prêtos, como assustado.

Então o mestre tomou-o pela mão e disse para todos:

— Deveis ficar contentes. Entra hoje na escola um rapazinho natural de Calábria que fica a mais de quinhentas milhas daqui; estimai o vosso irmão, que veio

de tão longe. Nasceu numa terra que tem dado à Itália homens ilustres, bons trabalhadores e bravos soldados; vem de uma das mais belas terras da nossa pátria, onde há grandes montanhas e florestas imensas habitadas por um povo cheio de engenho e de coragem. Tratai-o com amor, para que êle se não lembre que está longe da terra do seu nascimento; fazei-lhe compreender bem, que um italiano, em qualquer escola italiana que entre, encontra sempre irmãos.

Dito isto, levantou-se e apontou no mapa geral da Itália para o ponto em que se acha Reggio de Calábria. Depois chamou em voz alta:

— Ernesto Derossi!... (É aquele que ganha sempre o prémio).

Derossi levantou-se.

— Vem cá, disse o mestre.

Ernesto Derossi saíu do seu lugar e foi colocar-se ao lado da mesa, em frente do calabrês.

— Como és o primeiro da escola, disse-lhe o professor, dá o abraço de boas vindas, em nome de todos os teus condiscípulos, ao novo companheiro: vá, é o abraço dos filhos do Piemonte aos filhos da Calábria.

Derossi abraçou o calabrês, dizendo com voz clara:

— Bemvindo! E êste, num impeto de afecto, beijou-o na face. Todos deram palmas.

— Silêncio! exclamou o professor; não se dão palmas na escola! — Mas bem se via que êle estava satisfeito, e o calabrês também. O mestre designou a êste o seu lugar e acompanhou-o até lá. Depois repetiu ainda: — recordai-vos bem do que vos disse: Para que se dê o facto de poder um filho da Calábria estar como em sua casa em Turim, e que um filho de Turim se ache como em casa própria em Reggio de Calábria, lutou o nosso país durante cincoenta anos, e morreram trinta mil italianos! Deveis respeitar-vos e amar-vos uns aos outros. Aquele que ofender êste companheiro por não ter nascido na nossa província, tornar-se-á indigno de levantar os olhos do chão quando passar a bandeira tricolor.

Apenas o calabrês tomou o seu lugar, os seus vizi-

nhos presentearam-no, dando-lhe penas e um traslado; e um que estava no último banco mandou-lhe uma estampilha da Suécia.

Os meus companheiros

Têrça-feira, 25

O rapaz que deu a estampilha ao calabrês é o que me agrada mais de todos. Chama-se Garrone, é o maior da aula, tem quási catorze anos, a cabeça grande, e os ombros largos; pelo modo de sorrir bem se vê que é bom; mas parece que está sempre a pensar, como se já fôsse um homem. Agora conheço muitos dos companheiros. Há outro que também me agrada; chama-se Coretti, trás uma amisola côr de chocolate e um barrete de pele de gato, e está sempre alegre; é filho de um vendedor de lenha, que foi soldado na guerra de 66, na divisão do príncipe Humberto, e até dizem que tem três medalhas. Há também Neilli, um pobre corcundinha, magro e de rosto macilento; e um muito bem vestido, que está sempre a sacudir os pêlos do fato e chama-se Vottini. Na bancada adiante da minha está um rapaz a quem chamam o «Pedreirito», porque o pai é pedreiro. Tem a cara redonda como uma maçã, e uma habilidade particular — sabe fazer o *focinho de lebre*. Todos lhe pedem que faça a habilidade e riem. Usa uma chapeleta muito gasta, que trás amarrotada no bôlso como um lenço; ao lado do «pedreirito» está o Garoffi, um sugeito muito comprido e magro, com o nariz de coruja e olhos muito pequenos; negoceia sempre em santinhos e caixas de fósforos, e escreve a lição nas unhas para a lêr às escondidas. Há também um *Senhorito* Carlos Nobis, que parece muito soberbo, e senta-se no meio de dois rapazes com quem simpatizo muito: o filho do ferreiro, acondicionado numa jaqueta que lhe chega aos joelhos, pálido, que parece doente e, sempre com ar espantado, nunca se ri; e outro com os cabelos ruivos e um braço paralítico que trás sempre ao peito. O pai dêste foi para a América e a mãi anda de porta em porta a vender hortaliças.

É também um tipo curioso o meu vizinho da esquerda, Stardi: pequeno, atarracado, sem pescoço, focinho de porco, não fala com pessoa alguma e parece apatetado; mas está sempre atento para o mestre, sem pestanejar, com a testa franzida e os dentes cerrados. Se o interrogam quando o mestre fala, não responde à primeira nem à segunda vez, mas à terceira volta-se e arruma um pontapé. Há, ao lado, a cara tostada e feia de um chamado Franti, que foi já expulso doutra secção. Também há dois irmãos, igualmente vestidos, que parecem dois manequins e usam um chapéu calabrês com uma pena de faisão.

O mais bonito de todos, aquele que tem mais talento e que será de-certo o primeiro ainda êste ano, é Derossi. O mestre já o conheceu e interroga-o sempre. Eu porém gosto muito de Precossi, do filho do ferreiro, daquele da jaqueta comprida, que parece doentinho. Dizem que o pai lhe bate. Coitado! é muito tímido, e tôdas as vezes que faz alguma pregunta, ou roça por alguém, diz logo: — «Desculpe...» e olha-nos com meiguice e tristeza.

Mas Garrone é o maior, e, cá para mim, o melhor de todos.

Uma acção generosa

Quarta-feira, 26

Foi justamente esta manhã que Garrone se deu a conhecer. Entrei na escola um pouco tarde, porque me tinha demorado a mestra da *primeira classe* para saber a que horas nos encontraria em casa. Mas o mestre não estava ainda, e três ou quatro rapazes atormentavam o pobre Crossi, aquele que tem os cabelos ruivos e braço paralítico, e cuja mãi vende hortaliças. Batiam-lhe com as réguas, atiravam-lhe à cara com cascas de castanhas, chamavam-lhe estropeado e mostrengo, e arremedavam-no fingindo ter como êle o braço aleijado. E o rapaz, sòzinho na ponta do banco, amortecido, ouvindo e olhando ora para um, ora para outro com olhos suplicantes, como quem pedia que lhe não fizessem mal. Os outros cada vez

o escarneciam mais; e êle principiou a tremer e a fazer-se vermelho de raiva.

De repente, Franti, aquela estúpida cara, trepou a um banco fingindo trazer duas canastras nos braços macaqueando dêste modo a mãi de Crossi, quando vinha esperar o filho à porta... Quando vinha! porque ela agora está doente. Muitos comecaram às gargalhadas. Crossi vendo aquilo, perdeu a cabeca e agarrando num tinteiro arremecou-o à cara de Franti com quanta fôrca tinha, mas Franti agachou-se ràpidamente, e o tinteiro foi bater em cheio no peito do professor que entrava. Todos fugiram para os seus lugares, e ficaram quietos e assustados. O professor, pálido, chegou à mesa e com voz alterada, preguntou:

— O que foi isto?

Ninguém respondeu. O mestre levantando mais a voz, tornou a preguntar:

— Quem foi?

Então Garrone, condoendo-se do pobre Crossi, levantou-se de-repente e disse com energia:

— Fui eu.

O professor olhou para êle, olhou em seguida para os alunos estupefactos, e disse com voz tranqüila:

— Não fôste tu, não!

E um momento depois continuou:

— O culpado não será punido, mas que se levante.

Crossi levantou-se, e disse chorando: Batiam-me insultavam-me... eu perdi a cabeca e atirei...

— Sente-se! Levantem-se os que o maltrataram.

Levantaram-se os quatro, todos de cabeça caída. Então disse o mestre:

— Insultar um companheiro que os não provoca, escarnecer um desgracado, bater num doente que se não pode defender, é cometer uma das acções mais vis e mais vergonhosas com que se pode manchar a criatura humana! Cobardes!

Dito isto, desceu até aos bancos, pôs uma mão por baixo da barba de Garrone que estava de cabeca curvada, e levantando-lha, fixou-o e disse: — Tu és uma alma nobre!

Garrone aproveitando o momento, murmurou não sei que palavras ao ouvido do mestre, e êste voltando-se para os quatro culpados, disse bruscamente:

— Bem!... estão perdoados.

A minha antiga mestra

Quinta-feira, 27

A minha mestra manteve a sua promessa: veio hoje a nossa casa no momento em que eu estava para sair com minha mãi para levarmos alguma roupa branca a uma pobrezinha de quem os jornais tinham falado, recomendando-a à caridade pública. Havia um ano que a mestra nos não tinha visitado, e todos a recebemos com alegria. É sempre a mesma, pequena, com o seu véu verde enrolado em volta do chapéu, vestida singelamente e mal penteada, como quem não tem tempo para enfeitar-se, mas um pouco mais descorada do que o ano passado, já com alguns cabelos brancos e tossindo sempre. Minha mãi disse-lhe: — ... E de saúde, querida professora? Parece que a senhora não tem bastante cuidado consigo... — Vamos indo assim, não tem dúvida... respondeu com o seu sorriso suave e melancólico. — A senhora fala muito alto, acrescentou minha mãi, e afadiga-se muito com os seus discípulos... — Isso é verdade.

Ouve-se-lhe sempre a voz. Ainda me recordo de quando andava na escola e, falava sempre, para que os rapazes se não distraíssem, e nem um momento parava assentada. Estava bem certo de que viria ver-nos, porque nunca se esquece dos seus discípulos; lembra-se dos nomes dêles por muitos anos. Nos dias de exame mensal· corre a preguntar ao director quais são os pontos; espera os meninos à saída, e quere que lhe mostrem as composições para se certificar dos seus progressos. Muitos até vêm procurá-la do Liceu, já de calças compridas e relogio. Hoje vinha ela tôda fatigada da bibliotéca, onde tinha acompanhado os seus rapazes, como fazia o ano passado, quando tôdas as quintas-feiras ia com êles ao museu, e explicava-lhes tudo. Pobre mestra! está cada

vez mais magra, mas sempre viva, e entusiasma-se sempre que fala da sua escola. Quis tornar a ver o leito onde me tinha visto havia dois anos muito doente, — o leito que é agora de meu irmão. Demorou-se pouco porque tinha de ir visitar um rapazito da sua aula, filho de um seleiro que está com sarampo, e de corrigir ainda uma porção de páginas, trabalhar todo o serão, e ainda antes de anoitecer dar uma lição particular de aritmética a um logista. — Adeus, Henrique, disse-me ao saír. Então ainda és muito amigo da tua mestra, agora que já resolves os problemas difíceis e fazes grandes temas? — Beijou-me, dizendo-me ainda do fundo da escada: — Não te esqueças de mim, Henrique.

— Oh! minha querida mestra... nunca, nunca me esquecerei de ti. Quando fôr grande me lembrarei ainda... Irei ver-te no meio dos teus alunos, e tôdas as vezes que passar perto de uma escola e ouvir a voz de uma professora há-de parecer-me ouvir a tua voz e hei-de recordar os dois anos que passei na tua escola, onde aprendi tantas coisas, onde te vi tantas vezes, doente e cansada, mas sempre solícita, sempre indulgente... desesperada quando não ageitávamos os dedos para segurar bem a pena, trémula quando os inspectores nos interrogavam, feliz quando faziamos boa figura. Sempre boa e amorosa como uma mãi. Nunca, nunca me esquecerei de ti, querida mestra!

Numa água-furtada

Sexta-feira, 28

Ontem à noite fui com minha mãi e minha irmã Sílvia levar a roupa branca à pobrezinha recomendada pelo jornal. Eu é que levava o pacote e Sílvia o jornal com as iniciais do nome e o endereço. Subimos até quási ao telhado de uma casa alta, onde havia um corredor muito comprido, com muitas portas. Minha mãi bateu na última, que foi aberta por uma mulher ainda moça, loura e macilenta, que logo me pareceu ter já visto mais vezes com o mesmo lenço azul que tinha na cabeça. — Faz

favor de me dizer se é a senhora a pessoa a quem se refere o jornal assim e assim... preguntou minha mãi. — Sou eu, sim, minha senhora, sou eu. — Muito bem, trazemos-lhe aqui alguma roupa branca. E ela começou a agradecer, que parecia não acabar mais. Foi então que eu vi, num canto da casa nua e escura, um rapaz ajoelhado diante de uma cadeira com as costas voltadas para nós, parecendo estar a escrever. Escrevia realmente com o papel sôbre a cadeira e o tinteiro no chão. Como poderia êle escrever assim às escuras? Enquanto fazia a mim mesmo esta pregunta reconheci de repente os cabelos ruivos e a jaquêta de fustão de Crossi, do filho da vendedeira de hortaliças, aquele do braço paralítico. Disse-o baixo a minha mãi, enquanto a mulher guardava a roupa. — Cala-te, atalhou ela,

que póde ser que ela se envergonhe de vêr que trazes esmolas para a mãi; não o chames. — Mas naquele momento Crossi voltou-se; eu fiquei embaraçado. Êle sorriu-se, e então minha mãi fez-me sinal para que corresse a abraçá-lo. Abracei-o; êle levantou-se e pegou-me na mão. — Eis-me aqui, dizia entretanto a mãi dêle à minha, sózinha, com êste pequeno, meu marido na América há seis anos, e eu, ainda para mais, doente, sem poder tratar do meu negócio de venda de hortaliçass, em que ganhava alguns poucos escudos. Nem sequer me ficou uma pequena mesa para o meu pobre Luiz fazer a sua escrita. Quando havia mesa lá em baixo, no portal, podia escrever sôbre ela, mas agora nem isso há. Nem ao menos uma luz para estudar sem estragar a vista! E se ainda vai à escola é porque o município, felizmente, lhe dá os livros e os cadernos. Po-

bre Luizito, que tanta vontade tem de aprender! sou muito infeliz. — Minha mãi deu-lhe tudo o que tinha na bolsa, beijou o pequeno e quási chorava quando saímos. E bem razão tinha em dizer-me: — Viste em que apertada miséria aquele rapaz é obrigado a trabalhar? E tu, que tens tôdas as comodidades, ainda te parece árduo o estudo! Ah! meu Henrique; no trabalho de um dia dàquele rapaz há mais mérito do que no teu estudo de um ano! A uns assim é que deveriam ser dados primeiros prémios.

A escola

Sim, caro Henrique, parece ser-te árduo o estudo, como te disse tua mãi. Já te não vejo ir para a escola com aquele ânimo resoluto e rosto risonho que eu desejaria. Tu tens tendência para vadio. Mas ouve: pensa um pouco em como será para ti mofino e triste, o dia em que não fôres à escola! Ao cabo de uma semana, tu mesmo, morto de aborrecimento e de vergonha, enojado dos teus passatempos e da tua existência, pedirás de mãos erguidas para voltar. Lembra-te de que hoje em dia tôda a gente estuda, meu Henrique. Estudam os operários que vão à escola de noite, depois de terem mourejado todo o dia; estudam as raparigas do povo indo à escola no domingo depois de terem trabalhado tôda a semana, estudam os soldados que manuseiam os livros e os cadernos quando voltam esfalfados dos exercícios. Pensa nos rapazes mudos e nos cegos, que também estudam, e até estudam os presos, que também nas cadeias aprendem a ler e a escrever. Pensa de manhã, quando saíres, que naquele mesmo momento, na tua mesma cidade, mais de trinta mil rapazes vão como tu fechar-se por três horas numa sala para estudar. Pensa no infinito número de crianças que àquela hora vão a caminho da escola em todos os países do mundo: vê-os através da tua imaginação, andando pelos sossegados caminhos das aldeias, pelas ruas das cidades rumorosas, ao longo das praias, dos mares e dos lagos, ora debaixo de sol ardente, ora por meio de nevoeiros; em barcos nos países cortados por canais; a cavalo pelas grandes planícies; em trenó sôbre as neves; por vales e colinas, atravesando bosques e correntes, subindo por caminhos so-

litários das montanhas; sózinhos, aos pares, em grupos arregimentados, mas todos com os livros debaixo do braço, vestidos de mil modos, falando mil idiomas, desde as últimas escolas da Rússia, quási perdidas entre os gêlos, até às últimas escolas da Arábia, assombreadas pelas palmeiras; milhões, e milhões emfim, todos aprendendo as mesmas coisas por cem formas diversas. Imagina todo êste vastíssimo formigueiro de rapazes de centenares de povos, êste movimento imenso de que também fazes parte, lembra-te que se êste movimento cessar a humanidade cairá na barbaria, porque êste movimento é o progresso, a esperança e a glória do mundo. Coragem, pois, meu pequeno soldado do imenso exército! Os teus livros são as tuas armas, a tua aula é a tua esquadra, o campo da batalha é a terra inteira, e a vitória é a civilização da humanidade... Não sejas um soldado cobarde, meu Henrique.

Teu pai.

O pequeno patriota de Pádua

CONTO MENSAL

Sábado, 29

Não serei um soldado cobarde, não, mas iria de muito melhor vontade à escola se o mestre nos contasse todos os dias uma história como a que nos contou hoje de manhã. Todos os meses, disse êle, que nos contará uma, e que será sempre a narração fiel dum facto heróico praticado por um rapaz. A de hoje chama-se. *O pequenito patriota de Pádua,* e é assim:

Um vapor francês partiu de Barcelona, cidade de Espanha, para Génova, e iam a bordo, franceses, italianos e espanhois. Havia entre êles um rapaz de onze anos, mal vestido, sem ninguém de família, afastando-se de todos os passageiros como um animal selvagem e encarando-os com olhar sombrio. E razão tinha para os encarar assim... Dois anos antes, sua mãi e seu pai, camponêses dos arredores de Pádua, tinham-no vendido ao chefe de uma companhia de saltimbancos, o qual, depois de o ter ensinado

a dar cabriolas, à fôrça de empuxões, de pontapés e de jejuns, tinha-o conduzido através da França e da Espanha, aguilhoando-o de contínuo e trazendo-o sempre rôto e esfomeado. Chegando a Barcelona, e não podendo mais suportar os maus tratos e a fome, reduzido a um estado

de fazer compaixão, fugiu ao seu algoz a implorar a protecção do consul de Itália, o qual, compadecido, o embarcára naquele vapor, dando-lhe uma carta para o comissário de polícia de Génova, por intermédio do qual, seria mandado aos parentes que o tinham vendido como uma besta de carga. O pobre rapaz estava roto e adoentado. Tinham-lhe dado um camarote de segunda classe. Todos os passageiros o observavam e alguns faziam-lhe perguntas, mas êle não respondia e parecia encarar todos com ódio e com desprêzo, tanto o tinham irritado e entristecido as privações e as fadigas. Três dos passageiros, à fôrça

de insistirem com preguntas, conseguiram fazê-lo falar, e em poucas e singelas palavras, num mixto de veneziano, e espanhol e de francês, contou-lhes a sua história. Não eram italianos aqueles três indivíduos, mas compreenderam-no, e movidos em parte pela compaixão, deram-lhe algum dinheiro, gracejando com êle, e estimulando-o a que prosseguisse na sua narrativa. Entravam naquele momento algumas senhoras na sala, e os três, por ostentação, deram-lhe mais dinheiro, gritando: — Toma! apanha! — E as moedas, atiradas tiniam sôbre a mêsa. O rapaz meteu tudo no bôlso, resmungando uns agradecimentos com o seu modo brusco, mas com um olhar pela primeira vez risonho e afectuoso. Daí a pouco trepou para o seu beliche, correu a cortina, e ficou muito quieto, pensando na vida. Com aquele dinheiro podia comprar a bordo algum alimento bom; havia dois anos que não comia pão com fartura... Podia comprar uma jaqueta, mal desembarcasse em Génova, porque, desde que saíra de casa de seu pais, andava vestido de farrapos; e podia ainda, levando o restante para casa, ter a esperança de ser acolhido pelo pai e pela mãi mais humanamente do que seria se chegasse com as algibeiras vazias. Era uma pequena fortuna aquele dinheiro. E nisto pensava, um pouco mais consolado, por detrás da cortina do beliche, enquanto os três passageiros palestravam sentados à mesa do jantar, no meio da sala da segunda classe. Bebiam e falavam de viagens e de países que tinham visitado, e de narração em narração vieram a falar de Itália. Principiou um a queixar-se das hospedarias, outro das grandes estradas de ferro, e, a breve trecho, todos juntos, afervorando-se, começarm a dizer mal de tudo. Êste preferiria viajar na Lapónia, aquele dizia não ter encontrado na Itália senão velhacos e desordeiros, e o terceiro concluía que os empregados italianos não sabiam lêr. — Um povo ignorante, afirmou o primeiro. — E sujo, asseverou o segundo. — E la..., exclamou o último, mas não pôde terminar o termo *ladrão*, porque uma tempestade de soldos e de meias liras se desencadeou sôbre as cabeças dos três, e, caíndo-lhes pelas costas abaixo, passaram de cima da mesa ao pavimento com um tinido infernal. Levantaram-se furiosos, olhando para cima, re-

cebendo ainda uma mão cheia de soldos pela cara. — Guardem o seu dinheiro, disse com desprêzo o rapaz, pondo a cabeça fóra da cortina do beliche. Eu não aceito esmolas de quem insulta o meu país.

NOVEMBRO

O Limpa-chaminés

1 de Novembro

Ontem à noite fui à aula das meninas que é ao lado das nossas, para dar a *história do pequeno de Pádua* à mestra da Sílvia que a queria ler. Setecentas raparigas freqüentam essas aulas. Quando cheguei começavam a saír tôdas alegres, pelas férias de Todos-os-Santos e eis a bela cena que presenciei. Em frente à porta da escola, do outro lado da rua, estava com o braço apoiado ao muro e a cabeça apoiada ao braço, um pequenito limpa-chaminés, com o seu raspador e o seu saco, todo enfarruscado, chorando e soluçando amargamente. Duas meninas da *segunda classe*, aproximando-se, preguntaram-lhe:

— Porque choras tu pequeno?

Mas êle não respondeu; e continuou a chorar.

— Tu não ouves? o que é que tens para estar a chorar tanto? repetiram-lhe as meninas

Levantou então o rosto, um rosto de criança, e disse:

— que estivera em várias casas a varrer, que ganhára trinta soldos, e que os perdera, porque tinha o bôlso rasgado (e mostrava o rasgao; e que se nao atrevia a entrar em casa sem o dinheiro. — O patrão bate-me, — exclamava soluçando e deixando caír outra vez a cabeça sôbre o braço como aflito. As meninas estavam a olhar para êle, muito sérias, e no entanto, muitas outras, grandes e pequenas pobres e ricas com as suas pastas debaixo do braço, iam-se aproximando, quando uma delas, a mais crescida, que trazia um chapéu com uma pena azul, tirou da algibeira dois soldos, e disse:—Eu não tenho mais do que dois soldos, façamos uma subscrição.—Uma outra vestida de amarelo, disse:—Eu tenho tanto como tu, mas vamos arranjar o dinheiro entre tôdas, e principiaram a chamar umas pelas outras: — Amélia! Luiza! Aninha! um soldo cada uma! — Quem tem dinheiro? Vá, vá, venham aqui soldos. Algumas tinham-nos para comprar flôres ou cadernos, e entregaram-nos logo. Outras mais pequeninas deram menos. A da pena azul é que recolhia tudo, e ia contando em voz alta: — Oito, dez, quinze...! Mas era preciso mais. Foi então que apareceu uma, a maior de tôdas, que parecia uma mestrazinha e ofereceu meia lira. Tôdas a aplaudiram muito. Faltavam ainda cinco soldos. Agora que venham as meninas da *quarta* que também têm dinheiro, disse uma da roda. E efectivamente os soldos destas caíram em quantidade. Tôdas formaram roda, e era encantador ver aquele limpa-chaminés, no meio de tantos vestidinhos de côres variadas e daquela confusão de penas, de fitas, e de cabelos anelados e soltos. Já havia trinta soldos, mas ainda apareciam mais, e as pequeninas que não tinham dinheiro furavam por entre as maiores e ofereciam raminhos de flores, só para darem alguma coisa. Nisto aparecee a porteira gritando: — A senhora Directora! — As raparigas debandaram para todos os lados como um bando de pássaros. E viu-se então o pequeno limpador de chaminés, só, no meio da rua, enxugando os olhos, muito contente, com as mãos cheias de dinheiro, e tendo nas casas da jaqueta, na abertura das algibeiras e no chapéu, muitos raminhos de flores... Até se viam também muitas flores no chão, aos pés dêle.

O dia de finados

Novembro, 2

Êste é o dia consagrado à comemoração dos mortos. Sabes, Henrique, quais são os mortos a que vós, rapazes, deveis dedicar um pensamento nêste dia? — São aqueles que morreram por vós, moços e crianças. E quantos dêstes têem morrido e morrem todos os dias? Sabes quantos homens têem cravado uma faca no coração, desesperados por verem os filhos na miséria, e quantas mulheres se afogaram ou morreram de dôr, ou enlouqueceram pela perda de um filho estremecido? Lembra-te de todos êsses mortos nêste dia, Henrique. Pensa em tantas mestras que se finaram na flôr da existência, tísicas pela fadiga do ensino, pelo amor às criancinhas, das quais não tiveram coração para separar-se. Pensa nos médicos que sucumbiram corajosamente, afrontando moléstias contagiosas para acudir aos pequeninos enfermos. Pensa em todos aqueles que nos naufrágios, nos incêndios e nas fomes, em um momento de supremo perigo, deram à infância o último bocado de pão, a última tábua de salvação, a última corda para escapar às chamas, e expiraram contentes o seu sacrifício, porque com êle ficava a salvo a vida de um inocente. São inumeráveis, Henrique, êstes mortos; há centenares destas criaturas, que se pudessem levantar-se um momento, do túmulo, pronunciariam o nome de uma criança, daquela a que sacrificaram os prazeres da juventude, a paz da velhice, os afectos, a inteligência, a vida; esposas de vinte anos, homens exuberantes de fôrça, velhos octogenários e mancebos — mártires heróicos, e obscuros da infância, — tão grandes e tão nobres todos, que não tem a terra tantas flôres quantas deveríamos desfolhar nas suas sepulturas. Tanto sois amadas, oh! criancinhas! Pensa hoje com gratidão nêstes mortos, Henrique, e serás melhor e mais afectuoso com todos aqueles que te estimam e se afadigam por ti, meu querido filho, tão feliz, que no dia dos mortos não tens a derramar lágrimas por nenhum!

Tua mãi.

O meu amigo Garrone

Sexta-feira, 4

Só houve dois dias de feriado, e parece-me que já se passou muito tempo sem ver Garrone! Quanto mais o conheço, mais o estimo; e assim acontece a todos os outros, excepto aos insolentes que com êle nada conseguem, porque Garrone não deixa praticar insolências. Se acontece às vezes que um mais taludo levante a mão sôbre algum pequeno e êste grite:—Garrone!—O taludo não se mexe mais. Seu pai é maquinista do caminho de ferro, e êle entrou tarde na escola, porque esteve doente dois anos... É o mais alto e o mais forte da aula; levanta um banco numa só mão; come sempre, e é bom. Qualquer coisa que lhe peçam, lápis, goma, papel, canivete, empresta logo ou dá; e não fala nem ri na escola; está sempre imóvel no banco, que já é estreito para êle, com as costas arredondadas e a cabeça enterrada nos ombros. Quando olho para êle, sorri-me com os olhos meios cerrados como quem diz: — Somos amigos, Henrique! A sua figura faz rir; grande e gordo como é, veste jaquetão e calças, tudo apertado e muito curto; chapéu mais pequeno do que a cabeça rapada à escovinha; sapatos grossos; e a gravata sempre torcida como uma corda. Caro Garrone! Basta vê-lo uma vez para a gente ficar a gostar dêle. Todos os mais pequenos desejariam estar ao seu lado no banco. Sabe bem aritmética. Traz os livros acamados e apertados com uma correia de coiro vermelho. Tem uma faca com um cabo de madrepérola que achou o ano passado na praça de armas, e um dia cortou-se num dedo até ao osso, mas ninguém na escola deu por isso, e em casa também não disse nada para não afligir o pai nem a mãi. Nunca toma a mal qualquer coisa que lhe digam por brincadeira; mas ai! do que lhe disser: — Isso não é verdade — quando êle afirmar; então incendeiam-se-lhe os olhos e dá murros de despedaçar os bancos.

Sábado de manhã, deu um soldo a um aluno da *primeira classe* que estava a chorar no meio da rua porque

lhe tinham roubado um, único que tinha, destinado à compra de um caderno. Há três dias que está desenhando nas margens de uma carta de oito páginas uns ornatos à pena, para o aniversário de sua mãi, que muitas vezes vem buscá-lo, e é alta, gorda e simpática como êle. O mestre não lhe tira os olhos de cima, e tôdas as vezes que lhe passa perto toca-lhe com as mãos nas espáduas, como se faz a um toirinho manso. Eu gosto muito dêle. Fico todo contente quando lhe aperto com a minha a sua grande mão, que parece mesmo a mão de um homem. Estou certo que arriscaria a vida para salvar a de um companheiro, e que se deixaria matar para defendê-lo. Lê-se claramente nos olhos. Parece que anda sempre resmungando com aquele vozeirão enorme, mas sente-se que é a voz de um coração generoso e nobre.

O carvoeiro e o fidalgo

Segunda-feira, 7

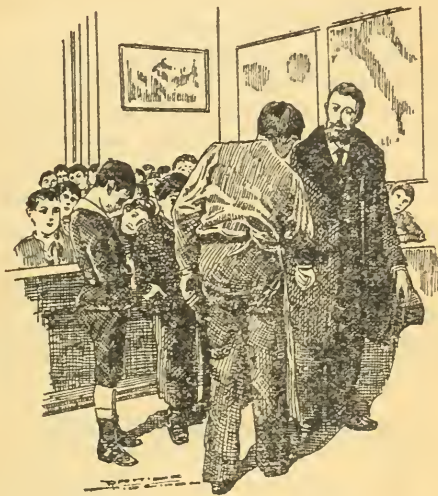
Garrone não era capaz de dizer aquelas palavras que ontem de manhã disse Carlos Nobis a Beti. Carlos Nobis é um soberbo porque seu pai é fidalgo... um homem alto, com tôda a barba preta, muito sério, que vem quási todos os dias acompanhar o filho. Ontem de manhã Nobis discutiu com Beti, que é um dos mais pequenos, filho do carvoeiro, e não sabendo mais que lhe devia dizer, porque tinha sido injusto, disse-lhe altaneiro: — Teu pai é um pobretão. Beti córou até à raiz dos cabelos, e calou-se: mas vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Quando foi para casa repetiu a frase ao pai, e logo o carvoeiro, um homem pequeno, todo enfarruscado, resolveu ir à lição da tarde, com o filho, queixar-se ao mestre. Enquanto fazia as suas queixas, e todos nós muito calados, o pai de Nobis que tirava, como fazia sempre, a capa dos ombros do filho à entrada da porta, ouvindo pronunciar o seu nome, entrou e pediu explicações.

— É êste operário, respondeu o mestre, que vem queixar-se de que seu filho Carlos dissera ao filho dêle: — Teu pai é um pobretão.

O pai de Nobis carregou o sobrolho e córou ligeiramente. Depois preguntou ao filho:

— Disseste aquelas palavras ?

O filho, em pé, no meio da escola, com a cabeça baixa, não respondeu. O pai tomou-o então por um braço, em-

purrou-o para diante em frente de Beti, quási a tocar-lhe e disse:

— Pede-lhe perdão.

O carvoeiro quiz interpor-se, dizendo:

— Não, isso não...

Mas o pai de Nobis não o atendeu, e repetiu ao filho:

— Pede-lhe perdão. Repete as minhas palavras: Peço-te perdão pela frase injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pai, a quem o meu se honra de apertar a mão.

O carvoeiro fez um gesto impaciente como quem diz: Não senhor, isso não pode ser. O pai de Nobis não lhe deu atenção: e o filho disse lentamente, com um ténue fio de voz, e sem levantar os olhos do chão;

— Peço-te perdão pela frase injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pai, a quem o meu se honra de apertar a mão.

Neste momento Nobis estendeu a mão ao carvoeiro, que lha apertou com fôrça, e num impulso espontâneo, atirou o filho para os braços de Carlos Nobis.

— Faça-me o favôr de os colocar um ao lado do outro, no banco, disse Nobis ao professor.

O mestre pôs Beti no banco de Carlos. Quando se sentaram, o pai de Nobis fez uma cortesia e saíu.

O carvoeiro ficou por algum tempo pensativo, olhando para os dois rapazes; depois aproximou-se do banco e fixou Nobis com expressão de pezar, como quem queria dizer alguma coisa, mas não disse nada; estendeu-lhe a mão para fazer-lhe uma carícia, mas não se atreveu, e apenas lhe roçou a fronte com dois dos seus grossos dedos. Depois encaminhou-se para a porta, e voltando-se ainda mais uma vez, olhou para êle e saíu...

— Recordem-se bem do que acabam de ver, meus filhos, — disse o mestre — esta é a mais bela lição do ano.

A mestra do meu irmão

Quinta-feira 10

O filho do carvoeiro foi discípulo da mestra Delcati, que veio hoje ver meu irmão que está adoentado, e fez-nos rir contando-nos que a mãi daquele rapaz lhe levara, havia dois anos, um avental cheio de carvão em sinal de grande reconhecimento por ela ter dado uma medalha ao filho, e teimava a pobre mulher em não querer tornar a levar o carvão para casa e quási chorou quando soube que tinha de voltar com o avental cheio. Também de uma pobre mulher nos contou ela, que lhe levara um ramalhete de flôres muito pesado, porque tinha dentro um punhado de moedas de cobre. Divertimo-nos muito a ouvi-la, e meu irmão foi ingerindo o remédio que até ali não queria tomar.

Quanta paciência não é necessária para com aqueles rapazitos da *primeira,* todos desdentados como uns ve-

lhinhos, sem poderem pronunciar nem o R, nem o S. Um a tossir, outro a deitar sangue pelo nariz, êste perdendo os tamancos debaixo do banco, aquele berrando porque se picou com a pena, e outro chorando porque comprou o caderno número dois em vez do caderno número um! Cinqüenta numa aula, sem saberem coisa alguma, com umas mãozinhas de manteiga. E ser-se obrigada a ensinar a escrever tudo aquilo! Alguns trazem de casa no bôlso, pauzinhos de alcaçuz, botões, pequenos saca-rôlhas, tijôlo moído, tôda a espécie de coisas miúdas, e é preciso que a mestra os reviste: mas escondem os objectos, até nos sapatos! e nunca estão atentos; um moscardo que entra pela janela põe-nos a todos em alvorôço. No verão, levam para a escola palhinhas e fôlhas de rosa, que lançam ao ar e vão caír nos tinteiros; depois enchem os cadernos de borrões. A mestra tem de fazer de mamã para êles; ajuda-os a vestir, liga-lhes os dedinhos feridos, apanha do chão as carapuças que caem, toma sentido que não troquem os capotes, senão depois berram desesperadamente. Pobres mestras! E ainda por cima de tudo isto, vêm as mãis queixar-se:

— Como foi que o meu pequeno perdeu a pena? — Como é que o meu não aprende nada? — Porque não dá prémio ao meu que sabe tanto? — Porque não manda tirar o prego do banco que rasgou as calças ao meu Pedro?

Algumas vezes a mestra de meu irmão zanga-se com os rapazes, e quando não pode aturá-los, ferra os dentes nos dedos para não desandar algum tabefe. Perde a paciência, mas arrepende-se logo e acaricia a criança com quem ralhou. Expulsa um garoto da escola, mas engole as lágrimas, e ncoleriza-se com os pais que fazem jejuar as crianças por castigo. É jóvem e alta. a professora Delcati, bem vestida, morena e buliçosa, parece sempre impelida por uma mola. Comove-se com qualquer insignificância e fala então com extrema brandura .

— Em paga, as crianças afeiçoam-se-lhe, disse minha mãi.

— Muitas sim, — respondeu — mas depois, acabado o ano, a maior parte, nem sequer nos conhecem. Quando estudam com os mestres quási se envergonham de terem

estado connosco... com uma mestra! Depois de dois anos de cuidados, depois de termos amado tanto uma criança, faz-nos tristeza quando nos separam dela, e dizemos: — Desta estou eu segura que se não há-de esquecer de mim... Mas, passam-se as férias, entra de novo na escola, corremos-lhe ao encontro: — Oh! meu amôr! oh! meu querido! — E ela volta a cabeça para o outro lado...

Neste ponto a mestra calou-se; e levantando-se foi beijar meu irmão, dizendo: — Mas tu não farás assim, pequerrucho, não é verdade? Tu não me voltarás a cara, não? Não repudiarás a tua pobre amiga!

Minha mãi

Quinta-feira, 10 de Novembro

Em presença da mestra de teu irmão, tu faltaste ao respeito a tua mãi! Que isto não aconteça mais, Henrique! nunca mais! A tua palavra irreverente penetrou-me no coração como uma ponta de aço. Lembrei-me logo da tua mãi quando, há anos, esteve debruçada uma noite inteira sôbre o teu berço medindo a tua respiração, chorando lágrimas angustiosas, batendo os dentes de terror, com receio de perder-te, quási louca. E, ao lembrar-me disto, experimentei um sentimento de horror por ti. Tu! ofenderes a tua mãi! Tua mãi que daria um ano de felicidade para poupar-te um momento de dôr! que mendigaria para ti! que se deixaria matar para salvar-te a vida! Ouve, Henrique, e fixa bem na memória o que te vou dizer: imagina que te estão reservados na tua vida muitos dias terríveis, mas o mais terrível de todos será aquele em que tu perderes tua mãi. Mil vezes, Henrique, quando fôres homem, forte, experimentado nas lutas, tu invocarás, oprimido por um desejo imenso de tornar a ouvir uma vez a sua voz; de te sentires ainda uma vez, apertado nos seus braços convulsos, como um pobre rapaz sem protecção nem confôrto. Como tu recordarás então tôdas as amarguras que lhe causaste; e com que remorsos as expiarás tôdas! Infeliz! Não esperes tranqüilidade na tua vida se tiveres contristado tua mãi; podes arrepender-te, podes pedir-lhe perdão, podes venerar a sua memória, mas tudo será

inútil. A tua consciência não te dará paz; aquela imagem dôce e bôa terá sempre para ti uma expressão de tristeza, de retraïmento, que te há-de torturar a alma. Henrique, toma bem sentido: êste é o mais sagrado de todos os afectos humanos, e ai daquele que o não respeita! O assassino que venera sua mãi tem ainda qualquer coisa de honesto e de nobre no coração: o mais glorioso dos homens que a magôe e que a ofenda, não é senão uma criatura vil. Que te não saia mais da bôca uma frase dura para

aquela que te deu a vida, e se uma ainda te escapar que não seja o temor de teu pai, mas o impulso da tua alma que te lance a seus pés, a suplicar-lhe que com o beijo do perdão te apague da fronte o estígma de ingrato! Eu amo-te, meu filho, tu és a esperança mais cara da minha vida; mas desejo antes ver-te morto do que ingrato para tua mãi. Vai! Por algum tempo dispenso as tuas carícias: não poderia retribuir-tas com o coração.

Teu pai.

O meu companheiro Coretti

Domingo, 13

Meu pai perdoou-me, mas eu fiquei um pouco triste. Minha mãi então mandou-me com o filho mais velho do porteiro dar um passeio pelo Corso. A meio do caminho, pouco mais ou menos, passando junto de uma carroça que estava parada a uma loja, ouvi pronunciar o meu nome; volto-me, era Coretti, o meu companheiro de escola, com a sua camisola côr de chocolate e o seu barrete de pele de gato, todo suado e alegre, com um grande feixe de lenha às costas. Um homem em pé, sôbre a carroça, dava-lhe de cada vez uma braçada de lenha em que êle pegava e levava para o armazem de seu pai onde diligentemente a ia encastelando.

— Que fazes, Coretti? lhe preguntei.

— Não vês? — respondeu, estendendo os braços para receber outro feixe de lenha—ando a repetir a lição.

Eu ri-me, mas êle falava sério, e tomando o feixe de lenha ia andando e dizendo: — *Chamam-se acidentes do verbo... as suas variantes... segundo o número... segundo o número e a pessoa...*

E tornava a carregar mais lenha, e continuando a encastelá-la repetia: — *Segundo o tempo a que se refere a acção.* E tornava de novo a levar outra braçada, dizendo: — *Segundo o modo com que a acção é enunciada.* Era a nossa lição de gramática para o dia seguinte.

— Que queres tu? — disse êle — vai-se aproveitando o tempo. Meu pai saíu com o caixeiro para uma *quinta.* Minha mãi está doente. Toca-me êste serviço. No entanto vou repassando a gramática. É uma lição difícil a de hoje. Não consigo encasquetá-la na cabeça. E dirigindo-se ao carroceiro disse-lhe:

— Meu pai deve estar aqui às sete horas para lhe pagar.

O carroceiro partiu:

— Entra um momento, disse Coretti.

Entrei. Era um casarão cheio de pilhas de lenha e de faxina, com uma grande balança a um lado .

— Hoje, para mim, é dia de grande maçada, digo-to

eu. Tenho de fazer o trabalho aos bocados. Estava escrevendo as preposições, e veio gente comprar. Volto a escrever, chega a carroça. Já fui esta manhã ao mercado da lenha, à praça Veneza. Já não sinto as pernas e tenho as mãos inchadas. Estava arranjado se tivesse lição de desenho!

E enquanto dizia isto, ia dando uma varredela às fôlhas sêcas e às palhas que cobriam o ladrilho.

— Mas onde estudas tu, Coretti? — lhe preguntei.

— Já se vê que não é aqui. — replicou; anda ver.

E conduziu-me a um quartinho ao fundo da loja, que serve de cozinha e de sala de jantar, com uma mesa a um canto, onde estavam os livros, os cadernos e a escrita principiada.

— Estou aqui, justamente; falta-me responder à segunda pregunta: *com o coiro faz-se o calçado e as cilhas...* agora acrescento: — *e malas* — e, pegando na pena, principiou a escrever com a sua bela caligrafia.

Neste momento ouve-se alto na loja: — Então não está cá ninguém?

Era uma mulher que vinha comprar lenha miúda.

— Pronto! — respondeu Coretti. E correndo, foi pesar a lenha, recebeu o dinheiro, foi a um livro, tomou nota da venda, e voltou para a escrita, dizendo:

— Vamos a ver se posso acabar o período. E escreveu: — *bolsas de viagem* — *mochilas para os soldados.* — Ah! meu pobre café que se vai embora! exclamou de repente, e correu ao fogão, retirando a cafeteira do fôgo. — É o café para minha mãi. Foi bom aprender a fazê-lo. Espera um pouco que vamos levar-lho. Assim ela te verá e há-de ficar contente. Há sete dias que está de cama... *acidentes do verbo...* Escaldo sempre os dedos com esta cafeteira. Que devo acrescentar depois de *mochilas para os soldados!* Há-de haver mais alguma coisa que se faça de coiro, mas não me lembro. Vamos ver a mãi.

Abriu uma porta e entrámos num outro quarto pequeno. Estava a mãi de Coretti num leito grande, com um lenço branco na cabeça.

— Aqui está o café, mamã — disse Coretti, dando-lhe a chícara. Êste é meu companheiro de escola.

— Ah! muito bem, meu menino, vem fazer uma visita à doente, não é verdade?

Entretanto Coretti arranjava os travesseiros para a mãi se encostar, endireitava a coberta da cama; atiçava o fôgo, e enxotava o gato de cima da caixa.

— Quere mais alguma coisa, mamã? preguntou depois, pegando na chícara. — Tomou as duas colheres do xarope? Quando se acabar, eu vou num pulo buscar outro à botica. A lenha já está descarregada. Às quatro horas porei a carne ao lume, como me disse, e quando passar a mulher da manteiga lhe darei o dinheiro. Não tenha cuidado, que tudo irá bem.

— Obrigada, meu filho, respondeu ela. Pobre filho! Lembra-se de tudo.

Quis que eu tomasse um bôlo com açúcar, e depois Coretti mostrou-me um quadrosito com um retrato em fotografia de seu pai, vestido de soldado, com a medalha de valor, que ganhara em 65 no quadrado do príncipe Humberto. A mesma cara do filho, com aqueles olhos vivos e o mesmo sorriso alegre. Tornámos à cozinha.

— Já sei o que é... disse Coretti. E acrescentou sôbre o caderno: — Fazem-se também os *arreios* para os cavalos. Bem! o resto fá-lo-ei de noite, deitar-me-ei mais tarde. Feliz tu, que tens todo o tempo para estudar e podes ainda saír a passeio!

E sempre alegre e activo, tornando a entrar na loja, começou a serrar as achas a meio, dizendo: — Esta é a minha gimnástica! Nada mais que o impulso dos braços para diante. Quando meu pai voltar e vir tôda esta lenha serrada, fica satisfeito. O que tu não sabes é que, depois de ter serrado, escrevo os *tt* e os *ll* que parecem serpentes, como diz o mestre; mas que diabo lhe hei-de fazer? — Digo-lhe que foi necessário mover os braços... O que eu quero é que minha mãi fique boa, isso sim! Hoje está melhor, graças a Deus! A gramática, estudá-la-ei de manhã cêdo, ao canto do galo. Oh! lá está a carroça com os troncos! Toca a trabalhar.

Uma carroça carregada com troncos de árvores pára defronte da loja, e Coretti correu logo à porta a falar com o carroceiro, voltando em seguida.

— Agora não posso fazer-te mais companhia. Até àmanhã. Fizeste bem em vir ver-me. Bom passeio. Feliz, tu! E apertando-me a mão, correu a carregar o primeiro tronco, recomeçando a lida, da loja para a carroça e da carroça para a loja, com a cara fresca como uma rosa, debaixo do seu barrete de pele de gato, e esperto que fazia alegria vê-lo. *Feliz tu!* disse-me êle: — Ah! não, Coretti, não! mais feliz és tu, porque estudas e trabalhas, porque és mais útil a teu pai e a tua mãi, porque és bom, cem vezes melhor e com mais valor do que eu, caro companheiro!

O Director

Sexta-feira, 18

Coretti estava muito satisfeito esta manhã, porque veio assistir ao exame mensal o seu mestre da *segunda,* Coatti, um homenzarrão com uma enorme cabeleira preta, dois belos olhos escuros, e uma voz de bombarda, que ameaça sempre os rapazes de os espatifar, de levá-los pelas orelhas à polícia, fazendo tôda a espécie de caretas espantosas... e afinal não castiga ninguém, pelo contrário, sorri sempre, por baixo da barba, disfarçadamente. São oito, com Coatti, os mestres, incluindo um suplente, pequeno e sem barba, que parece um menino. Um dos mestres da *quarta,* é côxo, constantemente envolvido numa gravata de lã, e sempre a gemer com dores que apanhou quando era professor geral numa escola húmida, cujas paredes gotejavam água. Outro, também da *quarta,* um

velho de cabelo todo branco foi em tempo mestre dos cegos. Há um, bem vestido, de óculos e suícinhas loiras, a quem chamam o *advogadinho,* porque exercendo o magistério, estudou a advocacia e ganhou o prémio, e fez também um livro para ensinar a escrever cartas. Um contraste com êste é o mestre que nos ensina ginástica... um tipo de soldado; andou com Garibaldi e tem no pescoço a cicatriz de uma ferida de terçado que lhe fizeram na batalha de Milazzo. Depois, o director, alto, calvo, com óculos de oiro e barba grisalha caindo-lhe sôbre o peito; veste sempre de preto, todo abotoado até debaixo do queixo; é tão bom para os rapazes, que, quando são chamados à direcção para serem repreendidos, não lhes ralha; pelo contrário, pega-lhes nas mãos, e começa a dizer por muitas formas que não deviam proceder assim, que é necessário que se arrependam, e que prometam ser bons; mas tudo isto com tão bom modo, e com uma voz tão doce, que todos saem com os olhos chorosos e mais confusos do que se os tivessem castigado. Pobre director! êle é sempre o primeiro no seu posto, logo de manhã, a esperar os estudantes, a dar atenção aos parentes que os acompanham; e, quando os mestres vão já em caminho de casa, gira êle ainda em volta da escola a ver que os rapazes se não metam debaixo das carroças e não se entretenham pela estrada a fazer travessuras, ou a encher os bolsos de areia ou de pedras: e tôdas as vezes que aparece a uma esquina o seu vulto alto e escuro, os bandos de rapazes dispersam por todos os lados, abandonando, o jôgo das peninhas e das bolas, e êle com o seu semblante amorável e triste ameaça-os de longe com a mão aberta e levantada.

Diz minha mãi que nunca ninguém o viu rir depois que lhe morreu o filho que foi voluntário no exército, e que tem sempre o retrato dêle diante dos olhos, em cima da mesa da direcção. Quis abandonar o lugar depois da desgraça, e tinha o requerimento escrito e colocado sôbre a mesa, pedindo a sua aposentação ao Govêrno; mas não se resolvia a mandá-lo, porque tinha pesar de deixar os rapazes. Até que um dia, estava decidido a apresentá-lo, e meu pai que estava com êle na direcção, disse-lhe: — Pena é que se vá embora, senhor director! — Nisto en-

trou um homem para inscrever um rapaz que passava de outra secção para a nossa por ter mudado de casa. Ao ver o novo aluno, o director ficou estupefacto. Fixou-o por alguns minutos, olhou depois para o retrato que estava sôbre a mesa e tornou a fixar o rapaz. Meteu-o entre os joelhos e fez-lhe levantar a cara para o ar. O rapaz assemelhava-se em tudo ao seu filho morto, disse o director. Fez a inscrição, despediu pai e filho, e ficou pensativo...

— Pena é que se vá embora, repetiu meu pai...

Então o director pegou no requerimento, rasgou-o e disse:

— Fico.

Os soldados

Terça-feira, 22

O filho, quando morreu, era voluntário do exército, e por isso o director vai sempre ao *Corso* ver passar os soldados quando saimos da escola. Ainda ontem passava um regimento de infantaria, e mais de cincoenta rapazes se puseram a pular em volta da banda marcial, cantando e batendo o compasso com as réguas sôbre as pastas. Nós estavamos num grupo, no passeio, a ver aquilo. Garrone metido na sua farpela muito esticada, e com os dentes ferrados num pedaço de pão; Votini, o tal muito aceado que sacode sempre os pelos do fato; Precossi, o filho do ferreiro, com a jaqueta do pai; e o Calabrês, e o *pedreirito* e o Crossi, com a sua cabeça ruiva, e Franti com a sua face tostada; e também Robetti, o filho do capitão de artilharia, aquele que salvou uma criança do *omnibus* e anda agora com muletas. Franti deu uma risada mesmo na cara de um soldado que ia coxeando... Mas de repente sentiu uma mão sôbre o ombro, e voltando-se deu de frente com o director.

— Toma sentido, disse-lhe êste. Escarnecer de um soldado, quando está na fileira e que não pode desafrontar-se, nem responder... é o mesmo que insultar um homem prêso. É uma vilania!

Franti sumiu-se logo. Os soldados passavam, quatro

a quatro, suados e cobertos de poeira, e as espingardas cintilavam ao sol... Nesta ocasião disse o director:

— Deveis estimar os soldados; são êles os nossos defensores, são êles que se atirarão à morte por nós, se àmanhã um exército estrangeiro ameaçar a nossa pátria. Também êles são rapazes, poucos anos mais têm do que vós e também vão à escola. Há entre êles, como entre vós, pobres e ricos e vêm de tôdas as partes da nação. Quantos não têm morrido pela pátria, em volta da bandeira, que é sempre a mesma!

— Ela lá vem! disse Garrone.

E efectivamente via-se um pouco ao longe tremular a bandeira por cima das cabeças dos soldados.

— Vá, meus amigos! disse o director, fazei a vossa continência de escolares, com a mão na fronte quando ela passar.

A bandeira, empunhada por um oficial, passava diante de nós, rôta e desbotada, com medalhas presas e pendentes da haste... Todos à uma fizeram continência. O oficial olhou para nós, sorriu-se e com um gesto retribuiu-nos o cumprimento.

— Bravo, rapazes! exclamou alguém por trás de nós.

Voltámo-nos para ver quem falara. Era um velho, que tinha na lapela do casaco a fita azul da campanha da Criméa, um oficial reformado.

— Bravo! repetiu: praticastes uma boa acção.

Neste meio tempo, a banda do regimento voltava ao fundo do *Côrso*, cercada por uma turba de rapazes, e os gritos alegres de cem vozes acompanhavam os sons das trombetas com um canto de guerra.

— Bravo! repetia-nos o velho oficial. Quem sabe respeitar a bandeira nessa idade, saberá defendê-la quando homem.

O professor do Nelli

Quarta-feira, 23

Nelli, o pobre corcundinha, também ontem viu passar o regimento, mas com um ar triste como quem pensa-

va: — Eu é que não posso nunca ser soldado! Êle é bom, estuda, mas é tão magrinho e tão pálido, e respira com tanta dificuldade!... Anda sempre de bibe comprido de paninho de lustro. A mãi é uma senhora pequena e loira vestida de preto; e vem sempre buscá-lo antes da hora, para que êle não desça de roldão com os outros, e faz-lhe muitas festas. Nos primeiros dias, porque tem a infelicidade de ser aleijado, muitos rapazes escarneciam-no e davam-lhe com as pastas na corcunda; mas êle não se revoltava nunca, nem dizia nada à mãi, para lhe não dar o dissabor de saber que seu filho servia de chacota aos companheiros. Escarneciam-no; êle chorava e calava-se apoiando a cabeça sôbre a mesa. Mas uma manhã, saltou em cima dêles Garrone e disse:

— O primeiro que tocar em Nelli, leva um sopapo que o faço dar três reviravoltas.

Franti não fez caso, o sopapo partiu, êle deu as três reviravoltas; e depois disso nunca mais ninguém pôs a mão no corcundinha. O mestre assentou-o ao pé de Garrone no mesmo banco. Tornaram-se amigos. Nelli afeiçoou-se-lhe muito, e, mal entra na escola, procura logo Garrone. Nunca se vai embora sem lhe dizer: — Adeus, Garrone! E Garrone faz outro tanto. Quando Nelli deixa cair a pena ou um livro debaixo da mesa, imediatamente Garrone, para que Nelli não faça esfôrço em abaixar-se, abaixa-se êle, levanta e entrega-lhe o livro ou a pena, e à saída ajuda-o a meter os cadernos e os papéis na pasta, e enfia-lhe o capote. Por tudo isto Nelli gosta muito de Garrone e tem sempre os olhos nêle. Quando o professor elogia Garrone, Nelli fica contente e satisfeito, como se fôra êle o elogiado. Mas é de supôr que Nelli afinal contasse à mãi as caçoadas de que fôra vítima nos primeiros dias, de quanto os companheiros o fizeram sofrer, e como o defendeu e se lhe afeiçoou um condiscípulo, porque esta manhã aconteceu o seguinte: O mestre mandou-me levar ao director o programa da lição, meia hora antes da saída; e eu estava no seu gabinete quando entrou uma senhora loira e vestida de preto. Era a mãi de Nelli, que preguntou:

— Senhor director, há na escola de meu filho um rapaz que se chama Garrone?

— Sim, minha senhora, respondeu o director.

— Quere ter a bondade de o mandar chamar aqui, um momento, porque carecia dar-lhe uma palavra?

O director chamou o contínuo e mandou-o à aula; um minuto depois entrava Garrone, com a sua cabeça grande e rapada, todo pasmado!

Apenas o viu, a senhora corre para êle, abraçando-se-lhe ao pescoço, dando-lhe muitos beijos na testa, exclamando:

— És tu Garrone, o amigo de meu filho, o protector daquela pobre criança! És tu, querido e bravo rapaz, és tu!

Em seguida apalpou apressadamente as algibeiras e a bolsa, mas não encontrando nada, arrancou do pescoço um colar com uma pequena cruz e pô-la ao pescoço de Garrone, por baixo da gravata, dizendo:

— Recebe êsse colar, e conserva essa cruz como lembrança minha, conserva-a, caro rapaz, em recordação da mãi de Nelli, que te agradece e te abençôa.

O primeiro da classe

Sexta-feira, 25

Garrone atrai o afecto de todos; e Derossi, a admiração. Já ganhou a primeira medalha, e será o primeiro êste ano, porque nenhum pode competir com êle, e todos lhe conhecem superioridade em tôdas as matérias. É o primeiro em aritmética, em geometria, em composição e em desenho; percebe tudo no ar e tem uma memória prodigiosa. Aprende bem sem esfôrço, e parece que o estudo é um brinquedo para êle. O mestre disse-lhe ontem: Deu-te Deus grandes dons e tens obrigação de os não desprezar.

E ainda para mais é alto, bonito, com uma grande juba anelada de cabelos louros, e ágil. Salta um banco, apoiando apenas uma mão em cima e já sabe jogar as ar-

mas. Tem doze anos, é filho dum negociante, anda sempre vestido de azul com botões dourados, e sempre vivo, alegre e gracioso com todos; ajuda os outros, quando pode, e nenhum se atreveu ainda a fazer-lhe uma grosseria ou a dizer-lhe uma palavra má. Só Nobis e Franti o olham de revez, e Voltini, a êsse rebenta-lhe a inveja dos olhos, mas Derossi nem sequer dá por isso. Todos se sorriem para êle, e lhe tocam na mão ou no braço quando êle anda entre nós a recolher os trabalhos com a sua habitual maneira graciosa. Presenteia-nos com jornais ilustrados, com tudo que em casa lhe dão; fez para o calabrês uma pequena carta geográfica da Calábria e dá tudo a rir sem reparar no que dá, como um fidalgo sem preferência por ninguém. É impossível não lhe ter inveja, e não se sentir a gente inferior a êle em tôdas as coisas. Ah! até eu também como Voltini lhe tenho inveja. Experimento uma amargura, quási despeito contra êle, quando me demoro a fazer a minha lição em casa, e me lembro que êle, aquela hora a tem já acabada, perfeitamente, e sem lhe custar nada. Mas depois, quando vou para a escola, e o vejo tão belo, tão risonho, e oiço as respostas francas e seguras que êle dá às interrogações do mestre vejo como é cortês com os companheiros, então, tôda a amargura e todo o despeito desaparecem, e envergonho-me de ter experimentado tais sentimentos. Quereria estar sempre junto dêle, dar tôdas as lições com êle, porque a sua presença e a sua voz dão-me coragem, vontade de trabalhar, alegria e prazer. O mestre disse-lhe que copiasse o conto mensal que há-de ler àmanhã — *O pequeno vigia Lombardo*. Êle copiava-o esta manhã e estava comovido por aquele acto heróico, e tinha o rosto incendiado, os olhos húmidos, os beiços trémulos. E eu fitava-o. Como era grande e nobre! Com que satisfação lhe teria dito face a face e expansivamente: — Derossi, tu vales em tudo mais do que eu! Tu és um homem comparado comigo! Respeito-te e admiro-te!

O pequeno vigia lombardo

(CONTO MENSAL)

Sábado, 26

Em 1859, durante a guerra da libertação da Lombardia, poucos dias depois da batalha de Solferino e S. Martinho vencida pelos franceses e italianos contra os austríacos, em uma bela manhã de junho, um pequeno destacamento de cavalaria ligeira de Saluzo, seguia em passo vagaroso por um caminho solitário, em direcção ao inimigo, explorando atentamente o campo. Comandavam o destacamento um oficial e um sargento, e todos com a vista fixa ao longe em frente, mudos, esperando ver de um momento para o outro branquejar entre as árvores as divisas das sentinelas avançadas do inimigo. Chegaram assim a uma casa rústica, cercada de freixos, ao pé da qual estava um rapaz de meia dúzia de anos, que descascava com uma faca um galho de árvore para fazer um bastãozinho. Na janela do prédio flutuava uma bandeira tricolor. Dentro não havia ninguém. Os camponeses arvoraram a bandeira e fugiram com mêdo dos austriacos. Mal avistou a cavalaria o rapaz deitou fora o bastão e tirou o barrete. Era um belo adolescente, de rosto ousado, com olhos grandes, azuis, e os cabelos louros e compridos. Estava em mangas de camisa e via-se-lhe o peito nu.

— Que fazes aqui? — preguntou o oficial, parando o cavalo. Porque não fugiste com a tua família?

— Eu não tenho família — respondeu o rapaz, sou engeitado. Trabalho um pouco para todos. Fiquei para ver a guerra.

— Viste passar austríacos?

— Não senhor, há três dias que não vejo nenhum.

O oficial esteve um momento pensativo, depois apiou-se deixando os soldados voltados em direcção ao inimigo, entrou em casa e subiu ao telhado. A casa era baixa, e do telhado não se via mais que um trecho de terreno. Era necessário subir às árvores, disse consigo o oficial, e desceu. Em frente da eira erguia-se a prumo um freixo altíssimo e delgado, cuja corôa oscilava no fundo azul. O oficial, concentrado, olhava ora para a árvore, ora para os soldados. Depois, de-repente, preguntou ao rapaz:

— Tens tu bom ôlho, meu tratante?

— Eu! respondeu o rapaz; vejo um pardal a uma milha de distância.

— E és capaz de subir ao cimo daquela árvore?

— Àquela árvore... ora essa! Eu! num minuto estou lá em cima.

E saberias dizer o que visses lá do alto; se haverá soldados austríacos por alguma parte, ou nuvens de pó, cavalos, luzir de espingardas?

— De-certo que hei-de saber.

— Que queres tu para fazer êsse serviço?

— O que eu quero! disse o rapaz sorrindo.

Não quero coisa nenhuma... Se fôsse para os tudescos... isso então por nada dêste mundo... mas para os nossos! Eu sou lombardo.

— Bravo! sobe lá.

— Um momento para tirar os sapatos!

Descalçou-se, apertou o cinto das calças, atirou ao chão o barrete, e abraçou-se ao tronco do freixo.

— Mas toma cuidado!... exclamou o oficial fazendo menção de retê-lo, como se o assaltasse um temor repentino. O rapaz pôs-se a olhar para êle com os seus belos olhos azuis como interogando-o.

— Não é nada, dise o oficial, sobe lá!...

O rapaz trepou como um gato.

— Olhai em frente! gritou o oficial aos soldados.

Em poucos momentos estava o rapaz no topo da árvore abraçado ao tronco, com as pernas entre as fôlhas, mas com o corpo descoberto. O sol batia-lhe sôbre a cabeça loura que parecia de ouro. O oficial mal o via, tão pequeno êle parecia na corôa do freixo.

— Olha atento, e ao longe! — gritou-lhe o oficial.

O pequeno, para ver melhor, desprendeu a mão direita da árvore, colocou-a sôbre a testa em forma de pala.

— Que vês? preguntou o oficial.

O rapaz inclinou a cabeça para êle, e fazendo da mão porta-voz, respondeu:

— Vejo, na estrada branca, dois homens a cavalo.

— A que distância daqui?

— Meia milha.

— Movem-se?

— Estão parados.

— Que mais vês? preguntou o oficial depois de um momento de silêncio. Olha agora à direita.

O rapaz olhou à direita e depois disse:

— Ao pé do cemitério, entre as árvores, há qualquer coisa que reluz, parecem baionetas.

— Vês gente?

— Não... pode ser que esteja escondida entre o milho. Naquele momento, um silvo de bala agudíssimo, sen-

tiu-se a grande altura, indo morrer ao longe, por detrás da casa.

— Desce, desce, que já te viram! gritou o oficial. Não quero mais nada; desce.

— Eu não tenho mêdo nenhum! respondeu o rapaz.

— Desce! repetiu o oficial... e que vês à esquerda.

— À esquerda?

— Sim, à esquerda.

O rapaz voltou a cabeça à esquerda, e nesse momento sentiu-se um outro silvo mais agúdo e mais baixo do que o primeiro. O rapaz encolheu-se todo.

— Escapei por milagre: vinha direitinha a mim!

A bala tinha-lhe passado a pouca distância.

— Abaixo! — gritou o oficial imperioso e irritado.

— Desço já — respondeu o rapaz — mas a árvore defende-me, não tenha susto. À esquerda é que quere saber, não é?

— À esquerda, sim — respondeu o oficial, mas desce!

— À esquerda, gritou o rapaz, volvendo o corpo para aquele lado... lá, onde está uma capela... parece que vejo... Ouviu-se o terceiro silvo mais forte, e quási em seguida, o rapaz cambaleando, agarrando-se por instantes aos troncos e aos ramos, caía de cabeça para baixo, no chão.

— Maldição! gritou o oficial, correndo para êle.

O desgraçado batera com a espinha em terra e ficára estendido de costas com os braços abertos. Um jôrro de sangue golfava-lhe do lado esquerdo do peito. O sargento e dois soldados apearam-se logo e o oficial debruçou-se sôbre o ferido, abrindo-lhe a camisa. A bala tinha-lhe entrado no pulmão esquerdo.

— Está morto! exclamou o oficial.

— Ainda vive, acudiu o sargento.

— Ah! pobre valente rapaz! continuou o oficial; coragem! coragem!

Mas enquanto êle o animava e lhe apertava um lenço sôbre a ferida, o rapaz entreabrindo os olhos deixou cair a cabeça. Estava morto. O oficial empalideceu, fixou-o um momento, acomodando-o depois com a cabeça

sôbre a erva. Levantou-se em seguida, e ficou a olhar para êle contemplativo. O sargento e alguns soldados, imóveis, tinham igualmente os olhos fitos no pequeno morto e os outros estavam voltados com a frente para o inimigo.

— Pobre rapaz! repetiu tristemente o oficial. Pobre e bravo rapaz!

Depois abeirou-se da casa, e tirando da janela a bandeira tricolor, estendeu-a como um pano fúnebre sôbre o cadáver, deixando-lhe o rosto descoberto. O sargento colocou ao lado do morto, os sapatos, o barrete, o bastão e a faca. Estiveram ainda algum tempo silenciosos; e em seguida o oficial, voltando-se para o sargento, disse-lhe:

— Mandá-lo-emos receber pela ambulância; morreu como soldado, que seja enterrado por soldados!

Dito isto, atirou com um gesto um beijo ao morto, e gritou:

— A cavalo!

Todos montaram, reüniu-se o destacamento e tomou o seu caminho. Poucas horas depois, o pequeno morto recebia as honras de guerra. Ao pôr do sol tôda a linha de postos avançados dos italianos, marchava ao encontro

do inimigo pelo mesmo caminho percorrido de manhã pelo destacamento de cavalaria. Prosseguia em duas filas cerradas um grosso batalhão de caçadores, que poucos dias antes regára valorosamente de sangue o monte de S. Martinho. A notícia da morte do rapaz tinha-se divulgado entre aqueles soldados antes de deixarem o acampamento. O caminho, ladeado pelo regato, ficava a poucos passos de distância da casa. Quando os primeiros oficiais do batalhão viram o pequeno cadáver estendido ao pé do freixo e coberto pela bandeira tricolor, saüdaram-o com a espada, e um dêles, inclinando-se sôbre a margem do regato, que estava tôda florida, arrancou duas flores e atirou-lhas. Em poco tempo estava o corpo do rapaz todo coberto de flores. Oficiais e soldados fizeram-lhe a continência.

— Bravo! pequeno lombardo! Adeus, bravo rapaz! A ti, louro mártir, Viva! Glória! Adeus!

Um oficial, lançou-lhe a sua medalha de valor, e um outro, deu-lhe um beijo na testa. E as flores continuavam a chover sôbre os pés nus, sôbre o peito ensangüentado e sôbre os cabelos do pobre rapaz envolto na sua bandeira, com o rosto pálido quási sorrindo, como se sentisse aquelas saüdações, e estivesse contente por ter dado a vida pela Lombardia.

Os pobres

Terça-feira, 29

Dar a vida pela pátria como o moço Lombardo, é uma grande virtude, mas não se devem desprezar as pequenas virtudes, meu filho. Esta manhã, indo tu adiante de mim, quando voltávamos da escola, passaste junto duma pobre, tendo entre os joelhos uma criança pálida e abatida, que te pediu esmola. Tu olhaste para ela, e não lhe deste nada! e contudo tinhas algum dinheiro na algibeira. Ouve filho: nunca te habitues a passar indiferente pela miséria que estende a mão: e muito menos diante de uma mãi que pede uma esmola para o seu filho. Pensa, em que essa criança pode ter fome, e calcula a desolação da pobre mulher!

Imagina o desespêro de tua mãi se um dia se visse forçada a dizer-te: — Henrique! hoje não te posso dar nem sequer um bocadinho de pão. — Quando eu dou um soldo a um pobre, e êle me diz: — «Deus lhe conserve a saúde e a tôda a sua família...» nem tu podes compreender o prazer que me dão ao coração aquelas palavras, e a gratidão que sinto! Parece-me que tão bons desejos me conservarão a saúde por muito tempo, e volto a casa contente dizendo comigo: Oh! aquele pobre deu-me mais do que eu lhe dei!... Agora, Henrique, vê se fazes que eu ouça algumas vezes essas consoladoras palavras provocadas e merecidas por ti. Tira de vez em quando algum soldo da tua pequena bôlsa para o deixar caír na mão dum velho sem amparo, duma mãi sem pão, ou duma criança sem mãi. Os pobres apreciam a esmola das crianças, que não os humilha porque as crianças, que têm necessidade de todos, assemelham-se a êles. Repara em como há sempre muitos ao pé das escolas. A esmola do homem é sempre um acto de caridade! mas a da criança é ao mesmo tempo um acto de caridade e uma carícia; entendes? É como se da sua mão caísse simultâneamente um soldo e uma flor. Lembra-te que a ti não te falta nada, e a êles falta-lhes tudo; que enquanto tu ambicionas ser feliz, êles contentam-se em não morrer. Pensa quanto é horrível que no meio de tantos palácios, de tantas ruas por onde passam ricas equipagens e rapazes vestidos de veludo, haja mulheres e crianças que não têm um pedaço de pão. Não ter que comer!... Meu Deus! Rapazes como tu, inteligentes como tu, e no centro de uma grande cidade, não terem que comer... como feras perdidas num deserto! Oh! nunca mais, Henrique, nunca mais, passes diante duma mãi mendiga, sem deixar-lhe, ao menos, uma pequena esmola.

DEZEMBRO

O traficante

Quinta-feira, 1

Meu pai quere que em todos os dias feriados convide para casa um dos meus companheiros, ou que vá eu procurá-los para me tornar pouco a pouco amigo de todos. Domingo vou passear com Votini, o tal muito asseado, que está sempre a escovar-se, e que tanta inveja tem de Derossi. Hoje o que veio foi o Garoffi, aquele alto e magro, com nariz de coruja e olhos pequenos e velhacos, que parece intrometer-se em tudo. É filho de um droguista e é muito original. Está sempre a contar o dinheiro que tem no bôlso e conta pelos dedos, rápidamente, sem precisão de tabuada. E amontôa. Tem já caderneta na caixa económica escolar. Desconfio que não gasta nada, e se lhe cai um soldo debaixo dos bancos é capaz de o procurar durante uma semana. Derossi diz que êle faz como as pêgas: tudo que acha, penas enferrujadas, estampilhas servidas, cotos de vela, tudo apanha. Há mais de dois anos que colecciona estampilhas e já tem centos de todos os países num grande album que tenciona vender depois ao livreiro, quando estiver todo cheio. O livreiro dá-lhe cadernos de graça porque êle arranja-lhe outros rapazes para fregueses. Na escola negoceia sempre; todos os dias faz venda de objectos, rifas, trocas que se arrepende logo e quere desfazer; compra por dois e vende por quatro; joga o jogo das peninhas e nunca perde; vende jornais velhos aos estanqueiros; e tem um pequeno caderno, em que toma nota dos seus negócios, todo cheio de somas e subtracções. Na escola não estuda senão a aritmética, e se deseja a medalha é só para ter entrada *grátis* no teatro das *Marionettes*. Não desgosto dêle e diverte-me. Temos jogado a fazer o mercado com pêsos e balança, e êle sabe o preço certo de tôdas as coisas, e sabe fazer cartuchos muito bem, e tão depresa como qualquer lojista. Diz que, logo que

saír da escola, há de pôr um negócio, um comércio novo, que êle inventou. Quando lhe dei estampilhas estrangeiras ficou todo contente, e disse exactamente o preço por que se vende cada uma para colecções. Meu pai, fingindo ler a gazeta estava a ouvi-lo e a sorrir-se. Trás os bolsos sempre cheios das suas pequenas mercadorias que recobre com um grande capote escuro, e parece continuamente absorto e afadigado como um negociante. Mas, sobretudo, o que êle aprecia é a sua colecção de estampilhas; é o seu tesouro, e fala sempre nela como se de ali lhe viesse uma grande fortuna. Os companheiros chamam-lhe avarento e usurário. Será, mas eu gosto dêle, ensina-me muitas coisas e parece-me um homem. Disse Coretti, o filho do vendedor de lenha, que Garofi não era capaz de dar as suas estampilhas, nem para salvar a vida da mãi. Meu pai não acredita isso. Espera ainda para o julgar definitivamente e disse-me:

— Tem essa fraquesa, mas tem coração.

Vaidade

Segunda-feira, 5

Ontem fui dar o meu passeio pela Avenida de Rivoli com Votini e seu pai. Passando pela rua Dora Grossa, vimos Stardi, aquele que responde com pontapés aos que lhe fazem preguntas. Estava firme e direito diante duma montra de livreiro, com os olhos fixos numa carta geográfica, e quem sabe lá há quanto tempo ali estava, porque êle estuda também pela rua. Apenas correspondeu ao nosso cumprimento aquele casmurro! Votini ia muito bem vestido, até de mais; calçava botinas de marroquim, pespontadas de vermelho; vestia um casaquinho bordado com borlas de sêda, relógio, e na cabeça um chapéu de castor branco. E pavoneava-se todo. Mas desta vez foi castigado na sua vaidade. Depois de termos corrido um grande pedaço pela alameda, seu pai ficou muito atrás porque andava de vagar, e nós parámos junto dum banco de pedra, ao lado dum rapaz vestido modestamente, que parecia fatigado e pensativo, com a cabeça sôbre o peito. Um homem que devia ser pai dêle, passeava debaixo das árvores

lendo a gazeta. Sentámo-nos. Votini ficou entre mim e o rapaz De repente lembrou-se que estava muito aceado, e quis fazer-se admirar e invejar do vizinho; levantou um pé e disse:

— Já viste as minhas botas de oficial?

Disse isto para chamar a atenção do outro, mas êle não se mexeu. Abaixou então o pé e mostrou as borlas de sêda, e olhando de soslaio o rapaz, disse-me que lhe não agradavam muito, e que as ia mandar substituir por botões de prata, e o rapaz nem sequer olhou para as borlas. Então Votini pôs-se a fazer girar sôbre a ponta do index o seu belo chapéu de castor branco, e o rapaz, — parece que o fazia de propósito, — não se dignou lançar a vista para o chapéu. Votini principiava já a impacientar-se, e tirando o relógio do bolso, abriu-o e mostrou-me o maquinismo.

— É de prata dourada? preguntei.

— Não, — respondeu — é de ouro.

— Mas não será todo de ouro, repliquei eu, também há-de ter alguma prata.

— Não tem — retorquiu êle. E para obrigar o rapaz a olhar, pôs-lhe o relógio à cara dizendo:

— Vê tu, não é verdade que é todo de ouro?

O rapaz respondeu secamente:

— Não sei.

— Oh! Oh! exclamou Votini enraivecido, que soberba!

Enquanto dizia isto, chegou seu pai, que ouvindo a exclamação, olhou um momento fixo, para o rapaz e depois disse bruscamente ao filho:

— Cala-te!

E, inclinando-se, disse-lhe ao ouvido:

— É cego!

Votini levantou-se logo e fitou o rapaz de frente. Tinha as pupilas vitreas, sem expressão e sem vida.

Votini ficou humilhado, silencioso, com os olhos no chão... Depois balbuciou: — Faz-me pena... e se o soubesse...

Mas o cego, que compreendera tudo, murmurou com um sorriso bom e melancólico:

— Não faz mal...

Votini é vaidoso, mas não tem mau coração. Em todo o passeio não se tornou a rir.

A primeira neve

Sábado, 10

Adeus, passeios a Rivoli! Ei-la a amiga dos rapazes! eis a primeira neve! Desde ontem à tarde que caem flocos densos e grandes como flores de jasmineiros. Era um prazer vê-la cair contra as vidraças e amontoar-se sôbre as sacadas. Até o mestre olhava, e esfregava as mãos; e todos estavam contentes, pensando nas bolas que haviam de fazer, no gêlo que viria em seguida, e no fogão de casa. Só Stardi se mostrava indiferente a tudo, absorto na lição, com os punhos encostados às fontes. Mas que bulha e que festa que foi à saída! Todos a saltar pela rua fora gritando e bracejando, juntavam montões de neve e metiam os pés dentro, como cãizinhos na água! Os parentes que esperavam fora tinham os guarda-chuvas brancos, e os capacetes da guarda civil e as nossas pastas em pouco tempo ficaram também brancas. Todos pareciam fora de si de alegria, até Precossi, o filho do ferreiro, o pàlidozinho que não ri nunca; e Robetti, o que salvou a criança do *omnibus*, pobrezito! como saltava com as suas muletas! O calabrês, que nunca tinha tocado em neve, fez uma bola e pôs-se a comê-la, como se fôsse um pêssego. Crossi, o filho da vendedeira de hortaliças, encheu a bôlsa; e o pedreiro fez-nos rebentar de riso quando meu pai o convidou a vir àmanhã a nossa casa. Tinha a bôca cheia de neve, e não se resolvendo a deitá-la fora, nem a engoli-la, estava engasgado a olhar para nós, sem dizer palavra. Até as mestras saíam da escola a correr e a rir, e também a minha mestra da *primeira superior*, coitadita, corria através do nevisco, resguardando a cara com o seu véu verde, e tossia. E, no entanto, centenares de raparigas da secção vizinha passavam aos gritos e pulavam sôbre o alvo tapete. Os mestres, os contínuos e o guarda gritavam: — Para casa! Para casa! E iam engolindo flocos de neve e bran-

queando-se-lhes os bigodes e as barbas. Mas também êsses riam de louca alegria dos escolares que festejavam o inverno.

Vós festejais o inverno, mas há rapazes que não têm nem roupas, nem sapatos, nem fogão. Há mulheres que descem às aldeias, depois de ter andado um longo caminho, trazendo nas mãos ensangüentadas pelas frieiras um mólho de lenha para aquecer a escola. Há centenares de escolas quási sepultadas na neve, nuas e tétricas como espeluncas onde os rapazes sufocam com fumo e batem os dentes com frio olhando com terror para os flocos brancos que caem cada vez mais sôbre as suas cabanas distantes, ameaçadas de uma avalanche. Vós festejais o inverno, rapazes, e não vos lembrais que há milhares de criaturas, a quem o inverno leva a miséria e a morte.

O pedreirito

Domingo, 11

O pedreirito veio hoje à caçadora, todo vestido de fato já usado por seu pai, ainda salpicado de cal e de gêsso. Meu pai desejava ainda mais do que eu que êle viesse. Que prazer nos deu! Apenas entrou, tirou o chapéu esfarrapado, todo molhado de neve, e meteu-o no bôlso. Depois, adiantando-se com o seu andar descuidado de operário fatigado, e voltando para um e outro lado a sua carinha redonda como uma maçã e o seu nariz de rabanete, quando chegou à sala de jantar, deu uma olhadela em tôrno dos móveis e parando a vista sôbre um quadro

que representa Rigoleto, um bobo corcunda, fêz o *focinho de lebre*. É impossível ficar sério ao vê-lo fazer o *focinho de lebre*. Começamos a brincar com as tabuínhas. Êle tem uma habilidade extraordinária para fazer tôrres e pontes, que parece sustentarem-se por milagre, e trabalha com seriedade e a paciência de um homem. Enquanto ía erguendo tôrres falou-me da sua família. Vivem em uma água-furtada; o pai vai às escolas nocturnas aprender a lêr e a mãi é *biolesa*. E compreende-se que o estimam muito, porque anda vestido como pobre, bem resguardado do frio, com a roupa bem remendada e a gravata muito bem posta pela mão de sua mãi. O pai, disse, é um pedaço de homem, um gigante, que mal cabe pelas portas, mas bom. Chama sempre ao filho *focinho de lebre*. O filho, ao contrário, é pequenito. Às quatro horas merendámos pão e uvas sentados no sofá, e quando nos levantamos, meu pai, não sei por quê, não quis que eu limpasse o espaldar que o pedreirito tinha manchado de branco com a sua jaqueta. Segurou-me na mão e depois limpou-o êle às escondidas. Jogando, o pedreirito perdeu um botão da «caçadora» e minha mãi pregou-lho. Êle fez-se encarnado e estava a vê-la coser todo maravilhado e confuso, contendo a respiração. Depois, mostrei-lhe albuns de caricaturas, e êle insensivelmente imitava as expressões delas, tão bem, que até meu pai se ria. Ao saír, ía tão contente que se esqueceu de pôr na cabeça o barrete esfarrapado; e chegando ao patamar, para significar a sua gratidão fez ainda o *focinho de lebre*. Chama-se António Babuco, tem oito anos e oito mêses.

Sabes tu, meu filho, porque não quis que limpasses o sofá? Porque limpá-lo à vista do teu companheiro era quási censurá-lo por o ter manchado. E isto não era bonito. Primeiro, porque êle o não tinha feito de propósito; segundo, porque o tinha manchado com a roupa que fôra de seu pai, o qual a salpicara de gêsso trabalhando; e o que se mancha no trabalho, não se pode dizer sujo; são nódoas de cal, de verniz, de tudo aquilo que quiserem... mas não é porcaria. O trabalho não emporcalha. Nunca digas dum operário que vem do trabalho: «Está porco». Diz antes: «Tem no seu fato os sinais e os indícios do

seu ofício». Recorda-te bem disto. Eu quero bem ao pedreirito não só porque é teu companheiro, mas porque é filho dum operário.

Teu pai

Uma bola de neve

Sexta-feira, 16

Continua a nevar, a nevar sempre. Houve um acontecimento desagradável esta manhã, por causa da neve, ao sair da escola. Um bando de rapazes que apenas desembocaram no *Côrso,* principiaram a atirar bolas com aquela neve aqúosa que as faz consistentes e pesadas como pedra. Havia muita gente pelos passeios. Um sujeito gritou:

— Alto lá, garotos!

E justamente nessa ocasião ouviu-se um grito agudo do outro lado da rua, e viu-se cambalear um velho a quem caíra o chapéu, cobrindo o rosto com as mãos, e ao lado dêle um rapaz que gritava:

— Socorro! Socorro!

Correu gente de todos os lados. O velho tinha sido ferido com uma bola num ôlho. Todos os rapazes dispersaram, fugindo como setas. Eu estava defronte da livraria, onde tinha entrado meu pai, e vi chegar a correr muitos dos meus companheiros que se misturavam com os outros ao pé de mim, fingindo olhar muito sossegados para as montras. Estava Garrone com o seu costumado pão na algibeira. Coretti, o pedreirito, e Garroffi, o das estampilhas. No entanto tinha-se aglomerado povo em volta do velho, e alguns polícias corriam duma parte para a outra, ameaçando e preguntando:

— Que é isto? Quem foi? Foste tu? diz quem foi!

E olhavam para as mãos dos rapazitos a ver se estavam molhadas de neve. Garroffi estava ao meu lado e notei que tremia todo e se tornara pálido como um morto.

— O que foi? quem foi? — continuava a gritar a gente:

Nisto ouvi Garrone que disse baixo a Garrofi:

— Anda, apresenta-te; seria velhacaria consentir que outro agüente com as culpas.

—Mas é que eu não fiz por querer, respondeu Garoffi tremendo como varas verdes.

— Não importa, faz o teu dever, repetiu Garrone.

—Mas... eu não tenho coragem...

—Qual não tens coragem?! eu acompanho-te.

E o guarda e todos os outros continuavam gritando:

—Quem foi? Quem foi? Fizeram-lhe entrar um vidro dos óculos pelo ôlho dentro! Cegaram-o! Tratantes!

Eu cuidei que Garroffi desmaiava.

—Vem daí, — disse-lhe resolutamente Garrone; eu defendo-te.

E agarrando-o por um braço, deu-lhe um empurrão para diante, amparando-o ao mesmo tempo como a um doente. O povo viu e percebeu tudo, e alguns correram sôbre êle com os punhos levantados. Mas Garrone, pôs-se no meio, gritando:

— Que quere isto dizer? Dez homens contra um rapaz!

Êles então contiveram-se, e um guarda civil agarrou Garoffi por uma mão e abrindo o caminho por entre o povo conduziu-o a uma loja de massas, onde se tinha recolhido o ferido. Reconheci logo no velho o empregado que mora no quarto andar da nossa casa, com um sobrinho. Estava sentado numa cadeira, com o lenço sôbre os olhos.

— Não foi por querer, — dizia soluçando Garoffi, meio morto de susto... — Não foi por querer...

Duas ou três pessoas empurraram-no violentamente para dentro da loja, gritando:

— De joelhos! pede perdão!

E deitaram por terra o pobre Garoffi. Imediatamente, dois braços vigorosos o ergueram, e alguém com voz resoluta, disse:

— Não, senhores! — Era o nosso director que tinha visto tudo. — Já que teve a coragem de apresentar-se, ninguém tem o direito de humilhá-lo.

Todos ficaram silenciosos!

— Pede perdão! — disse o director a Garoffi.

Garoffi, num pranto copioso, abraçou os joelhos do

velho, e êste, procurando com as mãos a sua cabeça afagou-lhe os cabelos. Então disseram todos:

— Vai, rapaz... vai para casa.

E meu pai retirou-me dentre a multidão e disse-me pelo caminho: — Henrique, tu, em caso semelhante, terias a coragem de cumprir o teu dever, e de ir confessar a tua culpa? — Respondi-lhe que sim. E êle acrescentou:

— Dá-me a tua palavra de honra que o farias...

— Dou-lhe a minha palavra, meu pai.

As mestras

Sábado, 17

Garoffi estava todo assustado hoje, esperando uma grande repreensão do professor, mas êste não compareceu; e falando também o suplente, veio dar aula a senhora Cromi, a mais velha das mestras, que tem dois filhos já grandes, e já ensinou a ler e a escrever muitas senhoras que vem agora acompanhar os filhos à *Secção Baretti*. Estava hoje triste, porque tem um filho doente. Apenas a viram, principiaram a fazer grande algazarra: porém ela, com voz pausada e tranqüila, disse:

— Respeitai os meus cabelos brancos: não sou só uma antiga mestra, sou também uma mãi.

E nenhum mais se atreveu a abrir a bôca, nem mesmo Franti, aquela cara de estanho, que se contentou em arremedá-la às escondidas. Para a classe de Cromi, foi mandada a Delcati, mestra de meu irmão, e para o lugar da Delcati foi aquela a que chamam a *Freirinha*, por andar sempre vestida de escuro, com um avental preto. Tem um rosto alvo e pequeno, os cabelos sempre lisos, e os olhos muito claros, e uma voz subtil que parece estar sempre a murmurar orações.

— Custa a compreender, diz minha mãi, como sendo ela tão branda e tímida, com aquele fio de voz sempre igual, que mal se sente, que não grita nem se encoleriza, consiga, a-pesar disso, ter os pequenos tão sossegados que ninguém os ouve. Até os mais travessos abaixam a

cabeça ao mais ligeiro aceno que ela faça com o dedo. Parece uma igreja a sua escola, e por isso também, lhe chamam a *Freirinha.*

Há ainda outra mestra que me agrada muito. É a da *primeira inferior,* n.º 3, aquela môça ainda, com o rosto rosado, que tem duas covinhas nas faces, e trás uma grande pena vermelha no chapelinho, e uma cruz de vidro amarelo pendente no pescoço. Está sempre alegre. Tem a classe alegre. Sorri sempre, grita sempre, com a sua voz argentina que parece cantar, tocando com a varinha em cima da mesa, batendo com as mãos para impor silêncio; depois, à saída, corre como uma criança atrás de uns e outros, para metê-los em fileira, a êste levanta a gola da jaquêta, àquele abotôa o capote para que se não constipe. Segue-os até à rua para que não vão desgrenhados, pede aos pais que os não castiguem em casa, dá pastilhas aos que têm tosse, empresta o seu regalo aos que se queixam de frio, é atormentada de contínuo pelos mais pequenitos que lhe fazem muitas festas e lhe pedem beijos, puxando-lhe pelo véu e pela mantilha. E ela deixa fazer tudo, e beija-os a todos, rindo, e vai sempre para casa esguedelhada, com o vestido amarrotado, fatigada e contente, com as suas graciosas covinhas nas faces e a sua pena vermelha. É também mestra de desenho das meninas e mantém com seu trabalho a mãi e um irmão.

Em casa do ferido

Domingo, 18

Está com a mestra de pena vermelha o sobrinho do velho empregado que foi ferido no ôlho pela bola de neve de Garoffi. Vimo-lo hoje em casa de seu tio que o estima como filho. Eu tinha acabado de escrever o conto mensal para a próxima semana: *O pequeno escrevente florentino,* que o mestre me deu para copiar, e o pai disse-me:

— Vamos lá acima ao quarto andar ver como está do ôlho o nosso vizinho.

Entrámos num quarto, quási escuro, onde estava o velho na cama, sentado, com muitas almofadas por trás das costas; à cabeceira sentava-se a sua mulher e a um canto estava brincando o sobrinho. O velho tinha o ôlho vendado. Ficou muito satisfeito por ver meu pai; mandou-nos sentar, e disse que se sentia melhor, que o ôlho não estava perdido, e que brevemente estaria curado.

— Foi uma desgraça! e lamento o susto que devia ter tido aquele pobre rapaz... disse êle.

Depois falou-nos do médico, que não devia tardar para fazer o curativo. Neste momento tocaram à campaínha. — Há-de ser o médico, disse a senhora... Abre-se a porta, e que vejo eu? Garoffi com o seu capote comprido, sem ter coragem de entrar.

— Quem é? preguntou o doente.

— É o rapaz que atirou com a bola, disse meu pai. E o velho exclamou:

Oh! pobre rapaz! entra. Então vens visitar o ferido, não é verdade? Vai melhor, fica sossegado, vai melhor! estou quási bom... Entra, vem cá!

Garoffi, confuso, que nem os via, aproximou-se do leito, esforçando-se para não chorar; e o velho começou a acariciá-lo, mas êle não podia falar.

— Muito obrigado, disse o velho. Diz a teu pai e a tua mãi que tudo vai indo bem, que não tenham cuidado.

Mas Garoffi não se movia, percebia-se porém, que tinha vontade de dizer alguma coisa, mas não ousava.

— Que tens a dizer? que queres tu?

— Eu, nada.

— Bem, então adeus, até à vista; vai e leva o coração sossegado.

Garoffi foi até à porta; mas aí parou, voltando-se depois para o sobrinho que o seguia e olhava com curiosidade. De repente, tira debaixo do capote um objecto, e mete-o nas mãos do pequeno, dizendo-lhe:

— É para ti.

E desapareceu como um relâmpago. O pequeno levou o objecto ao tio. Tinha escrito em cima: *Faço-te presente disto.* Vai-se a ver... Geral exclamação de espanto. Era o famoso album com a colecção de estampilhas que o pobre Garoffi tinha trazido, a colecção em que êle falava sempre, e que lhe custara tantas fadigas; era o seu tesouro, pobre rapaz! Era metade do seu sangue que êle dava em troca do seu perdão.

(CONTO MENSAL)

Cursava a *quarta elementar.* Era um gracioso florentino de doze anos, negro de cabelos e alvo de rosto; filho mais velho de um empregado dos caminhos de ferro, que tendo muita família e pequeno ordenado vivia modestamente. O pai estimava-o muito, e era bom e indulgente

com êle em tudo, menos no que se referia à escola. Nisto exigia muito porque era preciso que o filho se colocasse em posição de obter breve um emprêgo para ajudar a família; e para tornar-se de pronto hábil em qualquer coisa, era necessário fatigar-se muito em pouco tempo. E por muito que o rapaz estudasse, o pai exortava-o sempre a estudar mais. Era já adiantado em anos o pai, e o muito trabalho tinha-o envelhecido antes de tempo. Não obstante, para prover às necessidade da família, além das horas obrigadas pelo emprêgo, tomava ainda, aqui e ali, trabalhos extraordinários de copista, e passava uma grande parte da noite à escrevaninha. Ùltimamente conseguira de uma casa editora, que publicava jornais e livros em fascículos, o encarregar-se de escrever nas cintas o nome e morada dos assinantes, e ganhava 3 liras por cada quinhentas daquelas tiras de papel escritas em caractéres grandes e legíveis. Êsse trabalho, porém, extenuava-o e êle lamentava-se muitas vezes à família na hora do jantar.

— Os meus olhos desaparecem. Êste trabalho de noite arruina-me...

O filho disse-lhe um dia:

— Papá, deixe-me fazer o seu trabalho; bem sabe que escrevo tal qual como o papá.

Mas o pai respondeu-lhe:

— Não, meu filho, tu deves estudar; a tua escola é muito mais importante do que as minhas tiras de papel. Sentiria remorsos se te roubasse uma hora que fôsse. Agradeço-te, mas não quero, e não falemos mais nisso.

O rapaz sabia que com seu pai em matéria de estudo, era inútil insistir, e não insistiu... mas fez o seguinte: Sabia que o pai à meia-noite acabava de escrever e saía do quarto de trabalho para o quarto de dormir. Algumas vezes o sentira. Dadas as doze pancados do relógio, percebia-se imediatamente o rumor de uma cadeira que se arrastava e o passo vagaroso do pai. Uma noite esperou que êle se deitasse; vestiu-se de vagar, andou às apalpadelas no quarto de trabalho, reacendeu o candeeiro de petróleo, sentou-se à escrevaninha, onde havia um montão de cintas em branco e a nota dos enderêços, e principiou a escrever, imitando exactamente a letra das tiras feitas. E

escrevia de boa vontade e contente, mas um pouco assustado; mas as tiras iam-se amontoando. De vez em quando pousava a pena para esfregar as mãos, e recomeçava logo com mais prazer, apurando o ouvido e sorrindo. Escreveu cento e sessenta nomes com as respectivas moradas. — Bem, uma lira! Então acabou; pôs a pena onde a tinha encontrado, apagou a luz e voltou para a cama nos bicos dos pés.

Naquele dia, ao meio-dia, o pai sentou-se à mesa de bom humor. Não tinha desconfiado de coisa alguma. Fazia aquele trabalho mecanicamente medindo-o às horas e pensando noutras coisas e não contava as cintas escritas senão no dia seguinte. Assentou-se à mesa satisfeito e tocando com a mão no ombro do filho, disse-lhe:

— Ah, Júlio! É ainda um bom trabalhador o teu pai, nem tu fazes ideia! Em duas horas fiz ontem à noite um bom terço mais de trabalho do que o costume. A mão está ágil, e os olhos cumprem ainda o seu dever.

E Júlio, contente, mudo, dizia consigo: Pobre pai, além do ganho, ainda lhe dou o prazer de julgar-se rejuvenescido. Bem! Coragem! Animado pelo bom resultado, na noite seguinte, dada a meia-noite, pôs-se a pé e foi trabalhar. E assim fez por muitas noites. O pai não dava por tal. Sòmente uma vez, à ceia, saiu-se com esta: — É notável, o petróleo que se gasta nesta casa, há um pouco de tempo! Júlio estremeceu; mas o discurso acabou ali e o trabalho nocturno ia continuando sempre. O pior foi que, interrompendo assim o sono tôdas as noites, Júlio não dormia bastante; de manhã levantava-se fatigado, e à noite, quando estudava, custava-lhe sustentar os olhos abertos. Uma noite, pela primeira vez na sua vida, adormeceu sôbre o caderno! — Ânimo! ânimo!... Êle acordou estremunhado e continuou a estudar. Mas nas noites e dias seguintes era a mesma coisa, ou pior ainda... Cabeceava sôbre os livros, levantava-se mais tarde do que o costume, estudava a lição com enfado e parecia desviado do estudo. O pai principiou a observá-lo, a preocupar-se com êle, e finalmente a admoestá-lo.

— Júlio! disse-lhe uma manhã — tu andas fora do trilho; não és o que fôste. Isso assim não me agrada... Ou-

ve... tôdas as esperancas da família se fundam em ti. Eu estou desgostoso, entendes?

Com esta censura, a primeira verdadeiramente séria que recebia, o rapaz perturbou-se. — Ah! sim!... pensou êle consigo. Dêste modo com efeito não se pode continuar! É necessário que tudo se esclareça... Mas, à tarde, naquele mesmo dia, ao jantar, disse o pai alegremente:

— Então sabem que neste mês ganhei mais trinta e duas liras a sobrescritar do que no mês passado?

E dizendo isto tirou debaixo da mesa um cartucho de bôlos que tinha comprado para festejar com seus filhos o ganho extraordinário. E todos aplaudiram batendo as mãos. Júlio, vendo isto, cobrou o ânimo, e em seu coração disse: Não, pobre papá, não deixarei de enganar-te; farei maiores esforcos para estudar durante o dia, mas continuarei a trabalhar de noite para ti, e para todos nós.

O pai acrescentou ainda: — trinta e duas liras a mais! estou contente. Mas é aquele, lá... (e indicou Júlio) quem me desgosta.

E Júlio recebeu a censura em silêncio, sustendo duas lágrimas prestes a rebentar, mas sentindo ao mesmo tempo na sua alma um prazer imenso. E prosseguiu corajosamente. Mas a fadiga acumulando-se à fadiga cada vez mais difícil lhe tornava a resistência. As coisas duravam assim havia dois meses! O pai continuava a increpar o filho, e a encará-lo sempre de sobrolho carregado. Um dia foi pedir informacões ao mestre, e o mestre disse-lhe: — Sim, vai indo, vai indo, porque é inteligente; mas já não tem a bôa vontade que tinha a princípio. Cabeceia, boceja, distrai-se. Faz as composicões curtas, a correr, e em péssima caligrafia. Oh! podia fazer mais, muito mais.

Naquela tarde o pai chamou o rapaz àparte e disse-lhe palavras de severidade como êle nunca até então ouvira.

Júlio! tu não vês que eu trabalho, que consumo a vida pela família?... Tu não me auxilias. Tu não tens coração para mim, nem para teus irmãos, nem para tua mãi!

— Ah! não, isso não, meu pai!... exclamou o filho

em copioso pranto. E ia a abrir a bôca para dizer tudo, quando o pai o interrompeu dizendo:

— Tu bem conheces a nossa posição, bem sabes que é preciso muita fôrça de vontade e sacrifícios da parte de todos. Eu próprio, sabes, terei de redobrar os meus esforços, porque contava êste mês com uma gratificação de cem liras do caminho de ferro, e soube esta manhã que me não dão nada.

Aquelas palavras sufocaram em Júlio a confissão que ia partir-lhe a alma, e de si para si dizia: — Não meu pai, não te direi nada. Guardarei o meu segrêdo e continuarei a trabalhar para ti. Da dôr que sofres, e de que sou causa, eu te compensarei de outro modo. Na escola estudarei quanto baste para ser promovido. O que eu quero é ajudar-te a ganhar a vida e a diminuir-te a fadiga que te mata.

E continuou sempre, e passaram-se outros dois meses de trabalho de noite, de cansaço de dia, de esforços desesperados do filho e de repreensões amargas do pai. O pior era que êste se irritava cada vez mais com êle, falava-lhe raramente, como se fôsse um filho indigno, de quem não houvesse mais nada a esperar; e fugia quási de encontrar os seus olhos com os dêle. Júlio compreendia-o bem, e sofria; e quando o pai voltava costas atirava-lhe furtivamente um beijo, e inclinava o rosto com uma ternura piedosa e triste. Com o trabalho excessivo e o pesar constante, ia perdendo as côres, emagrecendo cada vez mais, lutando com a necessidade de descurar os seus estudos. Percebia bem que isto havia de acabar um dia, e tôdas as tardes dizia consigo: — Já esta noite me não levantarei! Mas ao soarem as dôze badaladas, no momento em que devia mais vigorosamente permanecer no seu propósito, sentia como que um remorso, e parecia que se ficasse na cama faltava a um dever e roubava uma lira a seu pai e à sua família. Então, levantava-se, pensando que, qualquer dia, o pai, despertando, o surpreenderia no trabalho, ou que poderia vir a conhecer o engano, se por acaso lhe desse para contar as cintas: e então tudo se explicaria, naturalmente sem um acto da sua vontade, que êle se não sentia com coragem de exercer. E assim continuava...

Mas, uma tarde, ao jantar, o pai, pronunciou uma palavra que foi decisiva para êle. A mãi encarou-o, e parecendo--lhe vê-lo mais fraco e amortecido do que o costume, disse-lhe:

— Júlio! tu estás doente! e voltando-se para o pai acrescentou... Júlio, está doente... Vê como está pálido! Meu Júlio, que tens?

O pai olhou-o de relance e disse:

— É a má consciência que faz a má saúde. Não estava assim, quando era um escolar estudioso e um filho de coração.

— Mas êle está mal! exclamou a mãi.

— Não me importo nada com isso — concluiu o pai.

Aquelas palavras foram facadas no coração do rapaz. Ah! não se importava com êle... seu pai, que antes tremia, só de ouvi-lo tossir, já não o amava, e portanto não havia mais dúvida que morrera para o seu coração! — Oh! não, meu pai — pensou êle, com o coração angustiosamente oprimido — isto asim não pode continuar. Eu não posso viver sem o teu afecto, quero readquiri-lo todo inteiro; dir-te-ei tudo, não te iludirei mais, estudarei como dantes, aconteça o que acontecer, com tanto que tu... meu pobre papá, continues a querer-me bem. Oh! desta vez, estou bem seguro da minha resolução! — E contudo ainda aquela noite se levantou, mais por fôrça de hábito do que por outra coisa... Depois teve desejo, uma vez ainda, de tornar a entrar por alguns minutos naquele quarto onde tanto tinha trabalhado, às escondidas, com o coração cheio de satisfação e de ternura. E quando se viu perto da escrevaninha, com o candiero aceso, e viu aquelas tiras em branco, sôbre as quais só se escreviam nomes de cidades e de pessoas, nomes que já sabia de cór, foi invadido de uma grande tristeza; e num momento rápido e nervoso pegou na pena para principiar o costumado trabalho. Mas, ao estender a mão, deu com o braço num livro e o livro caíu... Teve um sobressalto. Se o pai acordasse! É certo que o não surpreenderia a praticar uma acção má... De mais já tinha resolvido dizer-lhe tudo... mas... o sentir aquele pêso naquela obscuridade, ser surprendido àquela hora, naquêle silêncio... Sua mãi despertaria também as-

sustada. E pensar que seu pai poderia, pela primeira vez, sentir-se humilhado na sua presença descobrindo tudo... Esta ideia quási o aterrava. Apurou o ouvido com a respiração suspensa... não se sentiu rumôr. Escutou à fechadura da porta que lhe ficava por trás das costas... e nada. Todos em casa dormiam... O pai não ouvira coisa alguma... Tranqüilizou-se e recomeçou a escrever... E as cintas iam-se amontoando sôbre as cintas... Na rua deserta sentiu o passo cadenciado do guarda civil, depois o rodar de um carro que parou de repente; seguiu-se o estrépido de uma fila de carros que passavam vagarosamente; mais tarde, um silêncio profundo, interrompido de quando em quando pelos latidos de um cão... E escrevia... escrevia sempre... E, no entanto, o pai estava por detrás dêle. Levantára-se ao ouvir o livro caír, e esperava a ocasião oportuna. O estrépido dos carros tinham abafado o rumor dos seus passos, e o frouxo chiar das dobradiças da porta, e estava ali, com a sua cabeça branca, sôbre a cabecinha negra de Júlio; vira correr a pena sôbre as cintas; e num momento tinha adivinhado tudo, compreendera tudo, recordara tudo; e um arrependimento súbito, uma ternura imensa lhe invadira a alma, e retinha-o sufocado ali por detrás do filho. De repente, Júlio solta um grito agudo!... Dois braços convulsos o estreitavam fortemente.

— Oh! pai, pai, perdôe-me! gritou reconhecendo que o pai chorava.

Perdôa-me tu, filho— respondeu o pai soluçando, e cobrindo-lhe a fronte de beijos. Compreendo agora... sei tudo, e sou eu que te imploro perdão, santa criatura minha. Vem, vem comigo.

E impeliu-o ou antes levou-o ao leito de sua mãi já acordada, e deitou-lho entre os braços dizendo:

— Beija, beija êste filho querido, que há três meses não dorme trabalhando por mim, e eu a torturar-lhe a alma, a êle, que nos ganhava o pão!

A mãi apertou-o afectuosamente ao peito, sem poder desprender a voz; depois disse:

— Vai dormir, meu querido filho, vai, vai dormir, e descansar! Leva-o tu à cama.

O pai tomou-o nos braços e conduziu-o ao quarto, deitou-o no leito, comovido, e acarinhando-o, aconchegou-lhe as almofadas e endireitou-lhe a coberta.

— Muito obrigado, papá — dizia o filho — muito obrigado! Mas vá deitar-se... eu estou muito bem: vá, vá deitar-se, papá.

Mas o pai queria vê-lo adormecido, sentou-se à cabeceira da cama, tomou-lhe a mão, e disse-lhe:

— Dorme, dorme, meu filho!

E Júlio, cansado, adormeceu finalmente, e dormiu muitas horas, gozando, pela primeira vez depois de alguns meses, de um sono tranqüilo, afagado de sonhos ridentes; e quando abriu os olhos já o sol brilhava há muito, e sentiu primeiro e viu depois, junto ao peito, apoiada na beira da cama a cabeça branca do pai, que tinha passado a noite ali, ao lado dêle; e dormia ainda com a testa sôbre o coração.

A vontade

Quarta-feira, 28

Só Stardi na minha *classe* é que seria capaz de fazer o que fez o pequeno Florentino. Esta manhã houve dois acontecimentos na escola: Garrotti, doido de contente, porque lhe tornaram a dar o seu álbum aumentado com três estampilhas da república de Guatemala, que êle procurava havia três meses; e Stardi, que teve a segunda medalha. Stardi, primeiro da classe, depois de Derossi! Todos ficaram maravilhados! Quem havia de dizer em Outubro, quando o pai o conduziu à escola, embiocado naquele capotão verde, e disse ao mestre, ali, à vista de todos: — E necessário que tenha muita paciência porque êle é muito duro da cachimónia! Todos lhe chamavam testa de martelo, no princípio.

Mas êle dizia: — Ou eu arrebento ou há-de saír daqui alguma coisa! — E pôs-se obstinadamente a estudar de dia, de noite, em casa, na escola; com os dentes cerrados, com os punhos fechados, paciente como um boi, teimoso como um jumento, e assim, à fôrça de remoer, desdenhando zombarias, atirando pontapés aos perturbadores, passou adiante de todos, aquele cabeçudo! Não percebia uma de X de aritmética, enchia de disparates a composição, não conseguia decorar um período; e agora, resolve os problemas, escreve correctamente, e canta como se fôra uma ária! Adivinha-se-lhe a vontade de ferro, ao ver como é feito, assim baixo, com a cabeça quadrada, sem pescôço, com as mãos curtas e grossas e com aquela voz forte e áspera. Estuda até em pedaços de jornais, em avisos de teatros; e sempre que pode juntar dez sôldos compra um livro; já tem feita uma pequena biblioteca; e num momento de bom humor, deixou perceber, há dias que me há-de levar lá a casa a mostrar-ma. Não fala com ninguém, não brinca com ninguém; está sempre ali, à banca com os punhos arrimados às frontes, firme como um poste, a ouvir o mestre. Quanto se deve ter afadigado, pobre Stardi!

O mestre disse esta manhã, apesar de estar impertinente e de mau humor, quando lhe deu as medalhas:

— Bravo, Stardi! quem porfia, vence .

Mas êle não se mostrou orgulhoso; não se riu e, apenas voltou para o banco com a medalha, tornou a encaixar as fontes nos punhos, e ficou ainda mais imóvel e mais atento que dantes. Mas o bom, foi à saída, onde o esperava o pai, um sangrador, gordo e baixo como êle, com um carão enorme e uma voz imensa. Não esperava aquela medalha, e não queria acreditar que o filho a obtivesse. Foi necessário que o mestre lhe dissesse que era verdade; e pôs-se então a rir de prazer, e deu uma palmada na nuca do filho, dizendo forte:

— Ora viva. senhor! muito bem, meu cabeça de côco.

E olhava para êle estupefacto e sorrindo. E todos nós, em volta sorríamos, exceptuando Stardi... Êste ruminava a lição de àmanhã.

Gratidão

Sábado, 13

O teu companheiro Stardi não se queixará mais do mestre, estou certo disso. O mestre estava de mau humor e impaciente, assim o disseste tu, em tom de ressentimento. Pensa quantas vezes tu dás também mostras de impaciência, e a quem? e teu pai e a tua mãi, aqueles para quem a tua impaciência é um delito. Razão tem o teu mestre para ser algumas vezes impaciente! Pensa no número de anos que êle se afadiga pelos rapazes; e se entre êles encontrou muitos, afectuosos e corteses, encontrou também muitíssimos ingratos, que abusaram da sua bondade, e desconheceram os seus esforços; e a verdade é que, em geral, vós lhes dais mais amarguras que prazeres. Pensa que o mais santo homem da terra no seu lugar, se deixaria vencer algumas vezes da cólera. E se soubesses quantos dias êle vai dar lição doente, e vai porque a doença não é tão grave que possa dispensá-lo da sua obrigação! É impaciente porque sofre, e é um grande pesar para êle o ver que vós, conhecendo o seu estado abusais.

Respeita e ama o teu mestre, filho. Ama-o porque teu pai o ama e respeita; ama-o porque êle consagra a vida ao bem de tantos rapazes que o esquecem; ama-o enfim, porque um dia quando fôres homem, e quando nem eu nem êle formos dêste mundo, a sua imagem se te apresentará muitas vezes à memória, ao lado da minha; e então te recordarás da expressão de dôr e de cansaço daquela bôa fisionomia de homem probo, expressão que mal compreendes agora, mas, trinta anos decorridos, sentirás pena e vergonha de o não haveres estimado como êle merecia e de te teres portado mal com êle. Ama o teu mestre, porque pertence àquela grande família de cinqüenta mil professores elementares, espalhados por tôda a Itália, que são como os pais intelectuais de milhões de rapazes que vencem contigo, trabalhadores mal compreendidos e mal recompensados, que preparam ao nosso país uma geração melhor do que a presente. Eu não me satisfaço com o afecto que tens por mim, se o não tens para todos aqueles que te fazem bem, e entre êstes o primeiro é o teu mestre, e depois os teus parentes. Ama-o como amarias um meu irmão; ama-o quando te acaricia, e quando te repreende, quando é justo, e quando te parece que é injusto; ama-o quando é alegre e afável, e ama-o mais ainda quando o vires triste. Ama-o sempre, e pronuncia sempre com reverência êste nome — mestre — que depois do de pai, é o mais nobre e o mais doce nome que pode dar um homem a outro homem.

Teu Pai

JANEIRO

O mestre suplente

Quarta-feira, 4

Meu pai tinha razão; o mestre estava de mau humor porque não se sentia bem, e há três dias, com efeito, que vem substituí-lo o suplente, aquele pequeno sem barba e que parece um *senhorito*. Deu-se com êle, esta manhã, um facto desairoso. Já no primeiro dia e no segundo dia

tinham os rapazes feito chacota da escola, porque o suplente tem uma paciência de santo, e não faz senão dizer: — Peço-lhes que estejam calados! por favor estejam calados! — Mas esta manhã passou das marcas. Faziam tal algazarra que não se ouvia nada! e êle admoestava, pedia, mas era tempo perdido. Duas vezes o director apareceu à porta, observando; mas apenas o sussurro crescia como em um mercado. Bem se voltavam Garrone e Derossi a fazer acenos aos companheiros, que estivessem sossegados, que aquilo era uma vergonha. Nenhum fazia caso. Só

Stardi era o único que estava silencioso, com os cotovelos fincados na banca e os punhos encostados às fontes, pensando talvez na sua famosa livraria... e Garoffi, o nariz de gancho, o das estampilhas, que estava todo ocupado a fazer a lista dos subscritores a dois cêntimos para a rifa de um tinteiro de algibeira. Os outros tagarelavam, riam, tocavam em pontas de penas espetadas nos bancos, e atiravam bolinhas de papel com elásticos das ligas. O suplente agarrava por um braço, ora a um, ora a outro, sacudia-os, e pôs um contra a parêde. Tempo perdido! Nem êle sabia já com que santo se apegasse, e dizia com brandura:

— Mas para que procedeis dêste modo? Quereis encolerizar-me por fôrça?

Depois dava murros na mesa, e gritava com voz de raiva e de chôro:

— Silêncio! Silêncio! Silêncio!

Fazia pena vê-lo; e o rumor crescia sempre. Franti atirou-lhe uma flecha de papel, outros miavam de gato e muitos davam piparotes; enfim, era uma inferneira de não poder descrever-se. Nisto entrou o contínuo, e disse-lhe:

— Senhor professor, o senhor director chama-o.

O mestre levantou-se, e saíu à pressa, como um desesperado. Então a algazarra recomeçou ainda mais forte. Mas, de repente Garrone levanta-se com o rosto descomposto e os punhos cerrados, e com a voz rouca de cólera exclama:

— Basta, estúpidos! abusais, porque êle é bom. Se vos desancasse os ossos, estarieis aí humildes como cãis! Sois um bando de poltrões! O primeiro que lhe fizer o mais leve insulto, espero-o lá fora e quebro-lhe os queixos. Juro-vos que o faço, ainda que seja à vista dos vossos pais!

Todos se calaram. Ah! como era belo ver Garrone, com os olhos que expeliam chamas! Parecia um leãozinho furioso. Olhou a um por um, para os mais atrevidos, e todos abaixaram a cabeça. Quando o suplente entrou, com os olhos vermelhos não se ouviu nem mais um respiro. Ficou atónito, mas reparando em Garrone que ainda estava incendido e trémulo, compreendeu o que se passara e disse-lhe com entonação de grande afecto:

— Muito obrigado, Garrone.

A livraria de Stardi

Fui a casa de Stardi, que mora numa casa em frente à escola, e tive realmente inveja da sua livraria. Não é rico, não pode comprar muitos volumes, mas conserva com extremo cuidado o seus livros de escola, e todos os

escudos que lhe dão põe-nos de parte, e gasta-os com o livreiro. Deste modo havia arranjado já uma pequena biblioteca; e quando o pai conheceu que êle tinha aquela paixão, comprou-lhe uma bela estante de nogueira, com cortinas verdes, e mandou-lhe encadernar os livros todos com as cores que mais lhe agradavam. Assim êle agora puxa por um cordãozinho, e a cortina verde corre, e deixa ver três filas de livros de tôdas as côres, e todos em ordem, luxuosos, com títulos dourados nas lombadas, livros de contos, de viagens e de poesias, e também os tem ilustrados. E êle sabe combinar bem as côres: põe os volumes brancos ao lado dos vermelhos; os amarelos ao lado dos pretos; os azuis ao lado dos brancos, de maneira que se vejam de longe e façam boa figura: e depois diverte-se a variar as combinações. Tem já o seu catálogo como se fôsse um bibliotecário. Está sempre junto dos livros, a espaná-los, e a folheá-los e a examinar as encadernações. É curioso ver o cuidado com que os abre, com aquelas mãos curtas e grossas, soprando entre as páginas. Todos os livros parecem novos. E eu, que tenho estragado todos os meus! Para êle, cada livro novo que compra é uma festa: alisa-o, põe-no na estante, torna-o a tirar para o observar de todos os lados; e afinal guarda-o como um tesouro. Não me mostrou outra coisa durante uma hora. E estava doente dos olhos, de tanto ler. Passando pela sala o pai, que é gordo e baixo como êle, com uma cabeçorra como a sua, deu-lhe duas ou três palmadas na nuca, dizendo-me com o seu enorme vozeirão:

— Então que me dizes a esta cabeça de bronze? É uma cabeça que há-de produzir alguma coisa, estou certo disso.

E Stardi cerrava os olhos debaixo daquelas rústicas carícias como um grande cão de caça. Eu não sei porquê, mas não me atrevo a chalacear com êle e não me parece que tenha um só ano mais do que eu. Quando à saída me disse: — Até à vista — com aquela cara que parece sempre amuada, pouco faltou que eu lhe não respondesse: — Às suas ordens! — como se fôsse a um homem. Eu depois disse em casa a meu pai:

— Não compreendo! Stardi não tem talento, não tem

maneiras finas; é uma figura quási caricata, e contudo domina-me.

E meu pai respondeu:

— É porque tem carácter.

Eu acrescentei:

Numa hora que estive com êle não pronunciou cinqüenta palavras, não me mostrou um só brinquedo, não se riu uma só vez, e a pesar disso estive satisfeito.

E meu pai disse:

— É porque o estimas.

O filho do ferreiro

Sim, mas também estimo Precossi, e é muito pouco dizer só que o estimo. Precossi, o filho do ferreiro, aquele pequenino macilento, de olhos bons e tristes, de ar espantado, tão tímido que diz a todos: — Desculpe-me. — Sempre adoentado! é que estuda muito. O pai entra em casa embriagado com aguardente, bate-lhe sem razão alguma; atira-lhe pelos ares, com repelões, os livros e os cadernos; e êle vem para a escola com manchas no rôsto e algumas vezes com as faces inchadas, e os olhos inflamados de muito chorar: mas ninguém lhe pode dizer que levou pancadas do pai.

— Foi teu pai que te bateu... — dizem-lhe os companheiros. E êle, logo:

— Não é verdade, não é verdade! — para que não façam mau juízo do pai.

— Esta fôlha não a queimaste tu — disse-lhe uma vez o mestre, mostrando-lhe um trabalho meio queimado.

— Sim, senhor, respondeu êle com voz trémula; fui eu que a deixei caír ao lume.

E contudo nós sabíamos bem que fôra o pai embriagado que, com um pontapé, tinha voltado a mesa com o candeeiro e tudo, quando êle estudava a lição. Mora numas águas-furtadas da nossa casa, para onde se vai pela outra escada; a porteira conta tudo a minha mãi. Minha irmã Silvia ouviu-o gritar do terraço um dia que o pai o

fez descer as escadas aos trambulhões, porque lhe pedira alguns escudos para comprar uma gramática. O pai bebe, não trabalha, e a família tem fome. Quantas vezes o pobre Precossi vem para a escola em jejum, e rói um bocado de pão que lhe dá Garrone às escondidas, ou uma maçã que lhe traz a mestra de quem êle foi discípulo. Mas nunca êle diz: — Tenho fome; meu pai não me dá de comer.

O pai vem algumas vezes buscá-lo, quando passa por acaso diante da escola, pálido, cambaleando, com uma cara carrancuda, os cabelos sôbre os olhos, e a carapuça do avesso; o pobre rapaz treme todo quando o vê na rua, mas corre-lhe ao encontro, sorrindo; e o pai parece que nem o vê, pensando noutra coisa. Pobre Precossi! Cose e recose os cadernos rotos, pede livros emprestados para estudar a lição; prende os punhos da camisa com alfinetes; e causa pena vê-lo fazer ginástica, com aqueles sapatos em que se pode nadar dentro, aquelas calças, a arrastar no chão, e aquela jaqueta muito comprida, arregaçada até aos cotovelos! E estuda, empenha-se; e seria um dos primeiros, se pudesse trabalhar em casa tranqüilo. Esta manhã veio para a escola com os sinais de uma unhada na face, e todos lhe disseram: — Foi teu pai quem te fez isso! Diz ao director que o faça chamar à polícia. Mas êle levantou-se todo córado, com a voz trémula de indignação, exclamando: — Não é verdade! não é verdade! meu pai não me bate nunca... — Mas depois durante a lição, caíam-lhe as lágrimas sôbre a mesa; e quando alguém olhava para êle, esforçava-se por sorrir, para não parecer que chorava. Pobre Precossi! Amanhã devem vir a minha casa Derossi Coretti e Nelli. Quero dizer-lhe que venha também; obrigá-lo-ei a merendar comigo, e hei-de fazer-lhe presente de livros e pôr em alvorôço a casa para diverti-lo, e encher-lhe as algibeiras de frutas para o ver uma vez contente. Pobre Precossi! que é tão bom e tem tanta coragem!...

Uma bela visita

Quinta-feira, 12

Foi esta uma das mais belas quintas-feiras do ano para mim. Às duas em ponto vieram a nossa casa Derossi, Coretti, com Nelli, o corcundinha. Precossi não veio, porque o pai não deixou. Derossi e Coretti riam ainda, porque tinham encontrado na rua, Crossi, o filho da vendedeira de hortaliças, aquele do braço paralítico e dos cabelos ruivos, que andava a vender uma enorme couve para com o produto dela comprar uma pena; e estava todo contente porque o pai tinha escrito da América que o esperassem breve. Oh! que belas duas horas passámos juntos! São os dois mais alegres da classe Derossi e Coretti; meu pai gostou muito dêles. Coretti tinha a sua camisola côr de chocolate e o barrete de pele de gato. É um diabo que sempre quere fazer alguma coisa, mexer, agitar-se. Já trouxera sôbre os ombros uma carrada de lenha, de manhã cêdo, e apesar disso, andou aos saltos por por tôda a casa, observando tudo e falando sempre vivo e lesto como um rato; e passando pela cozinha preguntou à cozinheira por quanto pagava o feixe de lenha, que o pai vendia a quarenta e cinco centavos. Fala sempre do pai, de quando foi soldado do regimento 49, na batalha de Custoza, onde se achou no quadrado do príncipe Humberto; e é muito delicado de maneiras. Que importa que tenha crescido entre lenha, se tem a nobreza no sangue e no coração, como diz meu pai! E Derossi divertiu-nos muito: sabe geogragia como um mestre. Fechava os olhos e dizia: — estou vendo tôda a Itália: os Apeninos, que se alongam até ao mar Jónio; os rios que correm de cá e de lá; as cidades brancas: os golfos; as enseadas azuis; as ilhas verdes... E dizia os nomes certos, ràpidamente, como se os lêsse na carta; e ao vê-lo assim com aquela cabeça levantada, tôda cheia de anéis côr de ouro, os olhos cerrados, todo vestido de azul com botões dourados, direito e belo como uma estátua, todos estávamos admirados. Em uma hora êle tinha decorado quási três

páginas de uma oração que deve recitar depois de àmanhã pelo aniversário dos funerais de Vítor Manuel. E também Nelli olhava para êle, maravilhado e com afecto, torcendo as pontas do seu grande avental de paninho preto, sorrindo com aqueles olhos claros e melancólicos. Deu-me um grande prazer esta visita, e deixou-me alguma coisa, como centelhas, no espírito e no coração. E ainda me agradou, quando saíram, ver o pobre Nelli no meio dos outros dois, grandes e fortes, que o levavam a casa pelo braço, fazendo-o rir como nunca o tinha visto rir. Quando tornei a entrar na sala de jantar, notei que não estava lá o quadro que representava Rigoletto, o bobo corcunda... Tinha-o tirado meu pai para que Nelli não o visse.

Os funerais de Vítor Manuel

Janeiro, 17

Hoje, às duas horas, quando o mestre entrou na aula, chamou Derossi, que se foi colocar junto à mesa, em frente de nós, e começou a dizer com acentuação vibrante, levantando gradualmente a voz límpida, e animando-se-lhe comovidamente o rosto:

— Faz hoje quatro anos que neste dia e a esta hora chegava em frente do Panteão, em Roma, o carro fúnebre que conduzia o cadáver de Vítor Manuel II, primeiro rei da Itália, falecido depois de vinte e nove anos de reinado, durante os quais a grande pátria italiana, dividida em sete estados, oprimida por estrangeiros e tiranos, ressurgia em um Estado só, independente e livre; depois de um reinado de vinte e nove anos, que êle tornou ilustre e benéfico, com valor, lealdade, coragem nos perigos, prudência nos triunfos, e constância nas desventuras. Chegara o carro fúnebre depois de ter percorrido Roma debaixo de uma chuva de flores, entre o silêncio de uma multidão que correra de tôdas as partes da Itália, precedido de uma legião de generais e de um imenso concurso de ministros e de príncipes, seguido de um cortejo de

mutilados, de uma floresta de bandeiras, de convidados de trezentas cidades, de tudo que representa o poder e a glória de um povo, e para diante do templo augusto, onde o esperava o túmulo. Doze couraceiros levantaram o féretro do carro e nêsse momento a Itália dava o último adeus ao seu rei morto, ao seu velho rei que tanto a amara, o último adeus ao seu soldado, ao seu pai, aos vinte e nove anos mais abençoados e felizes da sua história! Foi um momento grande e solene! A vista e a alma de todos repartiam-se entre o féretro e as bandeiras denegridas de oitenta regimentos do exército italiano, empunhadas por oitenta oficiais enfileirados, pois que a Itália estava ali, naquelas oitenta insígnias, que recordavam os milhares de mortos, as torrentes de sangue, as nossas mais sagradas glórias, os nossos mais santos sacrifícios, as nossas mais tremendas dores. O féretro conduzido pelos couraceiros passára, e então inclinaram-se a um tempo, em respeitosa continência, tôdas as bandeiras dos novos regimentos, os velhos pendões laureados de Goito, de Pastrengo, de Santa Lucia, de Novara, da Crimea, de Palestro, de San Martino, de Castelfidardo. Oitenta véus negros roçaram o chão; cem medalhas tilintaram contra o ataúde... E aquele estrépito sonoro e confuso, que agitava o sangue de todos, era como o som de mil vozes humanas que dissessem unísonas: «Adeus, bom e excelente Rei! Rei leal! Tu viverás no coracão do teu povo enquanto o sol raiar sôbre a Itália». Depois ergueram-se as bandeiras altivamente para o céu, e o rei Vítor entrava na glória imortal do sepúlcro.

Franti expulso da escola

Sábado, 21

Um ùnicamente seria capaz de rir-se enquanto Derossi falava nos funerais do rei, e Franti riu-se. Eu detesto-o. É um perverso. Quando algum pai vem à escola fazer queixa dum filho, êle regosija-se; se alguém chora, êle ri-se. Treme diante de Garrone, mas bate no *pedreirito* porque é pequeno, e atormenta Crossi porque tem

o braço paralítico. Escarnece Precossi, que todos estimam, e zomba até de Robetti, daquele que anda de muletas por ter salvo uma criança. Provoca todos os que são mais fracos do que êle, e, quando bate, é uma fera. Há qualquer coisa de repelente naquela testa baixa, naqueles olhos maus, quási escondidos debaixo da viseira do seu gorro encarnado. Não teme coisa alguma, ri na cara do mestre, rouba quanto pode, nega com uma cara desavergonhada, e está sempre em briga com alguém; traz para a escola alfinetes para picar os vizinhos, arranca os botões do seu casaco e do dos outros e joga-os; e tem a carteira, cadernos, livros, tudo esfrangalhado, despedaçado e sujo; a régua cheia de dentes, a caneta meio comida, as unhas roídas, o fato cheio de gordura e de rasgões feitos em briga. Dizem que a mãi está doente por causa dos trabalhos que êle lhe dá, e que o pai já o expulsou de casa três vezes; a mãi vem de vez em quando pedir informações ao mestre, e volta sempre chorando. Êle odeia os companheiros, odeia o mestre. Êste finge algumas vezes que não vê as suas velhacadas, e êle ainda faz pior. Tentou levá-lo por boas maneiras e nada conseguiu. Disse-lhe então palavras muito duras, e êle cobriu a cara com as mãos, a fingir que chorava, e estava a rir-se! Foi suspenso da escola por três dias, e, quando voltou, vinha ainda mais insolente do que dantes. Derossi disse-lhe um dia: «Acaba de vez com isso; olha que o mestre já te atura de mais». E êle ameaçou-o de meter-lhe um prego na barriga. Mas finalmente esta manhã foi expulso como um cão. Enquanto o mestre dava a Garrone o rascunho do *Tamborzinho sardo*, o conto mensal de Janeiro, para copiar, atirou para o chão uma bomba, que rebentou fazendo um estrondo como uma descarga de fuzilaria. Tôda a aula estremeceu. O mestre pôs-se de pé, gritando:

— Franti; fora da escola!

Êle respondeu:

— Não fui eu... — mas ria-se.

O mestre repetiu:

— Já lá fora!

— Pois não saio daqui — replicou êle...

Nisto o mestre perdeu a cabeça, lançou-se a êle, agarrou-o por um braço, e arrancou-o do banco. E êle debatia-se e rangia os dentes; foi preciso arrastá-lo à viva fôrça. O mestre levou-o ao Director, e depois voltando só, sentou-se à mesa com a cabeça entre as mãos,

aflito com uma expressão de dôr e de fadiga, que fazia pena vê-lo.

— Há trinta anos que exerço o magistério... — exclamou tristemente, inclinando a cabeça. Ninguém respirava. As mãos tremiam-lhe de cólera, e a ruga que lhe atravessava horizontalmente a testa estava tão profunda que parecia uma ferida. Pobre mestre! Todos sofriam com êle. Derossi levantou-se então e disse:

— Senhor profesor, não se aflija. Nós somos muito seus amigos e temos-lhe muito respeito.

Ouvindo isto, pareceu ficar mais sossegado e disse:

— Continuemos a lição, meus amigos.

O tamborzinho sardo

(CONTO MENSAL)

No primeiro dia de batalha de Mustosa, em 24 de julho de 1848, uns sessenta soldados dum regimento do nosso exército, mandados a ocupar uma casa solitária sôbre uma encosta, foram inesperadamente assaltados por duas companhias de soldados austríacos, que, atacando-o com uma saraivada de balas, partindo de todos os lados, apenas lhes deram tempo de se refugiarem na casa e trancarem precipitadamente as portas, depois de terem deixado alguns feridos e mortos no campo. Fechadas as

entradas, os nossos correram furiosamente às janelas do rez-do-chão e do primeiro andar, e principiaram a fazer fogo vivíssimo sôbre os assaltantes, que iam avançando gradualmente em semicírculo e respondendo ao fogo vigorosamente. Comandavam os sessenta soldados italianos dois oficiais subalternos e um capitão, militar velho, alto, sêco e austéro, com os cabelos e o bigode brancos; e estava com êle um tamborzinho sardo, rapaz de pouco mais de 14 anos, que parecia não ter dôze, pequeno, de rosto trigueiro azeitonado, com dois olhinhos negros, profundos e cintilantes. O capitão dirigia de uma sala do primeiro andar a defesa com vozes de comando que pareciam

tiros de pistola, e não se percebia no seu rôsto férreo nenhum sinal de comoção. O *tamborzinho,* um pouco pálido, mas firme de pernas, trepando sôbre uma mesa, estendia o pescôço encostando-se à parede, afim de ver pelas janelas o que se passava lá fora, e descortinava através do fumo, pelos campos, as divisas brancas dos austríacos que vinham marchando lentamente. A casa era situada no alto duma encosta escarpada, e não tinha da parte do maior declive senão uma janelinha alta correspondente a um quarto do sotão; por isso os austríacos não atacavam por aquele lado e a descida estava livre. O fogo dirigia-se à fachada e aos dois flancos. Mas era um fogo de inferno! uma saraivada de balas de chumbo que fendia por fora as paredes e despedaçava os telhados, e dentro quebrava estuques, móveis, ombreiras e batentes, e arremessava ao ar estilhaços de madeira, nuvens de caliça, fragmentos de loiças e de vidros. Uma dança infernal, em que as balas assobiavam, ricocheteavam e destroçavam tudo com um fragor de fender o crânio. De quando em quando, alguns dos soldados que atiravam das janelas caíam de costas sôbre o pavimento, e eram arrastados para o fundo. Outros, com passos vacilantes, passavam de sala em sala, comprimindo a ferida com as mãos. Na cozinha havia já um morto com a cabeça despedaçada. O semicírculo dos inimigos cada vez se estreitava mais. Num certo momento viu-se o capitão, até ali impassível, dar sinal de inquietação e saír apressadamente da sala seguido dum sargento. Passados três minutos voltou a correr o sargento, chamando o *tamborzinho* e acenando-lhe que o seguisse. O rapaz seguiu-o subindo apressadamente por uma escada de madeira; entraram numa água-furtada nua, onde estava o capitão escrevendo com um lápis numa fôlha de papel, apoiado à pequena janela, tendo aos pés, no chão, uma corda de pôço. O capitão dobrou a folha de papel, e disse bruscamente, fitando nos olhos do rapaz as suas pupilas, pardas e fixas, diante das quais todos os soldados tremiam:

— Tambor!

E pôs a mão na viseira.

— Tens fígados?

Os olhos do rapaz lampejaram.

— Tenho sim, meu capitão — respondeu.

— Olha lá para baixo — disse o capitão impelindo-o para a janela — vês no plano vizinho das casas de Vilafranca, uma cintilação de baionetas? É lá que estão os nossos imóveis. Toma êste bilhete, agarra-te à corda e desce pela janela, deixas-te escorregar pela rampa, corres pelos campos até chegar a êles, e entregas o bilhete ao primeiro oficial que encontrares. Tira o cinturão e a mochila.

O tamborzinho tirou o cinturão e a mochila e meteu o bilhete no bolso do peito. O sargento deitou a corda para fora da janela, segurando-a fortemente por uma das pontas; e o capitão, ajudando o rapaz a passar pela janela com as costas voltadas para fora, disse-lhe:

— A salvação do destacamento está na tua coragem e nas tuas pernas.

— Confie em mim, meu capitão! — respondeu o tambor já suspenso da parte de fora.

— Curva-te na descida, disse ainda o capitão, segurando a corda juntamente com o sargento.

— Sossegue.

— Deus te ajude!

Em poucos momentos o *tamborzinho* estava em terra; o sargento puxou para cima a corda e desapareceu; o capitão foi rápidamente direito à janela e viu o rapaz voando pela rampa abaixo; e, quando o supunha já livre das vistas do inimigo, algumas nuvens de poeira, que se erguiam do chão em tôrno do rapaz, deram-lhe a perceber que tinha sido descoberto pelos austríacos, que do ponto mais elevado da ladeira lhe faziam fogo pelas costas e aquelas pequenas nuvens eram produzidas pelas balas que raspavam a terra. Mas o *tamborzinho* continuava em vertiginosa corrida. De repente caíu.

— Morto! rugiu o capitão mordendo os punhos.

Mas, mal tinha pronunciado esta palavra, quando viu o *tamborzinho* levantar-se.

— Ah! caíu, mas levantou-se... disse consigo, e respirou. O *tamborzinho* efectivamente recomeçára a correr com tôda a fôrça, mas coxeava. — Torceu um pé... pensou

o capitão. Algumas nuvenzinhas de pó se levantaram ainda aqui e ali, em volta do rapaz, mas cada vez mais distantes. Estava pois salvo, e o capitão soltou uma exclamação de triunfo; mas continuou seguindo-o com os olhos ansiosamente, porque estava seguro de que, se o emissário não chegasse lá abaixo depressa com o bilhete em que pedia socôrro imediato, ou todos os soldados caíriam mortos ou teria êle de render-se e ficar prisioneiro com os seus. O rapaz corria com rapidez um pedaço, depois afrouxava o passo, coxeando, tornava a correr, mas cada vez mais cansado, ora tropeçava, ora parava de repente. — É que alguma bala o apanhou de raspão, pensou o capitão tremendo. Observava-lhe todos os movimentos, animava-o, falava-lhe, como se êle o pudese ouvir, media sem descanso com o olhar perscrutador o espaço interposto entre o rapaz que corria e o cintilar das baionetas que brilhavam lá ao longe, na planície, no meio dos campos de trigo dourados pelo sol.

E neste anseio ouvia o zumbido e o estrondo das balas nas salas de baixo, as vozes do comando dos oficiais e sargentos enraivecidos, os lamentos angustiosos dos feridos, o estálido dos móveis que se partiam e o rumor produzido pela caliça que se desprendia das paredes. — Avante! coragem — gritava seguindo com a vista o pequeno tambor — mais... mais... corre... àvante... corre... Lá pára o maldito! Bem, torna outra vez a correr! — Nisto um oficial veio dizer-lhe, ofegante, que os inimigos, sem interromper o fogo, desfraldavam uma bandeira branca, impondo assim a rendição.

— Não se responde! — gritou êle sem despregar os olhos do rapaz que já entrára na planície, mas andando vagarosamente e parecendo arrastar-se a custo... — Mais! mais! corre!... vociferava o capitão, cerrando os dentes e os punhos. Mata-te... morre, celerado, mas chega! Depois soltou uma imprecação horrível e continuou: — Ah! o infame poltrão sentou-se!

Efectivamente o rapaz, cuja cabeça até então se descobria por cima de um campo de trigo, desaparecera como se tivesse caído. Passado, porém, um momento reapareceu ainda uma vez, furtivamente, para perder-se de

novo entre os silvados... e o capitão não o viu mais. Desceu então precipitadamente; saraivavam as balas, as salas estavam atulhadas de feridos, alguns dos quais cambaleavam como ébrios, agarrando-se aos móveis despedaçados que encontravam; as paredes e o pavimento estavam manchados de sangue, e os cadáveres amontoavam-se às portas. O tenente tinha o braço partido por uma bala, e o fumo e a poeira envolviam tudo.

— Coragem! gritou o capitão. Cada um ao seu posto! Chegam-nos socorros, vá, ainda um momento de coragem.

Os austríacos tinham-se aproximado mais, viam-se de cima, através do fumo, os seus rostos enraivecidos; ouvia-se o estrépido das descargas, e os gritos selvagens acompanhados de ameaças de extermínio com que insultavam e intimavam a rendição. Se algum soldado menos corajoso se retirava da janela, os sargentos empurravam-no para a frente; mas o fogo de defesa ia enfraquecendo, o desânimo manifestava-se em todos os rôstos, e não era possível prolongar a resistência. Num momento dado, os tiros dos austríacos afrouxaram e uma voz trovejante bradou, primeiro em tudesco, depois em italiano:

— Rendei-vos!

— Não! nunca! — gritou o capitão de uma das janelas.

E o fôgo recomeçou mais vivo e mais furioso das duas partes. Caíram mais soldados; já havia janelas sem defensores. O momento fatal estava iminente, e o capitão gritava com voz prêsa, entre os dentes:

— Não vêm! não vêm! — e corria em tôrno, furioso, torcendo a espada nas mãos convulsas, resolvido a morrer no seu pôsto.

Nisto um sargento, descendo do sótão, exclamou em altos gritos:

— Aí vem socôrro!

E o capitão num brado de alegria, repetiu:

— Aí vem socôrro!

Àquela voz, todos, feridos, sargentos e oficiais, se dirigiram para a janela, e a resistência tornou-se mais feroz ainda. Passados momentos notou-se entre os inimigos

como que uma tal ou qual incerteza, e um princípio de insubordinação.

De repente, o capitão, furioso, reüniu alguns homens numa sala do rez-do-chão para esperarem o inimigo à baioneta calada. Voltou ainda acima e mal tinha chegado, quando se sentiu o estrépido de passos precipitados, acompanhados de um *hurrah* formidável, e se viu das janelas, por entre o fumo, aproximarem-se os chapéus de dois bicos dos carabineiros italianos, um esquadrão de cavalaria a todo o galope, um relampejar vivíssimo das lâminas espargindo centelhas que caíam sôbre as cabeças, os ombros e as costas dos soldados. Os sitiados então, abrindo repentinamente a porta, irromperam de baioneta calada, e os inimigos, vacilantes, em desordem, voltaram as costas fugindo.

O terreno ficou desembaraçado, a casa ficou livre, e pouco depois dois batalhões de infantaria italiana, e dois canhões ocupavam o cimo da encosta. O capitão, com os soldados que lhe restavam, uniu-se ao seu regimento, combateu ainda e foi ligeiramente ferido na mão esquerda por uma bala de ricochete, no último assalto à baioneta. O combate acabou com a vitória dos nossos. Mas um dia depois, tendo recomeçado a batalha, os italianos foram vencidos, a-pesar da valorosa resistência, pelo número excessivo de austríacos, e na manhã de vinte e seis tiveram de tomar tristemente o caminho de retirada em direcção ao Minicio. O capitão, posto que fe-

rido, acompanhou a pé os seus soldados, cansados e silenciosos; e chegando ao caír do dia a Goito, sôbre o Minicio, procurou logo o tenente, que fôra conduzido na ambulância com o braço partido e devia ter chegado ali antes dêle. Indicaram-lhe uma igreja transformada apressadamente em hospital de sangue. Foi lá. A igreja estava cheia de feridos, deitados em duas filas de leitos e de colchões estendidos no pavimento; dois médicos e vários ajudantes iam e vinham, apressados e solícitos, e ouviam-se ais sufocados e gemidos dolorosos. Apenas entrou, o capitão parou, olhando em volta, em procura do seu oficial. Nesse momento ouviu que o chamava uma voz fraca, mas muito próxima:

— Meu capitão!...

Voltou-se... era o *tamborzinho*...

Estava estendido numa cama de bancos, coberto até ao peito com uma cortina de janela, áspera, de quadradinhos vermelhos e brancos, com os braços de fora, pálido, emagrecido, mas sempre com aqueles olhos cintilantes como dois brilhantes negros...

— Aqui! exclamou o capitão rudemente, mas surpreendido. — Bravo! cumpriste o teu dever.

— Fiz o que pude, meu capitão! — disse o *tamborzinho*.

— Estás ferido? — preguntou o capitão, procurando ao mesmo tempo com os olhos o seu oficial.

— Estou, meu capitão, disse o rapaz, a quem dava coragem para falar a orgulhosa satisfação de ser pela primeira vez ferido, sem o que se não atreveria a abrir a bôca em presença do seu capitão. Foi uma boa corrida, mas viram-me logo. Era capaz de chegar vinte minutos mais cedo se me não acertam. Felizmente encontrei logo um capitão do estado maior, a quem entreguei o bilhete. Mas... custou-me tanto a correr na descida, depois de ferido!... Morria de sêde, receava não chegar a tempo, chorava de raiva pensando que, por cada minuto de demora, lá em cima, na encosta, ia indo um camarada para o outro mundo. Acabou-se; fiz o que pude e estou contente. Mas... com licença, meu capitão... também está ferido!...

Com efeito, da mão mal ligada do capitão, caíam, pelos dedos abaixo, algumas gôtas de sangue.

— Quere que eu lhe aperte mais a ligadura ,meu capitão? Faça favor de pôr aqui a mão, um momento.

O capitão apresentou a mão esquerda, estendendo a direita para ajudar o rapaz a desfazer o nó e tornar a fazê-lo; mas o *tamborzinho,* meio erguido apenas do travesseiro, empalideceu e deixou caír de novo a cabeça.

— Basta! basta! disse o capitão, olhando-o atento e retirando a mão ligada que êle tentava reter. Cuida de ti, em vez de cuidares dos outros; as feridas leves descuradas podem tornar-se graves.

O *tamborzinho* abanou a cabeça.

— Mas tu, continuou o capitão, fixando-o atentamente, deves ter perdido muito sangue para estares debilitado dêsse modo...

— Perdido muito sangue? — respondeu o rapaz com um sorriso — perdi mais alguma coisa... olhe, meu capitão... E tirou de repente a coberta.

O capitão deu um passo à retaguarda horrorizado! O rapaz tinha apenas a perna direita, a esquerda fôra-lhe amputada por cima do joelho. A côxa estava embrulhada em panos ensangüentados. Passava naquela ocasião, em mangas de camisa, um médico militar, pequeno e gordo, que disse, indicando o *tamborzinho:*

— Aí tem, senhor capitão, um caso bem desgraçado. Salvava-se-lhe fácilmente a perna, se êle a não tivesse forçado dum modo louco, porque a forçou... Depois veio uma inflamação enorme, e foi necessário amputar-lha, como vê. Oh! mas é um bravo êste rapaz! asseguro-lho eu! Nem uma lágrima! nem um grito! Orgulhava-me de que êle fôse italiano quando o estava operando. Palavra de honra! êste, por Deus, é de bôa raça!

E seguiu o seu caminho...

O capitão carregou as grandes sobrancelhas brancas, olhou fixo para o *tamborzinho* e tornou a estender-lhe a coberta por cima; depois, lentamente, quási sem se aperceber do que fazia, e fixando-o sempre, levou a mão à cabeça e descobriu-se...

— Meu capitão! respondeu o rapaz, maravilhado. Que faz, meu capitão? Isso é para mim?!

E neste momento aquele rude soldado, que nunca dissera uma palavra branda a um inferior qualquer, respondeu com uma voz indizivelmente afectuosa e dôce:

— Eu não sou senão um capitão, e tu és um herói!

Em seguida debruçou-se para o *tamborzinho,* e beijou-lhe três vezes o coração.

O amor da Pátria

Terça-feira, 24

Visto que a história do *tamborzinho* te fez palpitar o coração, devia ser-te fácil esta manhã discorrer bem sôbre o tema da composição: — Porque amas a Itália? — Porque amo a Itália? Não te acodem mil respostas? Eu amo a Itália porque minha mãi é italiana; porque o sangue que me corre nas veias é italiano; porque é italiana a terra onde são sepultados os mortos que minha mãi e meu pai veneram; porque é italiana a cidade onde nasci, a língua que falo, os livros que me educam, meu irmão, minha irmã, os meus companheiros, o grande povo no meio do qual eu vivo, a bela natureza que me cerca, tudo quanto vejo, amo estudo e admiro, é italiano. Ah! tu não podes ainda sentir tôda a veemência dêstes afectos! Hás-de senti-la quando fores homem, quando, ao voltar de uma viagem longa, depois de dilatada ausência, te debruçares uma manhã, no parapeito da embarcação e vires no horizonte as grandes montanhas do país... Hás-de sentí-la, então, na onda impetuosa da ternura que te encherá os olhos de lágrimas e te arrancará um grito do coração. Hás-de senti-la em qualquer grande cidade estrangeira no impulso de alma que te arrastar, por entre uma multidão desconhecida, para um operário desconhecido, que ao passar por ti pronunciar uma palavra da tua língua... Hás-de senti-la na indignação dolorosa e soberba que te fará subir o sangue às faces quando ouvires injuriar o teu país pela bôca de um estrangeiro... Hás-de senti-la mais violenta e mais ainda no dia em que a ameaça de um povo inimigo desencadear uma tempestade de fôgo sôbre a tua pátria, e vires surgir exércitos de tôdas as partes, correrem os

mancebos em legiões, os pais beijarem os filhos bradando «coragem!» e as mãis com um saudoso «adeus» gritar-lhes: «à vitória». Hás-de senti-la com uma alegria divina se tiveres a fortuna de veres entrar na tua cidade os regimentos cansados, com o esplendor da vitória nos olhos, e as bandeiras crivadas de balas, seguido de um comboio de mutilados valorosos que levantarão altivos as cabeças feridas e ligadas, no meio de uma multidão louca de entusiasmo que os cobrirá de flôres, beijos e bençãos... Compreenderás então o amor da pátria, sentirás em ti mesmo a pátria, Henrique. Ela é tão grande! tão sagrada! que se um dia te visse voltar salvo de uma batalha combatida em sua defesa... a ti, que és a minha carne, a minha alma... e se soubesse que tinhas salvo a vida cobardemente, fugindo ao perigo, eu, teu pai, que te acolho com um grito de alegria quando voltas da escola, receber-te-ia com um suspiro angustioso, não poderia amar-te mais, e morreria com êsse punhal no coração.

Teu Pai.

Inveja

Quarta-feira, 25

A melhor de tôdas as composições sôbre a *Pátria* foi a de Derossi. E Voltini que contava já com a primeira medalha! Eu poderia ainda gostar de Voltini a-pesar-de ser bastante vaidoso e de se pentear muito, mas agora, que estou perto dêle no banco, e vejo como é invejoso, enfastia-me. É certo que estuda muito, mas não pode competir com êle de nenhum modo. Derossi sabe de tôdas as matérias dez vezes mais do que Voltini, e êste, como vê que não pode competir, morde os dedos de raiva. Carlos Nobis também lhe tem inveja, mas há tanta soberba naquele corpo, que, mesmo por soberba a não dá a perceber. Voltini, ao contrário, lamenta-se e queixa-se em casa, dizendo que o mestre faz injustiças!... Mas quando Derossi responde às preguntas tão pronto e tão bem, como faz sempre, êle perturba-se, inclina a cabeça, finge que não ouve, ou então esforça-se para rir, mas com um riso amarelo... Todos o conhecem já, e quando o mestre elogia Derossi voltam-se a olhar para Voltini, que engole em sêco, e o *pedreirito* faz-lhe o *focinho de lebre*. Esta manhã, por

exemplo, fê-la bonita. O mestre entrou na escola e anunciou o exame dizendo: — Derossi, quinze valores e a primeira medalha. Nisto Voltini deu um grande espirro. O mestre fixou os olhos nele, e de tal modo que todos nós compreendemos logo a razão porque. Depois disse-lhe:

— Voltini, não deixes entrar no teu cérebro a inveja; é uma serpente que rói o cérebro e corrompe o coração.

Todos se viraram para êle, excepto Derossi. Voltini, quis responder mas não pôde... ficou como petrificado e com o rosto pálido. Daí a pouco, enquanto o mestre explicava a lição, pôs-se a escrever em grandes caractéres em cima duma fôlha de papel; *Eu não tenho inveja dos que ganham a primeira medalha com protecções e injustiças.* Era um bilhete que queria mandar a Derossi, e entretanto, via eu que os vizinhos dêste cochichavam e maquinavam alguma coisa entre si, e que um cortava com o canivete uma grande medalha de papel, sôbre a qual tinha já desenhado uma serpente negra. Voltini também percebeu tudo. O mestre saíu por poucos minutos. De repente os que estavam ao lado de Derossi levantaram-se para sair da bancada e vir apresentar solenemente a medalha de papel a Voltini. Tôda a aula se preparava para uma farçada, e Voltini tremia todo. Derossi então gritou:

— Dêm-me cá isso...

— Sim, sim, é melhor que sejas tu que lha leves — responderam todos.

Derossi pegou na medalha e rasgou-a em pedaços. Naquele momento tornou a entrar o mestre e continuou a explicar a lição. Eu não tirava os olhos de Voltini. Tinha-se pôsto vermelho como brasas. Pegou vagarosamente no papel que escrevera, como se o fizesse por distracção, machucou-o às escondidas, meteu-o na bôca, e mastigando-o por um pouco, cuspiu-o depois debaixo do banco. Ao saír da escola, passando diante de Derossi, Voltini, que estava ainda um pouco atrapalhado, deixou cair uma fôlha de papel de mataborrão. Derossi apanhou-a delicadamente e meteu-a na carteira, ajudando-o a apertar a correia. Voltini nem sequer ousou levantar a cabeça.

A mãi de Franti

Sábado, 28

Mas Voltini é incorrigível. Ontem, na lição de religião, em presença do director, o mestre preguntava a Derossi se sabia de cór as duas estrofesinhas do livro de leitura;

E por onde o olhar se volva
Sempre a Deus encontrará...

Derossi respondeu: — Não sei — e Voltini atalhou imediatamente: — Sei eu — e disse isto sorrindo para fazer perrice a Derossi. Pêrro, porém, ficou êle, que não pôde recitar a poesia, porque neste momento entrou na escola a mãi de Franti, aflita, com os cabelos grisalhos em desordem, tôda molhada de neve, e empurrando adiante de si o filho que fôra expulso da escola por oito dias. Que triste cena se passou então! A pobre mulher quási se deitou de joelhos diante do director, suplicando com as mãos erguidas:

— Oh! senhor director, faça-me esta esmola... torne a admitir o rapaz na escola! Há três dias que está em casa, tenho-o tido escondido, mas Deus me livre que o pai o descubra, porque o mata. Tenha piedade de mim, senhor, que não sei o que hei-de fazer. Entrego-me de todo o coração à sua generosidade.

O director procurou conduzi-la para fora, mas ela resistia sempre, pedindo, chorando.

— Oh! se soubesse os trabalhos que tenho sofrido por causa dêste filho, teria compaixão de mim. Faça-me esta esmola! Êle há-de mudar, senhor director; eu não viverei muito, tenho a morte aqui; mas queria vê-lo mudado antes de morrer, porque... E desatando em copioso pranto continuou: — É meu filho, quero-lhe como mãi e morreria desesperada... Consinta-o aqui ainda mais uma vez, senhor director, para que não suceda alguma desgraça na família...

E cobriu o rosto com as mãos, soluçando. Franti estava de cabeça baixa, impassível. O director olhou para êle, pensou um pouco, e disse:

— Franti, vá para o seu lugar.

Ouvindo isto, a mãi tirou as mãos do rosto, tôda satisfeita, e sem deixar falar o director, principiou a dizer:

— Muito obrigada! muito obrigada, e encaminhou-se para a porta, enxugando os olhos e dizendo atropeladamente: — Meu filho, olha se tomas juízo! Tenham paciência todos, sim?... Muito obrigada, senhor director: fez uma obra de caridade. Olha se te portas bem, meu filho!... Bom dia, meninos... Muito obrigada! Até à vista, senhor mestre... e desculpem todos a uma pobre mãi.

Ainda da porta olhou com ar suplicante para o filho e foi-se embora, apanhando o chale que ia de rastos, pálida, curvada, com a cabeça trémula. Ouvia-se ainda tossir quando descia as escadas. O silêncio na aula era completo. O director olhou fixamente para Franti, e com um acento de fazer tremer disse-lhe:

— Franti, tu matas tua mãi!

Todos olharam para Franti, e êle, o marôto, ria-se.

Esperança

Sábado, 29

Magnífico, Henrique, o modo como te lançaste nos braços de tua mãi quando voltavas da lição de religião. Sim, grandes e consoladoras palavras te disse o professor! Deus, que nos deitou nos braços um do outro, não há-de separar-nos para sempre. Quando eu morrer, quando teu pai morrer, não mais diremos aquelas tremendas e desesperadas palavras: mãi, pai, Henrique, não te verei mais! Sim, ver-nos-emos em uma outra vida, onde aquele que muito sofreu nesta, será compensado! onde aquele que muito amou na terra, tornará a encontrar as almas amadas num mundo sem lágrimas e sem morte! Mas devemos tornar-nos todos dignos dessa outra vida. Ouve, filho, cada acção boa que praticares, cada palavra de afecto que diri-

gires aos que te amam, cada acto de cortesia para com os teus companheiros, e cada nobre pensamento que tiveres será como que o impulso que te elevará para aquele mundo. É também lá que conduzem as desgraças e as dores, porque cada dor é a expiação de uma culpa, e cada lágrima apaga uma nódoa. Procura cada dia ser melhor e mais amável que no dia anterior. Diz contigo tôdas as manhãs: Hoje vou fazer qualquer coisa de que a consciência me louve e meu pai fique contente, qualquer coisa que me faça estimado deste ou daquele companheiro, do mestre, do meu irmão, ou de outro, enfim. E pede a Deus que te dê fôrça para pôr em acção o teu propósito, e diz: Senhor, eu quero ser bom, nobre, corajoso, dedicado, sincero; ajuda-me, faz que tôdas as noites, quando minha mãi me dá o último beijo, eu possa dizer-lhe: Tu beijas esta noite um filho mais honesto e mais digno do que aquele que beijaste ontem. Tem sempre no pensamento aquele outro Henrique sobrehumano e feliz que tu poderás ser na outra vida, e reza, Henrique. Nem podes imaginar que doçuras experimenta uma mãi, como ela se sente bem, quando vê um filho de joelhos com as mãos erguidas! Quando te vejo em oração, parece-me impossível que não haja quem te vigie e quem te escute! Creio então mais firmemente que existe uma bondade suprema e uma piedade infinita. Amo-te mais, trabalho com mais ardor, sofro mais resignada, perdôo com tôda a minha alma, e penso na alma serenamente. Oh! Deus é grande e bom! Tornar a ouvir, depois da morte, a voz da minha mãi, tornar a encontrar-me com meus filhos, tornar a ver o meu Henrique, o meu Henrique abençoado e imortal, apertá-lo num abraço que não se dissolverá mais, nunca mais... nunca

mais... eternamente! Oh! reza, rezemos, amemo-nos, sejamos bons, alimentemos na alma esta celeste esperança, meu adorado filho.

Tua Mãi.

FEVEREIRO

Uma medalha bem dada

Sábado, 4

Esta manhã veio para distribuir as medalhas o superintendente das escolas, um senhor com a barba branca, vestido de preto. Entrou com o director, pouco antes da hora da saída e sentou-se ao lado do mestre. Interrogou vários alunos e depois deu a primeira medalha a Derossi; e, antes de dar a segunda, esteve alguns minutos escutando o mestre e o director, que lhe falavam em voz baixa. Todos preguntaram baixinho: — A quem dará êle a segunda? — O superintendente disse por fim em voz alta:

— A segunda medalha mereceu-a esta semana o aluno Pedro Precossi; mereceu-a pelos trabalhos que fez em casa, pelas lições, pela caligrafia, e pelo seu procedimento; por tudo!

Todos se voltaram para ver Precossi, e sentiu-se um movimento geral de satisfação. Precossi levantou-se muito confuso, como quem não sabia mais onde estava.

— Vem cá! — disse o superintendente.

Precossi saltou abaixo do banco e foi colocar-se ao lado da mesa do mestre. O superintendente olhou atentamente para aquela carita côr de cera, para aquele corpinho metido numas roupas tôdas arregaçadas, dentro das quais dificilmente se movia, para aqueles olhos cheios de bondade e de ternura, que evitavam os seus, mas que deixavam adivinhar uma história de sofrimentos; e depois, com voz afectuosa, prendendo-lhe a medalha ao peito:

— Precossi, confio-te esta medalha. Nenhum é mais digno do que tu de a ter. Não a dou só à tua inteligência e à tua boa vontade; dou-a ao teu coração, à tua coragem, ao teu carácter de bom e digno filho. Não é verdade que êle a merece por todo os títulos?

— Merece, sim senhor, merece! — responderam todos unísonos.

Precossi fez um movimento com o pescoço como para engolir qualquer coisa, e lançou sôbre tôda a aula um olhar dulcissimo, que exprimia uma gratidão imensa.

— Vai... caro Precossi... disse-lhe o superintendente. — E que Deus te proteja!

Era a hora de saír, e a nossa aula acabou antes das outras. Em baixo no grande vestíbulo, à entrada, quem haviamos nós de ver? O pai de Precossi, o ferreiro, pálido como de costume, com o aspecto carrancudo, os cabelos sôbre os olhos, com a carapuça do avêsso, e mal se segurando nas pernas. O mestre viu-o logo e falou ao ouvido do superintendente; êste procurou Precossi apressadamente, e, tomando-o pela mão, levou-o junto do pai. O rapaz tremia. O mestre e o director aproximaram-se, e muitos rapazes faziam-lhe roda.

— O senhor é o pai dêste rapaz, não é verdade? — preguntou o superintendente ao ferreiro, com ar alegre, como se fôssem amigos. E, sem esperar resposta, continuou: Pois congratulo-me com o senhor. Oiça, seu filho ganhou a segunda medalha entre cinqüenta e quatro companheiros; e ganhou-a pela escrita, pela composição, pela aritmética e por tudo. É um rapaz cheio de inteligência e de boa vontade, que há-de ir muito longe! um excelente rapaz que tem a afeição e a estima de todos. Pode orgulhar-se dêle, digo-lho eu!

O ferreiro, que estava a ouvir de bôca aberta, olhou fixamente para o superintendente e para o director e depois para o filho que tinha ao pé de si, com os olhos baixos, tremendo como se se recordasse e compreendesse naquele momento, pela primeira vez, tudo quanto tinha feito sofrer à pobre criança, e tôda a bondade, tôda a constância heróica com que êle tudo sofrera; manifestou

de repente no rosto uma certa maravilha estúpida, em seguida uma amargura concentrada e afinal um enternecimento violento e triste; e com um gesto rápido, lançou os braços ao pescoço do filho, apertando-o convulsamente ao peito. Nós passamos todos adiante dêles, e eu convidei o filho a vir a nossa casa, quinta-feira, com Garrone e Crossi. Uns cumprimentavam-no, outros faziam-lhe caricias e tocavam-lhe na medalha, e todos lhe disseram algumas palavras afectuosas. E o pai olhava para nós, estupefacto, tendo sempre apertada contra o peito a cabeça do filho que soluçava.

Bons propósitos

Domingo, 5

Despertou-me remorsos aquela medalha dada a Precossi. E eu que ainda não ganhei nenhuma! Há tempo que não estudo; ando pouco satisfeito; o mestre, meu pai e minha mãi andam igualmente descontentes comigo. Nem ao menos sinto prazer em divertir-me, como sentia dantes, quando trabalhava de boa vontade, e deixava a mesa do trabalho, correndo para os meus brinquedos cheio de alegria como se não tivesse brincado depois de um mês. Nem à mesa, com a família, sinto a satisfação doutro tempo! Trago sempre como que uma sombra no espírito, e uma voz interior que me diz continuamente: — *Isto não vai bem... isto não vai bem!* Quando vejo à tarde, passar pela praça tantos rapazes que voltam do trabalho, no meio de grupos de operários todos cansados mas alegres, apressando o passo, impacientes por chegarem a casa para cear, falando animadamente, rindo, batendo nos ombros uns dos outros, com as mãos negras de carvão ou brancas de cal, e me lembro de que trabalharam desde o romper de alva até aquela hora, e tantos outros, ainda mais pequenos, que passaram o dia inteiro em cima dos telhados, junto às forjas, no meio de máquinas, dentro da água e debaixo da terra, não comendo mais do que um bocado de pão... sinto-me envergonhado

por não ter feito em todo aquele tempo senão uns rabiscos em quatro páginas, e de má vontade! Ah! estou descontente... muito descontente! Vejo bem que meu pai está de mau humor, e com vontade de o manifestar, mas tem pesar de o fazer, e espera ainda... Êle, o meu querido pai que tanto trabalha! Tudo é seu, tudo aquilo que toco, tudo o que me veste e me alimenta, tudo o que me educa e me diverte, tudo é fruto do seu trabalho, e eu não trabalho! Tudo lhe tem custado canseiras, privações, desgostos, fadigas, e eu não me afadigo! Ah! não, isto desgosta-me profundamente e não posso continuar assim... Quero principiar desde hoje, quero lançar-me ao estudo como Stardi, com os punhos e os dentes cerrados, empregar tôda a fôrça da minha vontade e do meu coração; quero vencer o sono à noite, levantar-me cedo de manhã, atormentar o cérebro sem descanso, castigar a preguiça sem piedade, afadigar-me sofrer e adoecer até!... mas acabar por uma vez com esta vida fraca e indolente que me avilta e entristece os outros! Coragem! ao trabalho! ao trabalho com tôda a alma e com tôda a energia! Ao trabalho, que me tornará outra vez aprasivel o recreio, divertidos os jogos e alegre o jantar; ao trabalho, que me há-de restituir o bom sorriso do meu mestre e o beijo abençoado de meu pai!

comboiozinho

Sexta-feira, 10

Precossi veio ontem a nossa casa com Garrone. Creio que, se fôssem filhos de príncipes, não seriam recebidos com mais festas. Garrone era a primeira vez que vinha, porque é um pouco urso, e além disso envergonha-se de aparecer por ser já crescido e estar ainda na *terceira*. Fomos todos abrir-lhes a porta quando tocaram a campaínha. Crossi não veio, porque lhe tinha finalmente chegado o pai da América, ausente havia seis anos. Minha mãi beijou Precossi, à entrada; e meu pai apresentou-lhe Garrone, dizendo:

— Aqui está!... Êste não é sòmente um bom rapaz, é um homem de bem e um fidalgo...

Êle curvou a sua grande cabeça rapada, sorrindo disfarçadamente. Precossi trazia a medalha e estava contente porque o pai resolvera-se novamente a trabalhar, e havia cinco dias que se não embriagava, desejando tê-lo sempre na oficina a fazer-lhe companhia, e diz que parece outro. Prinpiámos a jogar e eu apresentei todos os meus brinquedos. Precossi ficou encantado diante do meu combóio de caminho de ferro, com a máquina que marcha por si dando-lhe corda. Nunca vira coisa igual, e devorava com os olhos, aqueles vagõezinhos encarnados. Dei-lhe a chave para que êle desse corda, ajoelhou-se a brincar e não levantou mais a cabeça. Nunca o vi tão alegre! E dizia sempre: — Desculpe-me!... desculpe-me! — a propósito de qualquer coisa, acenando com a mão, para que não fizéssemos parar a máquina. E depois pegava e tornava a pôr os vagõezinhos com mil cuidados, como se fôssem de vidro, receando embaciá-los com o bafo, limpando-os e examinando-os por cima e por baixo, sorrindo--se. Nós todos em pé, observávamo-lo, olhávamos para aquele pescoço delgado, para as pobres orelhinhas que eu vira um dia a escorrer sangue, para a enorme jaqueta com as mangas arregaçadas, donde saíam dois bracinhos de doente que se haviam erguido tantas vezes para defender o rosto das pancadas. Oh! naquele momento a minha vontade era lançar-lhe aos pés todos os meus brinquedos, e todos os meus livros, tiraria da bôca o último bocado de pão para lhe dar. Ter-me-ia despido para o vestir... e prostar-me-ia de joelhos para beijar-lhe as mãos. — Ao menos o combóio, quero dar-lho — pensei eu. Mas era preciso pedir licença a meu pai; e nêsse momento sinto que me metiam um pedaço de papel na mão; olhei: era escrito por meu pai, a lápis, e dizia assim: «O teu combóio agrada a Precossi... Êle não tem brinquedos... Não te sugere nada o teu coração?» imediatamente peguei na máquina e nos vagões com ambas as mãos e entreguei-lhos, dizendo:

— Toma, tudo é para ti. Êle olhou para mim, pare-

cendo não compreender nada. — É para ti — repeti — dou-te isso tudo de presente.

Então êle olhou para meu pai e para minha mãi, ainda mais espantado, e preguntou-lhe:

— Mas porquê?

Meu pai disse-lhe:

— Porque Henrique é teu amigo, e porque te quere bem: isso é para festejar a tua medalha.

Precossi preguntou tìmidamente:

— Posso levar tudo para casa?

— Certamente que podes, respondemos todos. Estava à porta e não ousava sair. Era feliz! Pedia desculpa com os lábios trémulos, e ria. Garrone ajudou-o a embrulhar o combóio no lenço e inclinando-se deixou cair os biscoitos que lhe enchiam as algibeiras.

— Também um dia — disse-me Precossi — hei-de levar-te à oficina para veres meu pai trabalhar, e hei-de dar-te pregos.

Minha mãi, pôs um raminho na casa da jaqueta de Garrone, para que o desse à mãi em seu nome. Garrone disse com o seu vozeirão: — Muito obrigado! — mas isto sem levantar a barba do peito. Resplandecia-lhe contudo nos olhos a sua boa e nobre alma.

Soberba

Sábado, 10

E dizer que Carlos Nobis limpa sempre a manga com afectação quando Precossi roça por êle ao passar! E tôda esta soberba porque seu pai é um homem rico! Lá por isso também o pai de Derossi é rico! O gôsto dêle seria ter um banco só para si, porque receia que o sujem, e olha para todos de cima para baixo, e sempre com um rizinho desdenhoso nos lábios. Ai do que lhe tocar num calcanhar quando saímos enfileirados dois a dois! Pela coisa mais insignificante lança em rosto uma palavra injuriosa, ou ameaça os companheiros com a vinda do pai à escola, apesar-de lhe ter dado uma boa ensina-

dela quando êle chamou *pobretão* ao carvoeiro. Eu nunca vi uma basófia igual. Ninguém lhe fala, ninguém lhe diz adeus quando sai e não há um só que o auxilie na lição quando a não sabe e se atrapalha. Êle também não dá confiança a ninguém e finge desprezar principalmente Derossi, porque é o primeiro, e Garrone porque é estimado de todos. Derossi nem sequer olha para êle, e Garrone quando lhe contaram que Nobis dizia mal dêle, disse:

— É tão estùpidamente soberbo que não merece os meus cachações.

Também Coretti, um dia, em que êle se sorria com desprêzo do seu barrete de pele de gato, disse-lhe:

— Vai ter com Derossi, se queres aprender um pouco a fazer de *senhor.*

Ontem queixou-se ao mestre, porque o calabrês lhe tocara numa perna com o pé. O mestre preguntou:

— Fizeste-o de propósito?

— Não, senhor — respondeu friamente o calabrês.

E o mestre continuou: — Sois muito melindroso, Nobis! E êste, com o seu ar costumado, atalhou: — Hei-de dizê-lo a meu pai. Então o mestre irritou-se. — Seu pai não lhe há-de dar razão como tem acontecido outras vezes — disse. — E tome nota: na escola não há senão o mestre que julga e castiga. — Depois acrescentou com brandura: — Ora vamos, Nobis, mude de maneiras, seja bom e cortês com os seus companheiros. Veja que há aqui filhos de operários e de *senhores* ricos e pobres, e todos se estimam e se tratam como irmãos, que na verdade são. Porque não há-de, Carlos, fazer como fazem os outros? Custava-lhe tão pouco fazer-se estimado de todos!... Havia de andar mais satisfeito... Então não tem nada a responder-me?

Nobis, que estivera ouvindo com o seu habitual sorriso de desprêzo, respondeu friamente: — Não senhor.

— Bem, sente-se — disse-lhe o mestre. — Lastimo-o porque é um rapaz sem coração.

Parecia ter acabado o incidente: mas o *pedreirito* que está no primeiro banco, voltando a carinha redonda para Nobis, que está no último, fez-lhe um *focinho de lebre* tão caricato, que tôda a classe desatou a rir. O mestre

repreendeu-o, mas viu-se obrigado a tapar a bôca com a mão para esconder o riso. Nobis também desprendeu um rizinho, mas daqueles que nascem e morrem amarelos.

Os feridos pelo trabalho

Segunda-feira, 13

Nobis e Franti parecem-se um com o outro. Só não se comoveram esta manhã diante do terrível espectáculo que nos passou diante dos olhos. Saíamos da escola, e estava eu com meu pai a observarmos uns poucos de gaiatos da *segunda,* que se atiravam de joelhos em terra, esfregando o gêlo com as capas e os barretes, para o tornar mais escorregadio, quando vimos ao fundo da rua uma multidão de gente caminhando apressadamente, séria e meia espantada, falando em voz baixa. No centro vinham três guardas municipais e, por trás dêstes, dois homens conduzindo uma padiola. Os rapazes corriam de tôda a parte e a multidão caminhava em direcção a nós. Sôbre a padiola estava estendido um homem, pálido como um cadáver, com a cabeça caída sôbre um ombro, os cabelos em desordem e ensangüentados, saíndo-lhe sangue pela bôca e pelos ouvidos. Ao lado da padiola, caminhava uma mulher que parecia louca, com uma criança ao colo, gritando de momento a momento: — Está morto! Está morto! — Seguia-a um rapaz com a pasta debaixo do braço, soluçando.

— Que foi que aconteceu? preguntou meu pai.

Alguém respondeu que era um pedreiro que caíra dum quarto andar, onde trabalhava. Os portadores da padiola descansaram um momento, e muitos voltaram o rosto horrorizados. Vi a mestra da pena vermelha, que amparava a sua colega da primeira superior, quási desmaiada; e ao mesmo tempo senti que me tocavam no cotovelo. Era o *pedreirito,* pálido, que tremia da cabeça aos pés. Pensava em seu pai certamente; e eu também me lembrei dêle. Eu felizmente tenho o espírito sossegado quando estou na escola, porque sei que meu pai está em

casa sentado à escrevaninha, longe de todo o perigo; mas quantos dos meus companheiros pensam nos pais que trabalham sôbre uma ponte altíssima, ou perto das rodas de uma máquina onde um movimento, ou passo em fal-

so, pode custar-lhes a vida! São como os filhos dos soldados que têm os pais na guerra. E o *pedreirito* tremia cada vez mais, e meu pai reparando nêle, disse-lhe:

— Vai, vai para casa, pequeno; vai para casa de teu pai, que lá o acharás são e tranqüilo, vai...

O *pedreirito* foi andando, mas voltando-se para trás

a cada passo. Neste meio tempo a multidão pôs-se de novo em movimento, e a mulher continuava a gritar numa aflição terrível: — Está morto! Está morto!

— Não, não, não está morto — asseveram-lhe de tôdas as partes, mas a pobre mulher a nada atendia e arrancava os cabelos. Nisto ouvi uma voz indignada que dizia: — Tu ris, patife: — e voltando-me vi um homem barbado a olhar para Franti, que continuava a rir-se. Então o homem de barbas atirou-lhe o barrete ao meio da rua com um safanão, dizendo:

— Tira o barrete, marôto quando passa uma vítima do trabalho.

A multidão havia já desaparecido, e via-se ainda no meio da rua um extenso rasto de sangue.

O prisioneiro

Sexta-feira, 17

Ah! é êste certamente o caso mais extraordinário de todo o ano. Meu pai conduziu-me ontem de manhã aos arredores de Moncalieri, a ver uma *vila* que se alugava para o próximo verão, porque êste ano não vamos para Chiri. Soubemos que quem tinha a chave era um mestre que serve de secretário ao senhorio. Mostrou-nos a casa, depois levou-nos ao seu gabinete, onde nos deu de beber. Havia sôbre a escrevaninha um tinteiro de madeira de forma cónica, esculpido de um modo singular. Vendo que meu pai o analisava, o mestre disse-lhe:

— Êsse tinteiro é para mim precioso. Se o senhor soubesse a história dêle... E contou o seguinte:

Há anos,—era êle mestre em Turim, e foi durante todo o inverno dar lições aos prisioneiros das cadeias civis. —dava lição na igreja da cadeia, que é um edifício em forma circular, em tôrno do qual, nas paredes altas e nuas, se vêm pequenas janelas quadradas, veladas por duas barras de ferro em cruz, correspondendo a cada uma delas uma pequeníssima cela. Êle dava lições passeando pela igreja fria e escura, e os discípulos debruçavam-se

naquelas aberturas, abrindo os cadernos de encontro aos ferros, distinguindo-se vagamente as cabeças na sombra, os rostos descarnados e tétricos, as barbas grisalhas e descuidadas, os olhos fixos de homicidas e de ladrões. Havia entre êles um, o número 78, que prestava mais atenção que todos os outros, estudava muito, e olhava para o mestre com olhos cheios de respeito e gratidão. Era moço ainda, de barba preta, mais desgraçado que malvado, fôra marceneiro, e num ímpeto de cólera tinha atirado com uma garlopa contra o mestre que o repreendera, ferindo-o mortalmente na cabeça, e por isso havia sido condenado a alguns anos de prisão. No fim de três meses tinha aprendido a ler e a escrever, e lia contínuamente, e quanto mais aprendia, tanto mais parecia melhorar de carácter e arrepender-se do seu delito. Um dia, ao terminar a lição, fez sinal ao mestre para se aproximar da grade, e anunciou-lhe com tristeza que na manhã seguinte partiria de Turim para ir cumprir sentença num dos cárceres de Veneza; e dizendo-lhe adeus pediu-lhe com voz humilde e comovida que consentisse que êle lhe apertasse a mão. O mestre deu-lhe a mão, e êle beijando-a, disse: — Obrigado, muito obrigado. — E desapareceu. Quando o mestre retirou a mão, tinha-a banhada de lágrimas. Depois disso, não o viu mais. Tinham decorrido seis anos.

Podia eu pensar em tudo menos naquele desgraçado — disse o mestre — quando ontem de manhã me aparece em casa um desconhecido, com uma grande barba preta já com alguns fios brancos, mal vestido, que me preguntou:

— É o senhor o mestre assim, assim...

— Sou, e o senhor quem é? — preguntei-lhe eu.

— Sou aquele que esteve preso e que tinha o número 78. Foi o senhor — continuou — que ha seis anos me ensinou a ler e escrever... Veja lá se se recorda... Acabei de cumprir a sentença e aqui estou para lhe pedir que me faça o favor de aceitar uma lembrança minha, uma coisa insignificante que eu fiz na prisão. Aqui está, aceite-me por favor esta lembrança, senhor mestre.

Fiquei absorto sem poder dar palavra, e êle pensan-

do que eu lhe não aceitava a oferta, olhou para mim, como quem queria dizer: Então, seis anos de sofrimento não são ainda bastantes para me purificarem as mãos? — E olhava para mim com tão viva expressão de dor, que eu estendi logo a mão e peguei no objecto que me era oferecido. Êle aí está. Examinamos detidamente o tinteiro; parecia ter sido trabalhado com a ponta de um prego e feito com extrema paciência. Estava na parte superior esculpida uma pena atravessada sôbre um caderno e escrito em volta: *Ao meu mestre — Lembrança do número 78 — — Seis anos!* E por baixo em letras miudinhas: — *Estudo e esperança.* — O mestre não disse mais nada e saímos; mas por todo o caminho de Moncalieri a Turim, eu não podia esquecer-me um momento daquele prisioneiro debruçado na grade, do adeus ao mestre, e do modesto tinteiro trabalhado no cárcere, que significa tanto... Sonhei com êle de noite, e ainda esta manhã pensava no tinteiro... Quão longe estava eu de imaginar a surprêsa que me esperava na escola! Mal entrei e me sentei no meu novo banco ao lado de Derossi, e depois de escrito o problema de aritmética para o exame mensal, contei ao meu condiscípulo a história do condenado e do tinteiro, como era feito, e como tinha uma pena sôbre o caderno e mais as inscrições em volta: *Seis anos!* Derossi, ouvindo aquilo, ficou estupefacto e principiou a olhar, ora para mim, ora para Crossi, o filho da vendedeira de hortaliças, que estava no banco da frente com as costas voltadas para nós, todo absorto em resolver o problema.

— Sciu...! Cala-te — disse logo em voz baixa, agarrando-o por um braço — Queres tu saber? Crossi disse-me ante-ontem que vira de fugida um tinteiro de madeira nas mãos de seu pai que chegou da América, um tinteiro cómico, feito à mão, com um caderno e uma pena, e a inscrição que tu viste; e disse-me mais que o pai estivera na América. Esteve, mas foi, na cadeia. Como Crossi era criança, quando o pai cometeu o delito, não sabe nada e a mãi trouxe-o sempre enganado. Ora o que é preciso é que nos não escape agora uma palavra a êste respeito.

Eu fiquei mudo, com os olhos pregados em Crossi e Derossi, resolvendo o problema, passou-lho por baixo

do banco; deu-lhe uma fôlha de papel e tomou-lhe a mão. *O enfermeiro de Tata,* história mensal que o mestre lhe dera para copiar, com o fim de fazer por êle o trabalho; e deu-lhe também penas, acariciou-o pousando-lhe brandamente as mãos nos ombros; e fez que eu lhe desse a minha palavra de honra de não dizer a ninguém coisa alguma do que sabia. E quando saímos da escola, disse-me apressadamente:

— Ontem o pai veio buscá-lo, e decerto também hoje vem. Anda comigo e faz o que eu fizer.

Chegamos à rua, e lá estava o pai de Crossi, um pouco retirado, um homem com a barba negra, um tanto grisalha, mal vestido, com rosto macilento e pensativo. Derossi apertou a mão de Crossi de modo que todos vissem bem, dizendo em voz alta: — Até à vista, Crossi, e passou-lhe a mão pela cara. Eu fiz o mesmo, mas ficámos ambos muito vermelhos; e o pai de Crossi olhou-nos atentamente com um olhar benévolo, mas em que transluzia uma expressão de desassossêgo e de suspeita que nos gelou o coração.

O enfermeiro de Tata

(CONTO MENSAL)

Na manhã de um chuvoso dia de março um rapaz vestido de camponês, todo encharcado e enlameado, com uma trouxa de roupa debaixo do braço, chegava ao hospital de Nápoles e preguntava ao porteiro por seu pai apresentando-lhe ao mesmo tempo uma carta. Tinha um belo rosto oval, de um trigueiro pálido, os olhos pensativos e dois grossos lábios semi-abertos deixando ver uns dentes alvíssimos. Chegava de uma aldeia dos arredores de Nápoles. O pai partira de casa no ano anterior para ir procurar trabalho em França, e regressára à Itália desembarcando em Nápoles poucos dias antes, mas, adoecendo repentinamente, apenas tinha tido tempo para escrever duas linhas à família anunciando-lhe a sua chegada e dizendo que entrava no hospital. A mulher aflita com a

notícia, não podendo saír de casa porque tinha uma filhinha enferma e outra de peito, mandára a Nápoles o filho mais velho com algum dinheiro no bôlso para ir fazer companhia ao pai, ao seu *Tata,* como lá se diz. O rapaz andára dez milhas para chegar ali. O porteiro leu de relance a carta e chamando um enfermeiro disse-lhe que conduzisse o rapaz ao pai.

— Que pai? — preguntou o enfermeiro.

O rapaz estremecendo com receio de uma triste notícia disse o nome do pai. O enfermeiro não se recordava do nome.

—É operário, — respondeu o rapaz cada vez mais ansioso — mas não muito velho. De fora veio, sim.

— E quando entrou no hospital? — preguntou o enfermeiro.

— Há cinco dias, acho eu.

O enfermeiro pensou um pouco, e depois, como que recordando-se de repente, disse:

Ah! sim... no quarto salão... na última cama.

—Estará muito doente? Como está êle? — preguntou ansiosamente o rapaz.

O enfermeiro olhou para êle sem responder. Passados momentos disse:

— Vem comigo.

Subiram dois lanços de escadas, e seguindo até ao fim de um largo corredor, acharam-se em frente da porta de um salão, onde se viam em todo o comprimento, duas filas de leitos.

— Segue-me — repetiu o enfermeiro entrando.

O rapaz cobrou ânimo e seguiu-o lançando medrosamente a vista para a direita e para a esquerda, sôbre os rostos pálidos e cadavéricos dos doentes, alguns dos quais tinham os olhos fechados como se estivessem mortos e outros olhavam fixamente para o této com os olhos abertos e espantados. Alguns gemiam como crianças. O salão estava escuro, o ar impregnado de um cheiro agudo de remédios. Duas irmãs de caridade iam e vinham com garrafas de medicamentos. Chegando ao fundo do salão o enfermeiro parou à cabeceira de um leito, e abrindo as cortinas, disse:

— Aqui está teu pai.

O rapaz desatou a chorar, e largando a trouxa deixou caír a cabeça sôbre o ombro do doente, agarrando-lhe com a mão no braço que tinha estendido, imóvel sôbre a coberta. O doente não se mexeu. O rapaz levantou-se, olhou para o pai e rompeu de novo num chôro aflitivo. Então o doente volveu-lhe um olhar vagaroso e pareceu reconhecê-lo. Mas os seus lábios não se moviam. Pobre *Tata!* como êle estava mudado! Seria impossível que o filho o tivesse reconhecido em tal estado. Tinham-se-lhe branqueado os cabelos, crescido a barba; inchara-lhe o rosto tomando uma côr vermelha carregada, com a pele tensa e lustrada, os olhos meio apagados, os lábios entumecidos, a fisionomia toda alterada. Conservava apenas do que fôra, o arco das sobrancelhas. Respirava dificílmente.

— *Tata!* meu querido *Tata!* — disse o rapaz — sou eu, não me conheces? Sou Cecílio, o teu Cecílio. Venho agora de casa, e foi a mamã que me mandou. Olha bem para mim... então? não me reconheces? Diz-me ao menos uma palavra...

O doente, depois de tê-lo fixado atentamente, fechou os olhos.

— *Tata! Tata!* que tens? olha, sou eu... sou o teu filho, o Cecílio.

O doente não se mexeu mais e continuou a respirar com dificuldade. Então o rapaz chorando sempre, puxou uma cadeira, sentou-se, e ficou esperando sem levantar os olhos do rosto do pai e pensando consigo mesmo: — Algum médico há-de vir fazer a visita e êle me dirá alguma coisa. E concentrou-se nos seus tristes pensamentos, recordando tantas coisas do seu bom pai, do dia da partida dêle, do último adeus que lhe dera já a bordo do navio, das esperanças que alimentara a família com aquela viagem, da desolação de sua mãi, à chegada da carta, e pensou na morte; viu o pai morto, a mãi vestida de preto, a família na miséria... E assim esteve muito tempo, até que uma mão ligeira lhe tocou no ombro e o fez estremecer; era uma religiosa.

— Que tem meu pai? — preguntou-lhe logo.

— É teu pai? — disse a irmã com doçura.

— É sim senhora, é meu pai e eu vim... Mas êle que tem?

— Coragem, rapaz — respondeu a irmã — logo virá o médico — e retirou-se sem dizer mais nada.

Meia hora depois ouviu o toque de uma campaínha e viu entrar de uma da outra extremidade da enfermaria o médico, acompanhado de um assistente, e seguidos de uma irmã e de um enfermeiro. Principiaram a visita, parando em cada leito. A demora parecia eterna ao rapaz, e cada passo do médico lhe aumentava a ansiedade. Finalmente, chegara ao leito do vizinho. O médico era um velho alto, corcovado, e de um ar grave e sério. Antes que se afastasse do leito vizinho o rapaz levantou-se; e, quando o médico se aproximou do pai, pôs-se a chorar. O médico olhou para êle.

— Êste é filho do doente — disse a irmã — chegou esta manhã da terra.

O médico passou-lhe a mão pelo ombro, e depois inclinando-se sôbre o doente tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe a testa, e fez algumas preguntas à irmã que respondeu:

— Nada de novo...

Ficou um momento pensativo, dizendo em seguida:

— Continue como até aqui.

Então o rapaz enchendo-se de coragem, preguntou em voz lacrimosa:

— Mas o que é que meu pai tem?

— Cria ânimo, meu filho — respondeu o médico tornando a passar-lhe a mão pelo ombro. Teu pai tem uma erisipela facial. É grave mas ainda não estão perdidas as esperanças. Fica ao pé dêle, a tua presença há-de fazer-lhe bem.

— Mas é que êle não me reconhece, exclamou o rapaz num tom amargurado.

— Há-de vir a reconhecer-te... talvez àmanhã. Esperemos sempre o melhor, e tem coragem.

Bem queria o rapaz preguntar mais alguma coisa, mas não se atreveu. O médico continuou na sua visita e o rapaz começou então a sua vida de enfermeiro. Não podendo fazer mais nada, arranjava e estendia a roupa da cama, tocava de vez em quando na mão do doente, enxotava-lhe as môscas e inclinava-se sôbre êle a cada gemido que dava, e quando a irmã trazia água ou remédio, tirava-lhe da mão o copo ou a colher, e era êle que a apresentava ao doente. Êste, encarava-o algumas vezes, mas não dava sinal de o reconhecer. Sòmente o seu olhar se detinha cada vez mais sôbre êle, e especialmente quando o via levar o lenço aos olhos. Assim passou o primeiro dia. À noite o rapaz dormia em cima de duas cadeiras, num canto da enfermaria e de manhã recomeçava o seu piedoso ofício. Nêsse dia pareceu-lhe que os olhos do doente começavam a revelar uma tal ou qual inteligência. À voz acariciadora do rapaz parecia que uma expressão vaga de gratidão lhe brilhava por momentos nas púpilas; e até uma vez moveu um pouco os lábios como quem queria dizer alguma coisa. Em seguida a alguma breve sonolência, reabria os olhos e movia-os em tôrno, como se procurase o seu pequeno enfermeiro. O médico passando por ali duas vezes, notou algumas melhoras no doente. À tarde chegando-lhe um copo à bôca, o rapaz julgou ver desprenderem-se em ligeiríssimo sorriso os lábios entu-

mecidos do pai. Principiou então a animar-se e a ter esperança, e uma alegria infinda o invadiu; e supondo que era compreendido, embora confusamente, falava-lhe muito da mãi, dos irmãos pequenos, da volta para casa, e exortava-o com as palavras ternas e amorosas para cobrar o ânimo e alento; e posto que muitas vezes duvidasse de ser realmente compreendido, falava-lhe sempre porque lhe parecia que embora o doente o não entendesse, escutaria apesar disto com prazer a sua voz repassada duma entonação desusada, afectuosa e triste. E assim passára o segundo dia, o terceiro e o quarto, ora apresentando o doente ligeiras melhoras, ora peorando repentinamente, e o rapaz sempre ali, e por tal modo absorto nos seus cuidados que apenas tomava duas vezes ao dia uma fatia de pão e um bocado de queijo, que a irmã de caridade lhe levava, e nem dava fé do que se passava em tôrno nem dos enfermos moribundos, nem do decorrer inesperado das irmãs, de noite, nem do pranto e actos de desolação dos visitantes que saíam sem esperança, não atendendo, enfim, a nenhuma dessas cenas dolorosas e lúgubres da vida dum hospital, que em qualquer outra ocasião o teriam aturdido e horrorizado. E iam-se passando as horas e os dias e êle sempre ao lado do seu *Tata*, atento, solícito, estremecendo a cada suspiro, a cada olhar agitado, sem repouso, oprimido entre uma esperança que lhe consolava a alma, e um desânimo que lhe apertava o coração. No quinto dia o doente peorou repentinamente. O médico, sendo interrogado, abanou a cabeça, como quem queria dizer que estava tudo acabado, e o rapaz deixou-se caír sôbre uma cadeira chorando e soluçando. E, contudo, uma coisa o consolava... Parecia-lhe que o doente ia lentamente readquirindo um pouco de inteligência a-pesar do prognóstico do médico. Encarava-o agora mais fixamente, e com uma expressão cada vez mais pronunciada de doçura; não queria beber, nem tomar remédios que não fôssem ministrados por êle, fazia mais amiudadamente um movimento forçado de lábios, como se quizesse pronunciar uma palavra; e às vezes, com tais contracções o fazia, que o pequeno segurava-lhe o braço com fôrça e embalado por uma dôce e repentina esperança, dizia-

-lhe com meiguice, quási alegre:— Coragem! coragem, *Tata!* Hás-de ficar bom, iremos abraçar a mamã, vamos! Ânimo! Eram quatro horas da tarde, justamente num ponto em que o rapaz se entregava a um daqueles impulsos de ternura e de esperança, quando, ouvindo para lá da porta mais próxima da enfermaria, um rumor de passos, e logo em seguida estas palavras: — *até à vista irmã!* — deu um pulo e

soltou um grito meio estrangulado na garganta. Ao mesmo tempo que entrava no salão um homem com uma trouxa na mão, seguido de uma irmã da caridade. O rapaz soltou um grito agudo e ficou como se estivesse pregado no chão. O homem voltou-se e encarando-o um momento, correspondeu ao grito com uma exclamação: — Cecílio! — E correu direito para êle. O rapaz caíu nos braços de seu pai, sufocado. As irmãs, os enfermeiros, o assistente, de todos os lados correram e ali ficaram estupefactos! O rapaz não podia falar.

— Oh! meu Cecílio! exclamou o pai, depois de olhar atentamente para o doente, beijando e tornando a beijar o rapaz, — meu querido filho! Como foi isto? Pois conduziram-te à cama doutro doente? Eu bem sabia pela car-

ta de tua mãi que vieras e já desesperava de te não ver ao pé de mim... Pobre Cecílio! Há quantos dias estás tu aqui? que confusão foi esta!... Olha que escapei de bôa... mas sinto-me forte, sabes? e a tua mãi? e a Conceiçãozinha? e a pequerrucha? como vão todos? Eu saio já do hospital... vamos! Ah! meu Deus! quem o teria adivinhado!

O rapaz custou-lhe a articular algumas palavras para dar notícias da família, depois balbuciou:

— Oh! como estou contente! Como estou satisfeito! Mas que dias horríveis que eu tenho passado! E não cessava de beijar o pai.

— Anda daí! — disse-lhe o pai. Ainda esta tarde chegaremos a nossa casa... vamos, anda!... e puxou-o para si.

Mas o filho voltou-se a olhar para o doente.

— Então! vens ou não vens? preguntou-lhe o pai espantado.

E o rapaz dirigiu ainda um saudoso olhar ao enfermo, que naquele momento abrira os olhos e o fixara atentamente. Rebentou-lhe então da alma uma torrente de palavras:

— Eu vou *Tata*, espera... eu vou... mas não posso... E aquele velho que ali está? Há cinco dias que estou junto dêle... Procura-me sempre com os olhos... E eu a pensar que era meu pai!... Já lhe queria bem... Olha para mim... Sou eu que lhe dou os remédios e sinto que me deseja sempre a seu lado. Olhe, agora está êle muito mal... tenha paciência, mas eu não tenho ânimo de o deixar; faz-me muita pena. Voltarei a casa àmanhã... Consinta que eu fique aqui mais um pouco, não devo abandoná-lo. Veja, veja, de que maneira êle me está olhando! Eu não sei quem é, mas sinto que me estima, e morreria abandonado, deixe-me ficar, meu querido *Tata!*

— Bravo! Bravo, meu rapaz! gritou o assistente.

O pai ficou perplexo, olhando para o filho e para o enfermo...

— Mas... quem é êle? — preguntou.

— É um camponês como o senhor, respondeu o assistente. Veiu da aldeia e entrou no hospital no mesmo dia em que o senhor entrou. Trouxeram-no aqui, porque

estava sem sentidos, e não pôde até agora dizer nada. Tem talvez alguma família distante, tem filhos e cuida de certo que êste é algum dos seus.

O doente não despregava a vista do rapaz. O pai disse então a Cecílio:

— Bem, bem, fica.

— Não terá de ficar por muito tempo, murmurou o assistente.

— Fica, — repetiu o pai, — tens bom coração... Eu cá vou direito a casa para livrar tua mãi de cuidados.

Abraçou-o, fixou-o docemente, e, beijando-o de novo na testa, partiu. O rapaz voltou para a cabeceira da cama e o enfermo pareceu ficar mais consolado. Cecílio continuou a servir-lhe de enfermeiro, não chorando mais, mas empregando a mesma solicitude, a mesma paciência que até ali empregara. Continuou a dar-lhe de beber, a chegar-lhe os remédios, a endireitar-lhe a roupa da cama, a acariciar-lhe a mão, a falar-lhe com doçura, procurando animá-lo. Assistiu-lhe o resto da tarde, tôda a noite, e esteve sempre ao lado dêle todo o dia seguinte. O doente, porém, ia sempre a pior, o rosto tornara-se côr de violeta, a respiração pesada, a agitação aumentava sempre. Da bôca saím-lhe sons inarticulados e a inflamação tornava-se monstruosa, À visita da tarde, o médico disse que o doente não passava daquela noite. Cecílio redobrou de cuidados, não se afastando do leito um só instante. O doente conservava sempre os olhos fitos nele; movia ainda os lábios, de quando em quando, com grande esfôrço como se quizesse dizer alguma coisa, e uma expressão de extraordinária doçura transparecia na luz dos seus olhos, que se ia gradualmente apagando. Naquela noite, o rapaz vigiou-o sempre, até que viu através das janelas os primeiros alvores da aurora, e aparecer junto dêle uma irmã de caridade. Esta, abeirando-se do leito, olhou um momento para o enfermo, e saíu a passos rápidos, voltando logo com o médico assistente e com um enfermeiro que trazia uma lanterna.

— Está a expirar, disse o médico.

O rapaz pousou a mão sôbre a do moribundo, e êste abriu os olhos. fixou-o e tornou a fechá-los. Neste mo-

mento pareceu ao rapaz ter sentido um aperto de mão, e exclamou: — Apertou-me a mão! — O médico debruçou-se sôbre o doente, observando-o e erguendo-se logo. A irmã da caridade, tirou da parede um crucifixo.

— Morreu? — preguntou o rapaz

— Vai, filho — respondeu o médico. A tua sagrada missão terminou. Vai e sê feliz, que bem o mereces. Deus há-de proteger-te... Adeus.

A irmã, que se afastara um momento, voltou com um raminho de violetas, tiradas dum copo, que estava na janela, e entregou-o ao rapaz, dizendo:

— Não tenho mais nada que te dar. Guarda-o como lembrança do hospital...

— Obrigado, disse o rapaz tomando-o com uma mão e enxugando os olhos com a outra; mas é tanto o caminho que tenho a andar a pé... que vão murchar de certo! E soltando as violetas, espalhou-as pelo leito, dizendo:

— Deixo-as como recordação ao meu pobre morto. Obrigado, boa irmã. Agradecido, senhor doutor. — Depois voltando-se para o morto. — Adeus... disse. E, enquanto procurava o nome que lhe havia de dar, subiu-lhe do coração aos lábios o nome que lhe dera durante cinco dias, e concluiu: — Adeus, pobre *Tata!*

E dizendo isto, meteu debaixo do braço a trouxa de roupa e a passos vagarosos, extenuado de fadiga, partiu. Despontava a madrugada.

A oficina

Sábado, 13

Precossi veio ontem de tarde convidar-me para ir ver a sua oficina, que é em baixo, na estrada, e esta manhã, saíndo com meu pai, fomos lá um momento. Quando nos aproximávamos da oficina, saía dela Garoffi, a correr com um pacote na mão, fazendo esvoaçar o seu grande capote que lhe serve de abrigo às mercâncias. Ah! agora já sei onde o traficante de Garoffi vai buscar a limalha de ferro para trocar por jornais velhos! Chegando à porta,

vimos Precossi sentado sôbre um monte de tijolos, estudando a lição, com o livro sôbre os joelhos. Levantou-se logo e fez-nos entrar. Era um armazém cheio de pó de carvão, com as paredes tôdas cobertas de martelos, tenazes, alavancas e ferros de tôdas as formas. A um canto ardia o fôgo de uma forja, a que soprava um fole movido por um rapaz. Precossi, pai, estava ao pé da bigorna e um aprendiz sustentava um varão de ferro metido no fôgo.

— Cá está êle — disse o ferreiro, tirando a carapuça apenas nos viu, — o nobre moço, que faz presentes de comboios... Com que então veio ver trabalhar um pouco, não é verdade?

E dizendo isto, sorria, e não tinha já aquele aspecto sombrio, nem aqueles olhos vesgos doutras vezes. O aprendiz apresentou-lhe uma longa vara de ferro, candente na extremidade, e o ferreiro pô-la na bigorna. Estava fazendo grades, como as que servem de parapeito em volta, dos terraços. Levantou um grande martelo e começou a bater, voltando a parte rubra ora de um, ora de outro lado, entre uma ponta e o centro da bigorna, girando com a vara de vários modos. Era para admirar ver como, debaixo dos golpes rápidos e certeiros, o ferro se encurvava e torcia, tomando, pouco a pouco, a forma graciosa da fôlha encrespada de uma flôr, como se aquele ferro fôsse um pedaço de massa que êle modelasse com as mãos. E, no entanto, o filho olhava para nós com um certo ar altivo, como se quizesse dizer: — Então vêm como o meu pai trabalha? O ferreiro quando acabou, mostrou-me a vara de ferro que parecia o báculo dum bispo.

— Já viu como isto se faz?

Depois pô-la de parte, e meteu outra vara no fôgo.

— Isso é, na verdade ,bem feito, disse-lhe meu pai. E acrescentou: — Vejo que lhe voltou a vontade de trabalhar.

— Voltou sim senhor; voltou, respondeu o operário, enxugando o suor e córando um pouco. E sabe quem ma fez voltar?

Meu pai fingiu que o não entendia, e o ferreiro apontou com o dedo para o filho.

— Foi aquele bom rapaz, aquele bom filho, que estudava, fazendo honra a seu pai, enquanto o pai andava na vadiagem e o tratava como um animal... Ah! senhor, quando vi a medalha... Vem cá, meu pitorrinha, vem cá, deixa lá ver êsse focinho...

O rapaz correu direito a êle, e o ferreiro pô-lo em pé sôbre a bigorna, segurando-o por debaixo dos braços e dizendo:

— Limpa um pouco a cara a êste animalão de teu pai, anda...

E então Precossi cobriu de beijos o rosto enfarruscado do pai e ficou também com a cara tôda preta.

— Assim vai bem... disse-lhe o ferreiro pondo-o no chão.

— Com certeza, Precossi! exclamou meu pai satisfeito.

E, despedindo-nos do ferreiro e do filho, saímos. À porta o pequeno Precossi disse-me:

— Desculpe-me, e meteu-me na algibeira um pacotinho de pregos. Eu, convidei-o a vir ver o carnaval de nossa casa.

Pelo caminho adiante disse-me meu pai:

— Tu presenteaste-o com o teu comboio, mas, se êle fôsse de oiro e carregado de pérolas, ainda seria um pequeno presente para aquela abençoada criança, que fez ressuscitar o coração de seu pai.

O pequeno palhaço

Segunda-feira, 20

Tôda a cidade está em movimento pelo carnaval, que está a findar. Em tôdas as praças se erguem barracas de saltimbancos e cavalinhos, e nós temos debaixo da janela um circo aberto de lona, onde dá espectáculos uma pequena companhia veneziana, com cinco cavalos. O circo é no meio da praça, e num ângulo há três carroças grandes, onde os saltimbancos se vestem, despem e dormem. São três casas com rodas, janelas e uma chaminé que fumega

sempre; e entre uma e outra janela vêm-se fraldas de crianças estendidas a secar. Há uma mulher que amamenta uma criança, faz o comer e dança na corda! Pobre gente! Todos lhe chamam como uma injuria, *saltimbancos!* e, contudo, êles ganham o pão honestamente, divertindo os outros. E como se afadigam! Durante o dia correm entre o circo e a carroça, vestidos de malha, tiritando de frio; comem mal, de fugida, às carreiras, em pé, entre uma e outra representaçao, e às vezes, quando têm já o circo cheio de gente, levanta-se uma ventania que arranca o toldo, apaga as luzes, e adeus espectáculo! Tornam então a entregar o dinheiro e andam a pé tôda a noite para construír a barraca. Há dois rapazes pequenos que trabalham; e meu pai reconheceu o mais novo quando atravessava a praça. É um filho do director da companhia, o mesmo que vimos fazer habilidades a cavalo, no ano passado, no circo, na praça Victor Manuel. É já espigadinho, terá oito anos e é um lindo rapaz, de carinha redonda, trigueira e agarotada, com cabelos negros, encaracolados, que se lhe vêem em torno do chapéu, de forma cónica. Anda vestido de palhaço, metido dentro duma espécie de saco com mangas, branco. bordado de preto, e com sapatos de lona. É um diabinho de quem todos gostam. Faz de tudo. Vimo-lo embrulhado num chale, de manhã cêdo, levando o leito para a sua cama de madeira; depois vai buscar os cavalos à cocheira da rua Bertol, anda com o pequerrucho ao colo; transporta os arcos, os cavaletes, as barras e as cordas; limpa as carroças, acende o fôgo; e nos momentos de descanso, está sempre agarrado à mãi. Meu pai vê-o sempre da janela, e fala muito dêle e nos seus, que todos têm ar de boa gente e de estimarem muito os filhos. Uma noite, fomos ao circo, fazia frio, não havia quási ninguém, e, contudo, o palhacinho fazia tôda a diligência para alegrar aquela pouca gente: dava saltos mortais, agarrava-se à cauda dos cavalos, andava com as pernas no ar, sósinho, e cantava sempre sorridente, com a sua carinha trigueira e graciosa. E seu pai, que vestia casaca vermelha, calções brancos, botas altas, de chicote na mão, olhava para êle; mas bem se via que estava triste. Meu pai teve pena dêles, e falou a seu res-

peito, no dia seguinte, com o pintor Delis que veio visitar-nos.

— É uma pobre gente que se mata a trabalhar e pouco ou nada, ganha. Gosto tanto daquele rapazinho. O que se poderia fazer em seu favor?

O pintor teve uma lembrança. Escreve um artigo para a gazeta — disse-lhe — tu que sabes escrever. Conta as proezas do palhacinho, e eu faço-lhe o retrato, e como todos lêm a gazeta, arranja-se-lhe, pelo menos uma enchente.

E assim foi. Meu pai escreveu um artigo, cheio e graça, contando tudo o que nós víamos da janela, artigo que excitava o apetite de conhecer e acariciar o pequeno artista, e o pintor esboçou um retratinho muito parecido e gracioso, que saiu publicado, no sábado de tarde. E daqui veio, que no espectáculo de domingo, correu ao circo uma grande multidão de curiosos. Estava anunciado: — *Representação em benefício do Palhacinho,* como lhe chamava a gazeta. Meu pai levou-me para os primeiros lugares. Na porta de entrada, via-se afixada a gazeta. O circo estava replecto, e muitos espectadores tinham o jornal na mão e mostravam-no ao beneficiado, que ria e pulava de um lado para o outro, todo alegre e todo feliz. Também o director estava contente. Imagine-se! Nunca jornal nenhum lhe fizera tanta honra, e a gaveta ia-se enchendo de dinheiro. Meu pai sentou-se ao meu lado, e entre os espectadores vimos muitas pessoas conhecidas. O mestre de gimnástica, aquele que andou com Garibaldi, estava próximo da porta por onde entravam e saíam os cavalos, e em frente a nós nos segundos lugares, via-se o *pedreirito,* com a sua carinha redonda, sentado ao lado do gabinete do pai; e, apenas me viu, fez-me de lá o *focinho de lebre.* Um pouco mais adiante estava Garoffi, que contava os espectadores. calculando pelos dedos quanto poderia ter embolsado a companhia. Estava também nos lugares superiores, pouco adiante de nós, o pobre Robetti, o que salvou a criança do omnibus, com as suas muletas entre os joelhos, ao pé do pai, capitão de artilharia que lhe pousava a mão sôbre o ombro. Principiou o espectáculo. O palhacinho

fez maravilhas em cima do cavalo, no trapézio e na corda, e sempre que saltava abaixo, todos davam palmas, e muitos lhe puxavam, brincando, pelos anéis do cabelo. Depois vários funâmbulos e picadores, vestidos de farrapos e cintilantes de prata falsa, fizeram muitos exercícios e habilidades. Mas, quando o palhacinho não estava na praça, parecia que o publico se achava aborrecido. Numa ocasião, observei que o mestre de gimnástica que estava parado, no mesmo sítio, perto da entrada dos cavalos, falava ao ouvido do director do circo e que êste corria a vista por todos os espectadores, como se procurasse designadamente algum, e fixar-nos em seguida atentamente. Meu pai que vira também o que se passava, supôs logo que o mestre dissera ao chefe ser êle o autor do artigo; e, para se esquivar aos agradecimentos, saiu, dizendo-me:

— Fica, Henrique; eu espero-te lá fora.

O palhacinho, depois de ter trocado algumas palavras com o pai, fez ainda um exercício, de pé sôbre o cavalo, galopando; e caracterizou-se quatro vezes, de peregrino, de marinheiro, de soldado, e de acrobata, e tôdas as vezes que passava perto, sorria-se para mim. Depois, quando desceu, principiou a fazer o giro do circo com o chapéu de palhaço entre as mãos, e todos lhe iam deitando dentro, soldos, mas quando chegou diante de mim, em vez de apresentar o chapéu, retirou-o olhando-me, e passou adiante. Fiquei incomodado. Porque me faria êle tal desconsideração? A representação terminou, o chefe agradeceu ao público, e tôda a gente se levantou, aglomerando-se na saída. Eu ia confundido na multidão, e estava já perto da rua, quando senti tocarem-me na mão. Voltei-me, era o palhacinho, com a sua graciosa carinha trigueira, e os seus aneis de cabelos pretos, que sorria para mim, com as mãos cheias de confeitos. Compreendi tudo.

— Quererás, disse êle, aceitar êstes confeitos do palhacinho?

Eu fiz sinal que sim, e peguei em três ou quatro. Então acrescentou ainda: — Aceita também um beijo.

— Dá-me dois, disse-lhe e apresentei-lhe a face.

Então êle limpou com a manga a cara enfarinhada, pôs-me um braço em volta do pescoço e deu-me dois beijos nas faces, dizendo-me:

— Um é para teu pai.

O último dia de carnaval

Terça-feira, 21

Que triste cena presenceamos hoje na corrida das máscaras! Acabou bem, felizmente, mas podia dar-se uma grande desgraça. Na praça de D. Carlos, tôda decorada de festões amarelos, vermelhos e brancos, atropelava-se uma grande multidão, giravam máscaras de tôdas as côres, rodavam carros dourados e embandeirados, em forma de pavilhões, de teatrinhos e de barcos, cheios de arlequins e de guerreiros, de cozinheiros, de marinheiros e de pastorinhas. Era uma confusão tal que nem a gente sabia para onde devia olhar; um estrondar de trombetas, de clarins e de pratos turcos que atordoava os ouvidos. As máscaras, nos carros, bebiam e cantavam, apostrofando os transeuntes e as pessoas que estavam nas janelas, as quais respondiam no mesmo tom, atirando com fúria laranjas e confeitos. Por cima dos carros e da multidão, até onde a vista podia alcançar, viam-se flutuar bandeirinhas, cintilar capacetes, tremular penachos, agitarem-se enormes cabeças de papelão, toucados gigantes, tubos enormes, armas extravagantes, caixas de rufo, serpentes, barretes vermelhos e garrafas. Parecia um bando de doidos! Quando a nossa carruagem entrou na praça, ia diante de nós um carro tirado por quatro cavalos, todo engrinaldado de rosas artificiais, sôbre o qual iam catorze ou quinze *senhores* fidalgos mascarados de gentis-homens da côrte de França, todos resplandecentes de sedas, com cabeleiras brancas, chapéu emplumado debaixo do braço, espadim, laço de fitas e rendas ao peito. Magnificos! Cantavam todos em côro uma cançoneta francesa e lançavam dôces ao povo, e o povo gritando, aplaudia-os muito. De repente vimos

à nossa esquerda um homem levantar ao ar, por cima das cabeças da multidão uma menina com cinco ou seis anos, uma pobresita que chorava desesperadamente, agitando os braços, como atacada de convulsões. O homem abriu caminho até ao carro dos fidalgos, e um dêstes inclinou-se, dizendo-lhe aquele em voz alta:

— Tome conta desta menina, perdeu-se da mãi, no meio da multidão; levante-a nos braços, que não há outro meio de a mãi, que não deve estar longe, tornar a vê-la.

Recebida a menina nos braços, todos os outros cessaram de cantar; mas a criança berrava e bracejava, até que êle tirou a máscara e o carro continuou a andar vagarosamente. Neste momento, segundo depois nos disseram, na extremidade oposta da praça, uma pobre mulher rompia por entre o povo, acotovelando, e empurrando todos e gritando:

— Maria! Maria! Maria! Perdi a minha filha. Roubaram-ma! esmagaram-ma! minha pobre Maria!

Havia um quarto de hora que se agitava desesperadamente, furando de uma parte para outra oprimida pela multidão, que a muito custo lhe dava lugar para passar. O fidalgo do carro, no entanto, tinha a criança apertada ao peito, contra as fitas e as rendas, e girando a vista pela praça procurava sossegar a pobre menina, que cobria o rosto com as mãos, não sabendo onde estava, e soluçando de modo que cortava o coração. Êle estava comovido, e via-se bem que aqueles gritos lhe dilaceravam a alma. Todos os seus companheiros ofereciam à menina laranjas e confeitos, mas ela repelia tudo, cada vez mais espantada e convulsa.

— Procurem a mãi, disseram, dirigindo-se ao povo. Procurem a mãi gritavam do carro, dirigindo-se ao povo. Procurem a mãi!

E todos se voltaram para a direita e para a esquerda, mas ninguém sabia onde ela estava. Finalmente a poucos passos da embocadura da rua, viu-se uma mulher, correndo direita ao carro... Ah! Nem parecia uma criatura humana! Tinha os cabelos soltos, o rosto desfigurado, os vestidos rotos. Arremessou-se impetuosamente

ao carro, soltando um grito rouco, que se não compreendia bem se era de alegria, de angústia ou de raiva, e estendeu as mãos como duas garras para empolgar a filha. Nisto o carro parou.

— Aqui tem — disse o fidalgo, apresentando a criança, e, depois de a ter beijado, pô-la nos braços da mãi, que a apertou logo ao seio com fúria convulsa.

Mas uma das mãozinhas da criança, ficou ainda alguns segundos presa entre as mãos do fidalgo e êste tirando então do dedo um anel de ouro com um grande diamante, enfiou-o ràpidamente no dedinho da criança, dizendo:

— Toma lá! será o teu dote de noiva.

A mãi ficou ali como encantada; o povo rompeu em aplausos e êle tornou a pôr a máscara e os seus companheiros recomeçaram o canto. E o carrro seguiu lentamente, no meio de uma tempestade de palmas e de vivas.

Os rapazes cegos

Quinta-feira, 24

O mestre está muito doente, e mandaram para o substituir o da *quarta*, que fôra professor do Instituto dos cegos. É o mais velho de todos, tão branco, que parece ter na cabeça uma cabeleira de algodão. Fala bem, mas fala como se cantasse uma canção melancólica, e sabe muito. Mal entrou na escola, vendo um rapaz com um olho vendado, aproximou-se dêle e preguntou-lhe o que tinha. É preciso muito cuidado com os olhos, disse. Nisto Derossi preguntou-lhe:

— É verdade que o senhor já foi mestre dos cegos?

— Fui sim, por muitos anos.

E Derossi disse a meia voz: — Se nos contasse alguma coisa...

O mestre foi sentar-se à mesa.

Coretti disse alto: — O Instituto dos cegos é na rua Nizza.

— Dizeis cegos, cegos... — começou o mestre. — Se

compreendêsseis bem o significado dessa palavra... Reflecti um pouco. Cegos! não ver coisa nenhuma... nunca! Não distinguir o dia da noite; não ver nem o céu, nem o sol, nem os próprios pais... nada de tudo aquilo que está em volta de nós e em que se toca, permanecer imerso numa obscuridade perpétua, e como que sepultados nas profundezas da terra! Experimentai um momento, cerrai os olhos e lembrai-vos que podeis ficar sempre assim... Um terror repentino se apossará de vós, e uma aflição, a que vos seria impossível resistir, vos obrigaria a gritar e vos conduziria à loucura e à morte... E contudo... Pobres cegos! quando se entra pela primeira vez no Instituto, à hora do recreio, se ouve tocar violinos e flautas de tôdas as partes, falar alto e rir, subindo e descendo escadas a passos apressados, girando livremente pelos dormitórios, ninguém diria serem aqueles os desventurados que são. É preciso observá-los bem. Há moços de dezasseis e dezoito anos, robustos e alegres, que suportam a cegueira com tal ou qual indiferença: e alguns, quási com ufania até; mas comprende-se pela expressão dos seus rostos, que devem ter sofrido horrívelmente antes de se resignarem àquela desventura. Há outros de rosto pálido e suave, onde se vê uma serena mas triste resignação e adivinha-se que algumas vezes, em segrêdo, devem chorar ainda. Ah! meus filhos... Lembrai-vos que alguns dêles perderam os olhos em poucos dias, outros, depois de longos anos de martírio e de muitas operações cirúrgicas terríveis, e que muitos já nasceram assim! Nascer numa noite que nunca tem alvorada! entrar no mundo como se fôra num sepulcro enorme, ignorar como seja formado o rosto humano! Imaginar quanto não terão sofrido, quanto não sofrerão, pensando confusamente na indiferença que existe entre êles e os que vêem, preguntando a si mesmos — Porque é esta indiferença, se não temos culpa nenhuma? Eu, que tenho passado muitos anos entre êles, quando me lembro da sua escola, e vejo aqueles olhos apagados para sempre, tôdas aquelas pupilas sem expressão e sem vida, e olho para vós, parece-me impossível que não sejais todos felizes. Notai bem. Há cêrca de vinte e seis mil cegos na Itália.

Vinte e seis mil pessoas que não vêm a luz! Um exército que gastaria quatro horas a desfilar debaixo das nossas janelas.

O mestre calou-se; não se sentia nem um respiro na escola! Derossi preguntou se era verdade que os cegos tinham o tacto mais apurado do que nós. O mestre disse:

— É verdade. Todos os outros sentidos se aperfeiçoam nêles, e a razão é porque, devendo todos conjuntamente suprir o da vista, são mais exercitados, o que não acontece aos que vêm. De manhã, nos dormitórios, pregunta um: — Faz sol? e o que é mais ligeiro em vestir-se corre imediatamente ao pátio; agita as mãos ao ar, para sentir se há calor do sol e volta com a mesma pressa a dar a boa notícia: — Faz sol... Pela voz de qualquer pessoa fazem idéa da sua estatura. Nós avaliamos a coragem duma pessoa pelos olhos; êles pela voz e recordam-se da entonação e do acento dela durante anos. Percebem se numa sala, está mais que um indivíduo, ainda que um só fale e os outros se conservem imóveis. Conhecem pelo tacto se uma colher está pouco ou muito limpa. As crianças diferençam a lã tingida daquela que tem a côr natural. Passando dois a dois pela rua, distinguem quási tôdas as lojas pelo cheiro, mesmo aquelas em que nós não sentimos cheiro algum. Jogam o pião e ouvindo o zumbido que êle faz, girando, vão direitos apanhá-lo sem se enganar. Correm com arcos, jogam a bola, saltam a corda, fabricam caixinhas de seixos, colhem violetas como se as vissem; fazem estojos e cestinhos, entrelaçando palha de várias côres, depressa e bem. Tão exercitado têm o tacto, que é a sua vista. Um dos maiores prazeres para êles é o de apalpar, de apertar e de adivinhar a forma dos objectos tateando-os. É comovente vê-los quando os levam ao museu industrial. onde lhes deixam pôr a mão em tudo quanto queiram. Com que alegria se apoderam dos instrumentos geométricos, dos modêlos de casas, de todos os objectos enfim... e com que satisfação apalpam, esfregam, viram e reviram entre as mãos tôdas as coisas para *ver* como são feitas! Êles dizem *ver!*

Garoffi interrompeu o mestre para lhe preguntar se

era verdade que os rapazes cegos aprendem a fazer contas melhor que os outros.

É verdade — respondeu o mestre. — Aprendem a fazer contas e a ler. Há livros de propósito para êles com as letras em relêvo; passam-lhes os dedos por cima, reconhecem-as e dizem as palavras, chegando a ler correntemente. E é digno de ver-se como êles. coitaditos! córam quando cometem algum êrro. E escrevem, mas sem tinta, escrevem sôbre um papel espesso e duro com um ponteiro de metal; abrindo pontinhos agrupados segundo um alfabeto especial, cujos sinais aparecem em relêvo no reverso do papel, de modo que, voltando o papel e passando os dedos por cima daquelas saliências, lêem quanto escreveram, e do mesmo modo o que os outros escrevem. É assim que êles fazem composições e se correspondem entre si. Pelo mesmo sistema escrevem algarismos e resolvem problemas. Calculam bem de cabeça e com uma facilidade incrível, porque se não distraem com a vista, como a nós nos sucede. E se vísseis como êles são apaixonados por ouvir ler; como estão atentos... e como depois se recordam de tudo... como discutem uns com os outros — até os pequenos — àcerca de coisas de história e de língua, sentados todos, aos quatro e aos cinco no mesmo banco, sem se voltarem uns para os outros, e conversando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto, em voz alta e todos juntos, sem perderem uma só palavra, de tal modo têm o ouvido agudo e pronto!... Dão mais importância aos exames e afeiçoam-se mais aos mestres do que vós; isto o afirmo eu... Reconhecem o mestre pelos passos e pelo cheiro, percebem se está de bom humor ou mau humor, se está doente ou são, e isto só pelo som das palavras. Gostam muito que êle lhes ponha a mão quando os anima e os louva, e apalpam-lhe também as mãos e os braços para exprimir-lhe a sua gratidão. São amigos uns dos outros e bons companheiros. Nas horas de recreio quási sempre são os mesmos que se juntam em grupo. Na secção das raparigas, formam grupos segundo os instrumentos que tocam, as violinistas, as pianistas e as que tocam flauta, e nunca se separam. Quando se afeiçoam é difícil separá-los, porque encon-

tram grande confôrto na amizade. Julgam-se imparcialmente entre si. Têm uma idea clara e profunda do bem e do mal. Ninguém se exalta como êles com a narração de um acto generoso ou de um feito heróico.

Voltini preguntou se tocavam bem.

— Amam a música ardentemente — respondeu o mestre. — É ela a sua alegria e a sua vida... Crianças cegas, mal entram no *Instituto,* são capazes de estar três horas imóveis, de pé, a ouvir tocar. Aprendem fàcilmente e tocam com paixão. Quando o mestre diz a algum que não tem disposição para a música, êsse mostra por isso grande desgôsto e lança-se a estudar desesperadamente! Ah! se ouvísseis a música lá dentro, se os vísseis quando êles tocam, com a fronte alta, com o sorriso nos lábios, trémulos de comoção, extáticos quási, escutando as harmonias que expandem na obscuridade infinita que os circunda, compreenderieis então que consolação divina é para êles a música! Regosijam-se e exultam de felicidade quando o mestre lhe diz: — Tu virás a ser um artista! Para êles é como o rei o que fôr primeiro na música, o que sobressair a todos no piano ou no violino, e então amam-no e veneram-o. Se dois discutem, recorrem a êle como juiz, se dois se zangam, é êle que os reconcilia. Os mais pequenos, a quem êle ensina a tocar, tratam-no como um pai. Antes de se irem deitar vão todos dar-lhe as boas noites. E falam contínuamente de música. Estão já na cama, de noite, tarde, quási todos cansados do estudo e do trabalho e, meio adormecidos, discorrem ainda, em voz baixa, sôbre óperas, *maestros,* instrumentos e orquestras. E é um grande castigo para êles, privá-los da leitura ou da lição de música, e sofrem tanto com essa pena, que quási não há coragem de lha infligir. O que a luz é para os nossos olhos, é a música para o seu coração.

Derossi preguntou se não era possível ir vê-los?

— É possível, sim, respondeu o mestre — mas vós, rapazes, não deveis lá ir por ora. Ireis mais tarde, quando estiveres no caso de compreender tôda a grandeza daquela desventura, e de sentir tôda a compaixão que ela merece. É um espectáculo triste, meus filhos! Vêm-se lá,

algumas vezes, rapazes sentados junto a uma janela aberta, gozando o ar fresco com as feições imóveis, que parecem estar a olhar para a grande planície verde e para as belas montanhas azuis que nós vemos, e ao pensar que não vêem nada, e que não verão nunca coisa alguma dessa imensa beleza, confrange-se-nos a alma, como se ficássemos cégos naquele momento. E ainda os cegos de nascença, que nunca viram o mundo, não sofrem tanto, porque não têm a imagem de coisa nenhuma, e inspiram por isso menos compaixão. Mas há rapazes cegos de poucos mêses que se recordam ainda de tudo, e avaliam bem quanto perderam; êsses têm a dôr de sentir que se lhe vão escurecendo na mente, dia a dia as imagens mais queridas, de sentir como que apagar-se-lhes na memória as feições das pessoas amadas. Um dêstes rapazes disse-me um dia com uma tristeza inexprimível: — Como eu desejava ainda ter vista uma vez, um momento apenas para tornar a ver as feições de minha mãi, porque já não me recordo delas! E quando as mãis vão visitá-los põem-lhes as mãos no rosto, apalpam-no muito desde a testa até o queixo, e depois apalpam-lhe ainda as orelhas, como para compenetrar-se bem da sua forma. E quási se não persuadem que não podem vê-la, e chamam-lhe pelo nome muitas vezes, como para rogar-lhe que se deixe ver, que se mostre ao menos uma vez. Quantos visitantes, mesmo homens de coração duro, não saem de lá chorando! E quando, ao saír, vemos gente, as casas e o céu, parece que somos uma excepção no gôso de um privilégio não merecido. Oh! não há nenhum de vós, estou certo disso, que saindo do Instituto dos cegos, não se sentisse disposto a privar-se de um pouco da própria vista, para dar os raios dela, embora ténues, àquelas pobres crianças, para as quais o sol não tem luz, e a mãi não tem feições.

O mestre enfermo

Sábado, 25

Ontem de tarde, ao sair da escola, fui visitar o meu mestre, que está doente. De muito trabalhar, adoeceu. Cinco horas de lição por dia, uma hora de gimnástica, depois mais duas horas na escola nocturna... o que quere dizer: dormir pouco, comer às carreiras e esfalfar-se desde manhã até noite! Assim arruínou a saúde, disse minha mãi, que me acompanhou até à casa dêle, esperando por mim em baixo no portal. Subi só, e encontrei nas escadas o mestre das barbas grandes e pretas, *Coatti,* o que mete mêdo a todos e não castiga nenhum. Olhou para mim com os seus grandes olhos, imitou ao passar a voz

do leão, por brincadeira, mas sem se rir. Eu é que ria ainda puxando a campaínha no quarto andar, mas fiquei logo triste, quando a criada me fez entrar numa alcova pobre, meio escura, onde estava o meu mestre deitado numa

pequena cama de ferro; tinha a barba crescida. Fêz pala com a mão sôbre os olhos para ver melhor, e exclamou com a sua voz afectuosa:

— Olá, Henrique!

Aproximei-me do leito, e êle pousando-me a mão em cima do ombro, disse:

— Muito bem, meu filho, muito bem! Fizeste bem em vir visitar o teu pobre mestre. Estou reduzido a êste estado que vês, meu caro Henrique. Como vai a escola? Como vão os teus companheiros? Tudo bem, hein? mesmo sem mim. Não faz lá falta o velho mestre, não é verdade?

Eu queria dizer que fazia, mas êle interrompeu-me logo, dizendo:

— Bem sei que sois todos meus amigos... e suspirou.

Eu olhava para algumas fotografias suspensas na parede.

— Vês — continuou êle — São todos rapazes que há vinte anos a esta parte me têm dado os seus retratos... Bons rapazes! São essas as minhas memórias. Quando eu morrer, o meu derradeiro olhar será para todos êsses traquinas, entre os quais passei a minha vida inteira... Tu também me hás-de dar o teu retrato, não é verdade? mas há-de ser quando tiveres acabado os primeiros preparatórios.

Depois disto pegou numa laranja que tinha sôbre a mezinha de cabeceira e deu-ma, dizendo:

— Não tenho mais nada que te dar. É um pequeno presente de doente.

Eu olhava para êle, com o coração triste, sem saber porquê.

— Olha lá — murmurou o mestre. — Eu espero não ir desta, mas, se não melhorar mais, vê se te fazes mais forte na aritmética, que é onde estás fraco. Faz um esfôrço, não se trata senão de um pequeno esfôrço, porque às vezes não é falta de aptidão... é um preconceito... uma idea...

Mas, dizendo isto, respirava difìcilmente e via-se que sofria.

— Tenho uma febre diabólica, balbuciou. Isto não

vai muito longe... Nota o que te digo, insiste na aritmética e no estudo dos problemas... Não te saem bem à primeira? Descansa um pouco e torna a principiar... Não vai ainda da segunda? Torna a descansar e torna a repetir. E assim por diante, sem impaciências nem esmorecimentos... Agora vai... dá lembranças à mamã, e não tornes a subir as escadas, porque nos havemos de ver breve na escola... mas, se assim não fôr, recorda-te algumas vezes do teu mestre da *terceira,* que foi muito teu amigo...

Ouvindo aquelas palavras, não pude deixar de chorar. E êle então disse:

— Ouve cá...

Eu aproximei-me, inclinei a cabeça sôbre o travesseiro e êle beijou-me os cabelos. Depois repetiu:

— Vai — e voltou a cara para a parede.

Eu voei pelas escadas abaixo, porque sentia vontade de abraçar minha mãi.

A Rua

Sábado, 25

Estando a observar-te da janela esta tarde quando voltavas da casa do mestre, vi que deste um encontrão numa senhora. Toma cuidado quando andares pela rua. Ali também há deveres a cumprir. Pois se tu medes os teus passos e as tuas acções numa casa particular, porque não hás-de fazer o mesmo na rua que é casa de todos? Repara bem no que vou dizer-te, Henrique. Tôdas as vezes que encontrares um velho trôpego, um pobre, uma mulher com uma criança ao colo, um aleijado, um homem carregado, uma família vestida de luto, cede-lhe o passo com respeito; porque devemos respeitar a velhice, a miséria, o amor materno, a enfermidade, a fadiga e a morte. Tôdas as vezes que vires uma pessoa, que distraídamente vai adiante de um carro, desvia-a, se fôr criança, e adverte-a se fôr um homem. Pregunta sempre à criança sòzinha que chora, o que tem, e apanha a bengala ao ancião que a deixar caír. Se dois rapazitos brigarem, separa-os, se forem dois homens, afasta-te, e não assistas à violência brutal que ofende e endurece o coração. Se passar por ti um homem prêso no meio de guardas, não jun-

tes a tua à curiosidade cruel da multidão, porque aquele homem pode ser um inocente. Cessa de falar com o teu companheiro e de sorrir quando encontrares uma maca do hospital, que conduz talvez um moribundo; ou um carro mortuário, porque no dia seguinte um igual pode sair de tua casa. Olha com reverência para todos os rapazes dos Institutos, que passam, dois a dois: são os cegos, mudos, raquíticos, órfãos e crianças abandonadas, e lembra-te que é a desventura e a caridade humana que passa. Finge sempre não ver o indivíduo que tem uma deformidade repugnante ou ridícula. Apaga sempre os fósforos acêsos que encontrares debaixo dos teus passos e que podem ser causa da morte de alguém. Responde com amabilidade ao transeunte que te preguntar onde fica esta ou aquela rua. Não olhes para pessoa alguma rindo, nem corras nem grites sem necessidade. Respeita a rua. A educação de um povo julga-se, antes de tudo, pelo comportamento dêsse povo na rua. Onde vires a grosseria nas praças, encontrarás a grosseria nas casas. Estuda as ruas, estuda a cidade, onde vives, porque se àmanhã fôres forçado a deixá-la, hás-de sentir prazer tendo-a bem presente na memória, e poder percorre-la tôda com o pensamento. A tua cidade é a tua pequena pátria, aquela que foi por tantos anos o teu mundo, onde deste os primeiros passos ao lado de tua mãi, onde experimentaste as primeiras comoções, e abriste o espírito às primeiras ideias; onde enfim tiveste os primeiros amigos. Essa foi uma mãi para ti, instruiu-te, deleitou-te, protegeu-te. Estuda-a pois, nas suas ruas e na sua gente, e ama-a... E quando ouvires injuriá-la, defende-a.

Teu Pai.

MARÇO

As escolas nocturnas

Quinta-feira, 2

Meu pai levou-me ontem às escolas nocturnas da nossa secção Baretti, que estavam tôdas iluminadas, e os operários começavam a entrar. Ao chegar, encontrámos o director e os mestres muito irritados, porque

pouco tempo antes alguém quebrara com uma pedrada um vidro da janela. O contínuo saíra num pulo à rua, e agarrou pelos cabelos um rapaz que passava, mas logo se apresentou Stardi, que mora defronte da escola, dizendo:

— Não foi êsse, vi com os meus olhos. Foi Franti quem atirou a pedra, e até me disse: — Ai de ti, se te não calas. Mas eu não tenho medo dêle.

O director declarou que Franti ia ser expulso para sempre. Entretanto, ia eu olhando para os operários que estavam aos dois e aos três juntos, e já lá havia mais de duzentos! Não imaginava quanto era bela uma escola nocturna! Havia rapazes de doze anos para cima e homens com barba, que vinham do trabalho, trazendo livros e cadernos; carpinteiros, fogueiros, com a cara negra, pedreiros com os cabelos enfarinhados; e sentiu-se o cheiro do verniz, de coiros, de peixe, de azeite, de todos os ofícios, enfim. Entrou também uma companhia de operários de artilharia, vestidos de soldados, conduzidos por um cabo. Enfileiraram-se todos, à pressa, nos bancos, tirando a tábua de baixo, onde costumamos pôr os pés, e curvando logo a cabeça sôbre o trabalho. Alguns iam pedir explicações ao mestre, com os cadernos abertos. Vi lá aquele mestre, muito moço, que anda sempre muito bem vestido, o *Advogadinho*, com três ou quatro operários em volta da escrevaninha, fazendo-lhes correcções na escrita, e vi também aquele outro coxo, que ria mostrando o tintureiro, que lhe levára um caderno todo manchado de tinta vermelha e azul.

Estava também o meu mestre, já restabelecido, e que deve voltar àmanhã à escola. As portas da aula estavam abertas.

Fiquei maravilhado, quando principiaram as lições, ao ver como todos se conservavam atentos e de olhos fixos.

E contudo a maior parte dêles, dizia o director, para não chegarem tarde, nem ao menos passaram por casa para comer um bocado de pão, e tinham fome. Os pequenos, êsses, depois de meia hora de escola, caíam de sono; alguns até adormeciam com a cabeça encostada à

carteira, e o mestre ia acordá-los, fazendo-lhes cócegas nas orelhas com a pena. Mas os grandes estavam com a bôca aberta, ouvindo a lição sem pestanejar.

A mim fazia-me impressão ver todos aqueles homens barbados nos nossos bancos. Subimos depois ao outro andar e, indo eu logo direito à porta da minha aula, vi, no meu lugar um homem com grandes bigodes e uma das mãos entrapada, talvez por se ter ferido em alguma máquina, e, todavia procurava meio de escrever, de vagar. Mas o que mais mais me agradou, foi ver no lugar do *pedreirito*, exactamente no mesmo banco e no mesmo canto, seu pai, aquele pedreiro grande como um gigante, que lá estava, sem poder mexer-se, com os cotovelos sôbre o banco, a barba apoiada nos punhos e os olhos sôbre o livro, tão atento que quási nem respirava.

E não estava ali por simples coïncidência. Êle próprio, na primeira noite que veio à escola, disse ao director:

— Senhor director, há-de fazer-me o favor de me colocar no lugar do meu *focinho de lebre*. (assim é que êle chama ao filho...)

Meu pai, entreteve-se ali até ao fim, e ao saír vimos na rua muitas mulheres com crianças ao colo, que esperavam os maridos. Os operários traziam os filhos nos braços e davam às mulheres os livros e os cadernos, e assim íam para casa. A rua esteve por alguns momentos cheia de gente e de rumor. Depois caíu tudo em silêncio, e não vimos mais do que a figura esguia e curva do director que se ia embora.

A luta

Domingo, 5

Era de esperar. Franti, expulso pelo director, quis vingar-se e esperou Stardi em uma esquina, depois da saída da escola, quando êle passava com a irmã, que vai buscar todos os dias a um Instituto da rua Dora Grossa. Minha irmã Silvia, saíndo do colégio, viu tudo e chegou a casa cheia de susto.

Eis o que aconteceu. Franti com o seu barrete de oleado, achatado à banda sôbre uma orelha, correu nas pontas dos pés atrás de Stardi e, para o provocar, puxou pela trança dos cabelos da irmã, puxão tão forte, que quási a deitou por terra, de costas.

A menina deu um grito e seu irmão voltou-se logo. Franti, que é muito mais alto e mais forte do que Stardi, pensava: — ou êle não diz nada ou bater-lhe-ei a valer. Mas Stardi não se demorou a pensar, e, assim pequeno como é, arremessou-se de um salto sôbre o grandalhão, e começou a socá-lo; porém, como era menos possante, apanhava mais do que dava. Na rua não havia senão meninas e ninguém podia separá-los. Franti atirou-o ao chão, porém Stardi ergueu-se logo e investiu de novo; mas Franti batia-lhe como numa porta; num momento arrancou-lhe metade de uma orelha, machucou-lhe um olho, e fez-lhe deitar sangue pelo nariz. Mas Stardi, forte, rugia:

— Mata-me, mas hás-de pagar-me.

E Franti, de cima, aos bofetões e ponta-pés; e Stardi de baixo, correspondia com cabeçadas e muros.

Uma senhora gritou da janela:

— Bravo, rapaz!

Diziam outras:

— É um irmão que defende sua irmã... Coragem! Dá-lhe, dá-lhe sem pena.

E gritavam a Franti:

— Preverso, covarde!

Franti estava furioso; passou-lhe uma rasteira. Stardi caíu por baixo dêle.

— Rende-te!

— Não!

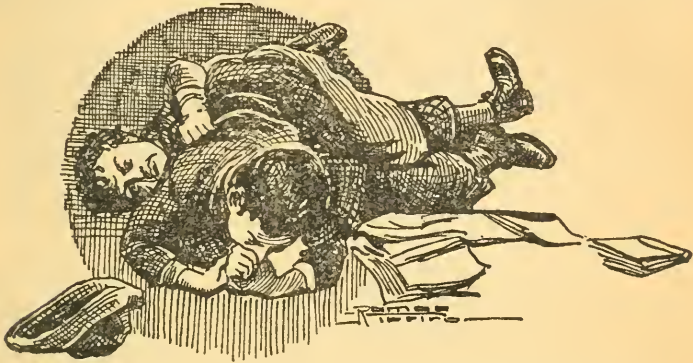
— Rende-te!

— Não!

E num pulo conseguiu Stardi levantar-se, e, cingindo Franti pela cintura e fazendo um furioso esfôrço, atirou-o de costas na calçada, e pôs-lhe um joelho no peito.

— Ai! que o infame puxa por uma faca; gritou um homem correndo para desarmar Franti.

Mas Stardi, fora de si, já lhe tinha agarrado no braço com ambas as mãos e dado na mão uma tal dentada, que a

faca lhe caíra, e da mão escorria sangue. Neste meio tempo, acudiram outros que os separaram e levantaram; Franti foi-se safando, muito maltratado; e Stardi ficou com a cara arranhada e um olho pisado, mas vencedor, ali ao lado da irmã, que chorava, enquanto algumas meninas apanhavam os livros e os cadernos espalhados pela rua.

— Bravo! — diziam todos — defendeu sua irmã!

Mas Stardi ocupava-se mais da sua carteira do que da vitória, e pôs-se logo a examinar, um por um, os livros e os cadernos, a ver se tinha algum perdido ou rôto; limpou-os com a manga, guardou a pena, e pôs cada cousa em seu lugar; depois, tranqüilo e sério como sempre, disse à irmã:

— Vamos depressa, que tenho que resolver um problema de quatro operações.

Os parentes dos meninos

Segunda-feira 6

Esta manhã estava Stardi, pai à porta da escola, à espera do filho, com receio de que êste se encontrasse outra vez com Franti. Mas Franti não aparecerá mais, diziam, porque vai ser preso. Entre outros via-se também o vendedor de lenha, o pai de Coretti, completo retrato do filho, esbelto, alegre, com os seus bigodinhos pontu-

dos e uma fita de duas côres na casa do casaco. Eu já vou conhecendo quási todos os pais dos rapazes, por os ver ali sempre. Há uma avó corcovada, que vem quatro vezes ao dia chova, nevisque ou haja tempestade, trazer e buscar um seu netinho da *primeira superior;* pega-lhe no capote, enfia-lho, endireita-lhe a gravata, sacode-lhe a poeira, penteia-o e guarda-lhe os cadernos... Vê-se que não tem outra preocupação, nem vê coisa mais bela neste mundo. Também aparece muitas vezes o capitão de artilharia, pai de Robetti, aquele das muletas que salvou a criança, e assim como todos os companheiros o saúdam ao passarem diante dêle, também retribui do mesmo modo, e não há exemplo de esquecer-se dum; inclina-se para todos; e quanto mais pobres são e mal vestidos, mais satisfeito fica, e mais lhes agradece.

Mas às vezes vêm-se coisas bem tristes.

Um senhor que não aparecia havia mais de um mês porque lhe morrera um filho, e mandava o outro pela criada, voltando ontem pela primeira vez, e tornando a ver a classe e os companheiros do seu filho morto, rompeu em soluços, cobrindo o rosto com as mãos; e o director tomando-o por um braço, conduziu-o ao seu gabinete.

Há pais e mãis, que conhecem pelos nomes todos os companheiros dos filhos, as meninas da escola vizinha e os estudantes que vêm esperar os irmãos.

Há um senhor velho que foi coronel, e quando algum deixa caír um caderno ou uma pena, apanha-a e entrega-lha. Vêm-se também senhoras bem vestidas, que falam a respeito da escola, com outras de lenço na cabeça e cesta no braço, e dizem:

— Ah! foi terrível desta vez o problema!

— A lição de gramática parecia não ter fim hoje!

E quando há um doente na classe, todos sabem; e quando o doente melhora, todos se alegram. Ainda esta manhã oito ou dez senhoras e operários estavam em volta da mãi de Crossi, a quitandeira, a pedir-lhe notícia de um pobre pequeno da classe de meu irmão, que mora na mesma casa e está em perigo de vida. É que a escola torna todos amigos e iguais.

O número 78

Quarta-feira, 8

Ontem à tarde, vi uma cena comovente. Havia já muitos dias que a quitandeira, tôdas as vezes que passava por Derossi, o olhava sempre com expressão de grande afecto; isso porque Derossi, depois que fez a descoberta do tinteiro e do preso número 78, principiou a estimar muito seu filho Crossi, o dos cabelos ruivos e do braço paralítico, ajudando-o a fazer o trabalho na escola, sugerindo-lhe as respostas e dando-lhe papel, penas e lápis; em suma, fazendo o que faria a um irmão, e isso para o compensar da desgraça que aconteceu ao pai e que êle nem sabe.

E por isso a quitandeira olhava com insistência para Derossi; parecia não poder desprender os olhos dêle, porque é uma bôa mulher que vive tôda para seu filho, a quem Derossi auxilia para que faça boa figura na aula. Derossi, que é um *senhor* e o primeiro da escola, parece-lhe um rei, um santo. Olhava sempre para êle, e parecia querer dizer-lhe alguma coisa, mas acanhava-se. Ontem de manhã, finalmente, encheu-se de coragem e fê-lo parar diante de um portão, dizendo-lhe:

— Perdõe-me, *senhor,* que tão bom é, e tanto bem quere a meu filho, dê-me o prazer de aceitar esta pequena lembrança de uma pobre mãi (e tirou da cesta da hortaliça uma caixinha de cartão branco e dourado).

Derossi còrou e recuou, dizendo resolutamente:

— Dê-a a seu filho, que eu não aceito nada.

A mulher ficou muito vexada e pediu desculpa balbuciando:

— Eu não pensava ofendê-lo; a caixinha não tem senão caramelos.

Derossi abanou a cabeça. Então, timidamente ela tirou da cesta um molhinho de rabanetes, e disse:

— Aceite-os que são muito fresquinhos; faça favor de os levar a sua mamã.

Ela, insistiu para que aceitassse.

Derossi sorriu e respondeu:

— Muito obrigado, não aceito, não quero coisa alguma, e esteja certa que farei sempre o que puder por Crossi. Nada posso aceitar. Muito obrigado e agradeço-lhe como se aceitasse.

Derossi disse-lhe que não, sorrindo, e seguindo o seu caminho, enquanto a mulher clamava tôda contente:

— Oh! que rapazinho êste! Nunca vi nenhum tão bom, nem tão bonito assim!

Parecia tudo terminado, quando, às quatro da tarde, em vez da mãi de Crossi, aproximou-se de Derossi o pai com o seu semblante pálido e melancólico, fê-lo parar, e pelo modo por que o encarava compreendi logo que suspeitava que Derossi tivesse conhecimento do seu segrêdo.

Olhou-o fixamente, e disse com voz triste e afectuosa:

— Sei que estima muito meu filho. Porque lhe quere tanto bem?

Derossi ficou com o rosto côr de fôgo, e quisera responder-lhe: *Quero-lhe bem porque tem sido infeliz, e porque o senhor também tem sido talvez mais infeliz que culpado; já expiou nobremente o seu crime e é um homem de coração;* mas faltou-lhe a coragem para dizer-lhe isto, porque lá no seu íntimo sentia ainda um certo receio e quási repugnância diante do homem que derramara o sangue de outro homem e estivera seis anos na prisão.

Mas o outro adivinhou tudo, e baixando a voz, disse ao ouvido de Derossi, quási tremendo:

— Quere bem ao meu filho, mas não quere mal nem despreza o pai, não é verdade?

— Ah! não! pelo contrário, exclamou Derossi num impulso da alma.

E então o homem fez um gesto violento, como quem desejava apertá-lo nos braços, mas não ousou, e em vez de abraço, tomou entre os dedos um anel dos seus cabelos louros, desenrolando-o, e deixou-o ir seguindo o seu caminho; depois levou a mão à bôca, beijou-a na palma, seguindo Derossi com os olhos húmidos, como para dizer-lhe que era para êle aquele beijo... Em seguida deu a mão ao filho, e foi-se embora a passos apressados.

O pequeno morto

Segunda-feira, 13

O pequeno que morava no pátio da quitandeira, o da *primeira superior,* companheiro de meu irmão, morreu. A mestra Delcati veio sábado de tarde, tôda aflita, dar esta notícia ao mestre; e logo Garrone e Coretti se ofereceram para ajudar a levar o caixão.

Era um belo menino e ainda na semana passada ganhara a medalha; era muito amigo de meu irmão e tinha-lhe dado um mealheiro quebrado; minha mãi fazia-lhe festas sempre que o encontrava. Trazia um barrete com duas listas de pano vermelho. O pai é carregador no caminho de ferro. Ontem à tarde, às quatro e meia fomos a sua casa para acompanhar o filho à igreja. Mora no rez-do-chão. No pátio, estavam muitos colegas da *primeira superior,* com as mãis, e tôdas traziam suas velas, cinco ou seis mestras e alguns vizinhos. A mestra da pena vermelha e a Delcati tinham entrado e por uma janela aberta via-se que elas choravam, e via-se a mão do pequeno que soluçava alto. Duas senhoras, mãis dos coleguinhas do morto, traziam grinaldas de flôres. Às cinco em ponto puzemo-nos a caminho. Ia a diante um rapaz que levava a cruz, depois um padre atrás do caixão, um caixão pequenino — pobre criança! — coberto com um pano preto, ao qual iam presas as grinaldas de flôres das duas senhoras. Do mesmo pano pendiam a medalha e três menções honrosas que o pequeno ganhara durante o ano. Pegavam no caixão Garrone, Coretti e dois rapazes do pátio. Seguiam-no primeiro Delcati, que chorava como se fôsse seu filho; atrás dela iam outras mestras, e logo depois destas, crianças, algumas das quais muito pequeninas, e estas olhavam espantadas para o féretro, dando a mão às mãis, que levavam as velas por elas. A uma ouvi que perguntava:

— Êle agora não volta mais à escola?

Quando o caixão saíu do pátio, ouviu-se pela janela um grito desesperado. Era a mãi do morto, mas logo a fizeram recolher-se. Chegando à rua encontramos os alu-

nos de um colégio, que passavam dois a dois, e vendo o féretro com a medalha e as mestras, todos se descobriram.

Pobre criança que foi dormir para sempre com a sua medalha! Não o tornaremos a ver, com o seu barretinho vermelho. Estava bom ainda há pouco e em quatro dias morreu!

No último dia fez ainda um esfôrço para levantar-se e fazer o seu trabalhozinho de nomenclatura, e quis que lhe puzessem a medalha em cima da cama com mêdo que lha furtassem.

Ninguém ta furtará mais, pobre criança! Adeus! adeus! A sua memória não se apagará na secção Garetti, anjinho! Dorme em paz.

A vespera de 14 de Março

Hoje foi um dia mais alegre do que o de ontem. Treze de Março! Véspera da distribuíção dos prémios no Teatro Vitor Manuel, a bela e grandiosa festa de todos os anos! Mas desta vez não foram apanhados ao acaso os meninos que devem ir ao teatro apresentar a lista dos prémios aos senhores que os distribuem. O director veio esta manhã à hora da saída e disse:

— Meus filhos, uma bôa notícia.

E em seguida chamou Coraci, o calabrês. Coraci levantou-se.

— Queres ir àmanhã ao teatro apresentar a lista dos prémios à autoridade?

O calabrês respondeu que sim.

— Está bem, assim também a Calábria terá o seu representante, e é uma bela coisa.

O município quiz êste ano que os dez ou doze meninos que têm de apresentar os prémios sejam filhos de tôdas as partes da Itália, tirados das diversas secções das escolas públicas. Temos vinte secções com cinco sucursais; sete mil alunos. Em tão crescido número, não foi difícil encontrar um rapaz de cada uma das regiões italianas. Da secção *Torquato Tasso* vêm dois representantes das ilhas, um sardo e um siciliano; da escola *Boncom-*

pagni vai um pequeno florentino, filho de um entalhador; um romano, filho de Roma, da secção *Tommaseo;* também há venezianos, lombardos e romanholos; da secção *Monviso* há um napolitano, filho de um oficial; nós damos um genovês e um calabrês que és tu, Coraci. Serão doze com o piemontês. É belo, não vos parece? Recebereis os prémios das mãos dos vossos irmãos de tôdas as partes de Itália. Tomai sentido. Devem comparecer no palco todos os doze juntos. Recebei-os com aplausos. São crianças, mas representam a pátria como se fôssem homens. Uma pequena bandeira tricolor é o símbolo da Itália, da mesma forma que uma bandeira, não é verdade? Aplaudi-os, pois calorosamente. Mostrai que também os vossos pequenos corações se inflamam, que também as vossas almas de dez anos se exaltam diante da imagem santa da pátria. Depois de ter assim falado, retirou-se; o mestre disse sorrindo:

— Com que então, Coraci, tu és o deputado da Calábria?

E então todos começaram a bater palmas e a rir, e quando chegaram à rua cercaram Coraci, e agarrando-o pelas pernas, levaram-no em triunfo, gritando: — Viva! viva o deputado da Calábria! — Tudo por brincadeira, já se vê, e não por zombaria; eram expansões de coração, porque é uma criança estimada por todos; êle sorria. Assim o levaram até à esquina da rua, onde esbarraram com um sujeito de barbas pretas, que se pôs a rir. O calabrês disse: :

— É meu pai.

E nisto os rapazes deixaram-lhe o filho nos braços e foram cada um para seu lado.

A distribuição dos prémios

Março, 14

Às duas horas, o enorme teatro estava cheio; platéa, galeria, camarotes, palco, tudo a trasbordar! Milhares de rostos: meninos, senhoras, mestres, operários, mulheres do povo, crianças; era um agitar de cabeças e de mãos,

um tremular de pernas, de laços de fita, de cabelos, um murmúrio longo e festivo que causava alegria. O teatro estava todo güarnecido de festões de pano vermelho, branco e verde.

Na platéa haviam feito duas pequenas escadas: uma à direita por onde os premiados deviam subir para o palco; outra à esquerda por onde os mesmos deviam descer depois de ter recebido o prémio.

À frente do palco havia duas ordens de poltronas vermelhas, e do espaldar da do centro pendiam duas coroazinhas de louro. Ao fundo, um trofeu de bandeiras; de um lado, uma mesa com um pano verde tendo em cima todos os prémios atados com laços tricolores. A banda de música estava na platea, abaixo do palco. Os mestres e as mestras enchiam tôda a metade da primeira galaria, que fôra reservada para êles. Nos bancos e nas varandas da platea, acumulavam-se centenares de rapazes que deviam cantar e tinham a música entre as mãos. No fundo e em tôrno, viam-se andar para um e outro lado mestres e mestras, que punham em fileira os premiados e havia uma quantidade enorme de parentes a dar-lhes a última penteadela aos cabelos e o último arranjo às gravatinhas.

Apenas entrei com minha família no camarote, vi noutro defronte, a mestrazinha da pena vermelha, que ria com as suas belas covinhas nas faces e, com ela, a mestra de meu irmão, a *Freirinha* tôda vestidinha de preto, e a minha bôa mestra da *primeira superior,* mas tão pálida, coitadinha! tossia tão forte que se ouvia de um lado a outro do teatro. Na platea descobri logo aquela querida cabeçorra de Garrone e a cabecinha loura de Nelli, encostada ao ombro daquele. Um pouco mais adiante, vi Garoffi com o seu nariz de bico de coruja, atarefadamente, a recolher as listas impressas dos premiados, e tinha já um grande maço delas para fazer o seu negócio. Sabe-lo--e-mos.

Próximo à porta estava o vendedor de lenha com a mulher, vestidos de gala, ao pé do filho, que tem um terceiro prémio da *segunda.* Fiquei pasmado de lhe não ver o barrete de pele de gato e a jaqueta de malha côr de

chocolate. Desta vez estava vestido como um *fidalguinho*. Numa galaria vi por um momento Voltini, com um grande colarinho de rendas; depois desapareceu. Em um camarote cheio de gente, junto ao proscénio estava o capitão de artilharia, pai de Robetti, aquele das muletas que salvou a criança.

Ao dar duas horas, a banda tocou e foram subindo pela escadinha o síndico, o perfeito, o provedor e muitos outros senhores, todos vestidos de preto, que se assentaram nas poltronas vermelhas em frente do palco. A música acabou de tocar. Veio então à frente o director da escola de canto com uma batuta na mão, e, a um sinal seu, todos os meninos da plateia se puzeram em pé, e a um outro aceno principiaram a cantar. Eram setecentos cantando uma lindíssima canção, setecentos rapazes cantando juntos; como é belo! Todos os escutavam imóveis; era um canto dôce, límpido, vagaroso, que parecia cântico de igreja.

Quando acabaram, todos aplaudiram. Depois fez-se silêncio. A distribuíção dos prémios ia começar. Já se via na frente do palco o mestre da *segunda* com a sua cabeça ruiva e os seus olhos vivos, que devia ler o nome dos premiados. Esperava-se que entrassem os doze rapazes para apresentar os atestados. Os jornais tinham já dito que apareceriam filhos de tôdas as províncias da Itália; todos o sabiam e esperavam-nos, olhando com curiosidade para o lado donde deviam entrar. O síndico e outros senhores agüardavam também a entrada deles; todo o teatro estava mudo e silencioso.

De repente vêm-se marchar até ao proscénio e parar ali, em fileira, os doze, sorrindo.

Três mil pessoas, todo o teatro, se levantou ao mesmo tempo, rompendo num aplauso que parecia um ribombar de trovão. Os rapazes ficaram um momento confusos.

— Ei-la, a Itália! disse uma voz no palco.

Reconheci logo Coraci, o calabrês, vestido de preto como sempre. Um vereador municipal que estava connosco e conhecia a todos, ia-os indicando a minha mãi. Aquele pequeno louro é o representante de Veneza, o romano é aquele alto e frisado.

Havia dois ou três, vestidos fidalgamente, os outros eram filhos de operários, mas todos limpos e aceadinhos. O florentino, que era o mais pequenino, tinha uma faixa azul, em volta da cintura. Passaram todos diante do síndico, que os beijava na fronte, enquanto um homem ao seu lado lhe dizia devagar e sorrindo os nomes das cidades.

— Florença, Nápoles, Bolonha, Palermo... E a cada um que passava, todo o teatro batia palmas. Depois correram todos à mesa verde em busca dos atestados, e o mestre principiou a ler a lista, dizendo as secções, as classes e os nomes; e os que iam ser premiados principiaram a saír e a desfilar.

Tinham apenas subido os primeiros degraus, quando se ouviu por detrás do pano do fundo uma música ligeira, harpejada de violinos, que não cessou enquanto durou a desfilada, uma ária dôce, sempre igual, que parecia o murmúrio de muitas vozes carinhosas, vozes de tôdas as mãis, de todos os mestres e de tôdas as mestras, num côro, todos juntos dando conselhos, rogando e fazendo amorosas advertências.

E, no entanto, os premiados passaram, um após outro, diante dos *senhores* sentados, que lhe entregavam os prémios e diziam a todos uma palavra afectuosa ou faziam uma carícia. Os rapazes da platéa e da galaria aplaudiam tôdas as vezes que passava algum muito pequeno, ou que pelos vestidos parecesse pobre, e também os que tinham cabeleiras encaracoladas ou estavam de vermelho ou de branco. Passaram alguns da *primeira superior,* que, chegando ali, não sabiam para onde se haviam de virar, e todo o teatro ria. Passou um de três palmos de altura, que mal podia andar, com uma fita côr de rosa no ombro; tropeçou no tapete, caíu e o perfeito levantou-o. Todos riram e deram palmas; um outro resvalou pelas escadas até à platea e ouviram-se gritos, mas não lhe aconteceu mal algum. Passaram ainda os outros muito diferentes daqueles, rostos de traquinas, caras assustadiças, pequenos que riam para todos e que mal chegavam à platea eram detidos pelos pais e pelas mãis, que dali a pouco os levavam para casa. Quando chegou a vez da nossa secção,

então é que me diverti! Passaram muitos dos meus conhecidos.

Passou Coreti, de roupa nova dos pés à cabeça, mostrando através do sorriso alegre os dentes brancos; e contudo, quem sabe quantos feixes de lenha não tinha êle já carregado de manhã.

O síndico, ao dar-lhe o prémio, preguntou-lhe o que era uma mancha vermelha que tinha na testa, e passou-lhe a mão sôbre o ombro. Procurei com os olhos pela platea o pai e a mãi, e lá os vi rindo e cobrindo a bôca com as mãos. Depois passou Derossi, todo vestido de azul, com os botões reluzentes e os cabelos de ouro em aneis, esbelto, ágil, com a fronte alta, tão belo, tão simpático, que a minha vontade era atirar-lhe um beijo; e todos aqueles *senhores* lhe falavam e apertavam as mãos. Depois o mesmo gritou: — Julio Robetti! e viu-se chegar à frente, de muletas, o filho do capitão de artilharia. Centenas de rapazes sabiam o facto, a notícia espalhou-se, explodindo uma salva de aplausos e de gritos, que fez estremecer o teatro; os homens levantaram-se todos, as senhoras começaram a agitar os lenços no ar, e aquela boa criança parou no meio do palco, aturdida, tremendo... O síndico chegou-o a si, dando-lhe o prémio e um beijo, e tirando do espaldar da poltrona as duas coroazinhas de louro que ali estavam penduradas, enfiou-lhas na travessinha das muletas.

E acompanhou-o até ao camarote do proscénio, onde estava o capitão seu pai, que suspendeu o filho e passou-o para dentro, no meio de palmas, *bravos e vivas*.

E, no entanto, continuava a ouvir-se, ao longe, a música ligeira e gentil dos violinos, e os meninos continuavam desfilando. Eram agora os da secção da *Consolata*, quási todos filhos de vendedores do mercado; em seguida os da secção de *Vanchiglia*, filhos de operários; vieram depois os da secção *Boncompagni*, dos quais muitos são filhos de camponeses, e os da escola *Rayneri*, que foram os últimos. Apenas havia acabado, os setecentos rapazes da platea cantaram uma outra canção lindíssima; depois o síndico falou, e terminou o discurso dizendo aos rapazes:

— Não sairão daqui sem saüdardes, aqueles que tanto se afadigaram por vós, que vos consagraram tôdas as fôrças da sua inteligência e do seu coração, que vivem e morrem por vós. Ei-los e apontou para os mestres.

E então das galarias, dos camarotes e da platea, todos os rapazes se levantaram e estenderam os braços gritando e saüdando os mestres e mestras, que correspondiam agitando as mãos, os chapéus e os lenços, todos direitos, em pé, comovidos. Depois disso, a banda tocou mais uma vez; mais uma vez aínda o público saüdou ruidosamente os doze meninos de tôdas as províncias da Itália, que se apresentaram no proscénio, enfileirados, de mãos dadas, sob uma chuva tempestuosa de flôres.

Litigio

Segunda-feira, 20

Não foi por ter inveja do prémio que Coretti ganhou, que briguei com êle esta manhã. Não, não foi por inveja. Mas eu não tinha razão. O mestre tinha-o mandado para o meu lado, e eu estava a escrever no meu caderno de caligrafia; êle tocou-me com o cotovelo, fiz um borrão e manchei também o original do conto mensal *Sangue Romanholo*, que tinha de copiar para o *pedreirito* que está doente. Zanguei-me e disse-lhe uma palavra feia; êle respondeu-me sorrindo: — Não foi por querer. — Deveria acreditá-lo, porque o conheço; mas não gostei que êle risse e pensei: — Ah! quem sabe se êle não está vaidoso por ter ganho o prémio!... — E pouco depois para vingar-me, dei-lhe um encontrão tão grande que o fez estragar a página inteira.

Êle então, todo vermelho de raiva, disse-me: — Tu sim, tu é que o fizeste de propósito. — E levantou a mão. O mestre viu e êle retirou-a logo. Mas acrescentou: — Espero-te lá fora! — Fiquei incomodado; a raiva assoberbou-me, mas eu arrependera-me.

Coretti não podia fazê-lo senão involuntáriamente.

Êle é bom, pensei. Recordei-me logo de quando o vira em sua casa, como trabalhava e como servia de enfermeiro à mãi doente; e depois, com que festa o recebi em minha casa e quanto êle agradeceu a meu pai.

Quanto não daria eu agora para lhe não ter dito aquela palavra, para lhe não ter feito aquela vilania! E pensava no conselho que me daria meu pai. — «Não tens razão, não senhor — então pede-lhe desculpa». Mas isso é que eu não me atrevia a fazer, porque tinha vergonha de humilhar-me. Olhava para êle de esguelha, via a jaqueta de malha descosida no ombro, talvez por ter carregado muita lenha, sentia que o estimava e dizia comigo: coragem! Mas! a palavra — desculpa-me — ficava na garganta. Êle também olhava para mim, de revés, de tempos a tempos, e parecia-me mais atormentado do que enraivecido. Eu olhava-o também para mostrar que não tinha mêdo. Êle repetiu-me:

— Lá fora falaremos.

E eu disse-lhe:

— Pois sim, lá fora...

Mas lembrava-me do que meu pai me havia dito uma vez.

«Se não tens razão, defende-te, mas não batas». E dizia comigo: Defender-me-ei, mas não baterei. Fiquei descontente, triste, e já nem dava mais atenção ao mestre. Enfim, chegou o momento de saída. Quando estava só na rua, vi que êle me seguia. Parei e esperei-o com a régua na mão. Êle aproximou-se; levantei a régua.

— Não, Henrique, disse êle com seu bom sorriso e deitando-me para baixo a régua.

— Sejamos amigos como dantes.

Fiquei extático um momento, senti-me como empurrado, pelas costas e fui cair nos braços de Coretti. Beijou-me e disse:

— Nunca mais havemos de brigar, não é assim?

— Nunca mais, nunca mais! respondi.

E separámos-nos contentes.

Logo que cheguei a casa, contei tudo a meu pai julgando que lhe seria agradável sabê-lo; êle ficou sério e disse-me:

— Devias ser o primeiro a estender-lhe a mão, porque não tinhas razão alguma. Levantar a régua para um companheiro que é melhor do que tu e de mais a mais para um filho de um soldado!...

E arrancando-me a régua das mãos partiu-a em pedaços e atirou-a fora.

Minha irmã

Sexta-feira, 24

«Porque, Henrique, depois que o papá te repreendeu por te haveres comportado mal com Coretti, tiveste ainda aquela desatenção comigo? Nem imaginas a dor que me causaste. Pois não sabes que quando eras criança, estava eu horas e horas ao lado do teu berço, em vez de divertir-me com as minhas companheiras? que, quando adormecias, me levantava a todos os momentos da cama, de noite para ver se queimavas de febre? Não sabes que magôas tua irmã que te serviria de mãi e que te queria como a um filho, se uma desgraça tremenda nos ferisse a nós? Não sabes que, quando o papá e a mamã deixarem de existir, serei a tua melhor amiga a única com quem possas falar dos nossos mortos e da tua infância, eu que, se fôsse necessário, trabalharia por ti, Henrique, para ganhar-te o pão e fazer-te estudar? eu que te amarei sempre quando tu fores grande, que te estimarei sempre quando estiveres longe, porque crescemos juntos e temos o mesmo sangue? Fica certo, ó Henrique, que quando fores homem e te acontecer uma desgraça e te vires só, fica certo de que me procurarás logo, virás ter comigo e me dirás: «Silvia, minha irmã, deixa-me estar contigo, falemos de quando éramos felizes, lembras-te? falemos da nossa mãi e da nossa casa, daqueles belos dias que já vão longe!» E tu, Henrique, acharás sempre tua irmã de braços abertos. Sim! meu querido Henrique, e perdôa-me também a censura que ora te faço. Não me lembrarei de nenhuma injustiça tua, e se mais desgostos me deres ainda, que importa! serás sempre do mesmo modo o meu irmão, e só me lembrarei de ter-te acalentado nos meus braços, criancinha, de ter amado contigo pai e mãi,

de ter-te visto crescer, e de ter sido por tantos anos a tua mais fiel companheira. Escreve-me, pois, hoje, uma frase amiga sôbre êste caderno, que eu desejo ler antes da noite. E, entretanto, para mostrar-te que não estou zangada contigo, vendo que estavas cansado, copiei para ti o conto mensal *Sangue romanholo* que querias copiar para o *Pedreirito* doente; procura-o na gaveta do lado direito da tua mesinha. Escrevi-o todo esta noite, enquanto dormias. E agora, Henrique, escreve-me uma palavra, eu to peço.

Tua irmã, Silvia».

«Não sou digno de beijar-te as mãos».

Henrique.

Sangue romanholo

(CONTO MENSAL)

Naquela tarde a casa de Ferrucio estava mais sossegada que de costume. O pai que possuía uma pequena loja de merceeiro, tinha ido a Forli fazer compras, e a mulher acompanhára-o com Luzinha, uma menina que ia ao médico para operar-se de um ôlho doente, e não deviam voltar senão na manhã seguinte. Faltava pouco para a meia-noite. A mulher, que viera fazer o serviço do dia, fôra-se embora ao escurecer.

Em casa só ficava a avó paralítica e Ferrucio, menino de treze anos. Era uma casinha isolada no rez-do--chão, edificada sôbre a estrada, a um tiro de espingarda duma aldeia pouco distante de Forli, cidade da Romanha; e não havia ao lado senão uma casa deshabitada, arruinada dois mêses antes por um incêndio, sôbre a qual pendia ainda a taboleta de uma hospedaria. Por detraz da casinha, havia uma horta cercada de uma sebe de espinhos, para a qual dava tôsca cancela rústica. A porta da venda, que servia igualmente de porta da casa, dava sôbre a estrada. Em volta estendia-se a campina solitária, vastos campos lavrados e plantados de amoreiras.

Faltava pouco para a meia-noite. Chovia e ventava. Ferrucio e a avó, ainda despertos, estavam na sala de jantar, entre a qual e a horta havia um quarto pequeno, atulhado de mobília velha. Ferrucio só entrava em casa às onze, depois de uma ausência furtiva de muitas horas, e a avó esperava-o com os olhos abertos, cheia de ansiedade, encravada numa poltrona sôbre a qual costumava passar o dia todo e mesmo muitas vezes noites, por, uma sufocação que a oprimia e nem a deixava estar deitada.

Chovia, e o vento ruflava nas vidraças com as bátegas de água. A noite estava muito escura. Ferrucio entrára cansado e enlameado, com a jaqueta rasgada e com pisadura de uma pedra na testa. Jogára à pedrada com os outros companheiros; tinham vindo depois à unha, como de costume e ainda por cima tinha jogado e perdido todo o dinheiro que possuía, e deixado cair o barrete. Pôsto que na cozinha não houvesse mais luz do que a que dava um pequeno candieiro de azeite, moribundo, no ângulo da mesa, ao lado da poltrona, contudo logo a pobre velha percebeu o estado deplorável em que se achava o neto. Parte, já o tinha adivinhado, o resto soube-o obrigando o rapaz a confessar-se.

Ela, a velhinha, amava o neto de todo o coração e, quando soube de tudo começou a chorar.

— Ah! não! disse depois de longo silêncio. Tu não tens amizade a tua pobre avó. Que coração é o teu para te aproveitares dêste modo da ausência de teu pai e de tua mãi, para dar-me êsses desesperos! Todo o dia me deixaste só. Não tiveste pena de mim! Toma sentido em ti, Ferrucio; vais indo por um mau caminho, que te conduzirá a um triste fim. Tenho visto outros que principiaram como tu e acabaram mal. Começa-se a fugir de casa, a entrar em rixas com outros rapazes, a perder dinheiro no jôgo; depois, pouco a pouco, das pedradas passa-se às facadas, do jôgo aos outros vícios, e dos vícios ao crime.

Ferrucio ficou a escutar a três passos de distância, encostado a um armário, com o queixo sôbre o peito, as sobrancelhas franzidas, abrasado, quente ainda do calor da luta. Pelo meio da testa caía-lhe uma madeixa de cabelos castanhos, e tinha os olhos azues imóveis.

— Do jôgo ao crime, continuou a avó. Pensa bem nisto, Ferrucio. Pensa naquele desgraçado, aqui vizinho, no Vito Mazzoni que anda agora na cidade feito vagabundo; que aos vinte e quatro anos já tinha estado duas vezes na cadeia, e matou de desgostos de coração a sua pobre mãi, que eu conheci, e fez o pai fugir para a Suiça, desesperado... Lembra-te dêsse infeliz, a quem teu pai se envergonha de cumprimentar, sempre acompanhado de celerados piores do que êle, até ao dia em que caíu na cadeia! Pois bem, conheci-o bom rapaz; principiou como tu. Por êsse caminho levarás teu pai e tua mãi ao mesmo fim.

Ferrucio estava mudo. Não porque tivesse o coração duro, pelo contrário; as suas extravagâncias derivavam mais da superabundância de vida e de audácia, que de maus instintos; o pai acostumára-o mal, justamente porque, achando-lhe um carácter, no fundo capaz dos mais belos sentimentos, e tendo provado ser de acção forte e generosa, deixára-o à rédea solta, supondo que tomaria juízo por si. Era antes bom do que mau, mas teimoso, e custava-lhe muito, mesmo quando tinha o

coração oprimido pelo arrependimento, deixar fugir dos lábios aquelas boas palavras que fazem perdoar;

«Sim, fiz mal, não o farei mais; prometo, perdôe-me».

Tinha às vezes a alma cheia de ternura, mas o orgulho não lho deixava expandir.

— Oh! Ferrucio, disse a avó vendo-o assim mudo nem uma palavra de arrependimento me dizes? vês a que estado estou reduzida? Já me poderiam enterrar. Se tivesses coração, não me farias sofrer assim; não obrigarias a chorar a mãi de tua mãi, velha já, perto do seu último dia, a tua pobre avó que sempre te quis tanto, que te embalava noites e noites inteiras, quando eras criança e que não dormia, só para te acalentar. Eu sempre dizia: êste há-de ser a minha consolação! E agora tu matas-me, consomes-me a vida, que me resta, para ver-te bom e obediente, como o eras naquele tempo, quando te conduzia ao santuário; lembras-te, Ferrucio? Tu enchias-me as algibeiras de pedrinhas e de fôlhas, e eu trazia-te para casa nos braços adormecido. Nesse tempo, querias tu bem à tua pobre avó, mas agora que estou paralítica e tenho necessidade de afeição como de ar para respirar, que não tenho mais nada no mundo, pobre mulher meio morta como já estou Deus meu!...

Ferrucio, meio vencido pela comoção, ia lançar-se aos braços da avó, quando lhe pareceu ouvir, um ligeiro

rumor, um estálido no quarto próximo, que dava para a horta. Não pôde porém, perceber se eram as portas das janelas batendo impelidas pelo vento, ou se era outra qualquer cousa. Aplicou o ouvido. A chuva caía. O rumor repetiu-se. A avó também o sentiu.

— Que será? — preguntou ela, depois de um momento, perturbada.

— A chuva — respondeu o rapaz.

— Ora vamos, Ferrucio, — disse a velha, esfregando os olhos — prometes-me que hás-de ser bom e que não mais hás-de fazer chorar a tua mísera avó?

Nisto um novo rumor ligeiro interrompeu-os.

— Mas... não me parece chuva! — exclamou empalidecendo... Vai ver. E acrescentou logo: Não, fica aqui — e agarrou-se às mãos de Ferrucio.

Ficaram ambos com a respiração suspensa. Não ouviam senão o estrépido da água.

Depois estremeceram ambos.

A um e outro pareceu sentirem um arrastar de pés no quarto.

— Quem está aí? — preguntou o rapaz, recobrando a voz a custo.

Ninguem respondeu.

— Quem está aí? — tornou a preguntar Ferrucio, transido de susto.

Apenas pronunciadas aquelas palavras, os dois juntos soltaram um grito de horror! Dois homens apareceram repentinamente na sala; um agarrou o rapaz e tapou-lhe a bôca com a mão; o outro apertou a garganta da velha. O primeiro disse:

— Silêncio, senão morres... — O segundo: Cala-te! — e levantou uma faca. Ambos traziam a cara tapada por um lenço escuro com dois buracos no lugar dos olhos. Por um momento não se ouviu mais que a respiração penosa de todos quatro e o estalar da chuva lá fora.

A velha dava gemidos cavernosos e tinha os olhos fora das órbitas. Aquele que segurava o rapaz disse-lhe ao ouvido:

— Onde tem teu pai o dinheiro?

— Acolá... no armário, respondeu o menino com um fio apenas de voz.

— Anda comigo, disse o ladrão.

E arrastou-o para a sala, apertando-lhe a garganta. No chão estava uma lanterna furta-fogo.

— Onde está o armário? preguntou.

O rapaz sufocado, apontou para o armário. Então, para segurar bem a criança, o ladrão pô-la de joelhos diante do armário, apertando-lhe fortemente o pescoço com as pernas, de modo a poder, sufocá-lo, se gritasse; e segurando a faca entre os dentes, e a lanterna com uma das mãos tirou do bôlso com a outra um ferro aguçado, introduziu-o na fechadura, sondou, quebrou, escancarou as portas, remexeu furiosamente tudo, encheu as algibeiras, fechou tornou a abrir, revolvendo tudo de novo; depois agarrou o rapaz pela garganta e trouxe-o de rastos até onde estava o companheiro, que ainda conservava subjugada a velha, convulsa, já com a cabeça caída e a bôca aberta.

Êsse preguntou em voz baixa:

— Achou?

O companheiro respondeu:

— Achei, acrescentando: — Espreita à porta.

O que estava segurando a velha correu à porta da horta a ver se estaria alguém, e disse de fora com uma voz que parecia um assobio: — Vem!

O que tinha ficado e segurava ainda Ferrucio, mostrou a êste a faca, e à velha que reabriu os olhos, disse:

— Nem uma palavra! senão, volto atrás e corto-lhes o pescoço.

Nisto, ouviu ao longe pela estrada, um canto de muitas vozes. O ladrão voltara a cabeça subitamente para a porta e com aquele movimento violento caíra-lhe o lenço da cara. A velha soltou um grito:

— Mazzoni!...

— Maldita! — rugiu o ladrão reconhecido, vais morrer.

E lançou-se de faca em punho contra a velha que desmaiara.

Mas com um movimento rapidíssimo, soltando um grito desesperado, Ferrucio atira-se sôbre a avó, cobrin-

do-a com o próprio corpo. O assassino fugiu, atirando ao chão a mesa e a lanterna, que logo se apagou. O rapaz escorregou lentamente sôbre a avó, e, caíndo de joelhos, ficou naquela posição, com os braços em volta da cintura da paralítica e a cabeça no seio dela. Passaram-se assim alguns momentos no meio da escuridão e o canto dos aldeões ia-se perdendo ao longe pela campina. A velha tornara a si.

— Ferrucio! — balbuciou ela, com voz apenas ininteligível, batendo os dentes.

— Avózinha! respondeu o rapaz.

A velha fez um esfôrço para falar mas o terror paralisara-lhe a língua. Esteve um momento silenciosa, tremendo violentamente. Depois conseguiu preguntar:

— Já aqui não estão?

— Não.

— Não me mataram — murmurou a velha com voz sufocada.

— Não, estás salva! disse Ferrucio com voz fraca. Estás salva, querida avózinha. Roubaram dinheiro, mas o papá tinha-o levado quási todo consigo.

A avó pode respirar.

— Avó! — disse Júlio sempre de joelhos e apertando-a nos braços, querida avó! Quere-me muito bem, não quere?

— Ferrucio! meu pobre filho! respondeu ela, correndo-lhe a mão pelos cabelos. Que susto não deves ter tido! Oh! Senhor de Mesericórdia!... Acende o candieiro, não fiquemos às escuras, que ainda estou com mêdo.

— Avozinha, continuou o rapaz — eu tenho-lhe dado muitos desgostos...

— Não tens, não, Ferrucio, não digas essas coisas. Já esqueci tudo... e quero-te muito bem!...

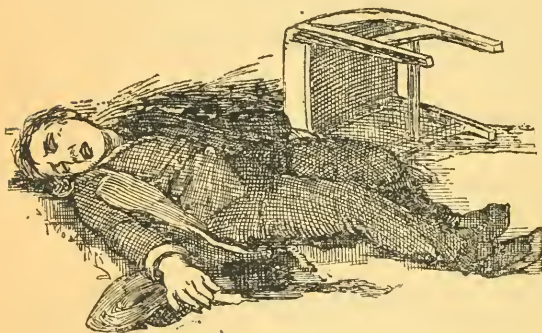
— Tenho-lhe dado muitos desgostos, — repetiu Ferrucio, a custo, com a voz trémula, mas olhe que sempre fui seu amigo. Perdôa-me sim, avózinha?

— Sim, filho, perdôo-te tudo, perdôo-te tudo, perdôo-te de todo o coração. Não estejas de joelhos, levanta-te meu filho. Não te torno mais a ralhar. Tu és bom, muito

bom! Acendamos o candieiro. Tomemos um pouco de coragem. Levanta-te, Ferrucio.

— Obrigado, azózinha, — disse o rapaz com a voz cada vez mais débil — agora já estou mais contente e a avó há-de recordar-se de mim, não é verdade? Há-de recordar-se sempre de mim, do seu Ferrucio.

— Meu filho! esxclamou ela, surpreendida e sobressaltada, apalpando e inclinando a cabeça para ver-lhe o rosto.

— Não te esqueças de mim — murmurou ainda o rapaz cuja voz parecia um sôpro. Dá um beijo a minha mãi... a meu pai... à Luízinha... Adeus avózinha...

— Em nome do céu, que tens? — gritou a velha apalpando ansiosamente a cabeça do rapaz que repousava sôbre os joelhos e, com quanta fôrça tinha, exclamou no maior desespêro:

— Ferrucio! Ferrucio! meu querido filho! meu querido filho! meu amor! Anjos do paraíso, valei-me!

Mas Ferrucio não respondeu mais. O pequeno heroi, o salvador da mãi de sua mãi, ferido com uma facada nas costas, entregara a Deus a sua bela alma corajosa.

O Pedreiro moribundo

Terça-feira, 18

O pobre *Pedreirito* está doente, e logo que o mestre disse que fôssemos vê-lo, combinamos ir juntos, Garrone, Derossi e eu. Stardi vinha connosco, porém, como o mestre nos deu por trabalho a descrição do *Monumento a Cavour,* êle disse-nos que tinha de ir vê-lo para fazer a des-

crição mais exacta. Também, para experimentar, convidamos o orgulhoso Nobis. Respondeu simplesmente: — Não.

Voltini também se escusou talvez, com receio de manchar de cal as roupas. Fomos às quatro horas, chovia a cântaros. No caminho, Garrone parou e disse:

— Que é que se há-de comprar?

E fazia tilintar dois cêntimos na algibeira. Pusemos dois cêntimos cada um, e compramos três laranjas grandes.

Subimos à água-furtada. Diante da porta, Derossi tirou a medalha e meteu-a no bôlso... Preguntei-lhe porquê, e êle respondeu:

— Não sei. É para não ter assim ares de... Parece-me mais delicado entrar sem a medalha.

Batemos e apareceu o pai, um homemzarrão que parece um gigante. Trazia um rosto mudado e aflito.

— Quem procuram? — preguntou.

Garrone respondeu logo:

— Somos companheiros de escola do António e trazemos-lhe três laranjas.

— Ah! o meu pobre Toninho... — exclamou o pedreiro, sacudindo a cabeça — Penso que não chegará a comer as vossas laranjas!

E limpou os olhos com as costas da mão... Fez-nos sinal para que o acompanhássemos, e entramos numa mansarda, onde vimos o *pedreirito* dormindo em um pequeno leito de ferro; a mãi, debruçada sôbre o leito, tinha o rosto entre as mãos, e voltou-se apenas para nos ver. Na parede, viam-se penduradas algumas broxas, uma picareta e um crivo para cal; aos pés do doente estava estendida a jaqueta do pedreiro, sarapintada de gêsso. O pobre rapaz tinha emagrecido; estava pálido com o nariz afilado e tinha a respiração curta. Que pena me fez ver naquele estado o pobre Toninho, tão alegre e tão bom companheiro! quanto não daria por tornar a vê-lo fazer o *focinho de lebre!* pobre *Pedreirito!* Garrone pôs-lhe uma laranja sôbre o travesseiro, mesmo ao pé do rôsto; o cheiro despertou-o, pegou nela, mas logo depois deixou-a caír e olhou fixo para Garrone.

— Sou eu — disse-lhe êste — sou Garrone. Conheces--me?

Êle sorriu tão levemente que apenas se percebia, e levantando a custo da cama a sua pequena mão deu-a a Garrone, que a tomou entre as suas, apoiando a face sôbre ela, e disse-lhe:

— Coragem; coragem! *Pedreirito!* hás-de ficar bom, depressa! hás-de voltar à escola e o mestre há-de pôr-te junto de mim. Estás contente?

O *Pedreirito* não respondeu.

A mãi desatou em soluços.

— Ai! meu pobre Toninho! meu pobre Toninho! Tão meigo e tão bom! e Deus quere arrebatar-mo!

— Sossega, mulher, — exclamou o operário entristecido — sossega pelo amor de Deus, ou eu perco a cabeça!

Depois disse-nos, com a voz presa na garganta:

— Vão... vão! muito obrigado!... vão para casa, aqui nada podem fazer...

O pequeno tinha fechado os olhos e parecia morto.

— Precisa de alguma coisa? preguntou Garrone.

— Não, meu filho, de nada preciso, muito obrigado — respondeu o pedreiro. — Vão para casa.

E dizendo isto, conduziu-nos até ao patamar e fechou a porta. Estávamos no meio da escada quando ouvimos gritar de cima:

— Garrone! Garrone!

Tornamos a subir à pressa todos os três.

— Garrone!... gritou o pedreiro com o rosto mudado — Chamou-te pelo nome... Há dois dias que não falava... Disse duas vezes: Garrone! — Quere ver-te, vem depressa! Deus queira que seja um bom sinal!

— Até logo, disse-nos Garrone. Fico aqui.

E entrou com o pai.

Derossi tinha os olhos rasos de lágrimas, e eu preguntei-lhe:

— Choras pelo *Pedreirito?* Êle que já falou, há-de melhorar.

— Também me parece... respondeu Derossi — mas não pensava agora nele... Pensava como é boa a santa alma de Garrone!

O conde Cavour

Quarta-feira, 29

«É a descrição do monumento a Cavour que tu deves fazer. Descreve-o, pois. Mas quem foi o conde Cavour é que tu não podes compreender por ora. Agora basta que saibas sómente que foi êle por muitos anos o primeiro ministro de Piemonte; foi êle quem mandou o exército piemontês à Criméa, levantando com a vitória de Cernaia a nossa decaída glória militar; foi êle quem fez descer pelos Alpes cento e cinqüenta mil franceses para expulsar os austríacos da Lombardia; foi êle quem governou a Itália no período mais solene da nossa revolução; foi êle quem deu naqueles anos o mais poderoso impulso à santa emprêsa da unificação da pátria; êle, com o seu génio luminoso, com a sua constância invencível, com a sua actividade mais do que humana. Muitos generais passaram horas aflitas no campo da batalha, mas êle passou-as bem mais terríveis no seu gabinete, quando a sua grande obra podia desmoronar-se de um momento para outro como frágil edifício a um abalo de terramoto. Horas e noites de lutas e de angústias êle as passou, saíndo delas com a razão desvairada e a morte no coração. Foi êste gigantesco e tempestuoso trabalho que lhe abreviou vinte anos de vida! E, contudo, devorado pela febre que o havia de levar à sepultura, lutava ainda esforçadamente com a doença, para fazer alguma coisa em prol da sua pátria — *É estranho* dizia dolorosamente no seu leito de morte, *não posso, já não sei ler*...

Emquanto lhe tiravam sangue e a febre aumentava, pensava êle na sua pátria, e dizia imperiosamente:

— *Curai-me! meu espírito obscurece-se, tenho necessidade de tôdas as minhas faculdades para tratar de negócios graves.*

Quando chegou aos últimos momentos e quando tôda a cidade se agitava, ao rei, que estava à sua cabeceira, êle dizia com amargura:

— *Tenho tantas coisas que dizer-vos, tantas coisas a revelar-vos, mas estou doente... não posso! não posso!*

E ficava em desespêro. O seu pensamento febril eram os negócios do Estado, as novas províncias italianas que se tinham

unido a nós, e tantas coisas, enfim, que ficavam por fazer. Quando o delírio o assaltava: — *Educai a infância* — gemia convulsivamente, — *educai a infância e a mocidade! governai com liberdade!*

Crescia o delírio, a morte estava prestes e êle invocava, ainda, com palavras ardentes, o general Garibaldi, com quem tivera desinteligências; Veneza e Roma, que não eram ainda livres; tinha largas visões no futuro da Itália e da Europa; sonhava numa invasão estrangeira; preguntava onde estavam os corpos do exército e os generais. Tremia ainda por nós, pelo seu povo. A sua grande dôr não era, bem o vês, perder a vida, mas era ver fugir-lhe a pátria que carecia ainda dêle e pela qual despendera em poucos anos as fôrças desmesuradas do seu vigoroso organismo. Morreu com o grito de batalha na garganta, e a sua morte foi grande como a sua vida. Agora pensa um pouco, Henrique, no que são os nossos trabalhos, que, no entanto, não pesam tanto; no que são as nossas dores, mesmo a nossa morte, em confronto com as fadigas, com as amarguras formidáveis, com as agonias tremendas daqueles homens em cujo coração pesa um mundo! Pensa nisto, filho, e quando passares diante daquela imagem de mármore, diz-lhe de dentro da alma: — Glória!...

ABRIL

A primavéra

Sábado, 1

Primeiro de Abril! Ainda três meses. Esta foi uma das mais belas manhãs no ano! Eu estava contente na escola, porque Coretti tinha-me dito que fôsse com êle e com o pai depois de àmanhã, para ver a chegada do rei, que o pai conhece; e porque minha mãi tinha prometido levar-me no mesmo dia a visitar o Asilo Infantil de Corso Valdocco. Além disso estava satisfeito porque o

Pedreirito está melhor, e porque ontem de tarde o mestre, passando, disse a meu pai: «Vai bem, vai bem». Era uma linda manhã de primavera. Das janelas da escola via-se o céu azul, as árvores do jardim tôdas cobertas de rebentos, as janelas das casas, escancaradas, e os sotãos cheios de vasos verdejantes. O mestre não ria porque não ri nunca, mas estava de bom humor, e tanto que quási se lhe não via a ruga direita pelo meio da testa. Explicava, gracejando, uma lição na ardósia. Via-se que sentia prazer em respirar o ar do jardim que entrava pelas janelas abertas, impregnando de um cheiro sádio, fresco, de terra e de fôlhas, que lembrava os passeios do campo. Enquanto explicava a lição, ouvia-se numa rua próxima um ferreiro batendo na bigorna, e na casa defronte uma mulher cantando para adormecer uma criança. Ao longe no quartel de Cernaia, tocavam os clarins.. Todos pareciam contentes, até o próprio Stardi.

Em certo momento, o ferreiro principiou a bater mais rijo e a mulher a cantar mais alto. O mestre interrompeu a lição e pôs-se a escutar. Depois disse lentamente, a olhar pelas janelas:

— O céu que sorri, uma mãi que canta, um operário honrado que trabalha, as crianças que estudam. Que belo que é!

Quando saímos da aula, observámos que também todos os outros estavam alegres, caminhando em filas, fazendo barulho com os pés, cantarolando como na véspera de umas férias de quatro dias. As mestras gracejavam, e a da pena vermelha saltava atrás dos seus pequenos, como se fôsse uma aluna; os parentes dos meninos conversavam rindo, e a mãi de Crossi, a quitandeira, trazia na cesta muitos ramos de violetas que perfumavam todo o salão de entrada. Nunca senti tanta alegria como nesta manhã, e ao ver minha mãi, que me esperava na rua, disse-lhe, indo ao seu encontro:

— Estou, mamã, tão contente! que será que me fez assim alegre esta manhã?

E minha mãi respondeu-me, sorrindo, que era a bela estação e a boa consciência.

O Rei Humberto

Segunda-feira, 3

Às dez em ponto, meu pai viu da janela, Coretti, o vendedor de lenha, e o filho, que me estavam esperando na praça, e disse-me:

— Êles lá estão, Henrique, anda ver o teu rei.

Desci rápido como um raio. Pai e filho pareceram-me ainda mais alegres que do costume, e nunca me pareceu que se assemelhassem tanto um com o outro como nesta manhã. O pai trazia no casaco a medalha de valor, no meio de duas *comemorativas*, e os bigodes frisados e aguçados como dois alfinetes. Pusemo-nos logo a caminho, em direcção à estação do caminho de ferro, onde o rei devia chegar às dez e meia. O pai de Coretti ia fumando cachimbo e esfregando as mãos.

— Sabeis — dizia — que o não tornei a ver desde a guerra de sessenta e seis? a bagatela de quinze anos e seis meses! Vi-o três anos antes em França e depois em Mondovi; e aqui, que o poderia ter visto, nunca se deu o caso de estar na cidade, quando êle vinha. Coisas do acaso.

Êle falava do rei Humberto como se tratasse de um camarada: *Humberto* — comandava a 16.ª divisão *Humberto* tinha vinte e dois anos e tantos dias... *Humberto* montava um cavalo assim e assim...

— Quinze anos! dizia em voz alta e alongando o passo. Tenho muita vontade de o tornar a ver; deixei-o príncipe, vou encontrá-lo rei, mas quanto a isso, também eu mudei: passei de soldado a vendedor de lenha. E ria-se.

O filho preguntou-lhe:

— Se o rei o vir, ainda o conhecerá?

— Tu és tolo, rapaz! respondeu. Não faltava mais nada. Humberto era um só, e nós eramos tantos como môscas. Então querias que êle estivesse a olhar-nos um por um?

Desembocamos no *corso* Vítor Manuel, onde havia muita gente a caminho da estação. Passava uma companhia de Alpinos, com os clarins, e passavam também dois carabineiros a cavalo e a galope; o tempo estava magnífico.

— Sim, exclamou Coretti, animando-se. Sinto muito prazer em tornar a ver o meu general de divisão. Ah! como envelheci depressa! Parece-me que ainda foi outro dia que tinha a mochila às costas e a espingarda na mão, no meio daquela balbúrdia na manhã de 24 de Junho, quando estávamos para atacar à baioneta! Humberto ia e vinha com os seus oficiais, enquanto o canhão troava ao longe; e todos olhavam para êle e diziam: «Que o não ofenda alguma bala!...» Bem longe estava eu de pensar que dali a instantes me acharia ao pé dêle em frente das lanças dos austríacos, a quatro passos um do outro, filhos! estava um dia magnífico! o céu como um espelho, e um calor!... Mas, vamos a ver se se pode entrar.

Chegamos à estação, onde havia uma turba enorme; carrugens, guardas, carabineiros, associações com estandartes. Tocava a banda de um regimento. O pai de Coretti quis entrar no vestíbulo, mas não lho consentiram. Tratou então de colocar-se na primeira fila do povo, que formava alas à saída, e abrindo o caminho com os cotovelos, conseguiu levar-nos também para a frente. Mas aquela multidão, ondeando, empurrava-nos, ora para aqui, ora para ali. O vendedor de lenha lançava os olhos para o primeiro pilar do vestíbulo, onde os guardas não deixavam estar ninguém. De repente disse:

— Vinde comigo.

E agarrando-nos pelas mãos atravessou em dois pulos o espaço vazio, e foi colocar-se lá com os ombros à parede. Correu logo um oficial de polícia a dizer-lhe:

— Aqui não pode entrar ninguém.

— Sou do quarto batalhão do 49, respondeu Coretti, apontando ao mesmo tempo para a medalha.

O oficial olhou-lhe o peito, e disse:

— Fique.

— Então, que disse eu? exclamou Coretti triunfante. São palavras mágicas o *quadrado do quarenta e nove!* Pois não havia eu de ter o direito de vê-lo um pouco à minha vontade, ao meu general, eu que estive no quadrado! Se então o vi de perto, parece-me justo que o veja de perto agora. E digo general, mas êle, por uma boa meia hora, foi comandante do meu batalhão, enquanto estava no centro, e não o major Ulrich.

No entanto, via-se no salão da entrada e cá fora um grande movimento de senhoras e de oficiais, e diante da porta enfileiravam-se carruagens, com os criados vestidos de vermelho.

Coretti preguntou ao pai se o príncipe Humberto tinha a espada na mão quando estava no quadrado.

— De certo, tinha a espada na mão para aparar alguma lançada, que tanto podia tocar a êle como a outro! Ah! os demónios desenfreados! Caíram-nos em cima como ira de Deus! volteavam entre os grupos, os quadrados e os canhões que pareciam impelidos por um furacão, destruíndo tudo. Era uma confusão de cavaleiros de Alexandria, de lanceiros de Foggia, de infantaria, de caçadores, um inferno que ninguém entendia. Ouvi gritar: «Alteza! Alteza!» e vendo aproximar-se as lanças caladas, descarregando as espingardas, e uma nuvem de pó envolveu tudo. Depois a poeira rarefez-se e a terra estava juncada de cavalos e ulanos feridos e mortos. Voltei-me para trás e vi no meio de nós Humberto a cavalo, olhando em tôrno, com ar de quem preguntava: — Foi arranhado algum dos meus camaradas? — E nós gritámos — Viva! como doidos, mesmo ao pé dêle. Deus! que momento aquele!... Ali chega o comboio.

A banda tocou, os oficiais correram, a multidão levantou-se nas pontas dos pés.

— Não sai tão cedo... — disse um guarda. Ainda lhe vão fazer um discurso.

Coretti pai não cabia mais em si.

— Ah! quando penso nisto... estou mesmo a vê-lo lá. Foi um bravo no tempo da cólera, e quando houve terramotos e tôdas essas coisas... mas eu tenho-o na memória como o vi então no meio de nós com a fisionomia

tranqüila! E estou certo de que também êle se recordará do quadrado do 49, mesmo hoje, que é rei, e que ficaria satisfeito se nos visse uma vez à mesa, a todos que o cercaram, naqueles instantes. Temos agora, por cá, generais, muitos galões e grandes *senhores,* mas lá não havia senão soldados rasos. Ah! se pudesse trocar com êle quatro palavras!... O nosso general de vinte e dois anos, o nosso príncipe que estava então confiado às nossas baionetas! Quinze anos há que o não vejo!... O nosso Humberto!... E então esta música faz-me ferver o sangue, palavra de honra!

Uma explosão de gritos interrompeu-o, milhares de chapéus se levantaram ao ar. Quatro *senhores* vestidos de preto subiram a primeira carruagem.

— É êle, gritou Coretti, e ficou como que encantado.

Depois balbuciou lentamente:

— Minha Nossa Senhora! como êle está grisalho!

Todos três nos descobrimos; a carruagem caminhava vagarosamente pelo meio da multidão que gritava, e todos agitavam os chapéus. Olhei para Coretti, pai.

Parecia-me outro, parecia-me que crescera; estava sério, um pouco pálido, direito, encostado à pilastra. A carruagem chegara diante de nós, a um passo de distância.

— Viva!... gritaram muitas vozes.

— Viva!... gritou Coretti, depois dos outros.

O rei encarou-o de frente e fixou um momento a vista sôbre as três medalhas. Coretti, então perdeu a cabeça e bradou:

— Quarto batalhão do 49!

O rei, que se tinha voltado para o outro lado, tornou a olhar em direcção a nós, fixando muito Coretti; estendeu a mão para fora da carruagem, Coretti deu um salto para a frente e apertou-lha. A carruagem passou, a multidão fechou-se, separando-nos, e perdemos um momento de vista Coretti, encontrando-o logo ofegante, com os olhos húmidos chamando em volta pelo filho, e trazendo a mão muito erguida.

O filho foi ao encontro do pai e êle exclamou:

— Aqui, meu filho, que ainda tenho esta mão quente.

E passou-lhe a mão pelo rôsto dizendo:

— Aí está uma carícia do rei.

E ali ficou como espantado, com os olhos fitos na carruagem que se ia afastando, com o cachimbo entre as mãos, no centro de um grupo de curiosos que o examinavam.

— Foi um do quadrado do 49, diziam.

— É um soldado que conhece o rei. Foi êste quem lhe estendeu a mão.

— Apresentou uma petição ao rei — disse um mais alto.

— Não! respondeu Coretti. Não apresentei petição alguma. Alguma cousa lhe daria eu, se êle me pedisse.

Todos olham para o velho soldado.

E Coretti disse simplesmente:

— O meu sangue.

O asilo infantil

Terça-feira, 4

Minha mãi, como me havia prometido, levou-me ontem depois do almoço ao asilo infantil do *curso* Valdocco, para me recomendar à directora a irmãzinha de Precossi. Nunca tinha visto um asilo e gostei muito.

Eram duzentas crianças, meninos e meninas, tão pequeninas, que os nossos da *primeira inferior* pareciam homens ao pé delas. Chegámos justamente quando entravam enfileiradas para o refeitório, onde havia duas mesas muito compridas, cheias de buracos redondos, e em cada buraco uma tijela escura cheia de arroz e de feijão, com uma colher de estanho ao lado.

Entrando, umas caíam, e estendiam-se ao comprido e ali ficavam estiradas até que algumas das mestras as fossem erguer. Muitas paravam diante de uma tijela, julgando ser ali o seu lugar, e engolindo precipitadamente uma colherada. Quando chegava alguma mestra e dizia

— Adiante — as criancinhas davam três ou quatro passos, e zás, outra colherada. Isto repetia-se até que chegavam ao seu lugar, depois de terem comido às furtadelas uma meia tijela.

Finalmente, à fôrça de empurrões, e gritos: — Aviem-se! Despachem-se! — puseram-se tôdas em ordem e principiaram a rezar. Tôdas as duas filas de dentro, que para rezar tinham de dar as costas à tijela, voltavam a cabeça para trás, e tinham-a sempre de ôlho, com receio de que a tirassem; e assim rezavam com as mãos juntas, os olhos no céu mas o coração na *pápa*.

Finalmente, principiaram a comer. Que curioso espectáculo! uma comia com duas colheres outra tomava a comida com ambas as mãos; umas apanhavam os feijões um a um, e encafuavam-nos no bôlso; outras apertavam-os na toalha e batiam-lhes em cima, reduzindo-os a massa. Algumas ficavam sem comer, vendo voar as moscas, e outras agastavam-se, tossiam e espalhavam em volta uma chuva de arroz. Parecia um galinheiro. Mas era engraçado. Faziam um belo efeito as duas filas de meninas, tôdas com os cabelinhos atados no alto da cabeça com lenços vermelhos, verdes e azues. Uma mestra preguntou a um grupo de oito meninas:

— Onde nasce o arroz?

Tôdas oito escancararam a bôca cheia de sopa, e responderam ao mesmo tempo, cantando:

— Nasce na água.

Em seguida a mestra ordenou que tôdas levantassem as mãos. Então é que foi bonito ver erguerem-se todos aqueles bracinhos que poucos meses antes estavam ainda envoltos nas faixas infantis; agitaram-se aquelas mãos pequeninas que pareciam outras tantas borboletas brancas e róseas. Depois saíram para o recreio, tendo antes tomado cada uma o seu cestinho que estava pendurado na parede e dentro do qual levava cada uma a sua merenda. Sairam para o jardim, e espalharam-se, tirando para fora dos cestos as provisões, pão, ameixas cozidas, um pedacinho de queijo, um ôvo cozido, maçãs pequenas, grãos de ervilha e uma asa de frango. Todo o jardim, se cobriu num momento de migalhas, como se

aí se tivesse espalhado milho para um bando de passarinhos.

Comiam de tôdas as maneiras, as mais extravagantes, parecendo coelhos, ou ratos e gatos, roendo, lambendo e chupando. Havia uma pequena que trazia ao peito um *sino,* espécie de biscoito longo e duro, e esfregava-o com uma nêspera, como se estivesse polindo uma espada; algumas machucavam nas mãos queijinhos frescos, que lhes escorriam por entre os dedos que nem leite, passando-lhes para dentro das mangas, com os guardanapos e maçãs presas nos dentes, como cãezinhos. Vi três que remexiam uma palha dentro dum ôvo cozido, julgando encontrar ali algum tesouro; espalhavam metade pelo chão, apanhando depois os bocadinhos, com grande paciência como se fossem pérolas. Se alguma possuia qualquer coisa de extraordinário, era logo cercada por oito ou dez com as cabeças inclinadas a olharem para dentro do cestinho, como teriam olhado para a lua no fundo de um poço. Estavam talvez vinte em roda de um menino, todo cheio de si por ter na mão um cartuchinho de açúcar; e todos a fazer-lhe negaças por ver se conseguiam meter dentro o pão, e êle a uns deixava, mas a outros apenas consentia que metessem o dedo para o chupar depois.

Entretanto minha mãi, que tinha também vindo ao jardim, acariciava ora uma, ora outra. Muitas criancinhas andavam em volta dela a pedir-lhe beijos, com a carinha levantada para cima como se olhassem para um terceiro andar, abrindo e fechando a bôca como para pedir maminha. Uma oferecia-lhe um gomo de laranja meio chupado, outra uma codeazinha de pão; uma menina deu-lhe uma fôlha, outra mostrou-lhe com grande seriedade a ponta de um dedo, onde, olhando com atenção, se via uma bolhazinha microscópica que fizera no dia anterior, chegando o dedo à chama de um lampeão. Punham-lhe debaixo dos olhos, como grandes maravilhas, insectos pequeníssimos, que nem sei como conseguiam vê-los e apanhá-los, rolhinhas de cortiça, botõezinhos de camisa e flôrzinhas arrancadas dos canteiros. Um pequerrucho com a cabeça amarrada de ataduras que-

ria ser ouvido, por fôrça, e tagarelava não sei que história de uma cambalhota, de que se não entendia uma palavra. Outro quis que minha mãi se curvasse e disse-lhe ao ouvido: — Meu pai faz escovas. — Em meio de tudo isso aconteciam aqui e ali mil desastrezinhos que faziam andar as mestras numa roda viva; crianças que choravam porque não podiam desatar o nó dum lenço; outras que disputavam a berros e unhadas duas pevides de maçãs; um pequenino que tinha caído de bruços sôbre uma cadeirinha tombada, e chorava sem poder levantar-se.

Antes de sairmos, minha mãi agarrou pelos braços três ou quatro, então correram de todos os lados para se deixarem agarrar, com as carinhas sujas de gêmas de ovos e de sumo de laranjas. Uma pegava-lhe das mãos, outra puxava-lhe pelo dedo para ver o anel; qual a puxar-lhe pela cadeia do relógio, qual a querer apanhar-lhe as tranças. — Cuidado! — diziam as mestras — que lhe estragam o vestido! — Minha mãi, sem se importar com o vestido, continuou a beijá-las e elas cada vez mais se agrupavam em tôrno dela; as mais próximas estendendo os bracinhos como quem queria subir; as de mais longe empurrando as outras para abrir caminho, e tôdas gritavam: adeus! adeus! adeus!

Enfim, minha mãi sempre pôde sair do jardim. Correram então tôdas a meter as cabecitas entre as grades da cancela para a verem passar e puseram os braços de fora para saudar, oferecendo aínda bocados de pão, pedacinhos de nêsperas e cascas de queijo, tôdas na mesma gritaria.

— Adeus! adeus! adeus! volta àmanhã, vem outra vez, sim?

Minha mãi, ao passar, correu a mão por aquelas cem mãozinhas abertas, como sôbre uma grinalda de rosas vivas, e chegou desembaraçada à rua; mas tôda coberta de migalhas e de nódoas, amarrotada, desgrenhada, com uma das mãos cheia de flôres e os olhos cheios de lágrimas, contente, como se saísse de uma festa.

E lá dentro ouvia-se aínda um murmúrio de vozes, como um longo pipilo de pássaros que diziam:

— Adeus! Adeus! Vem outra vez!

Na gimnástica

Quarta-feira, 5

Continuando o tempo belíssimo, fizeram-nos passar da gimnástica de salão para a dos aparelhos no jardim.

Garrone estava ontem no gabinete do director, quando chegou a mãi de Nelli, aquela senhora loura vestida de preto, pedindo que o filho fôsse dispensado dos novos exercícios. Cada palavra lhe custava um esfôrço, e falava pousando a mão sôbre a cabeça do pequeno. — Êle não pode — dizia ela ao director. Mas Nelli mostrou-se muito maguado por ser excluído dos exercícios, e ainda mais por aquela humilhação...

— Mamã, verás que eu faço como os outros! dizia.

A mãi olhava-o em silêncio, com um ar de piedade e de afecto. Depois observou com excitação:

— Receio que os teus companheiros...

Ela queria dizer: — Temo que riam dêle.

Não fazem nada; está lá Garrone. Basta que êle se não ria.

Deixaram enfim que êle viesse. O mestre, o da cicatriz no pescôço, o que andou com Garibaldi, conduziu-nos logo aos mastros, que são muito altos; era necessário trepar até cima, e ficar em pé sôbre a prancha transversal. Derossi e Coretti andaram lá por cima como dois macacos; Precossi também subiu com agilidade, apesar de embaraçado com aquele jaquetão que lhe bate pelos joelhos; e para ver se o faziam rir enquanto subia, todos lhe repetiam o seu estribilho: — Desculpa-me, desculpa-me! — Stardi bufava e ficava vermelho como um perú; apertava os dentes que nem um cão danado; mas ainda com o perigo de arrebentar, havia de chegar até cima e chegou realmente; Nobis, quando se viu lá no alto, tomou uma postura de imperador. Mas Voltini escorregou duas

vezes apesar do seu vestido novo, de listrinhas azuis, feito de propósito para gimnástica. Para subir mais facilmente, todos untaram as mãos com uma espécie de breu, *colofonia,* como lhe chamam; e sabe-se que é o negociante do Garoffi que a fornece em pó a todos, vendendo-a a vintem o cartucho, ganhando uma comissão. Depois tocou a vez de Garrone, que subiu mastigando pão, como se nada fôsse, e creio que seria capaz de levar sôbre os ombros qualquer de nós, tão corpulento e tão forte que é aquele tourozinho! Depois de Garrone foi Nelli. Apenas o viram agarrar-se à barra com aqueles braços compridos e débeis, muitos começaram a rir e a zombar; mas Garrone, encruzando os grossos braços sôbre o peito, lançou em tôrno um olhar de tal modo expressivo, que dava mesmo a entender claramente que largaria, à primeira, quatro sopapos, mesmo em presença do mestre; e todos cessaram de rir no mesmo instante. Nelli começou a trepar; forcejava, coitado, fazia-se-lhe a cara arroxeada, respirava a custo caía-lhe o suor pela testa.

O mestre disse-lhe — desce — mas êle nada! e esforçava-se; obstinava-se, estava eu a vê-lo de um momento a outro resvalar por ali abaixo, meio morto. Pobre Nelli! estava a lembrar quanto sofreria minha mãi se me visse assim na posição dêle, e pensando no bem que queria a Nelli, dando não sei o que, para vê-lo acabar, e para o ajudar de baixo, sem ser visto. Derossi e Coretti diziam, no entanto:

— Acima, acima, Neli! fôrça... mais um bocadinho, ânimo!...

E Nelli fez ainda um esfôrço violento, dando um gemido, e achou-se a dois palmos da prancha.

— Bravo! — gritaram-lhe os outros. Coragem! mais um impulso!...

E eis Nelli agarrando-se à prancha. Todos batiam palmas. — Bravo! — disse o mestre — mas agora basta; desce.

Nelli, porém, quiz subir até cima como os outros, e com um pouco mais de esfôrço conseguiu pôr os cotovelos em cima da prancha, depois os joelhos, por último os pés.

Por fim aprumou-se, ofegante, e sorriu-nos,

Tornamos a dar palmas e então êle, voltou-se para o lado da rua; voltei-me também para o mesmo lado, e através das plantas que marchetam a grade do jardim, vi a mãi dêle que estava sôbre o passeio, sem se atrever a olhar.

Nelli desceu e todos lhe fizeram muita festa; estava excitado, còrado, brilhavam-lhe os olhos e não parecia o mesmo.

Depois, à saída, quando a mãi lhe veio ao encontro, preguntou-lhe um pouco inquieta, abraçando-o:

— Então, meu pobre filho, que tal? como te saíste?

Todos os companheiros responderam à uma:

— Muito bem! subiu como nós. É forte! É ágil; fez tal qual como os outros.

Era de ver-se então a alegria daquela senhora.

Quiz agradecer-nos e não pôde... apertou a mão a três ou quatro, fez uma carícia a Garrone, e levando consigo o filho, vímo-los por um pedaço caminhar à pressa, discorrendo e gesticulando ambos, e tão contentes como nunca vi tanta alegria.

O mestre de meu pai

Terça-feira, 11

Que magnífico passeio dei com meu pai! Foi assim. Ante-ontem ao jantar, meu pai lendo o jornal soltou de repente uma exclamação de surprêsa. E disse:

— E eu que o julgava morto há vinte anos! Querem saber que é vivo ainda o meu primeiro mestre elementar, Vicente Crosetti, que tem hoje oitenta e quatro anos? Leio aqui que o ministério acaba de conferir-lhe a medalha de mérito, por sessenta anos de professorado! sessenta anos, compreendes? E apenas há dois anos que deixou de dar aula. Pobre Crosetti! Mora a uma hora de caminho de ferro daqui, em Condove, na terra da nossa antiga jardineira da *vila* de Chieri.

E ajuntou: — Henrique! Havemos ambos de ir vê-lo.

E em tôda a noite não falou de mais nada, senão dêle O nome de seu mestre elementar trazia-lhe à memória

mil coisas de quando era menino, dos seus primeiros companheiros, de sua mãi já morta.

— Crosseti! exclamava — tinha êle quarenta anos quando fui seu discípulo. Parece-me que o estou a ver:

um homenzinho já um pouco curvado com os olhos claros e a cara sempre rapada. Era severo, mas de boas maneiras; amava-nos como pai mas não nos perdoava uma falta. Era um simples camponês, e subiu assim à fôrça de estudo e de privações. Um homem de bem. Minha mãi era-lhe muito afeiçoada, e meu pai tratava-o como a um amigo. Como foi de Turim meter-se em Con-

dove?... De certo não me conhecerá; não importa, reconhecê-lo-ei. São passados quarenta e quatro anos. Henrique, iremos vê-lo àmanhã.

E ontem às nove horas, estávamos já na estação do caminho de ferro de Susa. Eu bem queria que viesse também Garrone, mas não pôde, porque tinha a mãi doente.

Estava um belo dia de primavera. O trem corria por entre os prados verdejantes e sebes em flôr, e respirava-se um ar perfumado. Meu pai, contente, de quando em quando punha-me o braço em volta do pescoço e falava-me como a um amigo. E olhando para a campina:

— Pobre Crosetti! dizia. Foi êle o primeiro homem que me acariciou e mais bem me fez, depois de meu pai. Nunca esqueci os seus bons conselhos, nem algumas das admoestações tão ásperas que me faziam voltar a casa com um nó na garganta. Tinha as mãos grossas e curtas. Estou a vê-lo ainda, quando entrava na escola, pondo a bengala a um canto, e pendurando o capote no cabide, sempre da mesma forma. Todos os dias o mesmo humor; sempre consciencioso, cheio de boa vontade e atento, como se cada dia fôsse o primeiro em que dava aula. Recordo-me, como se o estivesse ouvindo agora, quando êle se dirigia a mim. — Bottini, eia, Bottini! olha que é o dedo indicador e o médio sôbre a caneta. — Deve estar muito mudado depois de quarenta e quatro anos!

Apenas chegámos a Condove, fomos procurar a jardineira de Chieri que tem uma loja de vinhos num bêco. Achamo-la com os seus meninos; fez-nos muita festa, deu-nos notícias do marido, que deve voltar da Grécia, onde está a trabalhar há três anos, e da filha mais velha que está no *Instituto dos Surdos-Mudos*, em Turim. Depois ensinou-nos o caminho para ir a casa do mestre, que é lá conhecido por todos.

Saímos da povoação e tomámos por uma ladeira íngreme, flanqueada de moitas em flôr. Meu pai ia calado, parecia todo absorto nas suas recordações, e de vez em quando sorria e sacudia a cabeça. De repente parou, dizendo:

— Ei-lo! aposto que é êle.

Vinha descendo pelo atalho em direcção a nós um velho baixo com a barba tôda branca, chapéu grande, apoiando-se a uma bengala. Arrastava os pés, e tremiam-lhe as mãos.

— É êle, repetiu meu pai, apressando o passo.

Quando chegamos ao pé, paramos; o velho parou também e olhou para meu pai. Tinha o rosto ainda fresco, e os olhos claros e vivos.

— O senhor é — preguntou meu pai tirando o chapéu — o mestre Vicente Crosetti?

O velho descobriu-se também e respondeu: — Sou eu — com a voz trémula, mas ainda cheia.

— Bem — disse meu pai pegando-lhe na mão — permita a um seu antigo discípulo o prazer de apertar-lhe a mão, e preguntar-lhe como está. Vim de Turim para o ver.

A velho olhou para êle, espantado, dizendo em seguida:

— Faz-me muita honra; não sei... meu discípulo, desculpe-me... o seu nome por obséquio?

Meu pai disse o nome — Alberto Bottini, o ano em que freqüentára a sua escola e onde, acrescentando:

— O senhor não se recorda de mim, é natural, mas eu reconheço-o perfeitamente.

O mestre inclinou a cabeça, e olhando para o chão, pensando, duas ou três vezes murmurou o nome de meu pai, que entretanto olhava para êle, com o olhar fixo, jovialmente. De repente, o velho levantou a cabeça, arregalou os olhos, e disse vagarosamente:

— Alberto Bottini... O filho do engenheiro Bottini? aquele que morava na praça Della Consolata?

— Êsse mesmo — respondeu meu pai, estendendo-lhe as mãos.

— Então... — disse o velho — permita-me, caro senhor, permita-me... e avançando um passo, abraçou meu pai; a sua cabeça branca apenas lhe chegava ao ombro. Meu pai apoiou a face sôbre a fronte dêle.

— Tenha a bondade de vir comigo, disse o mestre.

E sem falar, voltou-se e tomou o caminho que ia para casa.

Em poucos minutos chegámos a um terreiro, diante de uma pequena casa com duas portas e um pedaço de muro caiado de branco.

O mestre abriu a porta e fez-nos entrar numa sala. Eram quatro paredes brancas. Num canto, um leito de cavaletes com uma coberta de quadradinhos brancos e azues; no outro, uma mesa com uma pequena estante, quatro cadeiras e uma velha carta geográfica suspensa na parede. Sentia-se um cheiro agradável de maçãs.

Sentamo-nos todos três. Meu pai e o mestre olharam-se por alguns momentos em silêncio.

— Bottini! exclamou depois o mestre, fixando os olhos no chão de tijolos, que com o sol fazia o efeito de um taboleiro de xadrez. — «Agora me vou recordando bem; a sua excelente mãi era tão boa senhora! No primeiro ano, esteve o senhor no primeiro banco à esquerda, próximo da janela. Veja lá se me recordo. Estou a ver aínda os seus cabelos em aneis». Depois esteve um pouco a pensar. — Era um rapaz muito vivo. No segundo ano adoeceu de *crup*, recordo-me até de quando voltou à escola, muito magro, e embrulhado num chale. Já lá vão quarenta anos, não é verdade? E que bondade tamanha em recordar-se e vir ver o seu pobre mestre! Já aqui têm vindo outros, meus antigos discípulos visitar-me; um coronel, alguns sacerdotes e vários senhores».

Preguntou a meu pai qual era a sua profissão. E depois disse:

— Muito me alegro! de todo o coração! Agradeço-lhe muito. Há já bastante tempo que não via nenhum antigo discípulo, e receio bem que o senhor seja o último, meu bom amigo.

— Para que diz isso? exclamou meu pai — o senhor está bom e ainda robusto. Não deve falar assim.

— Oh! não respondeu o mestre — veja esta tremura — e mostrou as mãos. — Isto é mau sinal. Apareceu-me esta moléstia há trinta anos quando ainda dava aula. A pincipio não fiz caso, julguei que era incómodo passageiro; mas, ao contrário, ficou e foi aumentando, até que um dia chegou que não pude mais escrever. Ah! aquele dia, a primeira vez que fiz um borrão no caderno de

um discipulo, foi um golpe para o meu coração, caro senhor; trabalhei aínda por algum tempo, mas afinal não pude mais. Depois de sessenta anos de ensino, devia dizer adeus à escola, aos rapazes, ao trabalho! custou-me muito; a última vez que dei lição, acompanharam-me todos a casa; fizeram-me uma festa, mas eu estava muito triste, compreendia que a minha vida estava acabada. Já um ano antes tinha perdido minha mulher e meu único filho; ficaram-me apenas dois sobrinhos camponeses. Agora vivo de algumas centenas de liras de pensão; não faço mais nada. Os dias parece-me que nunca se acabam. A minha ocupação é folhear os meus livros velhos de escola, algumas colecções de jornais, escolares e um ou outro livrinho de que me têm feito presente. Estão ali, disse apontando para uma pequena livraria, estão ali as minhas recordações e todo o meu passado. Nada mais me resta do mundo.

Depois, num tom alegre:

— Quero fazer-lhe uma surpresa, meu caro senhor Bottini.

Levantou-se, aproximou-se da mesa, abriu uma gaveta onde estavam muitos pacotinhos, todos amarrados com um cordão, e sôbre cada um dêles via-se escrita uma data com quatro algarismos. Depois de ter procurado um pouco, abriu um, folheou muitos papéis, tirou uma fôlha amarela, e apresentou-a a meu pai. Era trabalho da escola feito havia quarenta anos! Em cima estava escrito: *3 de Abril de* 1838. *Alberto Bottini.* Meu pai conheceu logo a sua letra grande, de então, e pôs-se a ler sorrindo; mas de repente, humedeceram-se-lhe os olhos. Levantei-me e fui preguntar o que tinha.

Passou-me um braço em volta da cinta e, apertando-me ao peito, disse:

— Olha esta fôlha. Vês? Estas são as correcções da minha pobre mãi. Ela engrossava-me sempre os *ll* e os *tt*. As últimas linhas são todas de sua mão. Aprendera a imitar a minha letra, e quando eu estava cansado e tinha sono, era ela quem terminava o trabalho por mim! a minha santa mãi!

E beijou a página.

— Estão aqui, disse o mestre, mostrando os outros pacotes — as minhas memórias. Todos os anos punha de parte um trabalho de cada um dos meus discípulos, e estão todos aqui em ordem e numerados. Às vezes folheio-os e leio uma linha aqui, outra ali, e vêm-me ao espírito mil coisas; parece-me reviver os anos passados. E quantos não são já passados, meu caro senhor! Fecho os olhos e vejo rostos após rostos, classes após classes, centenares e centenares de crianças, e quantas destas não terão já morrido! De muitas me recordo bem. Recordo-me principalmente dos melhores e dos piores, daqueles que me deram satisfação e dos que me fizeram passar momentos de tristeza. Porque eu tive também ingratos como deve saber, e em não pequeno número, mas agora, bem vê, é como se estivesse já no outro mundo, quero bem a todos, igualmente.

Tornou a sentar-se e tomou uma das minhas mãos entre as suas.

E de mim? — preguntou meu pai, sorrindo. — Não se lembra das minhas travessuras?

— Do senhor! respondeu o velho com um sorriso — neste momento não. Mas isto não quere dizer, de modo nenhum, que as não tivesse feito. Porém o senhor tinha muito juízo para a sua idade, era um rapaz sério. Recordo-me da grande afeição que lhe tinha a senhora sua mãi. Mas teve muita bondade e muita gentileza em vir procurar-me. Como pôde deixar as suas ocupações para vir visitar o pobre velho mestre?

— Ouça, sr. Crosetti! — respondeu meu pai vivamente. — Recordo-me da primeira vez que minha bôa mãi me acompanhou à escola. Era a primeira vez que ela devia separar-se de mim por duas horas, e deixar-me fora de casa, em outras mãos que não fôssem as de meu pai, nas mãos de uma pessoa deconhecida, em suma. Para aquela bôa criatura, a minha entrada na escola era como a entrada no mundo, a primeira de uma longa série de separações necessárias e dolorosas; era a sociedade que lhe arrebatava pela primeira vez o filho, para não mais lho restituír inteiro e completamente, Estava comovida e eu também. Recomendou-me ao senhor com a voz trémula, e

depois, saíndo, ainda me saüdou já fora da porta, com os olhos rasos de lágrimas. Lembro-me que nêsse momento, o senhor lhe fez um aceno com a mão, pondo a outra no peito, como para dizer-lhe: «Confie em mim». Pois bem, meu mestre, aquele gesto, acompanhado de um olhar, pelo qual percebi que compreendera todos os afectos e todos os pensamentos de minha mãi, aquele olhar que queria dizer — Coragem! aquele gesto que era uma honesta promessa de protecção, de afecto e de indulgência, não o esqueci mais, gravou-se-me no coração para sempre; e foi essa recordação que me fez partir de Turim. E eis-me aqui, depois de quarenta e quatro anos, a dizer-lhe: — obrigado, querido mestre.

O mestre não respondeu. Acariciava-me os cabelos com a mão, e a mão trémula caía-me dos cabelos sôbre a testa, e da testa sôbre os ombros.

No entanto, meu pai olhava para as paredes nuas, para o modesto leito, para um pedaço de pão e uma lata de azeitonas que estavam sôbre a janela, e parecia dizer: — Pobre mestre! Depois de sessenta anos de trabalho, é êste todo o seu prémio?

Mas o bom velho estava contente e principiou de novo a falar com vivacidade da nossa família, dos outros mestres do seu tempo e dos companheiros de escola de meu pai, que de uns se recordava, e de outros não; e sôbre cada um, dava notícias disto e daquilo, quando meu pai interrompendo a conversa pediu ao mestre que viesse à povoação para almoçarmos juntos. Êle respondeu com expansão:

— Agradeço, agradeço.

— Mas, parecia indeciso. Meu pai pegou-lhe das mãos e instou de novo.

— Mas como me arranjarei eu para comer? — disse o mestre. — Com estas pobres mãos que me bailam desta maneira? É uma penitência até para os outros...

— Nós o ajudaremos, mestre, disse meu pai.

Aceitou então, abanando a cabeça e sorrindo.

— Um belo dia êste! — exclamou, fechando a porta por fora; um magnífico dia, caro senhor Botini. Asseguro-lhe o que o hei-de recordar sempre até o fim da vida.

Meu pai deu o braço ao mestre, êste pegou-me na mão, e descemos a rampa. Encontramos duas rapariguinhas descalças que conduziam umas vacas e um rapaz que passou correndo com um feixe de palha aos ombros. O mestre disse-nos que eram duas escolares e um estudante da *segunda,* que de manhã levavam o gado a pastar e trabalhavam nos campos, descalços, e de tarde calçavam os sapatos e iam à escola. É quási meio-dia. Não encontramos ninguém.

Em poucos minutos chegamos à hospedaria, sentámo-nos a uma grande mesa, ficando no meio o mestre, e principiamos logo a almoçar. A hospedaria estava silenciosa como um convento.

O mestre estava muito contente e com a comoção aumentava-lhe muito a tremura. Quási não podia comer.

Mas meu pai partia-lhe a carne e o pão, punha-lhe o sal no prato. Para beber precisava sustentar o copo com as mãos ambas, e ainda assim lhe tilintavam os dentes; mas descorria com certo calor sôbre os livros de leitura, de quando era moço, os horários de então, os elogios que lhe tinham feito os superiores, os regulamentos dos últimos anos, sempre com aquele rosto sereno, um pouco mais corado do que antes, com a voz alegre e um sorriso quási de moço. Meu pai olhava para êle, e olhava com a mesma expressão com que o surpreendia muitas vezes a olhar para mim, em casa, quando pensa e sorri consigo mesmo. O mestre deixou caír vinho no peito; meu pai levantou-se e limpou-o com o guardanapo.

— Oh! por quem é, senhor, não consinto — disse êle rindo-se e murmurou algumas palavras em latim.

Por último levantou o copo, que lhe dansava na mão, e articulou muito sério: — À sua saúde, caro senhor engenheiro, à saúde de seus filhos e à memória de sua boa mãi.

— À sua, meu bom mestre! — respondeu meu pai apertando-lhe a mão.

No fundo da sala estavam o dono da hospedaria e outros, que olhavam e sorriam de um modo que se via estarem contentes com aquela festa que se fazia ao mestre da sua terra.

Às duas da tarde saímos. O mestre quiz acompanhar-nos até à estação. Meu pai deu-lhe de novo o braço, e êle tornou a pegar-me pela mão. Eu levava-lhe a bengala. A gente passava e olhava porque todos o conheciam; alguns cumprimentavam-no. A certa altura da estrada, ouvimos de uma janela muitas vozes de meninos que liam juntos, soletrando. O mestre parou, e pareceu ficar triste.

— Aí está, caro senhor Botini — disse — o que me faz penar é ouvir a voz das crianças na escola e não estar eu lá e saber que está outro! Por espaço de sessenta anos ouvi aquela música e já tinha o coração habituado a ela. Agora estou sem família, não tenho mais filhos.

— Não, mestre! — disse-lhe meu pai continuando a caminhar. O senhor tem ainda muitos filhos espalhados neste mundo, que se recordam do senhor, como eu me recordei sempre.

— Não, não — respondeu o mestre com tristeza. Já não tenho escola, já não tenho filhos. E pouco viverei sem êles. A minha hora está chegando.

— Não diga isso, nem pense em semelhante coisa, mestre! — acudiu meu pai. Em todo o caso, o senhor fez tanto bem! empregou a sua vida tão nobremente.

O velho mestre inclinou a cabeça branca sôbre o ombro de meu pai e apertou-lhe a mão. Tinhamos entrado na estação e ia partir o comboio.

— Adeus! querido mestre! — disse meu pai, beijando-o nas faces.

— Adeus! e muito obrigado! adeus... respondeu o mestre, tomando com as mãos trémulas uma das mãos de meu pai, apertando-a sôbre o coração.

Depois beijei-o e senti-lhe o rôsto húmido.

Meu pai impeliu-me para o carro, e quando ia subir, tirou rapidamente da mão do mestre o bastão grosseiro, e trocou-o pela sua magnífica bengala de castão de ouro com as suas iniciais dizendo-lhe:

— Conserve-a para memória minha. — O velho procurou restituír-lha e tornar a receber a sua, mas meu pai estava já dentro, e tinha fechado a portinhola do carro.

— Adeus, meu bom mestre!

— Adeus, meu filho, — respondeu o velho quando o

comboio começava a mover-se. Deus o abençôe pela consolação que veio trazer a êste pobre velho.

— Até à vista! — gritou meu pai, com a voz comovida.

Mas o mestre sacudiu a cabeça como quem queria dizer: «Não nos veremos mais».

— Sim, sim, — repetiu meu pai — até à vista.

E êle respondeu, levantando a mão trémula ao céu:

— Lá em cima...

E movendo-se o comboio, o velho mestre desapareceu aos nossos olhos, assim, com a mão levantada...

Convalescença

Quinta-feira, 20

Quem me diria, quando voltava tão alegre, com meu pai, daquele belo passeio, que passariam dez dias sem ver nem os campos nem o céu!

Estive muito doente, em perigo de vida. Ouvi minha mãi chorar, vi meu pai muito pálido a olhar-me fixamente; minha irmã Silvia e meu irmão, falando baixo entre si, e o médico, com os seus óculos, sempre junto de mim, dizendo coisas que eu não compreendia. Estive, com efeito, a ponto de dizer o último adeus a todos. Ah! pobre de minha mãi! Passaram-se pelo menos três ou quatro dias de que quási nada me recordo, como se tivesse tido um sonho complicado e obscuro. Entretanto, lembro-me de ter visto à cabeceira da cama a minha mestra da *primeira superior,* que se esforçava por sufocar a tosse com o lenço, para não me acordar; e recordo-me também, confusamente, de meu mestre que, inclinando-se para me beijar, roçou-me a cara com a barba; e vi passar como uma névoa a cabeça ruiva de Crossi, os aneis louros de Derossi, o calabrês vestido de preto e Garrone, que trouxe um raminho de amêndoas com fôlhas, e saíu logo, porque sua mãi estava doente. Depois despertei como se acordasse de um sono longuíssimo, e percebi que estava melhor vendo meu pai e minha mãi que sorriam, e ouvindo Silvia que

cantarolava. Oh! que triste sonho tive! Depois principiei a melhorar todos os dias. Veio ver-me o *Pedreirito,* que me fez rir pela primeira vez com o seu *focinho de lebre.* E como o faz bem, agora que ficou com a cara mais comprida por causa da moléstia que teve! Coitado! Veio também Coretti, e veio Garotti, que me trouxe dois bilhetes de presente, para uma rifa que vai fazer com *cinco surpresas,* que comprou a um bufarinheiro da praça de Bertola. Ontem, também, enquanto dormia, veio Precossi, encostou a face nas costas da minha mão, sem me despertar, e como vinha da oficina do pai, com o rosto enegrecido de carvão, deixou-me um sinal negro no punho da camisa, que vi com grande prazer, quando acordei. Como se tornaram verdes as árvores nestes poucos dias! E que inveja me fazem os meninos que vejo correr para a escola com os livros, quando meu pai me leva à janela. Mas dentro em pouco irei também. Estou impaciente por ver outra vez todos os meus colegas, a minha carteira, o jardim, aquelas ruas; saber tudo o que tem acontecido nesse tempo; tornar a entregar-me aos livros, aos cadernos, que já me parece não ver há mais de um ano. Pobre de minha mãi que está tão magra e tão pálida! Pobre de meu pai que está tão abatido! E os meus bons companheiros que vieram visitar-me e andavam na ponta dos pés e me beijavam a fronte! Faz-me tristeza agora que me lembro que um dia nos havemos de separar. Com Derossi e mais alguns continuarei a estudar ainda, de certo, mas os outros?

Uma vez terminada a *quarta*, adeus; não nos veremos mais. Nunca mais os terei à minha cabeceira, quando estiver doente, Garrone, Precossi, os belos rapazes, os bons e queridos companheiros, nunca mais!

Os amigos operários

Quinta-feira, 20

«Nunca mais, e porquê, Henrique? Isso dependerá de ti. Acabada a 4.ª classe, irás para o liceu; êles serão operários mas ficarás na mesma cidade e talvez por muitos anos. E porque en-

tão os não verás mais? Quando estiveres na Universidade ou no Liceu, poderás procurá-los nas suas lojas e nas suas oficinas, e sentirás grande prazer tornando a ver os teus companheiros de infância, já homens, a trabalhar. Sempre quizera ver se não irias procurar Coretti e Precossi, onde quer que estivessem! Hás-de ir lá e hás-de passar muitas horas em sua companhia, estudando a vida e o mundo, aprendendo com êles muitas coisas que outros não te saberiam ensinar, a respeito das suas artes, da sua sociedade e do teu país. E nota que, se não conservares estas amizades, será difícil que adquiras outras semelhantes no futuro; amizades, quero dizer, fora da classe a que pertences; viverás assim numa classe só, e o homem que freqüenta uma só classe social, é como o estudioso que não lê senão um livro. Prepara-te, portanto, desde já para conservar aqueles bons amigos para quando estiverdes separados, e começa desde já a preferi-los, por isso mesmo que são filhos de operários. Os homens das classes superiores são os oficiais, e são os operários os soldados do trabalho; mas assim na sociedade como no exército, o soldado não é menos do que o oficial, porque a nobreza está no trabalho e não no dinheiro; no valor e não nos galões; mas se há uma superioridade no mérito, pertence esta ao soldado e ao operário, porque tiram menor proveito da própria obra. Ama pois e respeita, entre todos os teus companheiros, os filhos dos soldados do trabalho; honra neles as fadigas, os sacrifícios de seus pais, despreza as diferenças de fortuna e de classe, pelas quais só os homens vis regulam os sentimentos e a cortesia, e pensa que o sangue abençoado que resgatou a nossa pátria saíu quási todo das veias dos operários das oficinas e dos trabalhadores dos campos. Ama Garrone, ama Precossi, ama Coretti, ama o teu *pedreirito*, pois no peito desses pequenos operários palpita corações de príncipes; jura a ti mesmo que nenhuma mudança de fortuna poderá jamais arrancar estas santas amizades infantis da tua alma. Jura que se daqui a quarenta anos, passando por uma estação de caminho de ferro, reconheceres, metido na blusa de maquinista, o teu velho Garrone, com a cara empoeirada... ah! não preciso do teu juramento; estou certo que saltarias à máquina e te lançarias nos braços do teu amigo, ainda que fôsses senador.

Teu pai.

A mãi de Garrone

Sábado, 29

Triste notícia logo que voltei à escola! Há muitos dias Garrone não aparecia, porque a mãi estava gravemente doente. Sábado à noite morreu.

Ontem de manhã, apenas entramos na escola, disse-nos o mestre:

— Ao pobre Garrone feriu a maior desgraça que pode ferir um homem: morreu-lhe a mãi. Amanhã voltará êle e peço-vos que respeitem aquela terrível dor que lhe dilacera a mão. Quando êle, entrar, saüdai-o com afecto; nenhum gracejo, nenhum riso, peço-vos.

E esta manhã, um pouco mais tarde do que os outros, entrou o pobre Garrone. Senti um golpe no coração ao vê-lo. Tinha o rosto amortecido, os olhos vermelhos, e mal se sustinha nas pernas; parecia ter estado um mês de cama. Quási se não reconhecia; vinha todo vestido de preto, fazia compaixão.

Ninguém respirava, e todos olhavam para êle. Apenas entrou e viu outra vez aquela escola, onde sua mãi vinha buscá-lo quási todos os dias, aquela carteira onde tantas vezes ela se inclinara nos dias dos exames para lhe fazer a última recomendação, olhou par o lugar onde tantas vezes tinha pensado nela, impaciente por saír para correr-lhe ao encontro e caíu num pranto desesperado. O mestre chamou-o para ao pé de si, apertou-o ao peito e disse-lhe:

— Chora, chora, pobre criança, mas tem ânimo. Tua mãi já não existe neste mundo; mas vê-te, ama-te aínda, vive ao teu lado, e has-de tornar a vê-la, porque és uma alma boa e honesta. Tem coragem!

Dito isto, acompanhou-o até à carteira junto à minha.

Eu não ousava olhar para êle. Tirou os cadernos e os livros que não tinha folheado havia muitos dias e abrindo um livro de leitura, que tem uma vinheta representando o retrato de uma mãi com o filho pela mão, prorrompeu a chorar de novo num pranto copioso, deixando pender a cabeça sôbre o braço. O mestre fez-nos sinal para que o deixássemos estar assim, e principiou a lição. Eu desejava falar-lhe, mas nem sabia o que lhe havia de dizer. Pus-lhe uma das mãos no braço e disse-lhe ao ouvido:

— Não chores, Garrone!

E êle não respondeu e, sem levantar a cabeça da carteira, pôs a sua mão na minha e deixou-a ficar algum tempo. À saída ninguém lhe falou; todos o rodeavam com respeito e silêncio.

Eu vi minha mãi, que me esperava, e corri a abraçá-la; porém ela, com os olhos fitos em Garrone repeliu-me! À primeira vista não percebi porquê, mas depois notei que Garrone sózinho, um pouco afastado, olhava para mim com um olhar de inexprimivel tristeza, que queria dizer: «Abraças tua mãi, e eu não abraçarei mais a minha... Tu tens aínda a tua mãi viva, e a minha morreu!

E então compreendi a razão porque minha mãi me repelira, e saí sem dar-lhe a mão.

José Mazini

Sábado, 29

Garrone aínda veio esta manhã à escola; trazia os olhos inchados de chorar e apenas olhou para os pequeninos presentes que lhe tinhamos pôsto sôbre a carteira para o consolar. O mestre tinha trazido uma página de um livro para lhe ler e incutir coragem. Pri-

meiro advertiu-nos de que nós iriamos todos ámanhã, ao meio-dia, à Câmara Municipal para ver entregar a medalha de *valor cívico* a um rapaz que salvára uma criança do rio Pó; e que na segunda-feira nos ditaria a descrição da festa em lugar do *conto mensal.* Depois, voltando-se para Garrone, que estava de cabeça baixa, disse-lhe:

— Garrone, faz um esfôrço e escreve também o que vou ditar.

Todos pegaram na pena. O mestre ditou:

«José Mazini nasceu em Génova em 1805, faleceu em Pisa em 1872. Grande alma de patriota, grande engenho de escritor, inspirador genial, o primeiro apóstolo da revolução italiana, que por amor da pátria viveu quarenta anos pobre, proscrito, perseguido, errante, heróicamente firme nos seus princípios e nos seus propósitos; José Mazini adorava sua mãi e herdara dela, quanto na sua alma fortíssima e nobre, existia de mais alto e mais puro. A um seu fiel amigo assim escrevia êle para o consolar na maior das desventuras. São pouco mais ou menos estas as suas palavras:

«Amigo! não tornarás a ver mais tua mãi neste mundo. É esta a tremnda verdade. Não vou ter contigo, porque a tua dor é daquelas dores solenes e santas que é necessário sofrer e vencer por si só. Compreendes o que quero dizer com estas palavras: É necessário vencer a dor! Vencer o que a dor tem de menos santo e de menos purificador, o que em vez de melhorar a alma, a enfraquece e a baixa. Mas a outra parte da dor, a parte nobre, aquela que engrandece e eleva a alma, essa deve ficar contigo e não te deve deixar mais nunca. Nada neste mundo substitui uma mãi. Ou nas dores, ou nas consolações que a vida te pode dar aínda, nunca a esquecerás. Deves, porém, recordá-la, amá-la e sentir a sua morte de um modo digno dela. Amigo, escuta-me! A morte não existe, a morte nada é. Não se pode compreendê-la.

A vida é vida, e segue a própria lei, o progresso. Aínda ontem tinhas tua mãi na terra, hoje tens um anjo em outro lugar; tudo o que é bom sobrevive, e, engrandecido de poder, torna à vida terrena. Assim também o amor de tua mãi. Ela

ama-te agora mais do que nunca. E tu és responsável pelas tuas acções em relação a ela, e das tuas obras depende encontrá-la, tornar a vê-la em uma outra existência. Deves, pois, por amor e reverência a tua mãi tornar-te melhor e dar-lhe alegria. Deverás dora avante, em cada um dos teus actos inquirir de ti mesmo: aprová-lo-à minha mãi? A sua transformação deu-te no mundo um anjo da guarda, a quem deves referir tôdas as tuas ações. Sê, pois, forte e bom; resiste à dor desesperada e vulgar, mas conserva a tranqüilidade das grandes almas nos grandes sofrimentos. É isso o que ela quere».

— Garrone — acrescentou o mestre — *sê forte e tranqüiliza-te; é isso o que ela quere* — entendes?

Garrone acenou que sim com a cabeça, e no entanto, caíam-lhe as lágrimas copiosas, grossas, sôbre a carteira.

Valor cívico

(CONTO MENSAL)

Ao meio dia estávamos com o mestre diante do palácio municipal, para ver entregar a medalha de *valor cívico* ao rapaz que salvou o companheiro do rio Pó.

No terraço da fachada flutuava uma grande bandeira tricolor.

Entramos no átrio do palácio.

Já estava cheio. Viam-se ao fundo uma mesa com um pano vermelho tendo em cima papeis, e, por trás, uma fila de poltronas douradas para o síndico e para a junta; os guardas do município estavam de fardamento azul e meias brancas. À direita estava enfileirado um destacamento de soldados da guarda cívica, cobertos de medalhas, e ao lado dêle um pelotão de guardas da alfândega. Do outro lado, os bombeiros com fardamento de gala e muitos soldados de cavalaria, caçadores e artilheiros, que foram aí apenas para ver. Em volta estava

tudo cheio de *senhores*, de paisanos, de oficiais, de mulheres e crianças que se acotovelavam. Nós reünimo-nos a um canto, onde estavam já apinhados alguns alunos de outras secções com os seus mestres, e próximo de nós, achava-se um grupo de rapazes do povo, de entre dez a dezoito anos, que riam e falavam animadamente, e via-se que eram todos da margem do Pó, companheiros e conhecidos daquele que ia ganhar a medalha. Em cima, de tôdas as janelas, debruçavam-se empregados do município, e até a galaria da biblioteca estava repleta de gente, que se oprimia contra a balaüstrada. No lado oposto viam-se, como imprensadas, grande número de meninas das escolas públicas e muitas *filhas dos militares,* com os seus véus azul celeste. Parecia um teatro.

Todos conversavam alegres, olhando a cada momento para o lado da mesa vermelha, a ver se aparecia alguém. A banda de música tocava em andamento vagaroso, ao fundo do pórtico.

Nas paredes batia o sol.

Belíssimo!

De repente, os que estavam no átrio, nas galarias e nas janelas começaram todos a bater palmas. Pus-me nas pontas dos pés para ver.

A multidão que estava por detrás da mesa vermelha rompeu-se, e apareceram à frente um homem e uma mulher. O homem trazia pela mão um menino. Era o que tinha salvado o companheiro. O homem era o pai um pedreiro, vestido de festa; a mulher era a mãi, pequena e

loura, vestida de preto. O rapaz também pequeno e louro, trajava jaquetão cinzento.

Ao ver tanta gente e ao ouvir tão grande estrépido de aplausos, ficaram todos três de modo que não ousavam olhar nem mover-se. Um guarda municipal colocou-se ao lado da mesa direita. Tudo ficou calado um momento, e depois ruidosamente elevaram-se os aplausos de tôdas as partes. O rapaz olhou para as janelas e depois para as galarias das *filhas dos militares;* tinha o chapéu entre as mãos, e parecia não compreender bem onde estava. Achei que se parecia um pouco com Coretti, no rosto, mas um pouco mais corado. O pai e a mãi tinham os olhos fitos na mesa.

No entanto, todos os rapazes do lado do rio Pó, que estavam ao pé de nós, apresentaram-se à frente, faziam gestos ao seu companheiro, para que êste os visse, chamavam-no em voz baixa: «Pin! Pin! Pinot!...»

À fôrça de o chamar, conseguiram fazer-se ouvir. O rapaz olhou para êles e escondeu o sorriso por detrás do chapéu.

Em certo momento os guardas perfilaram-se.

Entrou o síndico, acompanhado de muitos *senhores.* O síndico, todo de branco, com uma grande faxa tricolor, aproximou-se da mesa. Ficou de pé e todos os outros ficaram por detrás e dos lados.

A banda cessou de tocar e a um gesto do síndico tudo se calou.

Êle principiou então a falar. As primeiras palavras não as entendi bem, mas compreendi que contava o sucedido. Depois levantou a voz, que se espalhou clara e sonora por todo o átrio, e não perdi mais uma palavra.

«Quando viu do cais o companheiro que se debatia nas águas, já tomado pelo terror da morte, despiu-se precipitadamente e correu sem hesitar um momento. Gritaram-no: Afogas-te — e êle não respondeu. Agarraram-no, e êle soltou-se. Chamaram-no pelo nome e já êle estava na água! O rio rolava cheio, e era terrível o perigo, mesmo para um homem. Mas arremessou-se contra a morte, com tôda a fôrça do seu pequeno corpo e do seu grande coração; foi até deitar a mão ao desgraçado, que já estava

mergulhado, e trouxe-o à tona da água. Lutou furiosamente com a onda que queria tragá-lo, com o companheiro que tentava agarrar-se-lhe; muitas vezes desapareceu, para reaparecer de novo por um desesperado esfôrço, obstinado e invencível no seu santo propósito, não como uma criança que tentasse salvar outra criança, mas como um homem, como um pai que lutasse para salvar um filho que fôssse a sua esperança e a sua vida! Afinal Deus não permitiu que tão generosa coragem ficasse inútil. E o nadador arrancou a vítima ao rio gigante; trouxe-a à terra e prestou-lhe ainda com os outros os primeiros socorros; depois do que, voltou para casa, só e tranqüilo, a contar ingénuamente o que havia feito. Senhores! Belo, venerável, é o heroísmo do homem! Mas numa criança, a quem nada pedimos, porque em nada a avaliamos; que nos parece já muito nobre e digna de ser amada, não quando faça, mas quando compreenda e reconheça os sacrifícios de outrem; na criança o heroísmo é alguma coisa de divino! Nada mais direi, senhores! Não quero ornar de louvores supérfluos uma tão simples grandeza. Ei-lo aqui diante de vós, o salvador valoroso e gentil. Soldados! saudai-o como a um irmão; mãis! abençoai-o como a um filho; crianças, recordai-vos do seu nome; fixai na mente as suas feições, e que elas não se apaguem mais da vossa memória nem do vosso coração. Em nome do rei da Itália, eu te dou a medalha de *valor cívico*».

Um viva altíssimo, levantado ao mesmo tempo por muitas vozes, ecoou em todo o palácio.

O síndico tomou de sôbre a mesa a medalha, e prendeu-a ao peito do rapaz. Depois abraçou-o e beijou-o.

A mãi, pôs uma das mãos sôbre os olhos; o pai tinha a cabeça inclinada sôbre o peito.

O síndico apertou a mão a ambos, e pegando no decreto, da condecoração, atado com uma fita, entregou-o à mãi.

Depois dirigiu-se ao rapazinho e disse:

«Que a recordação dêste dia tão glorioso para ti, tão feliz para teu pai e para tua mãi, te mantenha por tôda a vida no caminho da virtude e da honra. Adeus.

O síndico saiu, a banda tocou, e tudo parecia acabado,

quando o destacamento dos bombeiros se abriu e uma criança de oito a nove anos, impelida para a frente por uma mulher que logo se escondeu, foi direita ao condecorado, e estreitou-o entre os braços. Um outro estrondo de vivas e aplausos retumbou por todo o átrio. Todos compreenderam logo que era aquele o rapaz, salvo do rio Pó, que vinha agradecer ao seu salvador. Depois de o ter beijado, agarrou-se-lhe a um braço para acompanhá-lo à saída. Êles adiante, o pai e a mãi atrás, caminhavam para a porta da saída, passando a custo entre o povo que fazia alas à sua passagem — guardas, meninos, mulheres, tudo em confusão. Todos tentavam chegar-se à frente, e punham-se nas pontas dos pés para ver o heroizinho. Os que estavam na frente, na passagem apertaram-lhe a mão. Quando passou diante dos alunos das escolas do Pó fizeram um grande barulho, puxando-lhe pelos braços e pela jaquêta, gritando: — Pin! viva Pin! Bravo, Pinot! eu vi-o passar mesmo perto de mim. Estava com o rosto córado e muito contente. A medalha de ouro tinha uma fita branca, vermelha e verde. A sua mãizinha chorava e sorria, o pai torcia o bigode com uma das mãos, que lhe tremia como se tivesse febre; e de cima das janelas e das galerias debruçavam-se todos a aplaudir. De repente quando estava a chegar debaixo do pórtico, veio de cima, da galeria das *filhas dos militares,* uma verdadeira chuva de amores perfeitos, de raminhos de violetas e de margaridas, que caíam sôbre a cabeça do heroizinho, do pai e da mãi, espalhando-se depois pelo chão. Muitos apanhavam-os à pressa e entregavam-nos à mãi. A banda do fundo do átrio tocava uma ária belíssima, que parecia o canto de muitas vozes argentinas, que vagarosamente pelas margens de um rio, se fôssem afastando, perdendo-se ao longe.

MAIO

As crianças raquíticas

Sexta-feira, 5

Hoje não fui à escola porque não estava bom, e minha mãi levou-me consigo ao *Instituto dos meninos raquíticos*, onde ia recomendar uma menina, filha do porteiro, mas não me deixou entrar na escola...

«Não compreendeste, Henrique, porque não te deixei entrar? Para não pôr diante daqueles desgraçados, ali no meio da escola, quási como em exposição, um menino são e robusto.

Muitas ocasiões têm êles já de se achar em comparações dolorosas. Que triste coisa! Sobem-me as lágrimas do coração ao entrar lá dentro. Eram uns sessenta entre meninos e meninas. Pobres ossos torturados! pobres mãos! pobres pèzinhos confrangidos e tortos! Pobres corpinhos aleijados! Observei logo à entrada muitas criancinhas simpáticas e olhos cheios de afectos. Havia uma pequerrucha com o nariz afilado e o queixo pequeno, que parecia uma velhinha; mas tinha um sorriso de suavidade celeste. Alguns de frente, são

belos e não parecem defeituosos; mas voltam-se e comprime-se-nos o coração. Estava o médico a fazer a visita. Punha-os em pé em cima dos bancos, e levantava-lhes os vestidinhos para tocar-lhes no ventre inchado e nas articulações intumecidas; mas não se envergonhavam disso, pobres criaturas! Bem se via que eram crianças acostumadas a ser despidas, examinadas e voltadas de todos os lados... E pensar que ainda agora elas estão no período mais suave da doença, que quási nada sofrem!... Mas quem pode imaginar os seus sofrimentos ao principiar a desformação do corpo, quando com o crescer da enfermidade sentirem diminuir o afecto em tôrno de si, pobres crianças deixadas horas e horas sòzinhas no canto de uma sala ou de um pátio, mal nutridas, às vezes ainda atormentadas, meses e meses com ligaduras e aparelhos ortopédicos inúteis!

Agora, porém, graças aos cuidados, à boa alimentação e à gimnástica, muitas melhoram.

A mestra mandou-as fazer gimnástica. Fazia compaixão vê-las, obedecendo às vozes, esticar debaixo dos bancos tôdas aquelas perninhas enfaixadas e apertadas, cheias de inchações e aleijões, aquelas perninhas que seriam cobertas de beijos! Muitas não podiam levantar-se do banco, e ficavam ali com a cabeça encostada ao braço, acariciando a muleta com a mão; outras faziam movimentos com o braço, mas faltava-lhes a respiração e caíam sôbre o banco, pálidas, mas sorrindo para dissimularem o cansaço. Ah! Henrique, vós outros que tendes saúde, não sabeis apreciá-la, parecendo-vos coisa de pequeno valor. Eu pensava nos rapazes fortes e florescentes de viço, que as mãis levam, como em triunfo, soberbas da sua beleza; e sentia-me capaz de estreitar ao coração tôdas aquelas cabecinhas e dizer-lhes: «Se eu fôsse só, não saíria mais daqui, consagrar-vos-ia a vida, servir-vos-ia de mãi a vós tôdas, até ao meu último dia». E também têm aptidões aqueles anjinhos, e estudam, disse-me a mestra, uma senhora jovem e gentil, que tem a físionomia, cheia de bondade, certa expressão de tristeza, como um reflexo das desventuras que ela acaricia e consola. Santa mulher! Entre tôdas as crianças humanas que ganham a vida com o trabalho, não há nenhuma que ganhe a vida mais santamente do que tu, minha boa filha.

Tua Mãi.

Sacrifício

Terça-feira, 9

Minha mãi é boa e minha irmã Silvia é também como ela, tem o mesmo coração grande e nobre. Eu estava copiando ontem à noite uma parte do conto mensal — *Dos Apeninos aos Andes* — que o mestre repartiu por uns poucos para copiar, quando Silvia entrou nos bicos dos pés e me disse apressadamente:

— Vem comigo, onde está a mamã. Ouvi esta manhã o papá dizer, quando conversávamos, que lhe correra

mal um negócio, e estava aborrecido; a mamã animava-o; estamos em más circunstâncias, entendes? Não há dinheiro; o papá disse mais, que lhe era necessário fazer sacrifícios para equilibrar-se. Ora, é necessário que nós façamos também sacrifícios iguais, não te parece? Estás pronto?... Bem; eu vou falar à mamã; tu hás-de dizer-lhe que sim, que prometes fazer o que eu disser.

Dito isto, pegou-me da mão e levou-me à mamã, que estava cosendo muito pensativa. Sentei-me de um lado do sofá, e Silvia disse-lhe sem rodeios:

— Ouve, mamã, nós temos que te falar.

A mamã olhou para nós maravilhada e Sílvia principiou:

— O papá está sem dinheiro, não é verdade?

— Que dizes? respondeu nossa mãi, corando. — Não é exacto; que sabes tu? quem te contou isso?

— Eu sei, disse Sílvia resolutamente. Ouça mamã: a nós também deve tocar uma parte dos sacrifícios. A mamã tinha-me prometido um leque para o fim de maio, e Henrique esperava a sua caixa de tintas. Pois bem, não queremos coisa alguma; não queremos que se gaste dinheiro; ficaremos satisfeitos do mesmo modo, entende?

A mamã tentou falar, mas Sílvia disse:

— Não; há-de ser assim, temos decidido. E enquanto o papá não tiver dinheiro não queremos mais frutas nem mais nada; bastar-nos-á a sopa, e de manhã ao almôço comeremos pão; assim gastar-se-á menos com a mesa, com que se dispende muito. E nós prometemos andar sempre contentes como até aqui. Não é verdade, Henrique?

Respondi que sim. E ela repetiu pondo a mão na bôca da mamã: — Sempre contentes da mesma maneira! E se há outros sacrifícios a fazer, ou seja no vestir ou no que fôr, nós os faremos de boa vontade; também se podem vender os nossos brinquedos. Dou tôdas as minhas coisas e sirvo de criada de quarto; não daremos mais nada a fazer fora de casa, trabalharei com a mamã todo o dia e farei quanto quiser, porque estou disposta a tudo.

— A tudo! — exclamou, lançando os braços ao pes-

coço de minha mãi — contanto que o papá e a mamã não tenham mais desgostos, e que continuemos e vê-los ambos tranqüilos e de bom humor como até aqui, juntos da sua Sílvia e do seu Henrique, que lhes querem tanto bem e que dariam a vida por êles.

Ah! nunca vi minha mãi tão contente como ao ouvir aquelas palavras; nunca nos beijou nas faces daquele modo, entre chorando e rindo, sem poder falar.

Depois assegurou a Sílvia, que esta tinha compreendido mal, que não estávamos reduzidos ao que julgava, felizmente; e cem vezes nos agradeceu, ficando alegre tôda a noite, até que meu pai entrou, e ela contou-lhe tudo. Meu pobre pai não disse nada. Mas esta manhã, sentando-me à mesa... experimentei um grande prazer e uma grande tristeza ao mesmo tempo. Debaixo do guardanapo, encontrei a caixinha de tintas e Sílvia achou o leque.

O incêndio

Quinta-feira, 11

Esta manhã, tinha eu acabado de copiar a minha parte da história *Dos Apeninos aos Andes,* e procurava um tema para a composição livre que devia fazer, quando ouvi um rumor estranho nas escadas, e logo depois entraram dois bombeiros, que pediram a meu pai licença para examinar as estufas e as chaminés, porque, diziam, via-se sair fumo de cima do telhado, sem saber de onde vinha. Meu pai disse: — Examinem! e apesar de não termos fôgo acêso em parte alguma, êles principiaram a entrar nos quartos e a aplicar o ouvido às paredes para averiguar se sentiam o rumorejar do fôgo nos tubos que vão para os outros andares da casa. Enquanto os bombeiros andavam pelos quartos, meu pai disse-me:

— Henrique! aí tens tu um bom tema para a tua composição «Os bombeiros». Experimenta um pouco escrever o que te vou contar.

Vi-os trabalhar há dois anos, quando saía do teatro *Balbo,* já tarde. Entrando na rua de Roma, vi um clarão desusado, e uma onda de gente que corria. Uma casa

estava a arder, línguas de fôgo e nuvens de fumo irrompiam das janelas e do tecto; homens e mulheres apareciam às janelas e desapareciam lançando gritos desesperados. Era grande o tumulto em frente da porta. A multidão gritava: Morrem queimados: socorro! Os bombeiros!

Chegara um carro nessa ocasião e dêle saltaram quatro bombeiros municipais, os primeiros que compareceram, e entraram apressadamente na casa. Mal tinham entrado, presenciou-se uma cena horrível. Uma mulher debruçou-se, gritando de uma janela do terceiro andar; subiu ao peitoril, e ficou agarrada, quási suspensa no ar, com as costas para fora, curvada por baixo do fumo e das chamas, que, saindo pela janela, quási lhe crestavam os cabelos. A multidão soltou um grito de horror. Os bombeiros, detidos por engano no segundo andar pelos inquilinos aterrados, tinham já destruído uma parede e entrado precipitadamente numa sala, quando cem vozes gritaram: — No terceiro andar!

Voaram ao terceiro andar. Aí eram as ruínas do inferno! traves do tecto que desabavam, o corredor cheio de labaredas e nuvens de fumo que sufocava, para que pudessem chegar às salas onde estavam os inquilinos foragidos, o único remédio era passar pelo telhado. Subiram sem hesitação, e um minuto depois apareceu sôbre as telhas como que um fantasma negro, entre a fumaça. Era o cabo de bombeiros, que primeiro tinha chegado. Mas para atingir a parte do telhado que correspondia ao quarto invadido pelo fogo, era necessário passar por um espaço estreitíssimo, compreendido entre uma trapeira e a borda do telhado. Tudo mais ardia. A pequena passagem, coberta de neve e de gêlo, não tinha ponto algum de apoio. — É impossível passar! — gritava de baixo a multidão. O cabo avançou para a beira do telhado; todos estremeceram e ficaram a olhar, com a respiração suspensa. Passou; um imenso viva subiu ao céu. O cabo continuou a correr, e chegando ao ponto ameaçado começou a quebrar furiosamente, a golpes de machado, telhas, traves, ripas, para abrir um buraco por onde pudesse penetrar e descer ao interior. No entanto a mu-

lher continuava suspensa para fora da janela, o fogo rastejava-lhe pela cabeça; mais um minuto, precipitar-se-ia na rua.

O buraco estava aberto, e viu-se o cabo tirar o boldrié e descer.

Os outros bombeiros que já lá estavam, seguiam-no. No mesmo momento, uma altíssima escada apropriada, trazida então, foi encostada à cornija da casa, em frente das janelas donde saíam chamas e gritos desesperados de verdadeiros loucos! Julgava-se que fôsse tarde. — Ninguém se salva, gritavam. Os bombeiros morrem queimados! Acabou! Estão mortos! — De repente apareceu à janela do peitoril a figura negra do cabo de bombeiros, iluminada de cima abaixo pelas chamas. A mulher agarrou-se-lhe ao pescoço, e êle, segurando-a pela cintura com ambos os braços, levantou-se e levou-a para dentro do quarto. A multidão soltou um grito de mil vozes, que cobriu o ruído crepitante produzido pelo incêndio. Mas os outros? e para descer? — A escada, apoiada numa cornija diante de uma janela, ficava um pouco longe da varanda. Como poderiam agarrar-se a ela? Enquanto isso se dizia, um dos bombeiros, saíndo pela janela, pôs o pé direito sôbre o batente e o esquerdo num degrau da escada, e assim, direito no ar, sobraçando um a um os inquilinos que os companheiros lhe apresentavam de dentro, entregava-os a outro que subira da rua, e ia-os atando a um cabo, descendo-os cada um por sua vez, ajudado por companheiros que estavam em baixo e os recebiam nos braços. Passou primeiro a mulher do peitoril, depois uma criança, depois outra mulher e um velho. Todos estavam salvos. Depois do velho, desceram os bombeiros que tinham ficado dentro; o último a descer foi o cabo, que tinha sido o primeiro a chegar. A multidão acolheu-os com uma explosão de aplausos; mas, quando veio o último, a vanguarda dos salvadores, aquele que primeiro tinha afrontado o abismo, que teria morrido, se algum houvesse de morrer, a multidão saüdou-o como a um triunfador, gritando e estendendo os braços num impulso afectuoso de respeito e de gratidão, e em poucos momentos o seu nome obscuro, José Robbi-

no, foi pronunciado por mil bôcas. Compreendes? Esta é que é a coragem de coração, que não raciocina, que não vacila, que vai direita, cega, como um raio, onde sente o grito de quem morre. Levar-te-ei um dia aos exercícios dos bombeiros, e mostrar-te-ei o cabo Robbino, porque hás-de ficar satisfeito em conhecê-lo? não é verdade?

Respondi que sim.

— Ei-lo, é êste — disse meu pai. Voltei-me logo. Os dois bombeiros, terminando a visita, atravessavam a sala para sair.

Meu pai apontou-me o mais pequeno, o que tinha os galões, e disse-me:

— Aperta a mão do cabo Robbino.

O cabo parou e estendeu-me a mão, sorrindo. Eu apertei-lha; êle fez um cumprimento e saiu.

Lembra-te bem — disse meu pai — porque de milhares de mãos que hás-de apertar em tua vida, não haverá talvez dez que valham as suas.

Dos Apeninos aos Andes

(CONTO MENSAL)

Muitos anos há, um rapaz genovês de treze anos de idade, filho de um operário, partiu de Génova para a América, sòzinho, em procura de sua mãi.

Saíra ela dois anos antes para a América, a-fim-de se pôr ao serviço de alguma casa rica e ganhar assim, em pouco tempo, o bastante para rehabilitar a família, a qual, em conseqüência de vários contratempos, caíra em pobreza e achava-se cheia de dívidas.

Tinha a pobre mãi chorado lágrimas de sangue ao separar-se dos filhos, um de dezoito anos, outro de onze, mas partira com coragem e cheia de esperanças. Apenas chegada à América, encontrou logo por intermédio de um negociante genovês, primo de seu marido, estabebelecido aí havia muito tempo, uma família americana, que lhe pagava caro e a tratava bem. Durante algum tempo, tinha mantido com os seus uma correspondência regular. Como haviam combinado entre si, o marido diri-

gia as cartas ao primo, que as entregava à mulher, e mandava também as respostas, que expedia para Génova, acrescentando-lhes algumas linhas do seu punho. Ganhando oitenta liras por mês, e nada gastando consigo, mandava para casa todos os trimestres uma boa soma, com a qual o marido, que era homem honrado, ia pagando pouco a pouco as dívidas mais urgentes, readquirindo assim a sua boa reputação. E no entanto trabalhava e andava muito satisfeito da vida, pela esperança de que a mulher regressaria em pouco tempo, porque a casa lhe parecia vazia sem ela.

Decorrido, porém, um ano da partida, depois de uma pequena carta em que ela dizia achar-se mal de saúde, nunca mais receberam cartas suas. Escreveram duas vezes ao primo, mas o primo não respondeu. Escreveram à família americana, em cuja casa ela estava a servir, mas porque talvez estropiassem o enderêço, também não tiveram resposta.

Pai e filhos estavam consternados, e o mais novo vivia oprimido de uma tristeza que não podia vencer.

Que fazer? A quem recorrer? A primeira ideia do pai foi partir e ir procurar a mulher na América; mas o seu trabalho? quem lhe sustentaria os filhos? Nem o

mais velho poderia ir, porque êsse justamente principiava a ganhar alguma coisa para ajudar a família. E nesta aflição viviam, repetindo todos os dias as mesmas considerações, tristes ou olhando uns para os outros em silêncio, até que uma tarde, Marcos, o mais pequeno, saiu-se desembaraçadamente dizendo:

— Pois vou eu à América procurar minha mãi!

O pai inclinou a cabeça tristemente sem responder. Aos treze anos, fazer sòzinho uma viagem à América. quando é necessário um mês para lá chegar! Mas o rapaz insistiu pacientemente. Insistiu naquele dia, no outro dia, todos os dias, com grande calma, raciocinando com o bom senso de um homem.

Outros lá têm ido — dizia êle — e ainda mais pequenos do que eu. Uma vez a bordo do navio, chegarei lá como outro qualquer. E assim, pouco a pouco, chegou quási a convencer o pai, que o estimava e que sabia que êle tinha juízo e coragem, que estava acostumado a privações e sacrifícios, e que tão boas qualidades dobrariam de fôrça no seu coração, para o santo fim de achar sua mãi, que êle adorava. Acresce ainda que um comandante de vapor, amigo de um seu conhecido, ouvindo falar no facto, empenhou-se em obter grátis um bilhete de terceira classe para a América. Foi então que, depois ainda de alguma hesitação, o pai consentiu, e a viagem ficou decidida. Encheram-lhe um saco de roupa, meteram-lhe no bôlso algum dinheiro, deram-lhe o enderêço do primo, e numa bela tarde do mês de Abril levaram-o a bordo.

— Marcos, meu filho! — disse o pai, dando-lhe o último beijo, com as lágrimas nos olhos, na escada do vapor que ia partir. Tem coragem! Partes para uma santa missão. Deus te ajudará.

Pobre Marcos! Êle tinha o coração forte e preparado também para as mais duras provas naquela viagem; mas, quando viu desaparecer-lhe no horizonte a sua bela Génova, e se achou em alto mar, sôbre aquele grande vapor, cheio de camponeses emigrantes, sòzinho, sem conhecer ninguém, com aquele pequeno saco que encerrava tôda a sua fortuna, um desânimo triste e súbito assal-

tou-o. Durante dois dias esteve atirado como um cão, à prôa, quási sem comer, oprimido, prêso por uma grande vontade de chorar. Tôda a espécie de pensamentos tristes lhe atravessavam o espírito; atormentava-o a ideia de que sua mãi talvez tivesse morrido. Nos seus sonhos interrompidos e penosos, via sempre a cara de um desconhecido que olhava para êle com ar de compaixão e lhe dizia depois ao ouvido: — Tua mãi morreu! através do oceano, na solidão, vinha-lhe um grande acabrunhamento. Os dias que se sucediam, vazios e monótonos, confundiam-se-lhe na memória, como se dá com os doentes. Parecia-lhe estar no mar havia um ano. E tôdas as manhãs, acordando, experimentava novas tristezas, vendo-se, ali, só, no meio daquela imensidade da água, em viagem para a América.

E a viagem não acabava mais, mar e céu, hoje como ontem, àmanhã como hoje, agora como logo, sempre, eternamente. E passava longas horas encostado à amurada, a olhar para o mar sem fim, absorto, pensando vagamente em sua mãi, até que os olhos se lhe fechavam e a cabeça lhe caía de sono; e então tornava a ver aquela cara desconhecida que o olhava com ar de piedade, repetindo-lhe ao ouvido: — Tua mãi morreu! E a essa voz acordava sobressaltado e começava de novo a sonhar, com os olhos desmesuradamente abertos para o horizonte ignoto.

Durara a viagem longuíssimos dias! Os últimos foram os melhores. O tempo estava lindo e o ar fresco. Marcos travara conhecimento com um bom velho lombardo que ia à América procurar um filho, cultivador de terras, e tinha-lhe contado tôda a sua história. O velho repetia-lhe a cada momento, batendo-lhe com a mão na nuca!

— Coragem, meu rapaz! tu encontrarás tua mãi com saúde e contente.

Aquela companhia reanimava-o, a ponto de os seus pensamentos passarem de tristes a alegres.

Assentado à proa, ao pé do velho camponês que fumava cachimbo, debaixo de um belo céu estrelado no meio de grupos de emigrantes que cantavam, cem vezes se lhe apresentava no pensamento a sua chegada à Amé-

rica. Via-se numa determinada rua, achava a loja, corria ao encontro do primo, preguntava-lhe: — Como está minha mãi? onde está ela?

«Vamos depressa! vamos depressa! e corriam juntos, subiam uma escada, abria-se uma porta...»

E aqui, o seu colóquio em silêncio parava, a sua imaginação perdia-se num sentimento de inexprimível ternura, que lhe fazia tirar, às escondidas, uma medalhinha que trazia ao pescoço, e murmurar, beijando-a, as suas orações.

No fim de muitos dias, depois da partida, chegaram. Por uma bela e rósea aurora de maio, o vapor lançava âncora no pôrto. Aquele tempo esplêndido pareceu-lhe de bom agouro. Estava fora de si de alegria e de impaciência. A poucas milhas de distância estava sua mãi; ia vê-la em poucas horas! E êle achava-se na América, no novo mundo, e tinha tido a coragem de vir só! A longuíssima viagem parecera-lhe então ter-se escoado num minuto. Parecera-lhe que viera voando, sonhando, e despertara ali.

Com o saco na mão, embarcou juntamente com outros muitos italianos num vaporzinho, que os levou até pouca distância da margem, desembarcou no cais, despediu-se do seu velho amigo lombardo e caminhou a passos apressados para a cidade.

Chegando à embocadura da primeira rua, aproximou-se de um homem que passava, e pediu-lhe por favor que lhe indicasse o rumo a seguir.

Mas não lhe tardou a notícia desesperada de que sua mãi não estava na cidade, e que se achava no interior do país.

A criança emudeceu e após a tortura dêsse desengano resolveu procurar sua mãizinha onde quer que ela estivesse.

Êle sabia que ia partir para o interior, pelo grande rio que vinha desembocar no pôrto, uma barca onde iam patrícios seus, genoveses robustos, bronzeados, cuja linguagem suave lhe lembrava a pátria amada. E Marcos resolveu partir com êles.

Partiram; e a viagem durou três dias e quatro noites, e foi ela um espanto para o pequeno viajante.

Três dias e quatro noites subindo aquele maravilhoso rio, que, comparado ao nosso grande Pó, não passa êste de um regato; e o cumprimento da Itália quadruplicado não atinge ao seu curso. A grande barca seguia lentamente contra a corrente de tão desmesurada massa de água. Passava pelo meio de grandes ilhas, em outro tempo cheias de ninhos de serpentes e de tigres, cobertas de laranjeiras e salgueiros, semelhantes a bosques flutuantes. A barca ora se enfiava por estreitos canais de que parecia não poder mais saír, ora desembocava em grandes extensões de água, semelhantes a vastos lagos tranqüilos. Depois outra vez por entre ilhas e canais enredados de um arquipélago, no meio de maciços enormes de vegetação. Reinava um silêncio profundo. Por largos espaços, as margens e as águas solitárias, vastíssimas, davam a imagem de um rio desconhecido, onde aquela pobre vela fôsse a primeira do mundo a aventurar-se. Quanto mais se adiantavam, tanto mais aquele monstruoso rio o desanimava. Imaginava sua mãi lá nas origens, e que a navegação duraria anos! Duas vezes no dia comia um pouco de pão e de carne salgada com os barqueiros, que, vendo-o triste, não lhe dirigiram mais palavra. À noite, dormia sôbre a coberta, e despertava a cada momento em sobressalto, eléctrizado, estatelado pela luz limpidíssima

da lua, que branqueava as águas de leite, imensas, e as praias longinqúas, geladas. Então o coração confrangia-se-lhe. Mas, depois, pensava: «*Minha mãi passou por aqui, viu estas ilhas e praias*», e não lhe pareciam mais estranhos e solitários aqueles lugares, por onde o olhar de sua mãi se detivera. À noite um dos barqueiros cantava... Aquela voz fazia-lhe lembrar as cantigas de sua mãi, quando o adormecia em criança. A última noite, ao ouvir aquele canto espiritualmente, sagrado e triste, começou a soluçar. O barqueiro parou; depois gritou-lhe:

Ânimo! ânimo! Que diabo! Um genovês a chorar porque está longe de casa! Os genoveses dão volta ao mundo gloriosos e triunfantes!

Mas, novas decepções e outras novas dôres vieram desiludi-lo. Depois de várias peregrinações pelo interior, tendo cada dia um desengano, e cada noite uma esperança, depois de todos os sofrimentos curtidos em terra estranha, sem agasalho suficiente, sem pão às vezes, sem dinheiro e sem roupa, esfarrapado, abatido, mas sempre revoltado contra a conspiração surda da terra e dos homens, afinal veio a saber que em longes terras, além das montanhas, aí devia estar sua mãi querida a quem buscava.

Esta notícia, que bastaria para desanimar um homem, deu-lhe nova seiva e nova energia. Agregou-se a um bando de homens rústicos e boiadeiros, que fasiam a travessia do sertão, e com êles partiu quási mendigo, pagando êsse favor com o serviço de criado, ajuntando lenha para o rancho, vigiando os pousos, enfim, trabalhando como podia.

Afinal, nas proximidades do lugar, onde devia estar sua mãizinha, despediu-se do *capataz* e dos boiadeiros. A caravana devia seguir caminho diferente, e o rapaz teve de deixá-la. O capataz, comovido, deu-lhe as informações precisas, pôs-lhe o saco ao ombro de modo a não o incomodar e sem mais demora, como se tivesse receio de comover-se, disse-lhe adeus.

O rapaz teve apenas tempo de beijar-lhe um braço. Até os homens rudes e de trato áspero pareciam movidos de lástima ao verem-no ficar assim, agora sózinho, e dis-

seram-lhe adeus com a mão, afastando-se. Êle correspondeu a êsse adeus, e ficou a olhar para o comboio, até que o perdeu de vista, envolvido na poeira vermelha da campina. Depois poz-se a caminho tristemente.

Uma coisa, porém, confortou-o um pouco desde o comêço. Depois de tantos dias de viagem por aquela interminável planície sempre a mesma, via diante de si uma cadeia de montanhas altíssimas, azues, que lhe recordaram os Alpes e lhe davam uma ideia da aproximação da sua pátria. Eram os Andes, a espinha dorsal do continente americano, essa cadeia imensa que se estende da Terra do Fôgo até o mar glacial do polo árctico, por milhares de léguas. E também o confortava o sentir o ar cada vez mais quente; o que acontecia pela razão de que, subindo em direcção ao norte, mais se avezinhava das regiões tropicais. A grandes distâncias deparavam-se pequenos grupos de casas e uma taberna, onde comprava qualquer coisa para comer. Encontrava homens a cavalo, e de vez em quando mulheres e meninos sentados no chão, imóveis e graves, com caras verdadeiramente estranhas para êle, côr de barro, com os olhos oblíquos, os olhos nas faces salientes, que o olhavam atentamente, e acompanhavam-no com a vista, voltando a cabeça lentamente como autómatos. Eram índios.

No primeiro dia caminhou quanto lhe permitiam as fôrças, e dormiu debaixo de uma árvore. No segundo caminhou muito menos e com menos coragem. Tinha os sapatos rôtos, os pés esfolados e o estômago enfraquecido pela má alimentação. Ao anoitecer, principiou a ter mêdo. Tinha ouvido dizer na Itália que naqueles países havia muitas serpentes. Parecia-lhe que as sentia rastejar, babando visgos imundos, e êle parava, depois corria, sentindo calafrios nos ossos. Às vezes compadecia-se de si próprio, e chorava em silêncio, caminhando. Depois pensava: Oh! quanto não sofreria minha mãi, se soubesse do tamanho mêdo que tenho!

Esta ideia restituía-lhe a coragem. Então, para se distraír, pensava em muitas coisas dela; recordava as suas palavras quando partira de Génova, recordava o cuidado com que ela costumava conchegar-lhe a roupa em volta

do pescoço, quando estava na cama e era ainda criança, e quando às vezes pegava nele ao colo e lhe dizia: — «Fica um pouco aqui comigo»; e ficava assim muito tempo, com a cabeça apoiada na sua, cismando. E dizia consigo. — Ver-te-ei um dia, querida mãi? Chegarei ao fim da minha viagem, minha mãi? E caminhava, caminhava por entre árvores desconhecidas e vastas plantações de cana de açúcar, e prados sem fim, sempre com aquelas grandes montanhas azues, agudas, que espinguilhavam o céu sereno como pontas luzidas de touros robustos, enfurecidos. Quatro dias, cinco, uma semana se passou. As fôrças iam-lhe gradualmente faltando, e dos pés escorria-lhe mais sangue. Finalmente uma tarde, ao pôr do sol, disseram-lhe: — «Fica a cinco milhas daqui». Soltou um grito de alegria, e apressou o passo, como se tivesse readquirido num momento todo o vigor perdido.

Pouco lhe durou a ilusão; as fôrças abandonaram-no de repente; caíu sôbre as bordas de um fôsso fundo. Mas o coração batia-lhe de contentamento.

O céu coberto de estrêlas luminosas nunca lhe parecera tão belo. Contemplava-o deitado sôbre a relva para dormir, e pensava que, talvez ao mesmo tempo, a sua mãi estivesse vendo aquele mesmo céu. E dizia: Minha mãi, onde estás, que fazes neste momento? pensarás no teu filho? pensarás no teu Marcos, já tão próximo de ti?

Pobre Marcos! se êle pudesse ver o estado em que então se achava sua mãi, teria feito um esfôrço sobre-humano para caminhar ainda, e chegar perto dela algu-

mas horas antes. Estava doente de cama numa sala ao rez--do-chão de uma cazinha fidalga, onde habitava tôda a família Mequinez, que lhe era muito afeiçoada e lhe fazia grande esmola. A pobre mulher estava já adoentada, quando o engenheiro Mequinez foi obrigado a partir à pressa da cidade, e não tinha melhorado ainda com os bons ares do interior. Depois, o não ter recebido resposta às suas cartas, nem do marido, nem do primo, o pressentimento sempre vivo de alguma grande desgraça, a ansiedade contínua em que vivia, incerta entre o partir e o ficar, esperando todos os dias uma notícia funesta, tinha-a feito, peorar, fora do comum. Por último manifestára-se-lhe uma moléstia gravíssima, uma hérnia intestinal estrangulada.

Havia quinze dias que se não levantava da cama. Era necessária uma operação cirúrgica para salvar-lhe a vida. Naquele momento, justamente, em que o seu Marcos chamava por ela, estavam à sua cabeceira a dona e o dono da casa, procurando convencê-la com muita ternura de que se deixasse operar, e ela persistia na recusa, chorando. Um distinto médico da cidade já tinha vindo uma semana antes, mas inutilmente.

— Não, meus queridos senhores — dizia ela — não me falem nisso; não tenho fôrças para resistir; morreria na operação. É melhor que me deixem assim. Não me interesso mais pela vida. Está tudo acabado para mim. E melhor é que eu morra antes de saber o que aconteceu à minha família.

E os amos a dizerem-lhe que não, que tivesse coragem, que das últimas cartas, mandadas para Génova directamente, havia de receber a resposta, que se deixasse operar pelo amor que tinha a seus filhos. Mas aquele pensamento dos filhos não fazia senão agravar mais angustiosamente o desânimo profundo que a prostrava desde tanto tempo. Àquelas palavras desatava em pranto.

— Oh! os meus filhos! os meus filhos! exclamava juntando as mãos, talvez já não existam! É melhor que eu morra também. Muito obrigado, meus amigos, agradeço-lhes de todo o coração. Mas é melhor que eu morra. Também não ficaria boa com a operação, estou certa.

Muito obrigada por tantos cuidados, meus bons patrões. É destino meu morrer aqui. Está decidido.

E êles a consolá-la e a repetir-lhe: — Não, não diga isso. — Pegavam-lhe nas mãos e pediam; porém ela fechava os olhos e caía numa prostração funda.

E os patrões ficavam ali, por um pouco de tempo, à luz fraca de uma lamparina, contemplando com grande piedade aquela mãi admirável, que para salvar a sua família vinha morrer a duas mil léguas da sua pátria; morrer depois de ter sofrido tanto! pobre mulher, tão honesta, tão boa e tão desgraçada!

No dia seguinte, de manhã cedo, com o seu saco aos ombros, curvado e coxeando, mas cheio de ânimo, Marcos entrava na cidade onde devia encontrar sua mãizinha querida; vinha com as mesmas ilusões e os mesmos desesperos; a cidade tinha a mesma cruel semelhança das outras; eram as mesmas ruas estreitas e compridas; as mesmas casas baixas e brancas; em tôda a parte, uma vegetação nova e esplêndida, um ar perfumado, uma luz maravilhosa, um céu límpido e profundo, como êle nunca vira nem mesmo na Itália. Caminhando pelas ruas adiante, tornou a sentir a agitação febril, o mistério esperado das notícias imprevistas. Olhava para as janelas de tôdas as casas: olhava para tôdas as mulheres que passavam, com a inquieta esperança de encontrar sua mãi; quizera interrogar quantos passavam e não se atrevia a interromper ninguém.

Todos os que chegavam às portas, olhavam com curiosidade para o pobre rapaz esfarrapado e poeirento, que mostrava vir de tão longe. Procurava êle entre a gente, pessoa cuja fisionomia lhe desse confiança e a quem fizesse a tremenda pregunta, quando deu com a vista na taboleta de uma taberna, na qual estava escrito um nome italiano. Dentro estava um homem de óculos e duas mulheres. Marcos aproximou-se vagarosamente da porta, e tomando alento preguntou:

— Os senhores saber-me-ão dizer onde mora a família Mequinez?

— Do engenheiro Mequinez? — preguntou o taberneiro.

— Sim, do engenheiro Mequinez — respondeu Marcos com voz de contentamento.

— A família Mequinez — disse o taberneiro — não está na cidade.

Um grito desesperado de dor, como de uma pessoa apunhalada, fez eco àquelas palavras.

O taberneiro e a mulher levantaram-se e alguns vizinhos correram.

— Que é? que tens tu? — preguntou o taberneiro puxando-o para dentro e fazendo-o sentar. — Não é coisa para desesperar; que diabo! Se os Mequinez não estão aqui, perto estão, a poucas horas daqui.

— Onde? onde? — gritou Marcos, levantando-se como um ressuscitado.

— A umas quinze milhas da cidade — continuou o homem — na margem do Saladilo; num lugar onde se está construíndo um grande engenho de açúcar e um grupo de casas; é aí a morada do Sr. Mequinez. Todo o mundo sabe; podes lá chegar em poucas horas.

— Há um mês que lá estive, disse um sujeito que acudira ao grito de Marcos.

Marcos olhou para êle, com os olhos muito abertos, e preguntou precipitadamente, empalidecendo:

— E viu lá a criada do Sr. Mequinez, a genovêsa?

— A genovêsa? Vi, sim.

Marcos rompeu em soluços, convulsivos, estrepitosos, rindo e chorando. Depois, com um ímpeto de resolução violenta:

— Por onde se vai? Depressa, digam-me onde é o caminho... parto já, ensinem-me o caminho.

— Mas é um dia de viagem — disseram todos a uma só voz. — Tu estás muito fatigado e precisas de repouso. Partirás amanhã.

— É impossível! impossível! — respondeu Marcos.

— Diga-me por onde se vai, não esperarei mais um minuto; parto imediatamente, ainda que tivesse de morrer pelo caminho.

Vendo que não cedia, não se opuseram mais.

— Deus te acompanhe! — disseram-lhe. — Tem cuidado no caminho da mata... Boa viagem, *italianito*. Um homem acompanhou-o até lá fora da cidade. Indicou-lhe o caminho deu-lhe alguns conselhos e demorou-se a vê-lo seguir pela estrada. Em poucos minutos o rapaz diminuiu o passo e desapareceu, coxeando com o saco às costas, por detrás das árvores frondosas que orlavam a estrada.

Aquela noite foi tremenda para a nobre enferma. Sofria dores atrozes que lhe arrancavam gritos de rebentar as veias e lhe davam momentos de delírio. As mulheres que lhe assistiam, não sabiam o que fazer.

A senhora vinha vê-la de quando em quando, muito entristecida. Todos pareciam recear que, embora a doente consentisse em deixar-se operar, o médico que devia vir na manhã seguinte, chegaria já tarde. Nos momentos em que delirava, compreendia-se que os seus terríveis padecimentos não provinham das dores do corpo, mas do pensamento na família. Pálida, magra, com o rosto mudado, metia as mãos pelos cabelos, em desesperação que confrangia a alma, e gritava:

— Meu Deus! Meu Deus! morrer tão longe!... morrer sem tornar a vê-los. Infelizes que ficaram sem mãi, oh! minhas criaturas, oh! meu pobre sangue! E o meu Marcos, tão pequenino ainda, tão bom! tão afectuoso! Nem sabeis como êle era! se a senhora o conhecesse... Não o podia largar dos braços quando parti; chorava, chorava que fazia dó! Parecia adivinhar que não veria mais sua mãi. Pobre Marcos! meu pobre filho! Pensei que me estalava o coração. Se eu morresse naquele momento! Se eu morresse quando me dizias adeus!... Se então caísse fulminada, se morta eu caísse!...

«Sem mãi, pobre criança, que amava tanto, e tanta necessidade tem de mim; sem mãi, na miséria, mendigando talvez, êle, o meu querido Marcos, a estender a mão com fome! Oh! Deus eterno! Não! Eu não quero morrer! O médico! Chamem-no depressa. Que venha; despedace-me, corte-me as entranhas, faça-me enlouquecer, mas salve-me a vida. Quero ficar boa. Quero viver, partir, fugir, àmanhã! já! O médico! socôrro! socôrro!

E as mulheres agarravam-lhe as mãos, afagavam-na, rogavam e a faziam tornar a si pouco a pouco, falando-lhe de Deus e de esperança. Então ela recaía num abatimento mortal, chorava, metendo as mãos nos cabelos grisalhos, gemia como uma criança, em lamentos prolongados e murmurando de quando em quando: — Oh! a minha Génova! A minha casa! Todo aquele mar!... O meu Marcos, o meu pobre filho! Onde estará agora a minha pobre criatura!

Era meia noite. E o pobre Marcos, depois de ter passado muitas horas à borda de um barranco, extenuado de fôrças, caminhava através de mato vastíssimo, de árvores gigantescas, e monstros de vegetação e de troncos desmesurados semelhantes a pilastras de catedrais, que entrançavam, a prodigiosa altura, as cabeleiras enormes, brancas, inundadas pelo luar. Vagamente naquela meia obscuridade, via miríades de troncos de tôdas as formas: direitos, inclinados, torcidos, em atitudes estranhas de ameaça e de luta; alguns derrubados por terra, como tôrres caídas dum jacto, cobertos de uma folhagem vigorosa e confusa, que semelhavam uma multidão irada, lutando palmo a palmo; outros, juntos, em grandes grupos, verticais e cerrados, como feixes de lanças titânicas, cujas pontas espetassem as nuvens feridas, sangrentas; uma grandeza soberba, uma desordem prodigiosa de formas colossais! espectáculo formidável!

Momentos havia que era invadido de grande terror. Mas, de repente, fugiu-lhe a alma rápida para a mãi. Estava exausto, com os pés em sangue, só no meio daquela formidável floresta, onde não via senão de tempos a tempos, demoradamente pequenas habitações humanas, que ao pé daquelas árvores semelhavam míseros mamelões terrosos de formigas subterrâneas e laboriosas.

Estava abatido, mas não sentia fadiga; estava só e todavia não tinha mêdo. A grandeza da floresta dilatava, engrandecia-lhe também a alma; a proximidade de sua mãi dava-lhe a fôrça e ousadia de um homem: a recordação do oceano, dos desânimos, das dores sofridas

e vencidas, das fadigas já suportadas, da sua rija constância inabalável, fazia-lhe levantar a fronte, e todo o seu forte e nobre sangue genovês refluía-lhe ao coração, numa onda vermelha de altivez e audácia. E uma coisa nova e original se dava nele; depois de dois anos de ausência, a imagem de sua mãi conservava-se-lhe na mente, obscura e esmaecida, e naquele momento essa imagem iluminava-se, clara, completa; e tornava a ver-lhe o rosto inteiro e puro, como nunca o tinha visto até ali, via-o muito perto, a falar, via os movimentos fugitivos dos seus olhos e dos lábios, tôdas as suas posições, todos os gestos, tôdas as sombras do pensamento dela; e, impelido por aquelas recordações insistentes, apressava o passo; e uma comoção nova, uma ternura indisível crescia-lhe no coração, fazendo-lhe correr pelas faces lágrimas torrentosas, doces, consoladoras; e seguindo nas trévas falava com ela, dizendo as palavras que dentro em pouco lhe murmuraria ao ouvido:

— Estou aqui, minha mãi, estou aqui; não a deixarei mais; voltaremos para casa juntos; estarei sempre a teu lado no navio, agarrado a ti, e ninguém mais te separará de mim, querida mãi, ninguém, nunca mais.

E nem se apercebia que nos cimos das árvores gigantescas se ia esbatendo a luz argentina da lua, diante da branca e límpida aurora.

Às oito horas daquela manhã, o médico, jovem americano, estava já à cabeceira da doente em companhia de um assistente, tentando pela última vez persuadi-la a deixar-se operar, e com êle faziam calorosas instâncias o engenheiro Mequinez e sua esposa.

Tudo, porém, era inútil. A mulher, sentindo-se axausta de fôrças, não tinha mais fé na operação; estava certa, dizia, de morrer no acto ou de não sobreviver mais que algumas horas, depois de ter sofrido dores mais atrozes do que as que a deviam matar naturalmente. O médico insistia em repetir:

— A operação é segura e a sua cura é certa; basta só um pouco de coragem! E é igualmente certa a sua morte se se recusar a ela.

Eram palavras soltas ao vento.

— Não, respondeu ela com voz fraca — tenho ainda coragem para morrer; mas falta-me para sofrer inutilmente. Obrigada, senhor doutor. Está destinado que seja assim. Deixe-me morrer tranqüila.

Ninguém falou mais. Então a doente voltou o rosto para a sua ama e fez-lhe com a sua voz moribunda os seus últimos pedidos.

— Querida e boa senhora, disse a muito custo em soluços, peço o favor de mandar aquele pouco dinheiro à minha família, por intermédio do senhor consul. Espero que ainda estejam todos vivos. O meu coração mo prediz bem nestes últimos momentos. Faça-me o favor de escrever-lhes dizendo-lhes que tenho sempre pensado neles, que tenho sempre trabalhado para êles... para os meus filhos... mas que morri com coragem... resignada... abençoando-os... e que recomendo a meu marido e a meu filho mais velho... o mais pequeno, o meu pobre Marcos, a quem tive sempre no coração até ao último momento.

E, exaltando-se de repente, gritou, erguendo as mãos:

— O meu Marcos! o meu filho a minha vida! E volvendo os olhos cheios de lágrimas, viu que sua ama não estava ali, porque a tinham chamado furtivamente. Procurou com o olhar o amo; tinha também desaparecido! Via apenas duas enfermeiras e o assistente.

Na sala vizinha sentia-se um rumor de passos apressados, um murmúrio de vozes rápidas e contidas, de exclamações sufocadas. A doente fixou os seus olhos velados, esperando. Depois de alguns minutos viu voltar o médico também com as feições alteradas. Todos três olhavam para ela com expressão singular, e trocavam entre si algumas palavras em voz baixa. Parece-lhe que o médico dissera à senhora: — «É melhor já». A doente não compreendia.

— Josefa — disse a ama com voz trémula — tenho uma boa notícia a dar-lhe. Vá preparando o coração para a receber.

A mulher fixou-a atentamente.

— Uma notícia — continuou a senhora, sempre agitada — que lhe vai dar muita alegria.

A enferma abriu os olhos.

— Prepare-se, prosseguiu a senhora, para ver uma pessoa a quem quere muito bem.

A mulher levantou a cabeça com um impulso vigoroso e principiou a olhar ràpidamente, ora para a senhora, ora para a porta, com os olhos fulgurantes.

— Uma pessoa, acrescentou a senhora, que chegou agora inesperadamente.

— Quem? gritou a mulher com voz rouca e estranha, como de pessoa assustada.

Um instante depois soltou um grito agudíssimo; sentando-se repentinamente na cama, ficou imóvel, com os olhos arregalados e com as mãos nas fontes, como diante de uma aparição sobre-humana. Marcos, roto e coberto de pó, estava hirto à entrada da sala, agarrado por um braço pelo doutor.

A mulher gritou três vezes:

— Deus! Deus! oh! meu Deus!

Marcos aproximou-se, e ela, estendendo os braços descarnados e apertando-o ao seio com fôrça de um tigre, desatou num riso violento, cortado de profundos soluços e lágrimas, que a fizera tornar a caír sufocada no travesseiro.

Mas reanimou-se logo, e gritou louca de alegria, enchendo-lhe a cabeça de beijos:

— Como vieste aqui? Porquê? És tu? Como estás crescido?... Quem te trouxe? Estás só? Não estás doente? És tu, Marcos? Não é um sonho? Deus meu! fala-me!

Depois, mudando de tom e repentinamente: Não, cala-te! Espera! E voltou-se para o médico, impetuosamente: — Já, depressa, doutor. Quero ficar boa. Estou pronta. Não perca um momento. Mande saír Marcos, para que não veja... Isto não é nada, meu Marcos. Contar-me-ás depois... Aínda um beijo... Vai! Aqui estou, doutor.

Marcos foi conduzido para fora.

Os amos e as enfermeiras saíram apressadamente,

ficando apenas o operador e o ajudante, que fecharam a porta.

O sr. Mequinez tentou conduzir Marcos para uma sala afastada, mas foi-lhe impossível. Êle parecia pregado no soalho.

— Que é, preguntou, que tem minha mãi? Que é que lhe estão fazendo?

— Então Mequinez, de vagar, e tentando sempre afastá-lo, disse-lhe:

— Olha cá... ouve. Tua mãi está doente; é preciso fazer-lhe uma operação... Depois te explicarei. Vem comigo.

— Não respondeu o rapaz, resistindo — quero ficar aqui. Explique-me aqui mesmo.

O engenheiro amontoava palavras, insistindo em afastá-lo. O rapaz principiava a assustar-se e a tremer.

De repente, um grito agudíssimo, como um grito de um ferido de morte, ressoou por tôda a casa. O rapaz respondeu com um grito de desesperado:

— Minha mãi está morta!

O médico abriu a porta e disse:

— Não; tua mãi está salva!

O rapaz olhou para êle um momento, e depois rojou-se-lhe aos pés soluçando:

— Muito obrigado...

O médico ergueu-o com um gesto dizendo-lhe:

— Levanta-te. Foste tu, pequeno herói, que salvaste tua mãi.

Verão

Quarta-feira, 24

Marcos, o genovês, é o penúltimo pequeno herói que conhecemos, êste ano, e falta-nos apenas um mês para as férias.

Temos apenas dois exames mensais vinte e seis dias de lição, seis quintas-feiras e cinco domingos!

Sente-se já o ar do fim do ano,

As árvores do jardim, frondosas e floridas, cobrem de bela sombra os aparelhos de gimnástica.

Os alunos andam já vestidos de verão. É bonito ver agora, à saída das classes, como tudo é diverso dos meses decorridos. Os cabelos que chegavam aos ombros foram deitados abaixo, e tôdas as cabeças estão à escovinha. Vêem-se chapéuzinhos de palha de tôdas as formas, com fitas que descem pelas costas abaixo, camisas e gravatinhas de tôdas as côres; todos os mais pequenos com qualquer coisa vermelha ou azul nas vestes, um enfeite, um debrum uma borlazinha, um trapinho que seja de côr viva, aplicado de qualquer modo pela mamã, contanto que faça vista; até os mais pobres; e muitos vêm para a escola sem chapéu, como fugidos de casa. Alguns trazem o traje branco de gimnástica. Há um aluno da mestra Delcati, vestido de vermelho da cabeça aos pés, parecendo um caranguejo cozido.

Andam alguns vestidos à marinheira. Mas o mais belo é o *Pedreirito,* que trás um chapéuzinho de palha, que lhe dá ares de um coto de vela com um *pára-lume;* e é engraçado vê-lo fazer o *focinho de lebre* por debaixo das abas. Correti também pôs de parte o seu barrete de pêlo de gato, e trás agora um velho gôrro de viajante, de sêda cinzenta. Voltini trás um vestido à escocesa, todo justinho. Crossi mostra o peito nú. Precossi regala-se dentro de uma blusa azul de mestre ferreiro. E Garoffi? Agora que se viu obrigado a deixar o capote que escondia o seu comércio, trás à mostra as algibeiras cheias de tôda a espécie de bagatelas de adelo; vêem-se-lhe sair dos bolsos listas de lotarias. Agora todos mostram o que trazem: leques feitos de jornal, gaitas de cana, flechas para atirar aos pássaros, ervas, grilos que saem para fora do bolso e vão vagarosamente subindo pelo casaco! muitos dos pequenos trazem raminhos de flores para as mestras. Também as mestras andam tôdas vestidas de verão, e de côres, excepto a *Freirinha,* que se veste sempre de preto e a mestrazinha da pena vermelha, que não deixa, nem a sua pena, nem o laço de fitas de côr de rosa ao pescoço, tôdas amarrotadas pelas mãozinhas das suas discípulas, que

a fazem sempre rir e correr. É a estação das cerejas, das borboletas, das músicas nas ruas e dos passeios aos campos; muitos da *quarta classe* fogem para ir aos banhos no Pó, todos já têm o coração em férias, e cada dia sai-se da escola mais impaciente, mais alegre do que no anterior. Entretanto faz-me pena ver Garrone vestido de luto, e a minha pobre mestra da *primeira* cada vez mais abatida e mais pálida, tossindo sempre mais forte. Agora anda curvada e cumprimenta-me com um modo tão triste!...

Poesia

Sexta-feira, 26

«Principias a compreender a poesia da escola, Henrique; mas por ora não vês a escola senão por dentro. Parecer-te-á mais bela e mais poética daqui a trinta anos ,quando lá fôres acompanhar teus filhos, e a vires de fora como a vejo agora. Esperando por ti, passeio pela rua silenciosa em volta do edifício, e aplico o ouvido às janelas do rés-do-chão, fechadas com persianas. Numa janela ouço a voz de uma mestra que diz: «Ah! aquele corte do *t!* Assim não está bem, meu filho! Que diria teu pai?»

Noutra janela próxima sôa a voz grossa de um mestre que dita lentamente: «Comprei cinqüenta metros de sêda a quatro mil e seiscentos o metro, vendi-os a...»

Mais além, a mestra de pena vermelha, que lê em voz alta: «Então, Pedro Micca, com o morrão aceso...»

Da classe vizinha ouve-se como um chilrear de cem pássaros, o que quere dizer que o mestre se ausentou por um momento. Vou andando, e ao voltar a esquina ouço chorar um menino, e a voz da mestra repreendendo-o ou consolando-o. De outras janelas ouvem-se cá fora versos, nomes de grandes homens e bons, fragmentos de sentenças que aconselham a virtude, o amor da pátria e a coragem.

Depois seguem-se momentos de silêncio, em que se diria que o edifício está vazio e parece incrível que lá estejam dentro setecentos rapazes; depois sentem-se estrondosas garga-

lhadas provocadas pelo gracejo de um mestre de bom humor... E a gente, que passa, pára para escutar, e todos volvem um olhar de simpatia para aquele belo edifício, que encerra em si tanta mocidade e tantas esperanças. Depois ouve-se repentinamente um rumor surdo, um bater de livros, um rumor de carteiras, um estrépito de pés, um borborinho, que se propaga de classe em classe, debaixo para cima, como ao divulgar-se a nova de estar finda a aula. E àquele rumor uma multidão dentro e fora da porta, esperando os filhos, os irmãos, os sobrinhos; enquanto das portas das aulas rompem aos pulos pelo salão de entrada os mais pequenos para tomarem as suas capas e os seus chapéus, fazendo grande traquinada no soalho, bailando em roda até que o bedel lhos dê um a um. E finalmente saem em grandes fileiras, batendo com os pés. Principia então a chuva de preguntas dos parentes: — Soubeste a lição? Que trabalho te deu o mestre? Que tens tu para àmanhã? Quando é o exame mensal?

E também as pobres mãis que não sabem ler, abrem os cadernos, olham para os problemas, preguntando pelos pontos — Pois só oito! Dez com louvor! — Nove de lição! — E inquietam-se, alegram-se, interrogam os mestres, falam de programas e de exames.

Como é belo tudo isto! Como é grande, e que imensa promessa é para o mundo!

Teu pai

A surda-muda

Domingo, 28

Não podia acabar melhor do que acabou, com a visita desta manhã, o mês de maio. Sentimos tocar a campaínha e corremos todos. Ouço a voz de meu pai que diz cheio de espanto: — Por aqui, Jorge!? — Era, Jorge o nosso jardineiro de Chieri, que tem agora a família em Condove, e chegava nesse instante de Génova, onde havia desembarcado no dia anterior, de regresso da Grécia, depois de trabalhar três anos numa estrada de ferro. Trazia um grande fardo debaixo do braço. Está um pouco envelhecido, mas sempre córado e jovial.

Meu pai queria que entrasse, mas êle disse que não, e preguntou logo muito sério:

— Como vai a minha família? Como está Gigia?

— Bem até há poucos dias — respondeu minha mãi.

Jorge deu um grande suspiro:

— Oh! Deus seja louvado! Não tinha coragem de me apresentar nos *Surdos-Mudos,* sem primeiro ter notícias dela. Deixo aqui êste fardo e corro a buscá-la. Há três anos que não vejo a minha pobre filha! Três anos já, que não vejo nenhum dos meus.

— Acompanha-o, disse meu pai.

— Ainda uma palavra, desculpe-me, disse o jardineiro no patamar.

Mas meu pai interrompeu-o:

— E os negócios?

— Bem, respondeu — graças a Deus! Trouxe alguns cobres e... mas... queria preguntar... Como vai a instrução da miudinha? diga-me alguma coisa. Deixei-a que era mesmo um animalzinho, pobre animalzinho, pobre criatura! Creio pouco, já nesses colégios. Aprenderia a fazer os sinais? Minha mulher escrevia-me: «Está aprendendo a falar e está fazendo progresso». Mas, dizia eu, que vale que ela aprenda a falar, se não sei fazer os sinais? Como nos poderemos entender? pobre criança! Aquilo é bom para se compreenderem entre si, um desgraçado com o outro. — Mas como vai ela? como vai?

Meu pai sorriu-se e respondeu:

— Não te digo nada, tu verás. Vai, depressa, não lhe roubes mais um minuto.

Saímos; o *Instituto* é perto. Caminhando a passos largos o jardineiro falava-me de modo a entristecer-se. Ah! a minha pobre Gigia! Nascer com aquela desgraça! E dizer que nunca pude ouvir, pronunciado por ela, o nome de *pai,* e que nunca me ouviu chamar-lhe *filha,* porque nunca disse nem ouviu uma palavra no mundo!... e graças a Deus por se ter encontrado ainda uma pessoa caridosa que tem feito as despesas do *Instituto!* Mas antes de oito anos não podia entrar. Há três anos que não está em casa. Já vai fazer onze. Está crescida? diga-me alguma coisa, está crescida? É alegre?

— Há-de ver, há-de ver! respondi-lhe, apressando o passo.

— Mas onde está êsse *Instituto?* preguntou. Quando minha mulher a levou lá, já eu tinha partido; parece-me que deve ser dêste lado.

Tinhamos justamente chegado. Entramos logo no parlatório. Veio-nos ao encontro um guarda.

— Sou o pai de Gigia Voggi — disse o jardineiro; quero ver minha filha, depressa, depressa!

— Estão no recreio, respondeu o guarda. Vou avisar a mestra.

E saíu.

O jardineiro nem sequer podia falar, nem estar parado; olhava para os quadros, das paredes, mas sem ver nada. A porta abriu-se; entrou uma mestra vestida de preto, com uma rapariga pela mão, e pai e filha olharam-se um momento, e depois lançaram-se nos braços um do outro dando um grito. A menina estava vestida de riscadinho branco e vermelho com avental branco. É mais alta do que eu. Chorava e tinha o pai apertado ao peito com ambos os braços.

O pai recuou um pouco e pôs-se a mirá-la dos pés à cabeça, com chispas nos olhos, ansiando, como se tivesse dado uma grande corrida, e exclamou: Ah! como está crescida! E como está bonita! Oh! a minha querida, a minha pobre Gigia! A minha mudinha! É a senhora a mestra? Diga-lhe por favor, que me faça alguns dos seus sinais, que sempre entederei alguma coisa, e depois irei aprendendo pouco a pouco. Diga-lhe que me faça compreender alguma coisa com os seus gestos.

A mestra sorriu-se e disse em voz baixa à menina:

— Quem é êste homem que veio procurar-te?

E a pequena, com uma voz grossa, estranha, desharmoniosa como de selvagem que falasse pela primeira vez a nossa língua, mas pronunciando claro e sorrindo, respondeu:

— É meu pai.

O jardineiro deu um passo para trás e gritou como um louco:

— Ela fala? Mas é possível? Será verdade? Fala? Mas tu falas, minha filha? falas? — E abraçou-a de novo e beijou-a na testa três vezes. — Mas não é com os gestos que falam, senhora mestra? Pois não é com os dedos, assim?... Mas que é isto?

— Não, sr. Voggi, respondeu a mestra, não é com gestos. Era assim pelo método antigo. Aqui ensina-se pelo método novo, pelo método oral. O senhor não sabia?

— Mas eu não sabia nada, respondeu o jardineiro estupefacto. Há três anos que estou fora. Talvez mo tivessem escrito, mas não compreendi. Tenho uma cabeça de ferro. Oh! minha filha, pois tu compreendes-me? Ouves a minha voz? Responde, sentes? Ouves o que te digo?

— Não, bom homem, disse a mestra. Não ouve a sua voz, porque é surda. Ela percebe pelos movimentos da nossa bôca quais são as palavras; é êste o método novo; mas não ouve as palavras de ninguém, nem tão pouco as que ela mesma diz; pronuncia-as, porque lhas temos ensinado, letra por letra, e modo como deve dispôr os lábios e mover a língua e o esfôrço que deve fazer com o peito e com a garganta para emitir a voz.

O jardineiro não percebeu e ficou com a bôca aberta. Não acreditava.

— Diz-me, Gigia, preguntou à filha, falando-lhe ao ouvido. Estás contente por teu pai ter voltado?

E levantando a cabeça ficou esperando a resposta. A filha olhou para êle, pensativa, e nada disse.

O pai ficou perturbado. A mestra riu-se. Depois disse:

— Note, bom homem. Ela não respondeu porque não viu os movimentos dos seus lábios. O senhor falou-lhe ao ouvido. Agora repita a pregunta, tendo o rosto bem defronte do rosto dela.

O pai olhando para ela mesmo em face, repetiu:

— Estás contente por teu pai ter voltado? Por não se ausentar mais?

A pequena que tinha olhado atentamente para os lábios, procurando até ver dentro da bôca, respondeu francamente:

— Sim, estou contente por teres voltado, e não quero que te vás mais embora... nunca mais. .

O pai abraçou-a impetuosamente; depois, à pressa, como para confirmar-se melhor, fez uma infinidade de preguntas, umas sôbre outras.

— Como se chama a mamã?

— An-tó-ni-a.

— Como se chama a tua irmã pequena?

— A-de-lai-de.

— Como se chama êste colégio?

— *Dos surdos mudos.*

— Duas vezes dez quantos são?

— Vinte.

Quando pensamos vê-lo rir de alegria, começou de repente a chorar. Mas eram lágrimas de prazer.

— Ânimo! disse-lhe a mestra. O senhor tem motivos para alegrar-se, não para chorar. Repare que também faz chorar sua filha. Então está contente, não é verdade?

O jardineiro tomou a mão da mestra e beijou-a por duas ou três vezes, dizendo: — Obrigado, senhora professora. E perdõe-me não saber agradecer-lhe mais.

— Mas não só fala, disse a mestra, também escreve. Fas contas. Conhece o nome de todos os objectos usuais. Sabe um pouco de história e de geografia. Agora está ela na classe normal. Quando freqüentar as outras classes, saberá muito, muito mais. Há-de saír daqui habilitada para exercer uma profissão. Temos *surdas-mudas* que estão nas lojas servindo fregueses, e que tratam dos seus negócios como as outras pessoas.

O jardineiro ficou outra vez pasmado. Parecia que se lhe confundiam as ideas. Olhou para a filha e coçou a cabeça.

A sua fisionomia era de quem queria ainda alguma explicação.

Então a mestra voltando-se para o guarda, disse-lhe:

— Chame cá uma menina da classe preparatória.

O guarda voltou pouco depois com uma *surda-muda* de oito a nove anos, entrada há poucos dias no Instituto.

— Esta, disse a mestra — é uma daquelas a quem en-

sinamos os primeiros elementos. Eis como se faz: quero por exemplo, que ela diga — *é* — Repare com atenção.

A mestra abriu a bôca como se abre para pronunciar a vogal *e*, e fez sinal à menina para que a imitasse. A menina obedeceu. Então a mestra acenou-lhe que imitasse a sua voz. Emitiu logo um som mas em vez de — *é* — pronunciou — *ó*.

— Não é assim — e pegando nas mãos da menina, pôs uma delas aberta na garganta e outra sôbre o peito, e repetiu — *é*.

A menina sentindo pelo táto o movimento da garganta e do peito da mestra, reabriu a bôca como antes, e pronunciou perfeitamente — *é*. Do mesmo modo fez-lhe dizer *c* e *d*, conservando sempre as pequeninas mãos no peito e garganta.

— Compreende agora? preguntou.

O pai tinha compreendido mas parecia mais maravilhado do que quando não compreendia.

— Então ensinam a falar assim, — preguntou depois de um momento de reflexão, olhando para a mestra. — E têm paciência de ensinar assim, a pouco e pouco, a um por um, a todos? durante anos e anos!?... Mas as senhoras são santas! santas e anjos do paraíso! Mas não há no mundo recompensa para elas! Que posso eu dizer? — Ah! deixem-me agora um bocado com a minha filha, deixem--na só comigo por cinco minutos.

E, retirando-se para um lado com ela, fê-la sentar e principiou a interrogá-la; ela a responder e êle a rir-se com os olhos brilhantes batendo com as mãos em cima dos joelhos, pegando nas mãos da filha e olhando para ela, fora de si de contentamento, a ouvi-la como a uma voz que viesse do céu. E logo preguntou à mestra:

— O sr. director dará licença que eu lhe agradeça?

— O director não está — respondeu a mestra — mas há uma pessoa a quem deve agradecer. Aqui cada menina pequena é entregue aos cuidados de uma companheira maior, que lhe serve de irmã e de mãi. A sua filha está confiada a uma *surda-muda* de dezasseis anos, filha de um padeiro, que é boa e quere-lhe muito bem. Há dois anos, vai tôdas as manhãs ajudá-la a vestir-se, penteia-a,

ensina-lhe a coser, arranja-lhe a roupa, faz-lhe boa companhia. Luiza, como se chama a tua mamã do Instituto?

A rapariga sorriu e respondeu:

— Ca-ta-ri-na Gior-da-no.

E voltando-se para o pai disse:

— É muito, muito boazinha.

O guarda, saíndo a um sinal da mestra, voltou logo com outra surda-muda, loura, robusta, de cara alegre, vestida também de riscadinho vermelho, com avental cinzento, a qual parou à porta; fez-se muito corada, depois inclinou a cabeça, rindo. Tinha o corpo de uma mulher e parecia uma criança.

A filha de Jorge correu-lhe logo ao encontro, pegou-lhe na mão como uma criança, e trouxe-a ao pé do pai, dizendo com a sua voz grossa:

— Ca-ta-ri-na Gior-da-no.

— Ah! a boa menina! exclamou o pai, estendendo a mão para a acariciar, mas retirou-a outra vez e repetiu: — Ah! a boa menina, que Deus a abençôe, e lhe dê tôdas as fortunas, tôdas as consolações, e a faça sempre feliz, à menina e a todos os seus, uma boa rapariga assim! Pobre da minha Gigia!... É um operário honesto, um pobre pai de família que lhe deseja a felicidade, de todo o coração.

Ela, a grande, acariciava a pequena, que se conservava de cabeça baixa, sorrindo; e o jardineiro continuava a olhá-la como se fôsse ela uma santa.

— Hoje pode levar consigo a sua filha — disse a mestra.

— Se a levo — respondeu o jardineiro. — Levo-a a Condove e trago-a àmanhã de manhã. Ora, se eu não levasse a minha filha!

A filha saíu para vestir-se.

— Há três anos que não a vejo! — disse o jardineiro. — E agora que fala! Levo-a a Condove. Mas antes, vou dar um giro por Turim, com a minha mudinha pelo braço; quero que todos a vejam e hei-de levá-la aos meus quatro amigos para que a ouçam. Ah! que dia feliz! Isto é que se chama uma consolação! vamos! dá o braço a teu pai, minha Gigia.

A rapariga, que tinha voltado com um chalezinho e uma touca, deu-lhe o braço.

— E muito obrigado a todos, disse o pai; muito obrigado a todos, com tôda a minha alma o digo, ainda cá hei-de voltar para lhes agradecer.

Ficou um momento a pensar, e, apartando-se arrebatadamente da filha, voltou atrás, mexendo com uma das mãos na algibeira, e gritou como um furioso:

— Muito bem! eu sou um pobre diabo. mas aqui está, deixo vinte liras para o Instituto. Um *marengo* de ouro, bonito e novo.

E dando uma grande pancada sôbre a mesa, deixou lá ficar o *marengo*.

— Não, não, bom homem — disse a mestra, comovida — guarde o seu dinheiro, não posso aceitá-lo. Isto não me pertence. Venha quando cá estiver o director. Mas êle não aceitará também, esteja certo disso. Custou-lhe muito a ganhar, bom homem. Ficamos-lhe grato do mesmo modo.

— Não, senhora, deixo — respondeu o jardineiro insistindo. Depois... ver-se-á.

Mas a mestra tornou a meter-lhe a moeda na algibeira sem lhe dar tempo a que a repelisse. Êle então resignou-se, inclinando a cabeça, e depois, rápidamente atirando um beijo com a mão à mestra e à menina maior, tornou a pegar no braço da sua Gigia e saíu pela porta fora, dizendo:

— Vem, vem, minha filha, minha pobre miudinha, meu tesouro!

E a filha exclamou com a voz grossa:

— Oh! que dia bonito!

Garibaldi

3 de Junho. Amanhã é festa nacional

Ontem à noite morreu Garibaldi. Sabes tu quem foi Garibaldi? Foi aquele que libertou dez milhões de italianos da tirania dos Bourbons. Morreu aos setenta e cinco anos. Nasceu em Niza, filho de um capitão de navios. Aos oito anos salvou uma

mulher, aos treze salvou uma barca cheia de companheiros que naufragavam, aos vinte e sete arrebatou das águas de Marselha um moço que se afogava, aos quarenta e um livrou um navio de incêndio no oceano. Combateu dez anos na América pela liberdade de um povo estranho, combateu em três guerras contra os austríacos pela liberdade da Lombardia e do Trentino, defendeu Roma dos franceses em 1840, libertou Palermo e Nápoles em 1860; combateu em favor de Roma, em 1857; lutou contra os alemãis em defesa da França. Êle tinha a chama do heroísmo e o génio da guerra. Lutou em quarenta combates e venceu trinta e sete. Quando não combateu, trabalhou para viver e isolou-se numa ilha solitária cultivando a terra.

Foi mestre, marinheiro, operário, negociante, soldado, general e ditador. Era grande, símples e bom. Odiava todos os opressores, amava todos os povos, protegia todos os fracos; não tinha outra aspiração que não fôsse o bem; recusava as honras, desprezava a morte, adorava a Itália. Quando soltava um grito de guerra, legiões de valentes corriam ao seu encontro de tôdas as partes. Os fidalgos deixavam os seus palácios; os operários as suas oficinas; os alunos, a escola, para ir combater ao sol da sua glória. Na guerra trazia uma camisa vermelha. Era robusto, louro, belo. Nos campos de batalha era um raio, nas suas amizades uma criança, nas suas dôres um santo. Mil italianos morreram pela pátria, felizes por morrerem vendo-o passar de longe vitorioso; milhares se deixaram matar por êle, milhões o abençoaram e hão-de abençoá-lo sempre.

Morreu; o mundo inteiro chora-o. Tu não compreendes por ora; lerás os seus feitos, ouvirás falar dêle contínuamente na vida, e à medida que fôres crescendo, a sua imagem crescerá também diante de ti; quando fôres homem, vê-lo-ás gigante; e quando tu não existires, quando já não viverem os filhos dos teus e aqueles que dêles nascerem, ainda as gerações hão-de ver alta, na glória, a cabeça luminosa do redentor dos povos, coroada pelos nomes das suas vitórias, como um esplendor de estrêlas, e a cada italiano iluminar-se-á a fronte e a alma ao pronunciar o seu nome.

Teu pai.

O exército

Domingo 11. Festa nacional retardada sete dias por causa da morte da Garibaldi.

Fomos à praça Castelo, ver a revista dos soldados que desfilavam diante do comandante do corpo do exército, no meio de duas grandes alas de povo. À medida que desfilavam ao som das fanfarras e das bandas, meu pai ia-me mostrando os corpos e os trofeus das bandeiras. Primeiro, os académicos, que um dia serão oficiais de engenheiros e de artilharia, cerca de trezentos vestidos de preto, passaram com uma elegância ousada e desenvolta de soldados e de estudantes. Depois dêle desfilou a infantaria, a brigada Aosta, que combateu em Goito e em S. Martinho; a brigada Bergamo, que combateu em Castel Fidardo; quatro regimentos, companhias atrás de companhias; milhares de borlazinhas vermelhas, que pareciam grinaldas extensíssimas de flôres côr de sangue, presas pelas extremidades, agitadas e conduzidas através da multidão. Depois da infantaria seguiam os soldados do corpo de engenheiros, os operários de guerra, com penachos de crina preta e galões carmesim; e enquanto êstes desfilavam, viam-se à rectaguarda, avançando, centenares de penas compridas, direitas, que sobrelevavam às cabeças dos espectadores: eram os alpinos, os defensores das portas de Itália, todos altos, rosados e fortes, com os cabelos à calabresa, e as divisas de um lindo verde, côr de erva das suas montanhas. Desfilavam ainda os alpinos, quando um sussurro da multidão se levantou e o antigo batalhão 12.º de caçadores, os primeiros que entraram em Roma pela brecha da porta Pia, todos de preto, ágeis, vivos, com penachos ao vento, passaram como uma onda de corrente negra, fazendo ecoar na praça os sons agudos dos clarins, que pareciam gritos de alegria. Mas a sua fanfarra foi coberta pelo estrépido áspero e pesado da artilharia de campanha; então passaram soberbamente sentados sôbre os altos caixões, puxados por trezentas parelhas de cavalos

impetuosos, os belos soldados, com os seus galões amarelos, os formidáveis canhões de aço e de bronze, cintilantes sôbre as carretas ligeiras que saltavam e ressoavam fazendo tremer a terra.

Vinha depois, lenta, grave, bela, na sua aparência dolorosa e rude, com os seus robustos soldados, com as suas mulas valentes, a artilharia de montanha, que leva a destruíção e a morte até onde sobe o pé do homem. E, finalmente, passou a galope, com as bandeiras ao vento, com cintilações de prata e de ouro, enchendo o ar de tinidos e relinchos de cavalos, o soberbo regimento de cavalaria de Génova, que se assinalou em dez campos de batalha, desde Santa Lúcia a Vila Franca.

— Como é belo! exclamei.

Mas meu pai fez-me quási uma censura por aquelas palavras, dizendo-me:

— Não consideres o exército como um belo espectáculo. Todos êsses moços, cheios de fôrça e de esperança, podem de um dia para o outro ser chamados a defender o nosso país e em poucas horas caírem despedaçados pelas balas e pela metralha. Tôdas as vezes que ouvires gritar numa festa: viva o exército! viva a Itália! imagina para além dos regimentos que passam, um campo juncado de cadáveres e alagado de sangue, e então o *viva* ao exército te saírá mais do fundo do coração, e a imagem da Itália se te apresentará mais severa e mais grandiosa.

Itália

Terça-feira, 13

Deves saüdar assim a pátria, nos dias das suas festas: Itália, minha pátria, nobre e querida terra, onde meu pai e minha mãi nasceram e serão sepultados, onde espero viver e morrer, e onde meus filhos crescerão e morrerão; bela Itália, grande e gloriosa de muitos séculos, unida e livre de há pouco, tu, que derramaste a luz de tantos génios divinos sôbre o mundo, e por quem valorosos filhos morreram no campo de batalha e tan-

tos herois no patíbulo, mãi augusta de trezentas cidades e de trinta milhões de filhos, eu, criança que ainda te não compreendo e te não conheço inteira, venero-te e amo-te de tôda a minha alma, e tenho orgulho de ter nascido de ti e de chamar-me teu filho.

Amo os teus mares esplêndios e os teus Alpes sublimes, amo os teus monumentos solenes e as tuas recordações imortais, amo a tua glória e a tua belêsa;— amo-te e venero-te tôda, como a parte da tua dileta, onde pela primeira vez vi o sol e ouvi o teu nome!

Amo-vos tôda de um grande afecto e com igual gratidão — Turim valorosa, Génova soberba, Bolonha douta, Veneza encantadora, Milão poderosa; amo-vos com igual reverência de filho, Florença gentil e Palermo terrível, Nápoles imensa e bela, Roma maravilhosa e eterna! Amo-te, pátria sagrada! Juro-te que amarei todos os teus filhos como irmão; que honrarei sempre no meu coração os teus grandes vivos e os teus grandes mortos; que serei um cidadão trabalhador e honesto, que trabalharei constantemente por nobilizar-me, para tornar-me digno de ti, e concorrerei com as minhas pequenas fôrças para que desapareçam um dia da tua face a miséria, a ignorância, a injustiça, o crime, e para que possas viver e expandir-te, tranqüila na magestade do teu direito e da tua fôrça. Juro-te que te servirei com quanto estiver em mim, com a inteligência, com o braço, com o coração, humildemente, ousadamente; e que, se um dia careceres do meu sangue e da minha vida, darei vida e sangue, morrerei levando num grito ao céu o teu santo nome, e mandando o meu último beijo à tua bandeira abençoada».

32 graus

Sexta-feira, 16

Nestes cinco dias que passaram depois da festa nacional, o calor tem subido três graus. Agora estamos em pleno verão; todos começaram a achar-se fatigados; todos têm perdido as belas côres rosadas da primavera; os pescoços e as pernas adelgaçam-se, as cabeças inclinam-se e os olhos fecham-se.

O pobre Nelli, que sofre muito com o calor, traz o

rosto côr de cera, e adormece algumas vezes, profundamente, com a cabeça sôbre o caderno; mas Garrone está sempre atento, e põe-lhe diante um livro aberto, em pé, para que o mestre o não veja.

Crossi apoia a cabeça ruiva sôbre a carteira, de modo que parece deslocada do corpo e posta ali. Nobis queixa-se de que somos muitos e lhe tiramos o ar. Ah! que esfôrço é necessário fazer agora para estudar! Vejo das janelas de casa aquelas formosas árvores, de sombra tão cerrada e para onde correria de tão boa vontade; e vêm-me a tristeza e a contrariedade por ser obrigado a ir meter-me entre os bancos. Mas depois animo-me ao ver a minha boa mãi, que me observa sempre, quando saio para a escola, vê se estou pálido, e diz-me a cada página de trabalho: — Estás bom? E tôdas as manhãs, às seis, acordando-me para a lição: — Coragem! Poucos dias faltam, depois serás livre, descansarás e gozarás na sombra das alamedas.

Sim, ela tem bastante razão em lembrar-me os meninos que trabalham nos campos, sob a fôrça do sol, ou entre os cascalhos do rio que cegam e escaldam, e aqueles outros das fábricas de vidros que estão todos os dias imóveis, com o rosto inclinado sôbre uma luz de gás, se levantam todos os dias mais cêdo do que nós, e não têm férias. Coragem, pois! E até nisto é Derossi o primeiro de todos, pois não sofre nem calor nem sono; sempre vivo, alegre, com os seus aneis de cabelos louros, como no inverno, e estuda sem fadiga, esperta a todos em volta de si, como se refrescasse o ar, à sua voz. Há ainda dois outros, também vivos e atentos: o cabeçudo do Stardi, que dá murros na cara para não adormecer, e que quanto mais fatigado está e mais calor sente, tanto mais aperta os dentes e arregála os olhos, que parece querer comer o mestre; e o negociante do Garoffi, todo atarefado em fabricar leques de papel vermelho, ornados com figurinhas de caixas de fósforos, que vende a dois vintens cada um. Mas o mais bravo é Coretti, o pobre Coretti, que se levanta às cinco para ajudar o pai a carregar a lenha. Às onze na escola, já não pode ter os olhos abertos, e cai-lhe a cabeça sôbre o peito. E, contudo, reanima-se, dá palmadas

na nuca, pede licença para saír para lavar a cara, e quere que os vizinhos o sacudam e belisquem. Mas, apesar de tudo, esta manhã não pôde resistir, adormeceu num sono de chumbo; o mestre chamou-o alto: Coretti! Então o filho do carvoeiro, que mora perto dêle, levantou-se e disse:

— Coretti trabalhou das cinco às sete a carregar lenha.

O mestre deixou-o dormir e continuou a dar a lição por uma meia hora. Depois foi ao banco de Coretti, e devagarinho, soprando-lhe no rosto, acordou-o. Ao ver diante de si o mestre, inclinou-se para trás assustado. Mas o mestre tomou-lhe a cabeça entre as mãos, e disse, beijando-o nos cabelos.

— Não te censuro, meu filho. Não é teu sono o da preguiça, mas o sono da fadiga.

Meu pai

Sábado, 17

«Certamente, nem teu companheiro Coretti, nem Garrone responderiam nunca a seu pai, como respondeste esta tarde ao teu, Henrique! Como é possível? Deves jurar-me que jámais acontecerá cousa semelhante, enquanto eu viver. Tôdas as vezes que a uma repreensão do teu pai te corra aos lábios uma resposta má, pensa naquele dia que há-de irremediávelmente chegar, quando êle te chamar à cabeceira da sua cama para dizer-te: — Henrique, vou deixar-te. — Oh! meu filho, quando sentires a sua falta pela última vez, e aínda por muito tempo depois, quando chorares só no seu gabinete abandonado, no meio daqueles livros que êle não abrirá mais, então, recordando-te de lhe teres algumas vezes faltado ao respeito, preguntarás a ti mesmo: — Como foi possível? — Então compreenderás que êle foi sempre o teu melhor amigo; que, quando era obrigado a castigar-te, sofria mais do que tu, e que nunca te fez chorar senão para fazer-te bem; então arrepender-te-ás e beijarás chorando aquela mesa sôbre a qual tanto trabalhou, sôbre a qual consumiu a vida por amor de seus fi-

lhos. Agora não compreendes: êle oculta tudo que lhe diz respeito, excepto a sua bondade e seu amor. Tu não sabes que êle está algumas vezes de tal modo acabrunhado pela fadiga, que julga não ter mais que poucos dias de vida e que nesses momentos não fala senão em ti e não tem outro pesar no coração senão o de deixar-te pobre e sem amparo. E quantas vezes pensando nisto entra na tua alcova enquanto dormes e fica ali com a luz na mão a contemplar-te, e fazendo depois um esfôrço, cansado e triste como ao voltar do trabalho! Então ignoras que muitas vezes êle te procura, porque tem uma amargura no coração, desgostos que cabem a todos os homens neste mundo; procura-te como a um amigo, para confortar-se e esquecer-se, e tem necessidade de refugiar-se no teu amor para reaver a serenidade e a coragem! Pensa! pois, que dor deve ser a sua, quando, em vez de achar amor em ti, encontra frieza e má criação. Não te macules mais desta ingratidão horrível. Pensa que, quando mesmo fôsses tão bom como um santo, não poderias nunca compensá-lo bastante daquilo que êle tem feito e faz continuamente por ti. E pensa também, que com a vida não se pode contar, uma desgraça poderia roubar teu pai enquanto és aínda criança — nestes dois anos, dentro de três meses, àmanhã mesmo. Ah! pobre Henrique, como então verias mudar-se tudo em volta de ti! como te pareceria vazia e triste a casa com a tua pobre mãi vestida de preto! Vai, filho. Vai onde está teu pai ao quarto onde trabalha, vai nas pontas dos pés, que te não sinta entrar, vai pousar a fronte sôbre os seus joelhos, pedir-lhe que te perdõe e te abençõe.

Tua Mãi.

No campo

Segunda-feira, 19

Meu bom pai perdoou-me aínda esta vez, e deixou--me ir ao passeio que tinhamos combinado na quarta--feira com o pai de Coretti, o vendedor de lenha.

Todos nós precisávamos de um pouco de ar das

montanhas. Foi uma festa. Encontramo-nos ontem às duas na praça da Constituïção, Derossi, Garrone, Garoffi, Precossi, Coreti (pai e filho) e eu, com as nossas provisões de frutas, e salchichas e ovos cozidos e tínhamos também copinhos de couro e canecas. Garrone levava uma cabaça de vinho branco; Coretti, uma frasqueira de soldado, de seu pai, cheia de vinho tinto; e o pequeno Precossi, com sua blusa de ferreiro, trazia debaixo do braço um pão enorme de dois quilos. Fomos no carro eléctrico até *Gran-Madre di Dio*, e depois toca a subir pelos montes. Que verdura! tanta sombra! e que fresco! Andávamos às cambalhotas na relva, banhávamos as caras nos regatos, e saltávamos pelas cêrcas de espinhos. Coretti, pai, seguia-nos ao longe com o jaquetão no ombro, fumando o seu cachimbo, e de vez em quando acenava-nos com a mão, que não rasgássemos as roupas. Precossi assobiava; nunca o tinha ouvido assobiar. Coretti, filho, êsse fazia tudo, caminhando; sabe fazer tudo aquele homenzinho; com um canivete cheio de fôlhas e do tamanho de um dedo, fazia rodinhas de moínho, garfos, seringas, e queria levar os embrulhos dos outros; ia carregado a ponto de lhe cair o suor em bagas, mas sempre vivo como um cabrito. Derossi parava a cada momento para dizer o nome das plantas e dos insectos; não sei como êle faz para saber tanta coisa. Garrone comia pão em silêncio, mas não nos dizia mais as graças alegres de outro tempo, pobre Garrone, depois que perdeu a mãi! Mas êle é sempre bom como uma pérola. Quando algum de nós se preparava para saltar um fosso, corria logo para o outro lado, afim de nos dar a mão. E como Precossi tinha mêdo das vacas por ter levado umas marradas em criança, sempre que passava alguma, Garrone punha-se logo na frente dêle. Subimos até Santa Margarida, às escorregadelas, aos trambolhões... Precossi, esbarrando nuns espinheiros, fêz um rasgão na blusa, e ficou ali envergonhado, com os farrapos a voar, mas Garoffi, que trás sempre alfinetes, consertou-o tão bem, que não se percebia, e ainda dizia sempre: — «Desculpe, desculpe». Garoffi não perdia o seu tempo pelo caminho: colhia ervas próprias

para salada e apanhava caracóis; e tôdas as pedras que luzissem um pouco, metia logo na algibeira, pensando que dentro houvesse ouro e prata.

E correndo sempre, de queda em queda, ora à sombra, ora ao sol, acima e abaixo, pelos cabeços e pelos atalhos, chegamos afinal, afadigados, ofegantes, ao cimo de um monte, onde nos sentamos para comer. Via-se uma planície imensa e todos os Alpes azuis com os cimos brancos. Estávamos a morrer de fome e o pão desaparecia. Coretti, pai, dava-nos porções, rações de salchichas em cima de fôlhas de abóbora. E então começamos a falar, todos ao mesmo tempo, dos mestres, dos companheiros que não tinham podido vir, e dos exames. Precossi tinha vergonha de comer, e Garrone metia-lhe na bôca, à fôrça, o melhor da sua parte.

Coreti estava sentado ao lado do pai, com as pernas cruzadas, e pareciam mais dois irmãos do que pai e filho, ao vê-los assim juntos ambos, corados, a rir com os dentes muito alvos. O pai trincava com gôsto, esvaziava também os copinhos e as canecas que deixávamos em meio, e dizia:

— Para vocês, que estudam, o vinho faz muito mal. São os vendedores de lenha que têm necessidade dêle.

Depois agarrava o filho pelo nariz, sacudindo-o e dizendo-nos:

— Rapazes! deveis querer bem a êste, que é a flôr dos meninos. Sou eu quem o diz.

E todos riam, excepto Garrone; e êle prosseguiu, trincando:

— Que pena, hein? agora estão todos juntos como bons amigos e camaradas, mas daqui a alguns anos... quem sabe? Henrique e Derossi serão talvez advogados, professores, que sei eu? e os outros quatro, na loja ou na oficina, ou em qualquer parte para onde o diabo os mande. E então, boa noite, camaradas!

— Quê! atalhou Derossi. Para mim, Garrone há-de ser sempre Garrone; Precossi; será sempre Precossi; e os outros o mesmo, venha eu a ser imperador da Rússia; onde êles estiverem, estarei eu também.

— Muito bem! — exclamou Coretti pai, levantando

a frasqueira; — assim é que se fala, com os diabos! Toque! Vivam os bravos companheiros, e viva a escola, que faz uma só família dos que a têm e dos que a não têm.

Nós tocamos todos na sua frasqueira com os copinhos e canecas, e bebemos a última vez. E êle:

— Viva o quadrado do 49! gritou, levantando-se nas pontas dos pés e entornando até o último gole; e se um dia tiverdes de fazer quadrados, tratai de resistir como nós resistimos.

Era já tarde. Descemos, correndo, cantando e caminhando por muito tempo, todos de braços dados, chegando ao Pó ao escurecer; andavam pela noite milhares de pirilampos. E não nos separámos senão na praça da Constituíção, depois de termos todos combinado reünirmo-nos Domingo para ir ao *Vitor Manuel* ver a distribuíção dos prémios aos alunos das escolas nocturnas. Que belo dia! Como entraria em casa contente, se não tivesse encontrado a minha pobre mestra! Encontrei-a, quando ela vinha descendo as escadas da nossa casa, quási ao escurecer, e apenas me recebeu, tomou-me as duas mãos e disse-me ao ouvido: «Adeus, Henrique, lembra-te de mim». Percebi que chorava. Subi e disse a minha mãi: «Encontrei a minha mestra». — Ela vai agora meter-se na cama — respondeu minha mãi, que tinha os olhos vermelhos. E depois acrescentou com grande tristeza, olhando-me fixamente:

— A tua probre mestra... está muito doente.

A distribuição dos prémios aos operários

Domingo, 25

Como tínhamos convencionado, fomos todos juntos ao teatro «Vitor Manuel» para ver a distribuïção dos prémios aos operários. O teatro estava enfeitado como a 14 de Março e literalmente cheio; eram, quási tudo, famílias de operários, e a platea era ocupada pelos

discípulos e discípulas da escola do canto coral, que entoavam um hino aos soldados mortos na Crimea, hino tão belo que, quando acabou, todos se levantaram a dar palmas e a gritar, de modo que tiveram de cantar outra vez. Em seguida, principiaram a desfilar os premiados diante do síndico, do perfeito e de muitos outros, que davam livros e cadernetas da Caixa Económica, diplomas e medalhas.

Num canto da platea vi o *Pedreirito* sentado ao lado da mãi; em outro lugar estava o director, e por detrás dêle a cabeça ruiva do meu mestre da *segunda classe*.

Desfilaram os primeiros alunos da escola nocturna de desenho, ourives, gravadores, litógrafos e também carpinteiros e pedreiros. Depois, os da escola de comércio, os do liceu municipal, entre os quais várias meninas, operárias, tôdas vestidas de festa, que foram saüdadas com grande aplauso. Estavam sorrindo. No fim vieram os alunos das escolas nocturnas elementares, e então principiou a ser mais bela a festa. Passava gente de tôdas as idades, de tôdas as profissões e vestida de tôdas as modas, homens com cabelos grisalhos, aprendizes de ofício, operários de grandes barbas pretas.

Os pequenos estavam inquietos; os homens um pouco embaraçados. O povo aplaudia os mais velhos e os mais novos. Mas ninguém sorria entre os espectadores, como faziam na nossa festa. Viam-se todos os rostos atentos e sérios. Muitos dos premiados tinham a mulher e os filhos na platea, e havia crianças que quando viam passar, no palco o pai, chamavam-no pelo nome em voz alta, e acenavam-lhe com a mão, sorrindo. Passaram camponeses e carregadores. Estes eram da escola *Buoncompagni*. Da escola *Cidadella* passou um engraxador, que meu pai conhece; o perfeito deu-lhe um diploma. Depois dêle vi passar um homem alto como um gigante, que me pareceu já ter visto outras vezes. Era o pai do *Pedreirito*, que recebia o segundo prémio. Recordei-me de quando o tinha visto nas águas furtadas, à cabeceira do filho doente, e procurei logo o filho na platea. Pobre *Pedreirito!* Êle olhava para o pai com os olhos muito vivos; e para ocultar a comoção fazia o

focinho de lebre. Naquele momento senti um estrondo de aplausos, e olhei para o palco; era a vez de um pequeno limpador de chaminés, com a cara lavada, mas com a roupa do trabalho; o síndico falava-lhe, tomando-o pela mão. Depois do limpador de chaminés veio um cozinheiro. Depois passou a receber a medalha um varredor municipal da escola *Raineri*. Eu senti não sei quê no coração, como de um grande afecto e um grande respeito, pensando quanto não havia custado aqueles prémios a todos aqueles trabalhadores, pais de família cheios de cuidados, quantas fadigas àlém das suas fadigas, quantas horas roubadas ao sono, de que tanto carecem, e também quanto esfôrço da inteligência não habituada ao estudo e quanto desuzo de mãos calosas pelo trabalho.

Passou um moço de oficina, e também se conhecia haver-lhe o pai emprestado a jaqueta para a ocasião; e bambaleavam-lhe tanto as mangas, que teve de as arregaçar ali mesmo, no palco, para poder tomar o seu prémio; e muitos riram, mas o riso foi logo sufocado pelas palmas. Depois veio um velho, com a cabeça calva e as barbas brancas. Passaram soldados de artilharia, dos que vinham à aula nocturna na nossa secção; depois, guardas da alfândega, guardas municipais, dos que fazem guarda na nossa escola. No fim os alunos da escola coral cantaram aínda o *Hino aos mortos da Crimea*, mas com tanto arrebatamento desta vez e com tal fôrça de sentimento, vinha tão direito ao coração, que o público quási não aplaudiu mais, e saíram todos comovidos, lentamente, e sem fazer barulho. Em poucos momentos tôda a rua ficou cheia de gente.

Em frente à porta do teatro estava o limpador de chaminés, com o seu livro de prémio, encadernado em vermelho, e em volta alguns *senhores* que lhe falavam. Muitos cumprimentavam de um para outro lado da rua, operárias, rapazes, guardas, mestres.

O mestre da *segunda* saíu no meio de dois soldados de artilharia.

E viam-se mulheres de operários com as crianças nos braços, que sustentavam nas mãozinhas o diploma do pai e o mostravam a todos com orgulho.

A minha mestra morta

Terça-feira, 27

Enquanto estávamos no teatro «Vítor Manuel», a minha pobre mestra morria. Morreu às duas horas, sete dias depois que veio a casa da minha mãi.

O director veio ontem de manhã dar-nos a triste notícia na aula, e disse: — Os que de entre vós foram seus alunos, sabem quanto lhes queria bem; era uma mãi para êles. Agora já não existe. Uma terrível moléstia minava-lhe desde muito tempo a vida. Se não fôsse obrigada a trabalhar para ganhar o pão, teria podido tratar-se e talvez restabelecer-se; e sem dúvida teria prolongado a vida por alguns meses, se tivesse pedido uma licença. Mas quis estar entre os seus discípulos até o último dia. Na tarde de sábado 17, despediu-se dêles, com a certeza de os não tornar a ver, deu-lhes ainda bons conselhos, beijou-os a todos e retirou-se, soluçando. Agora ninguém mais tornará a vê-la. Recordai-vos dela, meus filhos.

O pequeno Precossi, que tinha sido seu aluno da *primeira superior*, inclinou a cabeça sôbre a mesa e pôs-se a chorar.

Ontem, de tarde, depois da escola, fomos todos à casa onde ela morava, para acompanhar o corpo à igreja. Estava já na rua um carro fúnebre com dois cavalos, e muita

gente que esperava, falando em voz baixa. Estavam o director e todos os mestres e mestras da nossa escola e de outras secções onde ela tinha ensinado anos antes; estavam tambem quási todos os pequenos da sua *classe*, conduzidos pela mão das mãis que seguravam tochas, e muitíssimos de outras classes e umas cinqüenta alunas da secção Baretti, umas trazendo coroas, outras, grinaldas de rosas. Já havia muitas flores sôbre o carro, a que estava presa uma grande coroa de *saüdades* sôbre a qual se via escrito com letras pretas: — *À sua mestra, as antigas alunas da quarta classe.* — E por baixo da coroa grande pendia uma outra pequena, que tinham trazido as crianças. Por entre a multidão viam-se muitas criadas mandadas pelos amos, com velas e também dois criados de libré com tochas acesas. Um *fidalgo* rico, pai de um discípulo dela, tinha mandado vir a sua carruagem forrada de seda azul. Todos se amontoavam defronte da porta. Muitas meninas enxugavam as lágrimas. Esperamos um pedaço de tempo em silêncio. Finalmente trouxeram o caixão. Alguns pequenos, quando viram meter o féretro dentro do carro, principiaram a chorar alto, e um começou a gritar de tal modo, como se só naquele momento compreendesse que a sua mestra tinha morrido; e caíu em soluços tão violentos, que foi necessário retirá-lo. O acompanhamento foi pôsto em ordem, e lentamente principiou a mover-se. Iam adiante as *Filhas do Retiro da Conceição*, vestidas de verde; depois as *Filhas de Maria*, tôdas de branco com uma faixa azul; depois os padres, e atráz do carro os mestres e as mestras, os pequeninos escolares da *primeira superior* e todos os outros, e atrás de todos a multidão. A gente que chegava às janelas e às portas, ao ver todo aquele povo e as coroas, dizia logo:

— É uma professora.

Entre as senhoras que acompanhavam os mais pequenos, algumas havia que choravam. Chegados que foram à igreja, tiraram o féretro do carro e levaram-no para o centro da nave, defronte do altar-mór. As mestras puseram-lhe as coroas em cima e as crianças cobriram-o de flores, e tôda a gente em volta, com as velas acesas, principiou a cantar orações na igreja grande e escura.

Depois, de repente, quando o padre disse o último *Amen,* as velas apagaram-se, todos saíram apressadamente, e a mestra ficou só. Pobre mestra, tão boa para mim, que tinha tanta paciência e que tantos anos se tinha cansado!

Ela deixou os seus poucos livros aos seus discípulos: a um, um tinteiro, a outro, um quadrinho, tudo aquilo que possuia; e dois dias antes de morrer disse ao director que não deixasse ir os mais pequenos ao seu entêrro, porque não queria que chorassem. Fez tanto bem, sofreu tanto, e morreu. Pobre mestra, que ficaste sózinha naquela igreja escura! Adeus! Adeus para sempre, minha boa amiga, doce e triste recordação da minha infância!

Agradecimentos

Quarta-feira, 28

Quis acabar o seu ano de escola a minha pobre mestra, e morreu faltando três dias para terminar as lições.

Depois de àmanhã iremos aínda uma vez à *classe* ouvir ler o último *conto mensal* — *Naufrágio* — e depois... está tudo acabado. Sábado, 1 de Julho, os exames. E passou assim o quarto ano. E, se não fôsse a morte de minha mestra, teria passado bem.

Lembro-me do que sabia em outubro, e parece-me que sei hoje muito mais. Tenho muitas coisas novas na memória, e sei dizer e escrever melhor do que outros maiores, e sinto-me capaz até de os ajudar nos seus trabalhos; compreendo com mais facilidade e entendo quási tudo que leio. Estou satisfeito.

Mas quantos me incitaram e me ajudaram a aprender, de um modo ou de outro, em casa, na escola, pela rua, por tôda a parte, enfim, onde ia e onde podia ver qualquer coisa! A todos agradeço agora. Agradeço primeiro a ti, bom mestre, que foste tão indulgente e afectuoso para comigo, e a quem custou uma fadiga cada novo conhecimento com que agora me alegro e de que tenho orgulho. Agradeço-te, Derossi, meu admirável

companheiro, que com tuas explicações prontas e delicadas me fizeste compreender tantas coisas difíceis e vencer os obstáculos dos exames; a ti também, Stardi, bravo e forte, que me mostraste como uma vontade de ferro tudo subjuga; a ti, Garrone, bom e generoso, que fazes bons e generosos todos os que te conhecem; e também a vós, Precossi e Coretti, que me deste o exemplo da coragem, dos sofrimentos e da serenidade no trabalho — eu digo obrigado a ti e a todos os mais! Mas acima de todos, agradeço-te, meu pai, meu primeiro mestre, meu primeiro amigo, que me deste tão bons conselhos e me ensinaste tantas coisas, ao mesmo tempo que trabalhavas para mim, ocultando-me sempre as tuas tristezas e procurando por todos os modos tornar-me o estudo fácil e a vida bela; e a ti, minha doce mãi, meu anjo da guarda querido e abençoado, que gozaste de tôdas as minhas alegrias e participaste de tôdas as minhas amarguras, que te afadigaste, estudaste, e choraste comigo, acariciando-me com uma das mãos e apontando-me com a outra o céu. Ajoelho-me diante de vós como quando era criança, e, com tôda a ternura que soubeste incutir-me na alma, em doze anos de sacrifícios e de amor, eu vos agradeço.

Naufrágio

(ÚITIMO CONTO MENSAL)

Alguns anos há que por uma manhã do mês de Dezembro, levantava ferro do pôrto de Liverpool um grande vapôr, que levava a bordo mais de duzentas pessoas, e entre elas, setenta homens de tripulação.

O capitão e quási todos os marinheiros eram ingleses. Entre os passageiros contavam-se vários italianos, três senhoras, um padre e um grupo de músicos ambulantes. O navio dirigia-se à ilha de Malta e o tempo estava enevoado.

Entre os viajantes de terceira classe, havia um rapazinho de doze anos, pequeno para a sua idade, mas robusto: um belo rosto ousado e severo de siciliano. Estava só, junto ao mastro do traquete, sentado em cima de um montão de cordas, ao lado de uma mala usada, que

continha as suas roupas, e sôbre a qual apoiava uma das mãos. Tinha o rosto moreno e os cabelos negros e ondulados, que quási lhe caíam nos ombros. Estava vestido pobremente, com um manto já gasto sôbre as costas e uma velha bôlsa de couro a tiracolo.

Olhava em tôrno de si, pensativo, para os passageiros, para o navio, para os marinheiros, que passavam correndo, e para o mar inquieto. Tinha a expressão doentia de um rapaz que acabava de sofrer grande desgraça de família, rosto de criança e fisionomia de homem.

Pouco depois da partida do navio, um dos marinheiros, italiano de cabelos grisalhos, apareceu à prôa, trazendo pela mão uma menina, e, parando defronte do pequeno siliciano, disse-lhe:

—Aqui tens uma companheira de viagem, Mário.

Deixou-a ficar e foi-se embora.

A menina sentou-se sôbre o montão de cordas ao lado do rapaz. Olharam um para o outro.

— Aonde vais? perguntou-lhe o siciliano.

A pequena respondeu:

— A Malta por Nápoles. Depois acrescentou: — Vou

encontrar-me com meu pai e minha mãi, que me esperam. Chamo-me Julieta Faggiani.

O rapaz nada disse. Poucos minutos depois tirou de sua bôlsa pão e frutas sêcas; a menina trazia biscoitos. Comeram.

— Alegrai-vos! gritou o marinheiro italiano, passando ràpidamente. Vai começar o baile.

O vento ia aumentando e o navio balouçava fortemente. Mas os dois não enjoavam, e pouco lhes importava isso. A menina sorria tinha aproximadamente a idade de seu companheiro, mas era muito mais alta; de rosto moreno, delicado, um pouco fraca, e vestia mais que modestamente. Tinha os cabelos curtos e anelados, um lenço vermelho em volta da cabeça, duas argolinhas de prata nas orelhas.

Comendo, iam contando a sua vida. O rapaz já não tinha pai nem mãi. O pai, operário, morrera em Liverpool poucos dias antes, deixando-o só, e o cônsul italiano mandava-o agora para Palermo, sua terra, onde tinha aínda alguns parentes afastados. A menina tinha sido levada para Londres, um ano antes, por uma tia viúva que a estimava muito, com consentimento de seus pais, pobres, que a deixaram ir por algum tempo, confiados na promessa de uma herança; mas poucos meses depois, a tia morreu esmagada por um automóvel sem lhe deixar um vintem; e então, vendo-se obrigada a recorrer ao cônsul, êste a embarcára para a Itália. Ambos foram recomendados ao marinheiro italiano. De modo que, concluiu a pequena, meu pai e minha mãi esperavam que voltasse rica, e em vez disso volto pobre como fui. Mas êles querem-me da mesma maneira. E meus irmãos também. Tenho quatro, todos pequeninos. Sou a mais velha da casa. Hão-de fazer-me muita festa ao ver-me. Hei-de entrar nas pontinhas dos pés... O mar está horrível!

Depois preguntou ao rapaz:

— E tu vais ficar com os teus parentes?

— Sim, se me quiserem, respondeu.

— Não te querem bem?

— Não sei.

— Eu completo treze anos pelo Natal, disse a menina.

Depois principiaram a discorrer do mar, da gente que tinham em redor de si. Todo o dia estiveram juntos, trocando de quando em quando algumas palavras. Os passageiros pensavam ser irmão e irmã. Ela, a menina, fazia uma meia; êle meditava. O mar ia engrossando cada vez mais. À noite, quando se separaram para dormir, disse a Mário:

— Dorme bem.

— Ninguém dormirá bem; pobres crianças! exclamou o marinheiro italiano, passando de corrida a chamado do capitão. O rapazinho ia responder à sua amiga — Boa noite! — Quando um jôrro de água inesperado, caindo sôbre êle com violência, o atirou de encontro a um banco.

— Ai! mãi do céu! que se feriu! — gritou a rapariga, lançando-se sôbre êle.

Os passageiros que desciam à câmara, não deram atenção.

A menina ajoelhou-se ao lado de Mário, que ficara atordoado com a queda, limpou-lhe a testa, que estava ensangüentada, e tirando o lenço vermelho que lhe cobria os cabelos, envolveu-lhe a cabeça aconchegando-a ao peito para melhor poder atar as pontas do lenço, caindo-lhe nessa ocasião no peito uma gota de sangue sôbre o seu vestido amarelo. Mário reanimou-se e pôs-se em pé.

— Sentes-te melhor? — preguntou a menina.

— Não tenho mais nada — respondeu êle.

— Dorme bem — Julieta.

— Boa noite — respondeu Mário.

E desceram pelas duas escadinhas dos seus dormitórios. O marinheiro tinha predito a verdade. Aínda não tinham adormecido, quando se desencadeou uma tempestade medonha. Foi como um assalto repentino de vagas furiosas, que em poucos momentos partiram um dos mastros e levaram consigo, como se fôssem fôlhas sêcas, três botes que estavam presos aos guindastes e quatro bois que estavam na prôa. No interior do navio nas-

ceu a confusão, o terror, um alarído de gritos, choros e preces que faziam erriçar os cabelos. A tempestade foi-se tornando cada vez mais tormentosa durante a noite. Ao despontar da aurora cresceu aínda. As ondas alterosas, flagelando o vapor obliqüamente rebentavam sôbre a coberta, despedaçavam, lambiam e levavam tudo consigo. A plataforma que cobria a máquina arrombou-se, e a água precipitou-se dentro com um estrépito horrível; as fornalhas chiando apagaram-se, e os maquinistas fugiram; jôrros de água, grossos e impetuosos, penetravam por tôda a parte. Uma voz potente gritou: Às bombas! — Era a voz do capitão. Os marinheiros correram às bombas. Mas um golpe de mar repentino, encontrando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e a água torrentosa desabou pesada dentro do navio.

Todos os passageiros, mais mortos do que vivos, se haviam refugiado na sala grande. Num certo momento apareceu o capitão.

— Capitão! capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Estamos em perigo? Há esperanças? Salve-nos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente:

— Resignemo-nos.

Só uma mulher soltou um grito — Piedade! ninguém mais pôde pronunciar uma palavra. O terror tinha paralisado tôdas as bôcas.

Muito tempo se passou assim num silêncio de túmulos. Olhavam uns para os outros, com os rostos pálidos, em calafrio, trémulos. O mar sempre e sempre furioso, horrendo, bramia formidável.

O navio balouçava pesadamente.

Num dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco de salva-vidas. Cinco marinheiros entraram nêle e o barco foi arreado, mas foi logo emborcado por uma onda, e afogaram-se dois marinheiros, sendo um dêles o italiano; os outros a custo conseguiram agarrar-se às cordas, e subiram escorrendo água.

Depois disto, os próprios marinheiros perderam tôda

a coragem. Duas horas depois o navio estava já imerso na agua até a altura das enxarcias.

Um espectáculo tremendo passava-se no entanto sôbre a coberta. As màis, desgrenhadas, ferozes, cingiam os filhos ao peito desesperadamente; os amigos abraçavam-se e despediam-se; alguns desciam aos camarotes, para morrer sem verem o mar; um viajante disparou uma pistola na cabeça, e caíu de bruços sôbre a escada do dormitório, onde expirou no meio de sangue.

Muitos agarravam-se frenéticamente aos outros; as mulheres contorciam-se em convulsões horrendas, rezavam e diziam orações com o aspecto herético e impiedoso dos que desesperaram da vida.

Alguns estavam ajoelhados em volta de um padre. Ouvia-se um côro de suspiros e lamentos infantís, de vozes agudas e estranhas; viam-se aqui e ali pessoas imóveis, rijas como estátuas, pasmadas, com as pupilas abertas, sem olhar, faces de cadáveres e de loucos.

Os dois pequenos, Mário e Julieta, agarrados a um mastro do navio, olhavam para o mar, com os olhos desmesuradamente fixos, penetrando o infinito como insensatos.

O mar tinha-se aquietado um pouco, mas o navio continuava a submergir-se lentamente. Não restavam mais do que alguns minutos.

— A lancha ao mar! — gritou o capitão.

Uma lancha, a última que ficára, foi lançada às águas e catorze marinheiros com três passageiros entraram nela. O capitão ficou a bordo.

— Desça connosco — gritaram de baixo.

— Não! devo morrer no meu posto! respondeu o capitão.

— Encontraremos algum navio — gritaram de novo os marinheiros; salvar-nos-emos. Aí, está perdido.

— Eu fico.

— Há aínda um lugar! — gritaram de novo os marinheiros, dirigindo-se aos outros viajantes.

— Uma mulher!

Uma senhora adiantou-se então, amparada pelo capitão, mas, à vista da distância a que se achava a lancha,

não se sentiu com coragem de tentar o salto, e tornou a cair sôbre o convés. As outras estavam quási tôdas desmaiadas e moribundas.

— Uma criança! — gritaram ainda os marinheiros.

Àquela voz, o rapaz siciliano e a sua companheira, que tinham estado até ali como petrificados por um terror sobre-humano, despertados repentinamente pelo violento instinto da vida, desprenderam-se num impulso do mastro, e lançando-se sôbre a borda do navio, gritaram a uma voz:

— A mim! a mim! — procurando empurrar-se um ao outro para trás, como duas feras enfurecidas!

— A lancha está sobrecarregada.

— O mais pequeno!

Ao ouvir aquelas palavras, a menina deixou cair os braços como fulminada, e permaneceu imóvel, olhando para Mário com os olhos já amortecidos. Mário, depois de fitá-la por um instante, viu a mancha de sangue sôbre o seu peito, recordou-se, e o lampejo de uma ideia divina iluminou-lhe o rosto.

— O mais pequeno! gritaram em côro os marinheiros, com imperiosa impaciência. Partimos já.

Então Mário, com uma voz que não parecia mais a sua, gritou:

— Ela é mais leve! Vai tu, Julieta, tens pai e mãi, eu não tenho ninguém. Dou-te o meu lugar!

— Desce!

— Deita-a ao mar! — disseram os marinheiros.

Mário agarrou Julieta pela cintura e deitou-a ao mar. A menina deu um grito e mergulhou. Um marinheiro agarrou-a por um braço e puxou-a para cima da lancha.

O rapaz ficou firme na borda do navio, com a fronte alta, os cabelos ao vento, tranqüilo, sublime, como se a glória o tivesse ali imobilizado e petrificado em estátua do Sacrifício.

A lança moveu-se e fê-lo apenas a tempo de escapar do redemoinho da água, produzido pela submersão do navio, que esteve a ponto de embaraçá-la.

Então Julieta, que estivera até àquele momento

quási insensível, levantou os olhos para Mário e desatou em copioso pranto.

— Adeus, Mário! gritou-lhe entre soluços, com os braços estendidos para êle. Adeus! Adeus!

— Adeus! — respondeu o rapaz, levantando a mão.

A lancha afastava-se velozmente sôbre o mar agitado, debaixo de um céu tétrico. Ninguém mais gritava a bordo do navio. A água lambia já as bordas da coberta.

De repente Mário caiu de joelhos com as mãos postas e os olhos cravados no céu.

A menina de longe cobriu o rosto, mas quando ergueu a cabeça, estendeu a vista sôbre o mar.

O navio já havia desaparecido.

A última página de minha mãi

Está, pois, acabado o ano, Henrique. Bem é que te fique como recordação do último dia a imagem dessa criança sublime que deu a vida por sua amiga. Agora estás para separar-te dos teus mestres e dos teus companheiros, e eu devo dar-te uma notícia triste. A separação não durará sòmente três meses, durará sempre. Teu pai, por deveres da sua profissão, tem de deixar Turim, e nós todos com êle. Saïremos no próximo outono. Terás de entrar numa escola nova. Isto te entristece, não é verdade? porque estou certa de que estimas tua velha escola, onde durante quatro anos duas vezes ao dia experimentaste o prazer do trabalho, onde viste por tanto tempo, a uma certa hora, os mesmos parentes, e teu pai e tua mãi que te esperavam a sorrir, a tua velha escola onde se abriu a tua inteligência, onde encontraste tão bons companheiros, onde cada palavra que ouvias tinha por fim o teu bem, e nenhum dissabor sofreste que te não fôsse útil. Conserva, pois, êste afecto contigo, e dá um adeus de coração a todos aqueles colegas. Alguns suportarão grandes desventuras, perderão cedo pai e mãi, outros morrerão na flor da idade, outros derramarão nobremente o seu sangue nas batalhas, muitos serão bons e honestos operários, pais de famílias laboriosas e honestas como êles e quem sabe se entre êles não haverá alguns

que prestem ainda grandes serviços ao seu país e façam o seu nome glorioso? Separa-te, portanto dêles afectuosamente, deixa um pouco da tua alma naquela grande família onde entraste criança e donde sais moço, e que teu pai e tua mãi muito amam, porque nela fôste muito amado.

A escola é uma mãi, meu Henrique. Ela levou de meus braços uma criança que balbuciava apenas e agora restitui-ma forte, robusta, boa e estudiosa. Abençoada seja a escola, e tu não a esquecerás mais, meu filho. Oh! é impossível que a esqueças. Far-te-ás homem, viajarás, verás cidades imensas e monumentos maravilhosos, e de muitos dêstes te esquecerás; mas aquele modesto edifício branco, com aquelas persianas cerradas e aquele pequeno jardim, onde desabrochou a primeira flôr da tua inteligência, vê-lo-ás até o último dia da tua vida, como verei a casa em que ouvi a tua voz pela primeira vez.

Os exames

Quarta-feira, 4

Eis-me finalmente na época dos exames.

Pelas ruas que circundam as escolas não se fala de outra coisa, os meninos, os pais, as mãis e até as criadas: — exames, pontos, tema, média, reprovação, promoção, todos dizem as mesmas palavras. Ontem de manhã foi o dia de *Composição*, hoje é o de *Aritmética*. Era comovente ver todos os parentes que conduziam os meninos à escola, dando-lhes os últimos conselhos pelo caminho, muitas mãis, que acompanhavam os filhos até às mesas, para ver se havia tinta no tinteiro, e experimentar a pena. E ainda ao saír da porta voltavam-se dizendo:

— Coragem! Atenção!

O nosso mestre assistente era Coatti, aquele de barba preta que finge a voz do leão e não castiga ninguém. Havia rapazes que estavam brancos de mêdo. Quando o mestre abriu o município e tirou o *problema*, não se ouvia respirar. Ditou o problema em voz alta, olhando para um e outro lado com uns olhos terríveis; mas compreendia-se que se lhe fôsse permitido ditar também a solução para que todos fôssem promovidos, fá-lo-ia com o maior pra-

zer. Depois de uma hora de trabalho, muitos principiaram a inquietar-se, porque o problema era difícil. Um começou a chorar. Crossi dava murros na cabeça. E muitos não eram realmente culpados de não saber, pobres meninos! Êles não tinham muito tempo para estudar, nem tinham o auxílio interessado dos pais.

Mas a Providência estava ali. Era necessário ver a que trabalho se dava Derossi para os ajudar, os meios que procurava para passar uma *cifra* e sugerir uma operação sem se perceber, tão solícito com todos que parecia ser êle o nosso mestre. Também Garrone, que é forte em aritmética, auxiliava quanto podia, e ajudava por fim a Nobis que vendo-se atrapalhado tornou-se muito amável; Stardi esteve mais de uma hora com os olhos no problema e com os punhos nas fontes, e depois resolveu tudo em cinco minutos.

O mestre andava por entre os bancos, dizendo:

— De vagar! recomendo-vos todo o vagar!

E quando via algum desanimado, abria muito a bôca como para devorá-lo, imitando o leão, unicamente para o fazer rir e animar. Pela volta das onze horas, espreitando por entre as persianas, vi muitos pais que iam e vinham pela rua, impacientes; entre êles estava o pai de Precossi com a sua camisola azul, e que saíra naquele momento da oficina, ainda com a cara tôda tisnada.

Estava também a mãi de Crossi, a quitandeira; a mãi de Nelli, vestida de preto, que não podia estar sossegada. Pouco antes do meio-dia chegou meu pai e levantou os olhos para a minha janela. Meu querido pai! Ao meio-dia todos tínhamos acabado. E era de ver-se à saída todos ao encontro dos meninos a fazerem preguntas e a folhearem os cadernos, a compará-los com os trabalhos dos companheiros.

— Quantas operações? Qual é o total? — e a subtração? — E a resposta? — E a vírgula das decimais?

Todos os mestres andavam para um um e outro lado chamados de cem partes. Meu pai arrancou-me da mão o meu rascunho, olhou e disse:

— Está muito bom.

Ao nosso lado estava o ferreiro Precossi, que exami-

nava também o trabalho do filho, um pouco inquieto e sem perceber nada. Voltou-se para meu pai,

— Poderá fazer-me o favor?... o total?

Meu pai leu a *cifra*. Êle foi ver. Combinava.

— Bravo, meu pequenino! — exclamou todo satisfeito.

E meu pai e êle olharam-se um momento com um bom sorriso como dois amigos.

Meu pai estendeu-lhe a mão; êle apertou-a. E separaram-se dizendo: — Ao exame oral! ao oral!!

Dados poucos passos, ouvimos uma voz de falsete que nos fez voltar a cabeça. Era o ferreiro que cantava.

O último exame

Sexta-feira, 7

Esta manhã fizeram-se os exames orais. Às oito horas estavam todos na *classe*, e às oito e um quarto pricipiaram a chamar-nos, quatro de cada vez, à sala grande, onde havia uma enorme mesa coberta com um pano verde, e em torno o director e os quatro mestres, entre os quais o nosso. Fui um dos primeiros chamados. Pobre mestre!

Esta manhã conheci bem quanto nos estimava. Enquanto os outros nos interrogavam, não tirava os olhos de nós; inquietava-se quando nos via indecisos em responder, sossegava quando dávamos boas respostas. Ouvia tudo e fazia-nos mil acenos com as mãos e com a cabeça para dizer-nos: — bem — não — sê atento — mais devagar — coragem! Ter-nos-ia sugerido tudo, se pudesse falar. Se no lugar dêle estivessem colocados uns após outros os pais de todos os alunos, não teriam feito mais. Tive vontade de gritar-lhe — obrigado — dez vezes, na presença de todos. E quando os outros mestres me disseram: — Muito bem, pode retirar-se — Cintilaram-lhe os olhos de alegria. Voltei logo para a *classe* a esperar meu pai. Estavam ainda lá quási todos. Sentei-me ao lado de Garrone Mas eu não estava contente. Pensava em que era a última vez que estaríamos uma hora um perto do outro.

Ainda lhe não tinha dito que não freqüentaria a *quarta* classe com êle, porque tinha de saír de Turim com meu pai.

Êle nada sabia. E estava ali curvado, com a sua grande cabeça inclinada sôbre a carteira, a desenhar ornatos em volta da fotografia de seu pai vestido de maquinista, um homem alto e corpolento, com um pescoço forte e uma aparência séria e honesta como a dêle. E quando estava assim curvado, com a camisa um pouco aberta na frente, via-se-lhe sôbre o peito nu e robusto a cruzinha de ouro que lhe deu de presente a mãi de Nelli, quando soube que era êle o protector de seu filho. Mas era necessário que eu lhe falasse a respeito de minha viagem. E disse-lhe: «Garrone, neste outono meu pai ausenta-se de Turim para sempre». Êle preguntou-me se eu ia também. Respondi-lhe que sim.

— Não freqüentarás a *quarta* classe connosco? preguntou.

Respondi-lhe que não.

Ficou então por um pouco de tempo sem falar, continuando o seu desenho. Depois preguntou-me, sem levantar a cabeça:

— Hás-de recordar-te sempre de teus companheiros da *terceira?*

— Sim, disse-lhe, — de todos, mas... de ti mais do que de todos. Quem poderá esquecer-se de ti?

Êle olhou para mim com um olhar firme e sério, com um olhar que dizia mil coisas, mas sem dar uma palavra; só me estendeu a mão esquerda, fingindo continuar a desenhar com a outra, e eu apertei entre as minhas aquela mão forte e leal.

Naquele momento entrou apressadamente o mestre com o rosto avermelhado, e disse em voz baixa e rápida, com ar alegre: — Bravo! até agora tudo vai bem! Assim possam ir os outros que faltam: bravo, rapazes! coragem! estou contentíssimo.

E para mostrar-nos a sua alegria e divertir-nos, fingiu tropeçar e agarrou-se à parede para não caír; e riu-se êle a quem nunca tínhamos visto rir. O facto pareceu-nos tão estranho, que, em vez de rir, ficamos todos estupe-

factos; todos sorrimos, mas nenhum riu. Pois bem, não sei porquê, mas fez-me pena e ternura ao mesmo tempo aquela manifestação de alegria infantil. Era todo o seu prémio aquele momento de alegria, era a compensação de longos meses de bondade, de paciência e também de amargores. Tinha-se afadigado tanto tempo, tinha vindo tantas vezes dar lição doente, pobre mestre! Isto era tudo o que nos pedia, em troca de tanto afecto e de tantos cuidados! E agora parece-me que hei-de vê-lo sempre assim naquele momento feliz, quando me recordar dêle durante muitos anos. E se, quando eu fôr homem, êle viver ainda, e nos encontrar-mos, falar-lhe-ei daquele dia em que me tocou o coração, e dar-lhe-ei um beijo nos seus cabelos brancos.

Adeus

Segunda-feira, 10

Ao meio-dia fomos todos pela última vez à escola para saber o resultado dos exames e receber os certificados de promoção. A rua estava repleta de parentes, que tinham invadido até o salão de entrada, e muitos chegaram às *classes,* amontoando-se ao lado da mesa do mestre; na nossa sala enchiam todo o espaço entre a parede e os primeiros bancos. Estavam o pai de Garrone, a mãi de Derossi, e o ferreiro Precossi, Coretti, a senhora Nelli, a quitandeira, o pai do *Pedreirito,* o pai de Stardi e muitos outros que nunca tinha visto; e havia de todos os lados um sussurro, um bulício, que parecia estarmos numa praça.

Entrou o mestre. Fez-se um grande silêncio. Tinha nas mãos a lista e começou a ler: Abatucci, *promovido,* sessenta sexagésimos; Archini, *promovido,* cinqüenta e cinco septuagéssimos; o *Pedreirito, promovido;* Crossi, *promovido;* depois leu mais alto: Ernesto Derossi, *promovido,* setenta septuagésimos e o primeiro prémio; todos os parentes, que estavam ali e o conheciam, disseram:

— Parabens, Derossi! E êle sacudiu os seus cabelos louros, com o seu sorriso desenvolto e belo, olhando para a sua mãi, que o saüdou com a mão. Garoffi, Garrone, o calabrês, *promovidos*. Depois, três ou quatro, em seguida reprovados; e um dêsses pôs-se a chorar, porque seu pai, que estava à porta, fez-lhe um gesto de ameaça. Mas o mestre disse ao pai: — Não senhor, perdôe-me, nem sempre é culpa dêles; muitas vezes é infelicidade. Êste é um dos casos.

Depois leu: — Nelli, *promovido,* sessenta e dois septuagéssimo. Sua mãi mandou-lhe um beijo com o leque. Stardi, *promovido,* com setenta e sete septuagésimo; mas ao ouvir aquela bela classificação êle nem sequer desprendeu os punhos das fontes. O último Voltini, que tinha vindo muito bem vestido e penteado, *promovido*. Lido o último, o mestre levantou-se e disse: — «Senhores, é esta a última vez que nos encontramos reünidos. Temos estado juntos um ano, e agora separamo-nos bons amigos, não é verdade? Aqui fez pausa, e depois recomeçou: «Se algumas vezes sem querer fui injusto ou demasiado severo, desculpai-me».

— Não, não disseram os parentes e discípulos; não senhor mestre, nunca.

— Desculpai-me, repetiu o mestre — e continuai a querer-me bem. No ano vindouro não estareis mais comigo, mas tornar-vos-ei a ver e tereis sempre um lugar no meu coração. Até à vista, meus filhos!

Dito isto, veio para junto de nós e todos lhe estendemos a mão, trepados nos bancos. Prenderam-no pelos braços e pelas abas do casaco, muitos beijaram-no; e cinqüenta vozes disseram ao mesmo tempo:

— Até à vista, mestre! obrigado, senhor mestre! Passe muito bem! Lembre-se de nós.

Quando saíu, parecia oprimido pela comoção. Saímos todos atropeladamente.

E tôdas as outras *classes* saíram também; era um borborinho, uma grande algazarra de meninos e de parentes que diziam adeus aos mestres e às mestras e saúdavam-se uns aos outros. A mestra da pena vermelha tinha quatro ou cinco crianças que se lhe pegavam às costas e umas

vinte em volta de si, que até lhe tiravam a respiração; e à *Freirinha* tinham-lhe amarrotado o chapéu e haviam prendido entre os botões do seu vestido preto, ou metido nas algibeiras, uma dúzia de raminhos de flôres. Muitos faziam festa a Roberti, que justamente naquele dia tinha abandonado pela primeira vez as mulêtas. De tôda a parte se ouvia dizer: — Até ao novo ano! Até 20 de Outubro. Até ao dia de Todos-os-Santos.

Ah! como todos os dissabores eram esquecidos naquela hora!

Voltini, que tinha sido sempre tão invejoso de Derossi, foi o primeiro a ir ao seu encontro de braços abertos. Eu saüdei o *Pedreirito* e beijei-o no momento em que êle fazia o último *focinho de lebre,* bela criança. Saüdei Precossi, saüdei Garoffi, que me anunciou ter eu ganho na última lotaria, e deu-me um pêso de louça para papeis partido num canto; disse adeus a todos os outros.

Era de ver como o pobre Nelli se apegava a Garrone, e ninguém os podia mais separar. Todos se juntaram em volta de Garrone, e — adeus Garrone, adeus até à vista — e tocavam-no, abraçavam-no, faziam-lhe festas, àquele bravo e santo rapaz. Estava também seu pai todo admirado, embevecido, a sorrir. Garrone foi o último que abracei na rua, e não o pude fazer sem sufocar um soluço dentro do peito. Êle beijou-me na fronte.

Depois corri para meu pai e minha mãi. Meu pai preguntou-me:

— Despediste-te de todos os teus companheiros?

E eu disse que sim.

— Se há algum, a quem tenhas ofendido, vai pedir-lhe que te perdõe e o esqueça. Não há nenhum?

— Nenhum, respondi.

— Então, adeus! — disse meu pai com a voz comovida, lançando um último olhar à escola.

— Adeus!

E não pude articular palavra.

FIM

ÍNDICE